Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior

HIP HOP Como Identidade Cultural Negra e Periférica
A Aversão de Rappers Brasileiros à Rede Globo

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, orientada pela Doutora Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2014

· U C ·

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

HIP HOP Como Identidade Cultural Negra e Periférica
A Aversão de Rappers Brasileiros à Rede Globo

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	**Dissertação de Mestrado (ou Relatório de estágio/ Trabalho de projeto)**
Título	**HIP HOP Como Identidade Cultural Negra e Periférica – A Aversão de Rappers Brasileiros à Rede Globo**
Autor/a	**Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior**
Orientador/a	**Isabel Maria Ferin Ribeiro Cunha**
Coorientador/a	
Identificação do Curso	**2º Ciclo em Comunicação**
Área científica	**Comunicação**
Especialidade/Ramo	**Jornalismo/ Cultura Contemporânea**
Data	**2014**

· U C ·

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Agradecimentos

Agradeço a Deus, aos meus pais Carlos Guerra e Marlucia Guerra, pois sem eles seria impossível a minha estadia em Portugal. Agradeço aos meus irmãos Luiz Guerra e Maria Izabel, que deram todo o apoio possível, para a concretização desse sonho. Agradeço ainda a professora Isabel Ferin, pelo apoio e compreensão no desenvolvimento do trabalho e a Marechal pela entrevista concedida em Niterói. Agradeço também a todos os demais entrevistados, familiares e amigos, em especial a Dyego Tavares, Ilayni Farias, Ellen Stefanie, Isabela Torres, Gabriel Valadares, Pedro Filipe Costa, Rosa Maria, Matheus Tallavasso, Juan Hernández, Juan Salvador, Lycia Jales e Gustavo Muniz, que foram fundamentais em momentos importantes do meu mestrado.

Obrigado!

Resumo

O rap (rhythm and poetry – ritmo e poesia) é a vertente musical do movimento hip hop, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960. Além do rap, o hip hop conta com MC´s (Mestres de Cerimônia), os DJ´s (disc-joqueys), a dança (break dance) e a pintura (grafith). O rap passou a ser um método utilizado para conscientizar a população sobre os problemas vivenciados pelos negros e periféricos. O hip hop chegou ao Brasil nos anos de 1980 e manteve a essência da luta contra o racismo. Dominada em seus quadros por personalidades brancas, a mídia é tida como uma das inimigas da revolução racial que o rap propõe. Essa rejeição à mídia foi intensificada por conta de reportagens negativas sobre o rap na década de 1990. Além disso, a aversão ficou notória quando o rapper Mano Brown, dos Racionais MC´s, rejeitou um convite para conceder entrevista a Rede Globo de Televisão em 1999. Atualmente, vários rappers já aceitam participar dos programas de televisão das grandes emissoras do país, incluindo a Rede Globo. Esse trabalho se aprofunda nas versões de Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, que rejeitou seis convites da emissora e Rodrigo Cerqueira Vieira Machado Costa, o Marechal, que foi à Globo para criticá-la. Inspirado em seus depoimentos, esse trabalho busca entender os motivos dessa aversão à Globo. Wedderbun (2007) contribui para o trabalho apresentando a história do racismo. Guimarães (1999) analisa que o Brasil vive um racismo cordial, onde quem tem preconceito não admite, mas não cede oportunidade para os negros. Rocha (2011) e Ramos (2002) explicam que esse racismo se reflete na mídia, onde negros e pardos são minoria, apesar de representarem 50,7% da população brasileira. Guimarães (2007) e Silva (2012) se aprofundam nos estudos do rap, explicando como um movimento negro de origem norte-americana se expandiu no Brasil e é importante para o combate ao racismo e a desigualdade social.

Palavras-chave: Rap; Hip Hop; Rede Globo; Marechal; GOG.

Abstract

The rap (rhythm and poetry) is the musical component of hip hop movement, which has originated in the United States in the 1960s. Besides rap, hip hop counts with MC's (Master of Ceremonies), the DJs (disc-joqueys), dance (break dance) and painting (grafith). Rap has become a method used to raise awareness about the problems experienced by blacks and peripherals. The hip hop came to Brazil in the 1980s and has maintained the essence of the struggle against racism. Dominated by white personalities on their frames, the media is seen as an enemy of the racial revolution that rap offers. This rejection to the media has intensified because of negative reportings about rap in the 1990s. Furthermore, the aversion was evident when the rapper Mano Brown, Racionais MC's, rejected an invitation to be interviewed by Globo Television Network in 1999. Currently, several rappers already accept participate of the television programs of the country's major broadcasters, including TV Globo. This work deepens in the versions of Genival Oliveira Gonçalves, GOG, who rejected six invitations from the station and Rodrigo Cerqueira Machado Vieira Costa, the Marechal, who has gone to the Globo to criticize it. Inspired in their statements, this paper seeks to understand the reasons for this aversion to the Globo. Wedderbun (2007) contributes to this work presenting the history of racism. Guimarães (1999) analyzes that Brazil lives a cordial racism where who has prejudice does not admit, but does not give opportunity for blacks. Rocha (2011) and Ramos (2002) explain that this racism is reflected in the media, where blacks and browns are a minority, although they represent 50.7% of the population. Guimarães (2007) and Silva (2012) deepen in the studies of rap, explaining how an American's black movement has expanded in Brazil and it is important to combat racism and social inequality.

Keywords: Rap; Hip Hop; Globo; Marechal; GOG.

Sumário

Introdução.....1

CAPÍTULO PRIMEIRO – Racismo e mídia.....21

1.1 Definindo o racismo.....21

1.2 Racismo no mundo.....23

1.3 Racismo no Brasil.....33

1.4 Racismo na mídia brasileira.....40

CAPÍTULO SEGUNDO – O gênero rap e suas características.....45

2.1 O hip hop: Origem e evolução.....45

2.2 Raízes culturais do hip hop.....48

2.3 O rap no Brasil.....56

CAPÍTULO TERCEIRO – Metodologia.....69

3.1 Estudos de caso.....69

3.2 Análise de discurso.....72

3.3 Pesquisas bibliográficas.....84

CAPÍTULO QUARTO – A relação entre os rappers e a Rede Globo.....91

4.1 O rapper GOG e a constante recusa aos convites da Rede Globo.....99

4.2 O rapper Marechal e a utilização da Globo como espaço de intervenção...114

Considerações Finais.....135

Referências bibliográficas.....141

Anexos:

Entrevista de GOG ao programa "*Provocações*".....148

Entrevista de Marechal para a dissertação.....158

Introdução

O hip hop é um movimento cultural oriundo dos Estados Unidos, no final dos anos 60. Segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001), a tradução literal da palavra significa movimentar os quadris e saltar (to hip e to hop, em inglês). O movimento se popularizou em periferias nova-iorquianas e também na Jamaica, país onde muitas pessoas emigraram para Nova York.

O hip hop se abrangeu como uma cultura de massa, de origem negra, que se espalhou por vários centros do mundo, como uma forma de afirmação da etnia. Rocha, Domenich e Casseano (2001) destacam que a cultura é forma por vários elementos; um estilo musical, o rap; uma maneira de apresentar essa música em shows e bailes que envolve um DJ (disc-jóquei) e um MC (mestre-de-cerimônias); uma dança, o break; uma forma de expressão plástica, o grafite; e uma arte de imitar instrumentos com a boca, o beat box.

Cada elemento do hip-hop conta com muitos adeptos pelo mundo, mas o estilo musical rap é a vertente mais popular. O ritmo musical chegou ao Brasil na década de 80, sendo presente inicialmente nas periferias de São Paulo e, em seguida, espalhou-se por outros subúrbios do país. Rocha, Domenich e Casseano (2001) apontam que se trata de uma cultura de resistência a desigualdade e injustiça social, mostrando a riqueza cultural do pobre e negro, produzindo arte, bem como reivindicando pelo direito a cidadania.

Na origem do rap no Brasil, a falta de perspectiva de ascensão social é substituída por um debate consciente, em que a favela comunica consigo mesmo, sobre como se expressar sobre os problemas e também ter perspectivas de melhoras. Logo, muitos jovens tiveram identificação com o ritmo e a luta por soluções sobre os problemas da periferia dominava as letras dos rappers brasileiros, assim como os relatos do sofrimento dos excluídos das principais camadas da sociedade.

Muitos jovens, de diferentes localidades, passaram a cantar sobre os problemas que viviam na periferia, a insatisfação e a luta por um caminho de salvação. Essa difusão passou a ser entendida como um fenômeno social e foi introduzido em um estudo acadêmico. A mestre Elaine Nunes Andrade desenvolveu a dissertação de mestrado, em 1996, sobre a temática. O trabalho tem como título '*Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo'* e se refere

ao movimento que crescia na cidade do interior do estado de São Paulo. Segundo a autora, o rap passou a servir como saída para que os jovens não buscassem as drogas e a criminalidade, como caminho de vida, mas sim a cultura.

O interesse sobre o trabalho dos rappers foi ampliado nos meios acadêmicos e a educadora Elaine Nunes de Andrade publicou o livro '*Rap e Educação, Rap é Educação*', em 1999, que conta com 15 artigos acadêmicos sobre a importância social do gênero musical.

Paralelo a isso, o movimento hip hop crescia tanto na exploração de músicas do rap, como nas danças e no grafite. Os envolvidos no hip hop também passaram a participar de diversos projetos sociais na periferia, assim como criaram Organizações-Não-Governamentais, que tinham o intuito de buscar cultura e educação para a periferia.

Os temas explorados na origem do rap possuem uma afinidade com os ideais socialistas, por buscar a igualdade social. Dessa forma, há uma predominância de músicas com teor crítico, sobre as causas da desigualdade e a guerra civil entre opressor e oprimido. Apesar de tratar de temas complexos, para pessoas que muitas vezes tiveram poucas oportunidades de estudar, o rap tem fácil compreensão, porque é utilizada uma linguagem coloquial e em tom falado, como se o músico tivesse conversando com o espectador e explicando o tema em questão. Essa linguagem coloquial, para abordar temas como racismo, exploração humana e criminalidade, permite a utilização das gírias faladas com frequência na periferia, como destaca Rocha, Domenich e Casseano (2001), que trazem explicações sobre alguns temas contidos no rap, no livro "*Hip Hop: A Periferia Grita*".

Os agentes da mídia também começaram a perceber o crescente movimento social na periferia. Com isso, em 1999, o programa Globo Repórter produziu uma edição especial sobre o hip hop na periferia. O programa da Rede Globo de Televisão tinha o intuito de mostrar a revolução que o movimento estava fazendo na periferia e relatou que muitos jovens passaram a encontrar, desde a década de 80, uma forma para fazer arte e gravar em estúdio mesmo com poucos recursos, mas que essa notícia estava chegando ao outro lado da cidade somente depois de 15 anos. Racionais MC´s[1] foi

[1] Racionais MC´s é um grupo de rapper do estado de São Paulo, que foi fundado em 1988 e tem 13 discos lançados. Com diversas críticas sociais, o grupo conseguiu vender mais de 1,5 milhões de cópias de discos na carreira, sendo a recordista entre as bandas de rap, mesmo rejeitando aparecer na maioria dos veículos de comunicação. Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock são os integrantes da banda, desde a sua formação. A banda ganhou cinco prêmios nacionais, entre eles, estão o Video Music Brasil, que é organizado pelo canal do MTV Brasil, Hútuz, que é específico para o rap, além do prêmio Ordem ao Mérito Cultural.

apontado como o grupo mais influente do rap, mas o apresentador Sérgio Chapelin[2] deu ênfase ao fato do vocalista Mano Brown[3] não ter aceitado o convite para conceder entrevista ao programa da Rede Globo de Televisão[4].

A recusa dos Racionais MC´s iniciou um debate sobre a necessidade do hip hop se desenvolver em paralelo ao sistema midiático. Mesmo com a recusa a entrevistas e afirmando que não iria à Rede Globo, porque o rap não poderia se tornar produto de uma mídia elitista, o grupo conseguiu divulgar bastante o seu trabalho e é um dos nomes mais influentes da música brasileira. A revista especializada em música Rolling Stone classificou, em uma seleção dos Cem Melhores, em 2008, Mano Brown como o 28º músico mais importante da história da música brasileira. O grupo vendeu mais de 1 milhão de cópias dos seus álbuns.

Recusar convites para apresentar-se na maior emissora de televisão do Brasil é para o grupo uma forma de responder sobre uma possível exclusão para os pobres e negros na mídia brasileira, que eles classificam como branca e elitista. A exclusão das etnias na mídia é debate em diversos estudos da cultura negra. O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) constata que os negros e pardos formam a maioria da população brasileira[5]. Segundo o IBGE, os negros e pardos representam 50,7% da população brasileira.

Ramos (2002) alerta que o fato da maioria da etnia brasileira ser formada por negros e pardos não reflete em uma atuação nos locais de maior destaque na sociedade. O autor defende a tese de que o regime vigente no Brasil exclui essas raças, para valorizar os brancos, sendo que o afastamento de negros é visto tanto nas universidades, como na cultura e nos meios de comunicação. Ramos (2002) aponta que não é necessário apenas que os jornais e os livros apresentem que os negros e os indígenas formam a base de sustentação racial da composição étnica da sociedade brasileira.

[2] Sérgio Chapelin é um jornalista da Rede Globo de Televisão, que nasceu em Valença, no estado do Rio de Janeiro, em 1941. Ele atua no jornalismo desde 1972 e é apresentador do Globo Repórter, desde 1973, quando o programa estreou. O Globo Repórter tem um modelo de revista jornalística televisiva e é apresentado na sexta-feira à noite, com duração de 60 minutos. O programa aborda um tema especial e se aprofunda com reportagens extensas sobre o assunto escolhido. Chapelin ainda participou de outros programas da Rede Globo, como Jornal Hoje e Fantástico, assim como teve rápida passagem pela emissora SBT, em 1983.

[3] Mano Brown é o nome artístico do rapper Pedro Paulo Soares Pereira, que nasceu em São Paulo, no ano de 1970. Brown está em atividade no rap desde 1988, quando a banda Racionais MC´s foi criada. Ele participou dos 13 discos dos Racionais e gravou um solo, assim como também está na produção de mais um disco solo. Em 2008, a revista especializada em música Rolling Stone promoveu a Lista dos Cem Maiores Nomes da Música Brasileira e Mano Brown ficou na 28ª colocação. Mano Brown é conhecido por sua aversão à mídia e, mesmo sem divulgação maciça na imprensa, o seu grupo foi o que vendeu mais discos na história do rap brasileiro. Para conceder entrevistas, ele negocia regras que evitem censura e manipulação de conteúdo. No entanto, o rapper está mais aberto para entrevistas do que no início da carreira, apesar de não continuar sem aceitar convites da Rede Globo.

[4] Conteúdo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ZZ2HHTn-01I

[5] Dados disponíveis no site do Jornal do Brasil. Link: http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/11/16/populacao-negra-e-parda-passa-a-ser-maioria-no-brasil-mostra-ibge

Segundo o autor, é necessário que as pessoas dessas raças tenham oportunidades, para que a sociedade brasileira reflita a importância delas.

Um dos locais em que Ramos aponta que as etnias negras e pardas são excluídas é a mídia, meio que deve servir para ser uma representação ilustrativa da sociedade, mas, que para o autor, não cumpre esse papel, quando dá mais ênfase a uma raça branca, que é minoria no país. O autor defende a tese de que a exclusão das etnias na mídia faz parte do fenômeno de invisibilidade, que é justamente a forma de excluir as etnias, para que as pessoas da própria etnia não ganhem identificação com os seus semelhantes.

Ramos (2002) argumenta que para garantir a visibilidade dessas etnias é preciso a criação de leis que possibilite o acesso a diversas camadas da sociedade, como as universidades e os meios de comunicação. Dessa forma, uma política de cotas para ingresso nas universidades começou a ser discutida em 2002. No início de junho de 2003, em concorrida reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB, foi aprovada na íntegra a proposta que destinava uma cota de 20% das vagas do vestibular para negros. O critério cor foi incluído no questionário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2002, justamente para iniciar o debate sobre políticas de integração racial no país, como relata Carvalho e Segato (2002).

A inclusão de negros na academia tem avançado bastante, por conta da política de cotas. Para alguns membros do hip hop, essa realidade ainda não é vista na mídia, um meio que teria por objetivo divulgar a diversidade cultural vigente na sociedade. O músico Genival Oliveira Gonçalves, o GOG[6], defende que há exclusão dos negros e pobres, por não estarem no padrão da elite brasileira, formada, em sua maioria, por brancos. Ele afirmou que a Rede Globo patrocina o apartheid brasileiro[7]. Nesse mesmo contexto, Gomes (2009) ressalta que muitos jovens negros da periferia veem no hip hop essa mídia alternativa, para divulgar a cultura negra, que não era encontra espaço na imprensa convencional. Gomes (2009) ressalta ainda que o hip hop é, dessa forma, um meio de mobilização e conscientização da periferia, que resiste aos meios de comunicação de massa e crescem em paralelo a esse sistema.

O debate sobre a importância das pessoas dessas etnias ocuparem os espaços que são dados pela mídia gera discussões entre os membros do hip hop e tem alguns fatos

[6] Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, é um rapper da cidade de Brasília. Ele está em atividade desde 1989 e tem a causa negra como a principal bandeira, defendendo a tese que o Brasil vive uma guerra social, em que o objetivo é a exclusão dos negros e favelados. O rapper tem dez discos gravados, além de um DVD. É autor do livro "*A Rima Denuncia*", lançado em 2010, e vencedor do Prêmio Hútuz de 2007, como melhor rapper ou grupo de rap do ano.

[7] Conteúdo disponível em:
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/12/09/internas_viver,478464/rapper-gog-recusa-convite-da-globo-e-da-fifa-para-se-apresentar-durante-a-copa.shtml

ocorridos no final dos anos 1990 com início dessa temática. Além da recusa de entrevista dos Racionais MC´s à Rede Globo, o debate sobre o preconceito na mídia foi intensificado, após ser bastante divulgado que o grupo paulista Facção Central[8] estava fazendo apologia à criminalidade. Esse debate surgiu após a gravação da música *"Isso aqui é uma guerra"* em 1999, na qual tem como temática a opção que os periféricos fazem pelo crime, por não terem acesso à ascensão social.

A letra é bastante agressiva e aponta que os periféricos se afirmam socialmente através do crime, sendo uma forma de responder a sociedade pela exclusão. Na música, o grupo afirma *"O Brasil só me respeita com um revólver",* como também cita que *"A minha quinta série só adianta/ Se eu tiver um refém com meu cano na garganta".* A Justiça determinou a proibição da veiculação da música, alegando que era uma forma de incitar a violência. A proibição foi bastante destacada na mídia. A versão mais veiculada foi a de que um grupo de rap estava incitando a violência, através de uma música e, por isso, a veiculação da música foi censurada. A temática ganhou repercussão com promotores e comentaristas sociais condenando a postura do grupo. Os membros do Facção Central também foram convidados para algumas entrevistas.

Entre matérias com o caráter de acusações sem direito a resposta e matérias onde o grupo obteve espaço para se defender, o grupo Facção Central fez um balanço negativo sobre a participação na grande mídia. Desde então, o grupo se recusa a convites de outras emissoras e até mesmo já expulsou jornalistas de entrevistas.

O debate sobre a necessidade de fazer participações na grande mídia é motivo de discórdias entre os rappers brasileiros. O número de músicos que aceitam os convites, sem qualquer restrição, é cada vez mais. Nomes como Emicida[9], Pollo[10] e Marcelo D2[11]

[8] Facção Central é um grupo de rap brasileiro, do estado de São Paulo, formado em 1989. O grupo tem oito discos gravados, com mais de 600 mil cópias vendidas. Além disso, conquistou quatro prêmios Hutúz, que selecionava os melhores do rap nacional a cada ano. Em 1999, ficou conhecido na grande mídia porque a música "*Isso Aqui é uma Guerra*" foi proibida de ser vinculada, por recomendação da Promotoria de Justiça do Estado de São Paulo. A tentativa de justificar a mensagem da música na imprensa frustrou as expectativas do grupo, que se recusa a conceder entrevistas na maior parte da mídia, desde então. A banda segue com a linha de críticas, mesmo depois da censura.
[9] Emicida é o nome artístico do rapper Leandro Roque de Oliveira, que nasceu em São Paulo, em 1985. Depois de ficar conhecido por ganhar as principais batalhas de freestyle do Brasil, que é uma disputa de improvisação entre rappers, Emicida gravou o primeiro disco em 2009. Atualmente é uma figura pública presente em vários programas da Rede Globo, além de participar de grandes eventos, como o Rock in Rio. Emicida ganhou o prêmio de artista do ano do Vídeo Music Brasil de 2011, realizado pelo canal MTV Brasil, assim como, na mesma premiação, venceu também na categoria hit do ano, com a sua música "*Então Toma*". O rapper tem quatro discos gravados na carreira.
[10] Pollo é uma banda de rap de São Paulo, criada em 2010, que tem um estilo mais voltado para o pop music. As músicas não tratam de problemas sociais, mas sobre romance e temas do cotidiano. Pollo tem dois discos gravados. Trilha sonora da novela da Globo "*Sangue Bom*", a música "*Vagalumes*" foi vencedora dos prêmios música e videoclipe do ano de 2012 da Mix TV, além de ter mais de ter cerca de 50 milhões de visualizações no Youtube.
[11] Marcelo Maldonado Gomes Peixoto, o Marcelo D2, é um rapper brasileiro, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1967. D2 está em atividade desde 1993, quando criou a banda Planet Hemp. Em 1998, gravou o primeiro disco solo, mas só desligou-se da banda em 2001, quando a banda se desfez. Desde então, ele gravou seis discos solo e foram lançadas

estão presentes, com frequência, nos programas das principais emissoras do Brasil. Além disso, alguns músicos que antes rejeitavam os convites, como é caso de Edi Rock[12], dos Racionais MC´s, atualmente defende a aparição como um processo de evolução do hip hop.

No entanto, existem ainda os músicos que tem aversão aos principais veículos de comunicação. Entre eles, são escolhidos para um estudo mais aprofundado Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, e Rodrigo Cerqueira Vieira Machado Costa, o MC Marechal[13]. A partir deles, debate-se sobre como deve ser a relação entre o hip hop e a mídia. Relatos de outros artistas, que aceitaram ou recusaram convites, também são apresentados ao longo do trabalho, para ter um comparativo. Além disso, a análise de discursos desses dois rappers contribui para o estudo de outras questões, sobretudo sobre racismo e hip hop.

Marechal tem um histórico de recusar várias aparições na mídia, mas aceitou um convite para participar de uma festa do reality show Big Brother Brasil, da Rede Globo. Em entrevista para essa dissertação, o músico explica que se tratou de uma participação ao vivo e, por isso, o espaço pôde ser utilizado como espaço de intervenção, para mostrar críticas ao formato da emissora e contrariar os interesses dele. Além disso, a atuação do músico no movimento hip hop é analisada a partir da entrevista e também do conteúdo de suas músicas.

Em um teaser do documentário "*O Rap pelo Rap"*[14], que ainda será lançado, GOG afirma que recusou seis convites da Rede Globo porque não acredita que essa é a estratégia para montar o quebra-cabeça social que o rap busca. O músico acusa ainda que o diretor de jornalismo da Rede Globo, Ali Kamel, é recorrente em teorizar que o problema da miséria é a falta de conscientização das pessoas na periferia e busca dessa

---

duas coletâneas, além de dois dvds. D2 defende que o artista deve aproveitar todos os espaços que lhe forem dados, já que a fama é um dos objetivos. Ele inclusive já cedeu músicas, para serem trilhas sonoras de novelas da Rede Globo.

[12] Edivaldo Pereira Alves, o Edi Rock, é um rapper brasileiro, que nasceu em São Paulo, no ano de 1968. Ele compõe o Grupo Racionais MC´s. Edi iniciou a carreira em 1984, fazendo bailes em residências, ao lado do DJ KL Jay. Os dois se juntaram a Mano Brown e Ice Blue, para formar os Racionais MC´s em 1988. Edi Rock participou de todos os discos Racionais. Ele também lançou dois discos solos: "*Rapaz Comum II*" de 1999 e "*Contra nós ninguém será*", de 2013. Em 2012, Edi Rock lançou a canção "*That's My Way*" junto com o cantor de samba e MPB Seu Jorge, a qual foi indicada para Prêmio VMB em "Melhor Videoclipe", onde perdeu para "*Marighella*", do próprio Racionais MC's. Edi Rock chegou a conceder entrevistas dizendo que nunca apareceria na Globo, mas resolveu aceitar convite do programa Caldeirão do Hulk em 2013, ao lado de Ice Blue. Ele defendeu-se afirmando que mostrou o seu trabalho individual e não os Racionais. Além disso, defende que aproveitar os espaços dados na mídia é uma evolução do rap.

[13] MC Marechal é o nome artístico do rapper Rodrigo Cerqueira Vieira Machado Costa. Ele nasceu em Niterói, no estado do Rio de Janeiro e está em atividade no rap desde 1993. Ele participou das bandas Consciência Armada e Quinto Andar, mas foi o primeiro a se desligar do grupo para seguir carreira solo. O rapper ainda não gravou um disco oficial, mas programa isso para o fim de 2014. Marechal é responsável pela produção e gravação das suas músicas, por não querer trabalhar com gravadoras. Ele é ainda criador de projetos sociais no Rio de Janeiro.

[14] Teaser do documentário disponível em: disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1VEeHRW5uVU

forma convencer de que não existe racismo no Brasil. GOG ressalta, dessa forma, que contribuir com uma emissora que trabalha com essa linha de jornalismo, não condiz com a luta de décadas do rap, de buscar pela justiça social.

> "Eu quero dizer pra vocês que a Rede Globo me chamou seis vezes e eu falei não. Sabe por que eu falei não? Não é porque eu sou burro não. É porque se você pegar os livros e as entrevistas do Ali Kamel, que é diretor geral de jornalismo da Rede Globo, ele diz que o problema da periferia é falta de consciência. (...) É pra você que ele fala assim: 'Você não se preocupe porque não existe racismo no Brasil'. Não existe racismo do Brasil. (...) Respeito a opinião de todo mundo, eu não estou criticando quem vai, mas para a gente montar esse quebra-cabeça social nosso, transformador, aí eu tenho responsabilizade. Aí eu vou falar: eu não acredito que a gente vai montar esse quebra-cabeça, com essa estratégia". (GOG, 2014, documentário "*O Rap pelo Rap*", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1VEeHRW5uVU).

GOG cita ainda que os rappers devem se voltar para a periferia, com o intuito de contribuir para resolver as questões problemáticas das favelas. Além disso, sugere que as pessoas dê um buquê de Espertirina Martins para os poderosos. Espertirina foi um anarquista gaúcha, que aos 16 anos, levava escondida uma bomba em um buquê de rosas, que apavorou a Brigada Militar, em episódio que ficou conhecido como a Batalha da Várzea, na Greve Geral de 1917 em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul.

CAPÍTULO PRIMEIRO: Racismo e mídia

1.1 Definindo o racismo

Para se debater sobre a relação polêmica entre mídia e movimento hip hop é necessário, primeiramente, debater o racismo, uma vez que o movimento foi criado como consequência do racismo. De acordo com Johnson (1997), em seu "*Dicionário da Sociologia"*, o racismo é o preconceito baseado em raças. O autor define que o preconceito é *"qualquer atitude cultural positiva ou negativa dirigida a membros de um grupo ou categoria social"*. O autor aponta que qualquer preconceito baseado em raças é racismo, assim como qualquer preconceito baseado no sexo é sexismo e o preconceito por conta de questões de etnias é etnicismo. Dessa forma, Johnson (1997) relata que tecnicamente o ato de se ter um preconceito do negro contra o branco é racismo.

Entretanto, o autor argumenta que os males que uma minoria ao ter preconceito pode causar são irrelevantes e é uma forma de autodefesa. Enquanto isso, o preconceito de grupos poderosos é uma opressão social, porque são eles que dominam as informações e têm poder na sociedade, por isso, pleiteiam garantias para os seus semelhantes e excluem os grupos de minoria, baseados no preconceito. Com isso, Johnson (1997) afirma que alguns autores defendem que *"conceitos como racismo e sexismo deveriam ser reservados para preconceitos cuja função ideológica fosse justificar a opressão social"*.

Essa opressão acontece quando existe um tratamento desigual, que se transforma em abuso, exploração e injustiça. Além disso, o preconceito faz com que as pessoas tenham pensamentos estereotipados de que alguns grupos não têm os mesmos valores dos seus semelhantes. No caso do racismo, o branco sente-se superior em vários critérios, em detrimento dos negros.

> "O racismo que brancos dirigem a negros e outras pessoas de cor inclui crenças estereotipadas sobre diferenças raciais em áreas como inteligência, motivação, caráter moral e habilidades diversas. Essas diferenças são então julgadas segundo valores culturais em detrimento das pessoas de cor e do status elevado dos brancos. Finalmente, elementos emocionais como hostilidade, desprezo e temor completam a atitude, criando predisposição entre brancos para tratar negros de maneira opressora e para perceber sua própria categoria racial como socialmente superior. Considerando que pessoas de cor na Europa e nos Estados Unidos vivem na mesma cultura que brancos, o preconceito racial irá, de certa maneira, afetar o modo como eles percebem e avaliam a si próprios" (JOHNSON, 1997, p.180).

Johnson (1997) ressalta que nem tem toda discriminação é baseada no preconceito. O autor aborda sobre a política de ação afirmativa, que tem como base

garantir a ascensão social para as minorias nos Estados Unidos, por isso, *"negros e mulheres que carregaram uma longa história de preconceito e discriminação são ativamente sondados como candidatos a empregos, contratos governamentais e admissão nas universidades".* Essa mesma política é adotada no Brasil com cotas raciais para as universidades e também para concursos públicos.

Apesar da conceituação sociológica sobre o racismo, discutir sobre a existência de raças distintas de seres humanos é um debate que gera discórdias, como aponta Guimarães (1999). Por um lado, estudiosos das ciências sociais, consideram que é necessário distinguir as pessoas por nacionalidade, cor, etnia, como pontua Banton (1983), com o intuito de mapear e analisar as diferentes características humanas. Por outro lado, a biologia já detectou desde os anos de 1960 a inexistência de diferenças biológicas entre os seres humanos, como defende Hiernaux (1965). Para este autor, raça é apenas "*um conceito taxonômico de limitado alcance para os seres humanos"*.

Rex (1983) argumenta, no entanto, a necessidade de se fazer uma divisão das raças, como forma de estudar as estruturas que beneficiam alguns padrões sociais, físicos e culturais, em relação a outros. O autor defende a tese de que existem em várias sociedades benefícios resultantes de características "raciais" diferenciadas. Por isso, é necessário reconhecer o que algumas pessoas pensam sobre essa superioridade, até mesmo para que esse pensamento possa ser combatido. Excluir a existência do racismo, porque não existem diferentes raças, biologicamente comprovadas, seria, dessa forma, omitir o debate e deixar com que grupos da sociedade se sintam superiores, sem maiores justificativas.

Essa definição de raça, de acordo com Rex (1983), é dada sociologicamente por conta da diferença na pigmentação da pele, que faz definir pelo senso comum as pessoas como pretas, brancas, pardas, etc. Essa diferença é bastante condenada pela biologia, justamente por não haver comprovação científica de pluralidade de raças na humanidade, como argumenta Hiernaux (1965).

Entretanto, Guimarães (1999) ressalta que é importante para as ciências sociais considerar que existem diferentes raças, para sistematizar os estudos de acordo com a realidade. Esse método, segundo o autor, não tem o intuito de comprovar biologicamente a existência de diferentes raças, mas entender quais parâmetros foram utilizados para historicamente a sociedade ser dividida por algumas diferenças, como, por exemplo, a pigmentação da pele. A partir disso, se tem uma realidade social para entender o racismo. Guimarães (1999) argumenta que não se pode anular os estudos

sociais sobre raça e racismo, pelo fato da biologia desconsiderar tal distinção, pois se o racismo existe na sociedade e não se formula um método para estudá-lo, mesmo que abstrato e sem argumento científico plausível, torna-se mais difícil combatê-lo.

1.2 Racismo no mundo

O racismo é muitas vezes visto com um fenômeno da contemporaneidade, que teria iniciado a partir da escravidão dos negros. Todavia, essa é uma visão que não é historicamente consistente, como retrata Wedderburn (2007). O autor defende que essa é uma ideia dominante, mas que não tem qualquer argumento científico plausível.

Wedderburn (2007) argumenta que o tratamento distinto para diferentes características humanas existe desde a antiguidade. Para defender essa tese, ele afirma primeiro que não se pode colocar o racismo como algo com origem na genética, como defendem os estudiosos da biologia, mas sim na perspectiva do fenótipo. O fenótipo são características desenvolvidas no habitat das pessoas, como pigmentação da pele, morfologia e comportamento. Isto é, a discriminação acontece de acordo com as características do meio onde as pessoas estão inseridas e isso iniciou antes do período de escravidão.

> "O fenótipo é um elemento objetivo, real, que não se presta à negação ou confusão; é ele, não os genes, que configura os fantasmas que nutrem o imaginário social. É o fenótipo que serve de linha de demarcação entre os grupos raciais, e como ponto de referência em torno do qual se organizam as discriminações "raciais"." (WEDDERBUN, 2007, p.11).

Para entender como esses distintos fenótipos foram desenvolvidos, Wedderbun (2007) faz um relato sobre a origem e evolução da humanidade. Segundo o autor, os estudos biológicos mais avançados reconhecem que os seres humanos surgiram na África e há cerca de três milhões de anos. Nesse sentido, todas as populações humanas e o povoamento do planeta surgem a partir desse continente.

Além disso, a humanidade anatomicamente moderna teria surgido também na África, entre 150 e 200 mil anos atrás. Ainda de acordo com Wedderbun (2007), a migração para outros continentes ocorreram entre 80 e 100 mil anos atrás. Os cientistas não chegam a ser conclusivos em afirmar que os primeiros *homo sapiens sapiens* eram negros. Todavia, Wedderbun (2007) aponta que as condições climáticas do período levam aos cientistas a acreditarem que eles tinham bastante melanina como forma de proteção.

> "Os cientistas não têm certeza de qual era a pigmentação desses primeiros homo sapiens sapiens, mas admitem, baseados nas considerações estritamente geográficas, genética e climatológicas, que dificilmente a pigmentação desses humanos pudesse ter sido outra que não melanodérmico. Argumentam que, nas regiões de grande incidência de raios ultravioletas, a cor fortemente pigmentada serve de proteção contra estes raios, permitindo a síntese da vital vitamina D". (WEDDERBUN, 2007, p.28).

Os estudos da atualidade apontam inclusive que essas pessoas tinham uma quantidade de melanina superior a de qualquer *homo sapiens sapiens* da contemporaneidade, o que os tornava bem mais escuros do que os negros atuais. Segundo Fournier (1901), houve mutações por conta de fatores fenótipos, como clima, tipo de vida, alimentação e cruzamentos dando origem a outro grupo racial misto ou moreno que foi encontrado a partir de migrações para o Mediterrâneo. Olson (2003) aponta que as chamadas raças teriam surgido como respostas adaptativas aos diferentes meio-ambientes aos quais se viram expostos os *homo sapiens sapiens* enquanto migravam por todo o planeta.

Diop (1991) afirma que a raça branca surgiu somente num período que se situa entre 15 e 25 mil anos atrás, se restringido inicialmente à Europa, enquanto a raça amarela teria surgido entre 12 mil e 20 mil anos atrás. Wedderbun (2007) afirma existir uma negrofobia na humanidade e ressalta a alusão disso com mitos e simbologia da sociedade, ao assimilar a cor preta, com repulsa e medo, já que o significado da cor negra é de "luto", "tenebroso", "maléfico", "perigoso", entre outros. A origem desse pensamento, segundo Wedderbun (2007), foi construída em livros sagrados da Antiguidade. Para comprovar isso, o cientista faz uma análise de escritos sagrados dessa época histórica. O autor comenta que é impossível desvincular a visão negrofóbica em escala mundial, de uma realidade semelhante evidenciada nos textos e mitos mais antigos, que jamais relatam sobre homens negros, mesmo sendo a raça predominante na Antiguidade. Wedderbun (2007) encaixa essa análise nos textos fundadores do Zoroastroismo, no Alcorão e na própria Bíblia.

Wedderbun (2007) é mais incisivo quando cita o mais antigo da triologia de livros sagrados indianos, o Vedas, chamado também de Rig-Veda, que foi escrito entre 1000 e 500 a.C.. O autor argumenta que os livros colocaram em um duplo sentido a cor preta, construindo uma imagem conflituosa e maléfica, sendo um marco para a formação de uma cultura racista na humanidade. Wedderbun (2007) relata que o Rig-Veda coloca a cor branca como pele nobre e que o líder ariano Indra decreta o fim dos dasyu, que é a denominação coletiva para negros no livro indiano.

> "O Rig-Veda relata que Indra, suposto líder dos invasores arianos, logo transformado em semi-Deus, ordenou a seus súditos guerreiros de "destruir o dasyu" e "eliminar a pele negra da face da Terra". O Rig-Veda, que descreve os grandes combates entre esses brancos e autóctones negros em termos de uma luta entre a "luz" e as "trevas", diz, textualmente, que Indra "matou os bárbaros de nariz chato (anasha)" e "assoprou com força supernatural, fazendo desaparecer da terra e dos céus a pele negra que Indra tanto odeia" (Soma Pavamana 9.73.5). Após a vitoriosa conquista das terras dos anashas, relata o Rig-Veda, Indra ordenou a seus seguidores de "descouraçar as peles negras dos anashas". (WEDDERBUN, 2007, p.30).

Os gregos e romanos também são considerados proto-racistas na visão de Wedderbun (2007). Eles dominaram a Europa e parte dos continentes vizinhos por mais de um milênio, entre VIII a.C. e V d.C., e eram xenofóbicos, criando conceitos em que os seus conterrâneos eram civilizados e superiores, enquanto os outros povos eram bárbaros e inferiores. Os impérios eram formados basicamente por europeus, por isso, a definição do povo superior e inferior estava caracterizada inicialmente apenas com questões geográficas.

Quando o domínio do Império Greco-Romano se estende pela África do Norte e o Oriente Médio, inicia o que Wedderbun (2007) denomina de proto-racismo, que é justamente a noção de superioridade também pelo fenótipo. Aristóteles escreveu que "*a cor demasiado negra é a marca dos covardes*", como retrata Evans (1969). Wedderbun (2007) ainda identifica escrituras em que se define a cor negra como covardia, bem como a excessivamente branca é indício de covardia. Nesse sentido, a cor de uma pessoa lutadora deveria ser intermédia. Tal definição parte justamente do fato da maior parte dos 'civilizados' terem esse fenótipo e, com esta distinção, procura-se julgar critérios para definir os bárbaros.

Os fenótipos foram, segundo Wedderbun (2007), apenas mais uma característica para justificar a exploração e consequentemente a escravidão de povos, que foram derrotados em batalhas, por não terem uma estratégia de guerra e um poder de armamento como os gregos e romanos. As populações vencedoras incentivavam a exploração de povos, justamente porque era através disso que afirmavam um status superior e a partir desta situação a escravidão era justificada em suas mentes. Vidal-Naquet (1989) define que, naquele período, o *"estatuto de anticidadão, de estrangeiro absoluto, permite que o estatuto do cidadão se desenvolva"*. Wedderbun (2007) reforça a sua tese ao pontuar que nenhum livro da Antiguidade condena a escravidão.

Wedderbun (2007) salienta de que não se tratou de um fenômeno exclusivamente dos europeus. Há registros no mundo islão-árabe de exploração de negros africanos. Os primeiros registros se dão por volta do século VII, mas não se sabe

ao certo a data do seu início, uma vez que os primórdios da história desses povos são pouco explorados em livros, porque nesse período prevalecia a comunicação através da oralidade. Os árabes inclusive faziam interpretações da escravidão de acordo com as suas religiões e alguns dos registros são de apologia ao sistema, como relata o autor.

> "A naturalização da escravidão negra encontra sua fonte de legitimação na lenda muçulmana segundo a qual "Ham", filho de Noé, e ancestral dos negros, foi condenado a ser negro por causa do seu pecado. A maldição do Ser negro e escravizado foi transmitida a todos seus descendentes. Essa história dá um exemplo interessante dos objetivos e utilização dos mitos". (WEDDERBUN, 2007, p.59).

Na Idade Média, época que se estende do Século V ao XV, Wedderbun (2007) ressalta que a Europa foi marcada por perseguições e genocídios a povos inteiros e intolerância, por questões xenofóbicas ou religiosas. O maior exemplo são as perseguições dos cristãos aos judeus, os quais eram considerados responsáveis por ter matado Cristo.

Além disso, o cristianismo encontrava justificativa na própria religião para a escravidão. Os religiosos interpretavam a Bíblia no sentido de atribuir ao trabalho um meio de salvação. Segundo Wedderbun (2007), o protestantismo destaca que *"a possibilidade de salvação se vê condicionada à ideia de que o trabalho não deve ser apenas guiado com responsabilidade, mas é um dever exigido por Deus".* Por isso, o trabalho forçado da escravidão não era visto como algo errado, mas sim um meio para conduzir os pagãos a se tornarem cristãos.

Com o fim da Idade Média começa a surgir uma nova classe econômica, a burguesia. Por volta do Século XV, essa classe surge por meio de fortalecimento do capitalismo e das relações de comércio. Wedderbun (2007) ressalta que esse sistema produtivo pôde se mostrar *com "uma dinâmica capaz de absorver, subalternizar ou ainda esmagar todas as formações econômicas e sociais pré-existentes".*

Wedderbun (2007) faz uma ligação direta do desenvolvimento do capitalismo com a cessação brutal do crescimento africano. A escravidão sempre foi marcada pela sua lógica multirracial. Os europeus necessitavam de mão-de-obra para os trabalhos e encontraram na África um nicho perfeito, uma vez que se tratava de um continente com diferentes culturas e etnias. O autor relata que os africanos não tinham uma unidade de comunicação e de sistema econômico, por isso, tinham mais dificuldades para organizar e estudar formas de combater a escravidão. Enquanto isso, os europeus expandiam o sistema capitalista e se organizavam para encontrar justificativas para escravizar a raça

negra, oriunda da África.

Essa exploração foi ampliada, sobretudo, no período da Revolução Industrial, que se iniciou no final do Século XVIII, quando houve um aumento do número máquinas e empresas e se tornava necessária uma mão-de-obra mais abundante.

> "A Revolução Industrial, que teve suas origens na porção protestante da Europa, e que iria revolucionar as relações sociais em todo o planeta, resultou de um verdadeiro assalto ao continente africano. Este assalto foi seguido de um saque sistemático a este continente, do qual foram retirados violentamente os seus recursos humanos, e, posteriormente, os seus recursos naturais. A Europa cresceu "subdesenvolvendo" a África". (WEDDERBUN, 2007, p.126).

Mas não são todos os historiadores que apontam para um desenvolvimento baseado apenas na força e na exploração dos povos africanos. Thornton (2004) defende a tese de que os europeus não necessitaram da força para explorar os povos africanos. Segundo o autor, já existia uma lógica de comércio humano entre os povos africanos. Dessa forma, povos como os portugueses, por exemplo, passaram a entender essa lógica e entraram no mercado, para utilizá-la em seu benefício como na mão-de-obra escrava no Brasil.

> "Quando os europeus chegaram na África e se ofereceram para comprar escravos, não é surpreendente que tenham sido imediatamente aceitos. Além de os escravos serem encontrados em profusão na África, existia um comércio de escravos bem desenvolvido, como evidencia o número de escravos nas mãos de proprietários privados. Qualquer pessoa com recursos podia obter escravos do mercado doméstico, embora algumas vezes necessitasse de permissão real ou do Estado, como na Costa do Ouro. Os europeus penetraram nesse mercado da mesma forma que qualquer africano" (THORNTON, 2004, p.149).

Dessa forma, Thornton (2004) justifica que foi a facilidade encontrada junto aos comerciantes locais para obter escravos que fez expandir essa exploração, principalmente porque o capitalismo já estava bem mais desenvolvido na Europa. O autor destaca ainda que existia um preço de mercado favorável para as compras e que as decisões de adquirir escravos era resultado de uma série de fatores que beneficiavam esse mercado. Entre esses fatores, que contribuíram para transformar o homem negro em mercadoria, estavam a capacidade de trabalho dos africanos, o preço relativo para importação em comparação a contratação de não escravos e a própria facilidade encontrada para negociar nos países africanos. De acordo com Thornton (2004), os europeus não impunha que um país teria que vender escravos, mas sim a lógica de mercado beneficiava também aos comerciantes africanos que estavam negociando.

> "Os europeus sempre tiveram um bom mercado para escravos que eram as mercadorias preferidas, mas os europeus não abandonariam o comércio e as

> relações com um país simplesmente porque ele não quisesse ou não pudesse vender escravos. Enquanto algum tipo de troca pôde ser efetuado, o comércio ocorreu. Ao mesmo tempo, no entanto, eles dispunham-se a comprar escravos todas as vezes que um país africano decidisse vendê-los, e sempre esperavam obter mais" (THORNTON, 2004, p.169-170).

No entanto, independente da escravidão ter sido de forma pacífica ou através da força, o que é percebido como sua consequência é o julgamento de que o escravizado é originário de uma raça menor, no caso, a negra. Segundo Wedderbun (2007), o racismo "*gera os piores e mais violentos preconceitos, dentre eles, a ideia da inferioridade e superioridade racial entre os seres humanos, noção que legitima a hierarquização da humanidade segundo as características fenotípicas*".

O Século XIX foi um período de grandes transformações e deu origem ao desaparecimento gradativo da escravidão, bem como os cientistas foram buscando entender as diferenças raciais. Os europeus, no entanto, tiveram sempre uma visão etnocêntrica e encontravam nos estudos sobre diversidade cultural e racial explicações para justificarem superioridade, como argumenta Santos (1996).

> "Ao mesmo tempo que contribuíram para o progresso científico, também ajudaram a reforçar o imperialismo e o etnocentrismo dos europeus, levando-os a uma espécie de desvio anticientífico, à medida que produziram ideias racistas, atitudes intolerantes e movimentos nacionalistas discriminatórios contra estrangeiros e indivíduos de raças consideradas inferiores." (SANTOS, 1996, p.69).

É a partir dos estudos realizados neste período que se constrói o mito da superioridade ariana. Neste período, Santos (1996) relata que começam a surgir teorias para diferenciar os 'limpos de sangue' (brancos que supostamente nunca tiveram qualquer miscigenação) e os 'infectados' (pessoas que se misturaram com outras raças). Os africanos, por serem negros, são vistos como seres inferiores, que infectavam outras raças humanas.

Santos (1996) ressalta que Arthur de Gobineau escreveu "*Essai sur l'inégalité des races humaines"* (em português, "*Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*") com publicações entre 1853 e 1855, que teoriza sobre a superioridade intelectual dos brancos, bem como Houston Stewart Chamberlian se aprofundou nesses estudos e aplicou o conceito de raça superior aos teutônicos (alemães), a fim de apoiar as suas concepções nacionalistas. Santos (1996) relata ainda que foi Chamberlian quem proclamou que os "*judeus constituíam raça degenerada"*.

O líder alemão Adolf Hitler utiliza esses estudos, sobre a raça superior dos teutônicos alemães, para convencer o povo alemão da superioridade da raça ariana e

ainda justificar o anti-semitismo do nazismo, que resultou no extermínio de milhões de judeus europeus, como relata Santos (1996). Segundo Paxton (2007), Hitler encontra no líder italiano Mussolini o aliado ideal. Na Itália, havia estudos que procuravam comprovar a superioridade dos brancos e também a importância do nacionalismo, resultando em grande perseguição aos comunistas, nos quais eles apontavam serem os inimigos do país.

Paxton (2007) observa que o fascismo era uma corrente política que se desenvolveu muito rapidamente, sendo formulada inicialmente por volta de 1890 e já era o pensamento predominante da Itália três décadas depois, por ter um discurso que agradava à elite daquele país. Investimentos em armamentos foram priorizados nesses países, bem como os meios de comunicação, que estavam surgindo, eram utilizados para massificar os pensamentos dos seus governantes.

A população branca justificava a opressão a negros, comunistas e judeus por ter necessidade de limpeza racial. Os dois países ainda fortaleceram os seus exércitos e se uniram na Segunda Guerra Mundial, que ocorreu entre 1939 e 1945, na qual eles, em conjunto, perseguiram e executaram esses grupos, através do genocídio, como aponta Paxton (2007).

Apesar da força apresentada pelo grupo dos países brancos, a Segunda Guerra Mundial foi vencida pelos Aliados, grupo formado pelos Estados Unidos, União Soviética, Reino Unido e outros países. O racismo, porém, não morreu. Os Estados Unidos foi um país que viveu uma segregação racial legitimada entre 1876 e 1964, por meio de um conjunto de leis designadas “Leis de Jim Crow” (Jim Crow é o nome no qual eram conhecidos os escravos africanos), como retrata Guimarães (1999). O país tinha as “Leis de Jim Crown” neste período, que dividiam as pessoas no espaço público, entre negros e brancos, como por exemplo, nos ônibus e nas escolas. Isso resultou até mesmo em divisão de bairros, entre negros e brancos, nas grandes cidades norte-americanas, como Nova York.

À medida que o movimento negro ganhava força, os brancos diminuam a ênfase dada publicamente a uma suposta superioridade de raças, até mesmo como forma de autodefesa, já que poderia resultar em alguma revolta armada dos negros. Nas décadas de 1940 e 1950, Chappell (2008) relata que era habitual que crimes ofensivos, como linchamentos a negros, fossem condenados pelos brancos. Todavia, esses brancos afirmavam que o fato de não proteger os crimes hediondos era uma prova de que o racismo havia acabado nos Estados Unidos.

Os jornais liberais buscavam, de acordo com Chappell (2008), ganhar o apoio dos negros e condenava os crimes de grande violência motivados por questões raciais. Entretanto, apesar de suspostamente apoiar um direito humano igualitário, devido a essas matérias sobre violência racial, eles não abordavam a necessidade de se pôr fim à segregação racial, por ser tida como algo normal. Chappell (2008) ressalta que a mensagem transmitida por esses jornais nas décadas de 1940 e 1950 era que atrocidades, degradação e humilhação eram fatos de uma violência anormal contra a sociedade e não um resultado da segregação que qualificava raças como superiores ou inferiores.

> "Na época, os liberais – incluindo a NAACP – concordavam que o crime de linchamento estava em drástico declínio, com somente um ou dois por ano nos princípios dos anos 1950. Essas estatísticas (como sabemos agora, graças ao historiador Chris Waldrep) estavam completamente erradas. Ademais, o linchamento legal, como alguns já estavam chamando a pena capital, poderia simplesmente ter feito o trabalho da turba de forma mais eficiente: a pena de morte, tanto naqueles tempos quanto hoje, foi aplicada primordialmente a homens negros do sul" (CHAPPEL, 2008, p.76).

Chappel (2008) aponta que a legitimidade de qualquer ação de diferenciação racial só começou a ser destituída a partir do nascimento e fortalecimento de grandes movimentos revolucionários de afro-americanos do Sul do País. O movimento ganhou líderes como o jornalista Malcom X, que defendeu na imprensa o Nacionalismo Negro, filosofia que defende reafirmação racial, para criação da identidade nacional. As declarações de Malcom X provocaram a reprovação da maioria dos brancos, entretanto, alguns deles passaram a se sensibilizar com os crimes cometidos contra os negros. Segundo Chappel (2008), *"a pressão durou tanto que forçou o governo dos Estados Unidos a tomar atitude radical de destruir a segregação e o sistema de privação de direitos".* Dessa forma, a segregação foi retirada da legislação norte-americana com a homologação do Ato dos Direitos Civis de 1964.

Outro país que legitimou o racismo foi à África do Sul e em uma época mais recente. O *apartheid* foi legitimado naquele país em 1948, com a vitória do Partido Afrikaner nas eleições nacionais daquele ano. O Partido dividiu o país em nações, fazendo com que a África do Sul fosse um país dividido em vários estados, que eram determinados a partir da cor, como relata Teles (2007).

> "Por volta dos anos 40, o Partido Nacional *africâner* passa a monopolizar e cria o *apartheid* como forma de regime político. Em 1948, o *apartheid* se transforma em princípio da constituição nacional e durante a década de 60 intensifica-se a separação territorial e de direitos civis entre brancos e negros. Entre as novas normas estão a proibição do casamento inter-racial e os ofícios

> exclusivos para brancos. Inicia-se a classificação da sociedade em três grupos: brancos – *white* (descendentes europeus), negros – *black* (africanos) e as pessoas de cor – *colored* (asiáticos e indianos ou nascidos da mistura dos grupos anteriores). (TELES, 2007, p.92-93).

Teles (2007) conta que em 1951 foram criados os estados exclusivos dos negros e eles puderam votar para escolher os administradores dos seus territórios, tendo certo grau de cidadania. Entretanto, eles só poderiam sair desses espaços com um documento, que garantia a locomoção pelo resto do país. No meio dessa desigualdade, muitos negros se revoltaram contra o sistema de segregação. O mais notável líder negro foi Nelson Mandela, que comandou vários movimentos pela libertação dos negros e foi preso por diversas vezes e condenado a prisão perpétua em 1964. Solto em 1990, ele é recebido por uma multidão. Ele se tornou figura pública e em 1992, um referendo de brancos aprova, com 68%, as reformas no País. Teles (2007) relata que Mandela é eleito presidente em 1994 e institui o fim do *apartheid*, levando a África do Sul para uma democracia plena.

Atualmente, não existe racismo legitimado em nenhum país. Lima e Vala (2004) afirmam inclusive que "*recentemente tem-se verificado uma condenação social aberta às formas mais tradicionais e flagrantes de racismo*" e, por conta disso, os estereótipos negativos relacionados aos negros têm diminuído. Todavia, o preconceito vem ganhando novas formas na conjuntura social atual, na sequência da herança racista existente. Lima e Vala (2004) ressaltam que as novas formas de preconceito são formadas tanto no âmbito institucional, como interpessoal. Os autores denominam e teorizam sobre as novas formas de racismo que eles ressaltam existir na sociedade atual, como racismo moderno, racismo simbólico, racismo aversivo, racismo ambivalente, preconceito sutil e racismo cordial.

O racismo moderno é, segundo Lima e Vala (2004), uma teoria que *"surge de uma necessidade empírica: medir as atitudes raciais públicas dos indivíduos, quando as normas sociais inibem as expressões abertas de racismo"*. De acordo com os autores, é utilizado ainda o pensamento de que os negros recebem mais do que merecem e, por isso, violam valores importantes para os brancos. Essa teoria é sintetizada por McConahay (1986) em quatro fundamentos básicos:

> "a) a discriminação é uma coisa do passado porque os negros podem agora competir e adquirirem as coisas que eles almejam;
> b) os negros estão subindo economicamente muito rápido e em setores nos quais não são bem-vindos;
> c) os meios e as demandas dos negros são inadequados ou injustos;
> d) os ganhos recentes dos negros não são merecidos e as instituições sociais

> lhes dão mais atenção do que eles deveriam receber". (MCCONAHAY, 1986, p.104)

Lima e Vala (2004) abordam que o racismo simbólico é uma forma de resistência dos brancos, diante de uma conjuntura social, de abertura para os negros. Para esses, os negros representam uma ameaça social, mas não em valores econômicos, mas sim em questões morais, por não terem os mesmos princípios de valores e de cultura do grupo dominante. Lima e Vala (2004) fazem uso dos estudos de Kinder e Sears (1981), para definir que *"esta forma de racismo se baseia em sentimentos e crenças de que os negros violam os valores tradicionais americanos do individualismo ou da ética protestante (obediência, ética do trabalho, disciplina e sucesso)"*.

Outra forma de preconceito que Lima e Vala (2004) afirmam existir na atualidade é o racismo aversivo. Segundo os autores, essa forma de preconceito é vivenciada por conservadores brancos que acreditam na dificuldade de incluir os negros em uma sociedade democrática, por não terem os mesmos valores do protestantismo. Dessa forma, criam-se estereótipos e preconceitos para com as pessoas negras e se tem aversão a um contato próximo, por conta da imagem marginal que foi construída. As pessoas que têm o preconceito aversivo não tem sentimento de ódio ou pratica violência contra pessoas negras, mas tem um pensamento negativo, de medo e nervosismo.

O racismo ambivalente é uma teoria, que segundo Lima e Vala (2004), surge de orientações morais em conflitos. O indivíduo que tem o racismo ambivalente possui um pensamento de que o negro está em uma escala social menor, mas ao mesmo tempo busca valorizar a imagem pessoal, dada a importância que confere à igualdade social. Com isso, reage com gestos demasiado simpáticos em relação ao negro, mas também pode conviver com uma situação em que espontaneamente se sente desconfortável com a presença de um negro.

Lima e Vala (2004) ressaltam que diversos autores europeus demonstram preconceitos contra grupos exógenos ou externos e de uma forma sutil. O denominado preconceito sutil tem como alvo minorias oriundas das antigas ex-colônias de países europeus. Os autores afirmam que se trata de um preconceito indireto que tem como um dos seus princípios o pensamento de que os grupos exógenos não possuem os valores tradicionais e agem de forma incorreta. Eles partem do princípio de que o comportamento deles é o correto e esses grupos externos não se esforçam para se adequarem.

Os autores afirmam ainda que outro princípio que faz o preconceito sutil existir é

"a dimensão do exagero das diferenças culturais, que se refere à percepção de que o exogrupo é culturalmente muito diferente do endogrupo", incluindo valores sexuais. Por fim, existe ainda uma rejeição e uma negação das emoções positivas manifestadas por aqueles que vêm de fora. Os grupos exógenos são geralmente bem mais simpáticos do que os europeus e existe uma rejeição dessa relação interpessoal afetiva.

Lima e Vala (2004) ressaltam que as cinco formas de racismo da atualidade abordadas *"resultam de estudos realizados em sociedades definidas como "bi-raciais", nas quais a definição entre as diferenças se faz pela simples percepção de grupos exógenos, como no caso da Europa; ou por meio de uma explícita e institucionalmente definida "marca interna" de diferenciação, com base na ascendência "racial", como no caso dos EUA"*.

O quadro de divisão bi-racial não é o mesmo do Brasil, que teve várias raízes raciais e cruzamentos que geraram uma miscigenação no país, tornando-o multiétnico. Os autores afirmam que esse contexto faz existir no país o racismo cordial, que *"se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho "racial"".* Dessa forma, a relação entre as diversas raças são aparentemente cordiais, mas resultam em discriminação e exclusão de pessoas negras da sociedade, tanto em aspectos profissionais, como também em locais representativos, como a mídia.

1.3 Racismo no Brasil

Para Guimarães (1999) levantar um debate sobre racismo no país é abordar um tema que foi considerado por muito tempo um tabu. O Brasil tem a bandeira da democracia racial como um dos principais orgulhos da nação, para fortalecer a imagem de povo civilizado.

Boa parte da população brasileira defende que existe uma democracia racial, como descreve Guimarães (1999). Um dos fatores que fortalecem essa tese é a grande miscigenação nacional. O país teve intensa miscigenação racial devido às relações sexuais que tiveram entre negros, brancos e indígenas, proliferando uma boa parte da população de raça parda, que é justamente o resultado dessas misturas das demais raças.

Após a abolição da escravidão, decretada com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1988, o país também não viveu nenhuma legislação que determinasse

separação por raça ou etnia, como aconteceu em países como a África do Sul, que teve o *apartheid*, ou os Estados Unidos, com a segregação racial. O Brasil não vivenciou no Século XX discriminação explícita como nesses países, sendo que o direito constituinte nacional não distingue raças, gênero, etnia, ou outras características.

Essa legislação ajuda a fortalecer uma imagem de democracia racial, para os defensores dessa teoria. A ideia é de que se a legislação vigente possibilita a ascensão para todos, então não existe motivos para reclamar de diferenciação. Andrews (1998) relata, no entanto, que a história do Brasil é marcada pela escravidão, que, segundo o autor, foi *"a mais extrema das formas de opressão racial na história brasileira"*.

O período de escravidão durou 388 anos de escravidão e ocorreu entre os anos de 1500 a 1888. Andrews (1998) afirma que essa exploração deixou resquícios de uma mentalidade na qual se qualifica o negro como sendo um ser inferior ao branco para muitos brasileiros.

Debater sobre essa temática se torna complicado, quando uma elite pensante branca domina a sociedade e busca construir um pensamento na sociedade, de que o racismo é algo do passado. Assim, o debate sobre o racismo é ausente na sociedade atual, como também fora no período da escravidão. Segundo Santos (1985), a escravidão no Brasil aconteceu com muita violência contra os negros, fazendo com que lhes fossem retirados os sentimentos de dignidade e importância como seres humanos, que tinham quando foram capturados na África. O autor ressalta ainda que naquele período a exclusão de qualquer debate para diminuir a violência contra os negros era substituída pelo argumento de que não se tratavam de pessoas.

De acordo com Domingues (2007), existem técnicas para não intensificar esse debate e uma delas é a de não ser fidedigna a história de revolucionários negros. Frübel (2013) relata que os livros didáticos mistificam a história de Zumbi, não apresentando como um revolucionário, como realmente aconteceu. Zumbi dos Palmares foi um homem negro e escravo que liderou a fuga de escravos em massa, ao ponto de ser formada a comunidade dos Palmares, na Capitania de Pernambuco (atualmente na cidade de União dos Palmares em Alagoas). A área era equivalente ao território de Portugal, com uma população de cerca de 30 mil pessoas. Entretanto, os livros chegam a mistificar a história do Zumbi, para se criar a informação na mente dos estudantes de que não foi uma história de uma luta totalmente real. Para Domingues (2007), educar crianças mostrando que um revoltado com a realidade social não foi um grande herói é uma forma para que não surjam pessoas com estímulo para lutar por novas revoluções

na sociedade atual. Dessa forma, se minimiza a imagem de um revolucionário negro, enfatizando também mais a sua morte do que as conquistas, para fazer uma analogia de que não adianta lutar por melhorias atuais.

Bem como não se valoriza a história de Zumbi, outras formas são criadas para não se debater intensamente sobre o racismo no Brasil. Andrews (1998) afirma inclusive que os grupos que reclamam da existência de racismo no Brasil chegam a ser ignorados. O reclamante insatisfeito com o racismo é até visto como alguém que busca uma justificativa por não ter conseguido uma qualificação e consequentemente um espaço de destaque na sociedade, uma vez que não há legislação em vigor que proíba a ascensão dos negros.

> "Se os negros fracassaram em sua ascensão na sociedade brasileira, evidentemente isso foi por sua própria culpa, pois essa sociedade não reprimiu nem obstruiu de modo algum o seu progresso. A realidade continuada da pobreza e marginalização dos negros não era vista como uma refutação da ideia de democracia racial, mas sim como uma confirmação da preguiça, ignorância, estupidez, incapacidade etc., o que impedia os negros de aproveitar as oportunidades a eles oferecidas pela sociedade brasileira". (ANDREWS, 1998, p.210).

Segundo Guimarães (1999), muitos brasileiros apontam que o Brasil não existe racismo. A autora afirma que esse pensamento é equivocado e serve exclusivamente para esconder o importante debate sobre essa temática na sociedade brasileira. Para o autor, o racismo brasileiro não é explícito, não é fundamentado em leis, mas acontece de forma silenciosa e, ao mesmo tempo, está espalhado e forte em todo o país.

O racismo silencioso brasileiro está, para Guimarães (1999), em vários privilégios dados exclusivamente por pigmentação de cor, mas de forma não explicita. O autor argumenta que essa diferenciação está inserida, por exemplo, na oportunidade dada ao branco, quando colocado em iguais condições ao negro, para se conseguir um emprego.

A escolha de atores brancos, para os principais personagens de telenovelas, as diversas formas de piadas pejorativas contra negros ou ainda a construção de um padrão de beleza voltado para uma pessoa loira e branca são formas que contribuem para existência do racismo. As mensagens implícitas e repetitivas geram insatisfação de grupos negros, que se sentem excluídos de um padrão social, considerado adequado. Essas recorrências de mensagens positivas para uma raça, em detrimento de outra cria uma mensagem subliminar de que o branco é melhor, como argumenta Dzidzienyo (1971).

> "A distorção de que o branco é melhor e o preto é pior e que, portanto, quanto mais perto do branco, melhor. A força desta opinião sobre a sociedade brasileira é completamente perversiva e abarca a totalidade dos estereótipos, dos papéis sociais, das oportunidades de emprego, dos estilos de vida e, o que é mais importante, serve como pedra de toque para a sempre observada 'etiqueta' das relações raciais do Brasil". (Dzidzienyo, 1971, p.3).

Falar abertamente de forma discriminatória não é característica do brasileiro, até mesmo porque existe uma legislação em vigor no Brasil para se condenar essa atitude. A legislação brasileira conta com duas leis que abordam sobre a temática. A lei 7716, de 1989, aborda o racismo e a lei 9459, de 1997, que visa a injúria racial.

O processo legislativo com vista a condenação do racismo no Brasil foi bastante lento. Entre a abolição dos escravos e a primeira lei para condenar o racismo se passaram 63 anos e tinha punições muito brandas. Segundo Bonatto (2008), a Lei Afonso Arinos, de 1951, determinava que *"ofender ou discriminar alguém por causa de cor da pele era apenas contravenção penal, ou seja, um ato reprovável, com punição de no máximo três meses de prisão. Não se tem notícia de que algum racista tenha sido punido pela Lei Afonso Arinos"*.

Além disso, a maior parte dos itens da Lei Afonso Arinos já previa reversão em multas e, por ser apenas contravenção penal, não poderia haver a punição mais de uma vez. Ainda segundo Bonatto (2008), a Lei criada pelo deputado mineiro do mesmo nome ganhou outras versões, nomeadamente em dezembro de 1985, quando as contraversões penais foram ampliadas não apenas para crimes de cor, mas também de sexo e estado civil. Mesmo assim, com pouca serventia para a sociedade, já que as punições não aconteceram de fato.

Dessa forma, apenas com a Constituição que entrou em vigor em 1988 e reformulou a legislação nacional de uma forma globalizada, passou o racismo um crime inafiançável. Bonatto (2008) argumenta que a demora em se condenar o racismo no Brasil facilitou a proliferação desse mal social. Ele afirma que, na verdade, a luta é para mudar a consciência de forma que não sejam necessárias as leis.

> "Entre a primeira versão da Lei Afonso Arinos, em 1951, e a criminalização do racismo, lá se foram quase 40 anos. E entre a Abolição e a criminalização, um século. Quantos anos ainda serão necessários para que essas leis sejam aposentadas por não haver mais razão para que existam". (BONATTO, 2008, p.48).

A Constituição de 1988 surge para garantir a democracia no Brasil, que vivia um processo de reformulação política e social, desde o fim da ditadura militar em 1985. A Constituição também concede o direito de cidadania aos brasileiros em um sistema

democrático e combate qualquer lesão ou ameaça de lesão aos direitos. Segundo Bonatto (2008), uma das normas foi estabelecer a igualdade perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, para todos os brasileiros e residentes do Brasil. Com isso, não é aceito qualquer restrição do direito à vida, à liberdade, à igualdade, etc. Além disso, o crime de racismo passa a ser inafiançável e sujeito a prisão.

Em 05 de janeiro de 1989, entra em vigor a lei 7.716, que aborda sobre o racismo. A lei está vigente até a atualidade. Trata-se de crime inafiançável e que prevê prisão de um a cinco anos de cadeia sob regime fechado, como aponta a legislação brasileira[15].

A legislação foi criada com 22 artigos, sendo que quatro foram vetados. O artigo número 1 aponta que *"Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional".* O artigo número 2 foi vetado. Nos artigos 3 e 4, a lei aponta que é crime de racismo impedir o acesso à um emprego público ou privado de alguém devidamente habilitado, como também negar a ascensão na carreira, por conta dos mesmos critérios. Nos artigos número 5, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 a lei 7.716 enquadra como crime a recusa de acesso a vários locais por conta de questões raciais, como estabelecimentos comerciais, hotéis, pensões, restaurantes, cabelereiros, edifícios públicos, transportes públicos, etc. O artigo 6 coloca como crime de racismo o impedimento de matrículas em instituições de ensino, já o artigo 13 aborda que não se pode proibir o alistamento nas Forças Armadas, por conta do preconceito ou discriminação. Enquanto isso, o artigo 14 rege que é crime impedir o casamento ou convivência familiar e social. O artigo 20 afirma que é também crime de racismo *"Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional"*.

O artigo 16 aborda sobre as consequências desses crimes e afirma que *"Constitui efeito da condenação a perda do cargo ou função pública, para o servidor público, e a suspensão do funcionamento do estabelecimento particular por prazo não superior a três meses".* Entretanto, o artigo 18 afirma que não são punições automáticas e devem ser decretada na sentença. O artigo 21 ressalta que essa lei entrou em vigor a partir da data de publicação, em 21 de setembro de 1990 e o último artigo, de número 22, determina que *"Revogam-se as disposições em contrário"*.

Os artigos 1 e 20 da lei 7.716, sobre racismo, foram enquadrados na lei 9.459,

[15] Informação extraída do site do Governo Federal Brasileira, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm - acesso em 09/05/14

criada em 1997, que trata sobre injúria racial. A injúria é um crime mais brando e também mais recorrente. A injúria é o ato de destratar alguém, por alguma característica física. De acordo com a legislação, esse crime acontece quando há *"discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional"*. Esse crime existe também ao "*praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*". A injúria racial prevê punição de um a cinco anos de reclusão e multa. Porém, em alguns casos a sentença pode prevê que condenações desse gênero sejam revertidas em multas ou penas alternativas[16].

Por conta da legislação em vigor, é cada vez mais difícil um brasileiro admitir ser racista abertamente, como traça Guimarães (1999). A sociedade já admite inclusive que existe o problema do racismo no Brasil, mas as punições previstas fazem com que o brasileiro evite admitir ter algum tipo de preconceito. Santos (2007) aborda que inequívoco racismo brasileiro já não é negado pela maioria da população brasileira, apesar de ser muito difícil encontrar quem realmente admite discriminar negros.

Turra e Venturi (1995) comprovam em números que o brasileiro reconhece o racismo no País, mas não se identifica como racista. Os autores relatam uma pesquisa em que 89% da população admite que o Brasil é um país racista, apesar de apenas 10% reconhecerem ter algum tipo de preconceito. O estudo faz parte de um balanço do Instituto Datafolha, que mostra a situação do racismo no Brasil e foi lançado em 1995. O trabalho é intitulado de *"Racismo Cordial – A maior e mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil"*.

O balanço apresentado pelo Datafolha é de que ficou comprovada algo simples e previsível: "*O Brasil é um país racista contra pessoas negras*". No entanto, apesar de se mostrar uma constatação simples, o Instituto ressalta que se trata de uma forma para comprovar cientificamente esse estudo e servir para outros estudos, já que o Datafolha apresentou o trabalho como pioneiro, no ano de 1995.

> "Números e limites desse racismo foram identificados. Mapearam-se frases e atitudes racistas ou intolerantes contra negros – inclusive dos próprios negros, que também mostraram preconceito contra integrantes da etnia. Infelizmente, como não havia trabalho anterior e da mesma amplitude, não foi possível uma comparação com outros períodos da história do Brasil. Agora isso é viável. O Estado, os movimentos organizados da sociedade civil e estudiosos do assunto poderão, no futuro, usar o trabalho do Datafolha para avaliar o efeito de políticas postas em práticas no país para diminuir o racismo". (TURRA e VENTURI, 1995, p.5).

[16] Informação extraída do site do Governo Federal Brasileira, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm - acesso em 09/05/14

Os estudos sobre o racismo têm avançado bastante e várias publicações sobre o tema já foram lançadas. Rocha (2011) aponta que a exclusão se reflete na composição da elite brasileira, que é formada em sua maioria por brancos. Eles se apropriam das melhores oportunidades de emprego ou até mesmo de empregos secundários, deixando os negros com os empregos subalternos. O autor faz uso de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para mostrar os números do desemprego por etnias e detecta que a maior parte das pessoas que estão na miséria no Brasil são negros.

> "A desigualdade se mostra em muitas áreas. No mercado de trabalho, por exemplo, temos a prova de maior desigualdade: os negros ganham, em média, a metade do salário dos brancos. Segundo o IBGE/90, o rendimento médio nacional entre negros e brancos, em salários mínimos, é de: homem branco – 6,3, homem negro – 2,9; mulher branca – 3,6, mulher negra – 1,7. As mulheres negras ocupadas em atividades manuais perfazem um total de 79,4%: emprego doméstico – 51%, lavadeiras, passadeiras, cozinheiras e serventes – 28,4%; nas demais atividades: secretárias, recepcionistas e vendedoras 7,4%; funções administrativas, técnicas, científicas e artísticas – entre 5,3 e 10%. (ROCHA, 2011, p.60)".

Ainda de acordo com Rocha (2011), a diferença de remuneração e de oportunidades, é fruto da discriminação, que é fator primordial para gerar a miséria entre os negros. O autor afirma inclusive que não houve avanços históricos na discriminação de que os negros são incompetentes. Como não têm as melhores oportunidades sociais, os negros não estão nos principais quadros da sociedade. O preconceito contribui para maquiar a realidade e apontar que isso é resultado de falta de capacidade intelectual, quando, para Rocha (2011), é consequência da exclusão social. O autor argumenta que a realidade seria diferente caso as oportunidades fossem iguais. Ele afirma ainda que o resultado dessa exclusão é que 68,85% dos indigentes brasileiros são negros e 63,63% dos pobres do país também são negros.

O resultado da discriminação é comprovado também através de uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Segundo Santos (2007), o Brasil ocupava a 74ª posição no IDH no levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU). Entretanto, analisando separadamente as informações de brancos, pretos e pardos, sobre renda, educação e esperança de vida ao nascer, o IDH nacional dos pretos e pardos despencaria para 108ª posição. Enquanto os brancos elevariam o Brasil para a 48ª colocação.

> "O IDH nos indica que há dois países no Brasil, quando desagregamos por cor/raça a população brasileira. O Brasil branco, não discriminado racialmente, e o Brasil negro, discriminado racialmente, que acumula desvantagens em praticamente todas as esferas sociais, especialmente na educação e no mercado de trabalho, em função do racismo". (SANTOS, 2007, p.15).

1.4 Racismo na mídia brasileira

A discriminação na mídia é uma atitude condenável no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros[17]. Esse Código foi criado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). O artigo VI aborda sobre os deveres do jornalista e aponta no item XI, que uma das missões é defender os negros e minorias, assim como o inciso XIV afirma que o profissional deve combater a prática de perseguição, por motivo de raças, gêneros, entre outros.

> "É dever do jornalista (...) defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias". (Item XI do artigo VI do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, publicado em 04 de agosto de 2007).

> "É dever do jornalista (...) combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza." (Item XIV do artigo VI do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, publicado em 04 de agosto de 2007).

O Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) constata que os negros e pardos formam a maioria da população brasileira[18]. Segundo o Instituo, os negros e pardos representam 50,7% da população brasileira. Entretanto, Ramos (2002) contesta que essa maioria não significa uma atuação na sociedade, já que o regime vigente no Brasil exclui essas raças, para valorizar os brancos, sendo que o afastamento de negros é visto tanto em universidades, como na cultura e nos meios de comunicação.

> "Não basta que os livros e jornais publiquem que a maioria da população brasileira é de pessoas negras. E que digam que os negros e os indígenas formam a base de sustentação racial da composição étnica da sociedade brasileira. É preciso que haja visibilidade, e que tenhamos essa visibilidade, não pura e simplesmente com a criação de leis, que são necessárias e que devem ser efetivamente cumpridas, mas pela criação de mecanismos através dos quais o negro garanta a sua presença na universidade, a sua presença nos meios de comunicação, a sua presença física também, e cultural, a sua expressão, a sua imagem." (RAMOS, 2002, p.60).

[17] Código disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf - Acesso em janeiro de 2013.

[18] Dado disponíveis no site do Jornal do Brasil: http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/11/16/populacao-negra-e-parda-passa-a-ser-maioria-no-brasil-mostra-ibge/ - Acesso em 10 de janeiro de 2013.

O Código de Ética garante igualdade de tratamento das raças e ainda ressalta a importância de destacar os negros e as minorias. Além disso, os dados estatísticos oficiais apontam que negros e pardos são as etnias mais presentes no Brasil. No entanto, Rocha (2011), afirma que a orientação do Código de Ética não é cumprida na imprensa brasileira. O autor aponta para existência de um processo de escolhas intencionalmente para o favorecimento da elite pensante. Os donos de empresas de mídia são ricos e, muitas vezes, brancos. Sendo assim, o conteúdo da programação é desenvolvido para o favorecimento desse perfil elitista, como sendo o ideal. Rocha (2011) argumenta assim que a escolha das matérias é um processo ideológico, que sofre interferência de uma série de questões econômicas da elite branca que domina a sociedade e, por isso, não há igualdade na exploração das raças.

> "Escolher esta matéria ou aquela é um processo ideológico. A maioria dos publicitários no mundo ocidental é branca, de classe média, pertence a grupos dominantes, e isso reflete na elaboração de notícias, contribuindo para a reprodução de consenso da ideologia profissional e social, que subjazem no processo de elaboração de notícias". (ROCHA, 2011, p.63).

A estrutura na qual os meios de comunicação são formados contribui para a proliferação de ideias elitistas. Almada (2012) analisa que a imprensa brasileira em geral não cumpre o papel de ser um bem público, prestador de serviços à comunidade. As empresas de comunicação, sobretudo de radiodifusão, são concessões públicas autorizadas pelo Governo Federal, para que sejam administradas por grupos que devem cumprir o papel de prestar serviço informativo e imparcial para a comunidade. Todavia, a autora constata que essas concessões são entregues a grupos familiares inseridos na política e na classe dominante empresarial, que, em sua maioria, também conseguem as concessões através de influências políticas no Governo Federal. Almada (2012) argumenta que essa ligação com políticos faz com que as rádios sirvam aos interessem desses grupos, divulgando informações que os beneficiem. Com isso, é ampliada a popularidade do grupo político dono da concessão e as emissoras trabalham estrategicamente para um objetivo particular, quando teriam sido criadas para beneficiar a comunidade, com informações de interesse público.

> "Os meios de comunicação no Brasil são administrados como bens patrimoniais de natureza familiar. São gerenciados por elites descendentes dos grupos sociais que, no passado histórico do país, sempre gozaram de privilégios (inclusive o de formular e legitimar enunciados sobre o Outro e de difundi-los nos espaços de afirmação dos discursos sociais, a literatura científica e ficcional, entre eles) e que perpetuam, agora, através de aparatos tecnológicos cada vez mais sofisticados, mitos e estereótipos ainda fortemente

> presentes no imaginário coletivo. É deste imaginário que são absorvidas, reelaboradas e retransmitidas pelo *mass media,* representações carregadas de juízos de valor negativos sobre parcelas da sociedade" (ALMADA, 2012, p.26).

Almada (2012) enfatiza que os pardos e pretos constituem mais de 50% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas é minoria na mídia e também em locais de privilégio ocupados por uma elite pensante. Um dos resultados dessa falta de oportunidades é a proliferação de valores negativos, sobre os excluídos, que não encontram meios para defender-se e enfatizar a sua importância social. A falta de espaço nos meios intelectuais é resultado justamente da diferença social, já que os explorados e mais pobres são conduzidos à exclusão das principais decisões da sociedade.

Marx e Engels (2007) já haviam analisado que o pensamento dominante de uma época era o pensamento da classe dominante. A imprensa é o meio de se propagar a ideia dessa classe dominante, através de mensagens diretas ou subliminares de valorização da elite, da raça branca e de um padrão construído pelos opressores que os possa beneficiar. A teoria de Marx e Engels foi construída no Século XIX, mas é retomada nos estudos de Rocha (2011), que destacam a construção de um pensamento ideológico dominante, construído por uma elite e disseminado através da mídia.

> "Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época." (MARX; ENGELS, 2007, p.47).

Uma das formas de fortalecer o preconceito é através do processo de invisibilidade. Ramos (2002) afirma que a exclusão dos negros da mídia faz parte do processo de invisibilidade, para que a raça negra não seja vista pela sociedade e seja esquecida na escolha das principais funções da sociedade.

> "A invisibilidade é uma das grandes crueldades do racismo. É lamentável que tenhamos que levantar bandeiras dessa natureza em uma sociedade que compreende e reconhece que os negros, indígenas e brancos formaram a nossa civilização brasileira, mas que nos considera invisíveis e que pensa que somos poucos, contáveis, identificáveis aqui e acolá, perdidos neste país, no Parlamento brasileiro, em uma Assembleia Legislativa, numa Câmara dos Vereadores ou numa Fundação dos Palmares." (RAMOS, 2002, p.60).

As consequências negativas desse processo de valorização de uma raça e, consequente, desvalorização das demais gera questões como preconceito e até mesmo

não identificação de pessoas negras com a sua própria etnia. Muller (2012) aponta para a criação de diversos estereótipos negativos sobre a raça negra, por conta da recorrente simbologia apresentada enfatizada na mídia, em que o negro é associado à imagem de ladrão ou somente a pessoas carentes.

> "A apresentação da população negra em noticiários, telenovelas, peças publicitárias e jornalísticas é submetida à acurácia das pesquisas acadêmicas, que deslinda não só as mídias, como o novo saber da atualidade, mas, ainda, o quanto são responsáveis pelo silenciamento do racismo e na perpetuação de estereótipos, esquivando-se sempre da função de esclarecimento histórico, social e político. As apresentações do negro como criminoso e carente na periferia ou modelos isolados de superação nos noticiários, famílias pobres ou empregadas domésticas na telenovela." (MULLER, 2012, p.18).

A crise de identidade chega ao ponto do negro se julgar como descendente ou originário de outra etnia, como retrata Rocha (2011). Buscar se identificar com a raça branca, mesmo sendo negro, é lutar por maior poder e valorização dentro da sociedade brasileira, que coloca a etnia branca em primeiro plano e com maior acesso aos principais locais da sociedade.

A diferenciação entre raças também pode ser vistas nas telenovelas do Brasil. A telenovela é um dos principais produtos culturais da mídia brasileira e é um modelo representativo para mostrar a composição da sociedade brasileira. Nela, a imagem do negro é historicamente ligada a personagens de escravos ou moradores de periferias. Segundo Araújo (2000), as telenovelas sempre tiveram a presença de várias classes sociais, mas a ênfase está para as classes médias e os ricos, sempre ligados a pessoas brancas. A imagem do negro é a de figurantes, empregados ou anjo-da-guarda do personagem principal, que é geralmente branco.

A valorização dos brancos e ricos nos papéis de protagonistas das dramaturgias surge, ainda de acordo com Araújo (2000), na década de 30 nas *soap-operas* norte-americanas e prossegue quando o gênero televiso chega ao Brasil na década de 1950. O debate para a maior inclusão dos negros segue até os dias atuais.

De acordo com a Revista Raça Brasil, de dezembro de 2013, a telenovela é a principal indústria audiovisual e dramatúrgica do país e uma análise sobre a representação dos atores negros em quase 50 anos de história da telenovela brasileira traz à tona a decadência do mito da democracia racial. Isso porque a maioria dos grandes atores negros fez, em algum momento da carreira, papéis de negros ou serviçais em telenovelas, mesmo os que chegaram à televisão com uma carreira sólida no teatro

ou cinema, como Grande Otelo[19] e Lázaro Ramos[20].

A teledramaturgia "*Amor à Vida"*, exibida entre maio de 2013 e janeiro de 2014, tinha como um dos principais objetivos a quebra do preconceito e, para isso, trouxe no horário nobre das 21 horas, o primeiro beijo gay da Rede Globo de Televisão, a principal emissora de televisão brasileira. No entanto, a novela iniciou sem ter qualquer personagem negro. A Revista Raça Brasil, de dezembro de 2013, aponta que a não inclusão de personagens negros gerou contestação dos movimentos de afirmação afrodescendentes. Para esses movimentos, trata-se de uma contradição ter como temática a quebra do preconceito, quando não se tinha um personagem negro.

> "Começaram a circular na internet protestos dizendo que a emissora estava sendo racista, pois apesar dos personagens gays terem espaço, não havia atores afrodescendentes. À época, a Globo emitiu um comunicado afirmando que não dividia elenco pela cor de pele e que a escalação de novelas acontecia por compatibilidade artística com a personagem e a história.
> O movimento negro questionou o critério 'compatibilidade artística' usado pela emissora, uma vez que há um hall de artistas negros à disposição e de grande competência. O posicionamento da Globo levou a entender que há poucos negros em seu quadro de atrizes e atores e que nenhum deles tinha a personalidade compatível com os personagens desta novela". (REVISTA RAÇA BRASIL, 2013, p.48)

Ao longo da dramaturgia, foi inserida uma personagem negra, a atriz Ana Carbatti[21]. A Revista Raça Brasil relata que quando se especulou se foram às pressões dos movimentos negros que fez com que a Rede Globo incluísse a personagem, Ana Carbatti afirmou que a sua inclusão estava prevista desde o início do roteiro, mas que o debate sobre o racismo era interessante.

[19] Grande Otelo foi o pseudônimo adotado por Sebastião Bernardes de Souza Prata. Ele atuou como ator no cinema e televisão do Brasil. O brasileiro nasceu em 1913, em Uberlândia no estado de Minas Gerais e morreu em Paris no ano de 1993. Otelo iniciou no cinema em 1935 e atuou em mais de 100 filmes e 22 telenovelas. A Fundação Nacional da Arte (Funarte) possui o Acervo Grande Otelo desde 2007, em que, além de várias lembranças sobre os filmes, ainda conta com livros e músicas produzidos por ele, o que comprova outras paixões do artista.

[20] Lázaro Ramos é um ator, cineasta e escritor brasileiro, que nasceu em Salvador, no estado da Bahia. Ele nasceu em 1978 e estreou como ator no teatro, em 1993, na peça "*Ó, Pai, ó*". Dois anos mais tarde, passou a atuar também no cinema e em 2002 estreou na minissérie da Rede Globo "*Pastores da Noite*". Lázaro Ramos já trabalhou como ator em 19 produtos na televisão, entre minisséries e telenovelas, 20 filmes e 19 peças teatrais. Além disso, dirigiu três filmes. Ganhou mais de 20 prêmios individuais, como melhor ator de cinema e melhor ator de televisão do Brasil. Em 2012, estreou como escritor de peças infantis, com a peça "*As Paparutas*".

[21] Ana Carbatti é uma atriz brasileira, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1969. Ela atua em novelas desde 1999 e já participou de nove telenovelas, além de ter atuado em nove filmes.

CAPÍTULO SEGUNDO: O gênero rap e suas características

2.1 O hip hop: Origem e evolução

O hip hop é um termo que, de acordo com Rocha, Domenich e Casseano (2001), significa em uma tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop). O seu criador é o DJ Afrika Bambaataa[22], que, nos anos de 1960, utilizou esse termo para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York.

Ainda segundo as autoras, *"Bambaataa percebeu que a dança seria uma forma eficiente e pacífica de expressar os sentimentos de revolta e de exclusão, uma maneira de diminuir as brigas de gangues do gueto e, consequentemente, o clima de violência"*.

De acordo com Tella (1999), o hip hop é composto por quatro elementos: os MC´s (Mestres de Cerimônia), os DJ´s (disc-joqueys), a dança, que se manifesta pelo break e a pintura, expressa através do grafith. Segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001), o hip hop nasce de uma fusão de vários ritmos africanos, como o blues, o spiritual, o soul, o reggae e o funk.

Fochi (2007) ressalta que *"ao contrário do que pensam muitos leigos no assunto, o hip hop não é um gênero musical, apesar de ter fortes vínculos com a música"*. De acordo com o autor, a música representa apenas um dos meios de manifestação desta cultura, assim como é a dança e os demais elementos. Fochi argumenta também que o hip hop tem uma importância social e uma complexidade para ser entendida, que é bem mais complexa do que a sua tradução literal, que significa saltar e pular.

> "O hip hop é muito mais que música e dança, muito mais que pular e requebrar - significado literal da tradução em inglês do termo. Ele busca conscientizar, educar, humanizar, promover, instruir e divertir os moradores da periferia, além de reivindicar direitos e o respeito a esse povo" (FOCHI, 2007, p. 63).

Tella (1999) afirma ainda que o rap, que é a expressão musical do hip hop, surge um contexto de decadência urbana em Nova York. Inicialmente, era simplesmente uma forma de diversão, mas, que segundo o autor, transformou o contexto étnico, social e

[22] Afrika Bambaataa é o pseudônimo adotado por Kevin Donovan, um DJ norte-americano que nasceu em Bronx, no estado de Nova Iorque. Ele pe conhecido como o pai do hip hop, por ser o primeiro a adotar o termo e também organizou as bases técnicas e artísticas do movimento. Bambaataa criou vários raps, através de gravações de músicos, bem como liderou o movimento "Libertem James Brown", quando este artista estava preso. Brown foi o criador do soul e tido por muitos como o maior nome da história da black music. Bambaataa inclusive passou a trabalhar com James Brown. O DJ já lançou 19 discos e 12 singles.

econômico dos Estados Unidos em formas de diversão, denúncia e protesto.

O hip hop nasce nas periferias, que tinham como predominância os negros e pobres, visto que os Estados Unidos vivenciou por quase oito décadas um sistema de segregação, em que os negros moravam em locais de exclusão. De acordo com Tella (1999), os praticantes dessa arte eram pessoas que não tinham oportunidades de estar na mídia e nos principais locais de destaque da sociedade. Nesse contexto, o hip hop passa a ser uma forma de afirmação dos negros e pobres através da cultura, mesclando o bem-estar de se fazer cultura com a necessidade de contestação aos problemas vivenciados por eles. Zeni (2004) ressalta que o orgulho de se afirmar como negro através do rap tem uma ligação estreita com os direitos civis conquistados pelos negros nos Estados Unidos, que vivenciaram e conseguiram extinguir a segregação racial.

Guilherme (2008) relata que muitas músicas de rap são inspiradas nos discursos de líderes negros, como Malcom X[23] e Martin Luther King[24], líderes negros que lutaram pelos Direitos Civis, conquistados na década de 1960. Ainda de acordo com o autor, o rap ganhou força com a imigração dos jamaicanos para os guetos de Nova Iorque e Los Angeles. Eles buscavam escapar da pobreza em seu país subdesenvolvido, para ir atrás do sonho americano, de ter melhores condições de vida. Todavia, Guilherme (2008) ressalta que *"muitos não conseguiram o sucesso esperado, pelo contrário, o que encontravam em terras norte-americanas era preconceito de cor, condições insalubres, moradia e segurança, quase tão ruins quanto às condições encontradas de sua terra natal"*. As mesmas condições de vida encontradas por esses estrangeiros residentes nos Estados Unidos também eram vividas pelos negros norte-americanos. Com isso, eles se uniam para colocar aparelhos de som nas ruas e expressarem seus sentimentos em

[23] Malcom X foi o nome que ficou conhecido o revolucionário Malcom Litte e que depois mudou o nome para Al Hajj Malik Al-Shabazz. Ele nasceu em Omaha, nos Estados Unidos em 1925 e morreu em 1965. A mudança de nome aconteceu após uma viagem a Meca, a cidade sagrada dos islâmicos, em 1964. Malcom X teve uma adolescência entregue as drogas e as bebidas e foi preso cometendo assalto em 1946. Na cadeia, passou a estudar o islamismo, e quando saiu em 1952, se tornou um dos líderes negros mais carismáticos. O revolucionário defendia a separação das raças, a independência econômica e a criação de um Estado autônomo para os negros. Tinha o apoio da Nação Islã, quando defendia uma resistência violenta. Entretanto, após viajar para Meca, aceitou uma proposta de conciliação com os brancos. Foi morto com quatro tiros enquanto discursa em 1965 e o motivo não se sabe, mas a principal suspeita é de participação do próprio grupo Nação Islã. O livro autobiografia de Malcom X foi lançado ainda em 1965, logo após a sua a morte, e conta com parceria do escritor Alex Haley. A obra é considerada um dos dez livros de não-ficção mais importantes de todos os tempos, segundo publicou a influente revista Time em 1998.

[24] Martin Luther King Júnior foi um líder revolucionário negro, que nasceu em 1929 e morreu em 1968. A sua ideia de revolução era baseada em princípios de amor ao próximo e da religião, já que também era pastor protestante. Ele se tornou um dos nomes mais importantes na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e inspirou outros movimentos semelhantes por todo o mundo. Em agosto de 1963, Martin fez um discurso em Washington, para mais de 200 mil pessoas, defendendo a união e coexistência de harmonia entre os negros e brancos. Esse discurso ficou conhecido como "*Eu Tenho um Sonho*" e foi fundamental para a conquista dos Direitos Civis dos Negros, em 1964, já que pressionou as forças públicas a aprovar a nova legislação. Em uma pesquisa feita pela Universidade do Wisconsin em 1999, "*Eu Tenho um Sonho*" foi eleito como o discurso do século. Luther King era o odiado por segregacionistas do sul e foi assassinado por um deles em 1968, antes de uma marcha. James Early Ray assumiu o crime e depois negou. Para ele, Luther King era um traidor que atrasava o país economicamente e socialmente.

relação aos problemas sociais vivenciados nas cidades e bairros que viviam.

Rocha, Domenich e Casseano (2001) relatam que existe um questionamento se o hip hop é um movimento social ou uma cultura de rua. De acordo com as autoras, os integrantes do hip hop sabem diferenciar os itens que fazem parte do hip hop e os que não fazem, bem como avaliar os benefícios para uma juventude excluída, mas definir tal questão é uma grande dúvida que divide os integrantes do hip hop.

Andrade (1999) defende o argumento de que se trata de um movimento social, político e cultural do jovem negro, que se reúne através das músicas para se contrapor a cultura predominante. A autora observa inclusive que o hip hop permitiu o jovem excluído a desenvolver uma educação política, e consequentemente, o seu direito a cidadania. O argumento de que o hip hop é um movimento social tem como base, segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001), a tese de que o hip hop segue vários parâmetros que constituem uma movimentação organizada, para contestar a realidade vivida por eles.

> "Esse movimento social seria conduzido por uma ideologia (ou pelo menos por certos parâmetros ideológicos) de autovalorização da juventude de ascendência negra, por meio da recusa consciente de certos estigmas (violência, marginalidade) associados a essa juventude, imersa em uma situação de exclusão econômica, educacional e racial. Sua principal arma seria a disseminação da "palavra": por intermédio de atividades culturais e artísticas, os jovens seriam levados a refletir sobre sua realidade e a tentar transformá-la". (ROCHA, DOMENICH e CASSEANO, 2001, p.18).

Rocha, Domenich e Casseano (2001) afirmam que não é necessário obrigatoriamente haver uma diferenciação sobre o hip hop, entre as duas possibilidades de conceituação. O movimento social tem a característica de uma política organizada, com uma cartilha social antidrogas e antiviolência, mas segue aspectos de cultura de rua, até mesmo pela forma em que foi construída, nas ruas das periferias norte-americanas.

> "É preciso não esquecer que, originalmente, o hip hop é um conjunto de manifestações culturais: um estilo musical, o rap; uma maneira de apresentar essa música em shows e bailes que envolve um DJ e um MC; uma dança, o break; e uma forma de expressão plástica, o grafite. Também cabe, portanto, a caracterização do hip hop como uma cultura de rua, que é o conceito mais utilizado pelos seus próprios integrantes. Embora os hip hoppers também aceitem a idéia de movimento social, quando solicitados a responder "o que é o hip hop", a primeira definição que surge é "uma cultura de rua formada por quatro elementos artísticos: o break, o rap, o grafite e o DJ e o MC". (ROCHA, DOMENICH e CASSEANO, 2001, p.19).

De acordo com Fochi (2007), o hip hop encaixa-se nos dois conceitos e nasce como uma ferramenta para se enfrentar diversos problemas sociais dos bairros

periféricos, como violência, pobreza, tráfico de drogas, ausência de lazer e falta de acesso para educação. Por isso, é um movimento social que tem por objetivo enfrentar os problemas com os recursos da própria comunidade, sem depender de apoio externo ou incentivo governamental, já que o governo é o causador deste quadro social. Além disso, é uma cultura de rua formada na periferia e para a própria comunidade em uma mescla de arte popular.

> "Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do hip hop, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram". (FOCHI, 2007, p.62).

Essa cultura, segundo defende Faustino (2001), nasce da insatisfação do jovem negro com os problemas e com a exclusão dos principais meios da sociedade, incluindo a mídia. É expressão cultural que se rejeita ao glamour midiático, para trabalhar o viés de contestação. A busca é por conscientização e por criar uma alternativa, para o padrão midiático, construindo e trabalhando em projetos acessíveis, que vão além da própria música e demais vertentes do hip hop.

> "Se constata um fenômeno sociocultural em que, rejeitando a sedução do "ouro de tolo" oferecido pelo monopólio da indústria fonográfica fabricante de modismos comportamentais, muitos desses jovens organizam-se em posses, Brasil afora, realizando estudos e eventos, produzindo arte, interferindo na linguagem e na metodologia educacional, reivindicando políticas públicas e propondo resistência, independência, autenticidade, atitude.
> O hip hop não foi inventado pela mídia. Nasceu naturalmente, nas ruas, forjado em sangue, suor e lágrimas. Qualquer garoto ou garota que se proponha a trilhar seus caminhos conhece muito bem sua história e a de seus personagens-referência". (FAUSTINO, 2001, p.10 – Imput ROCHA, DOMENICH, CASSEANO).

2.2 Raízes culturais do hip hop

O hip hop é um fenômeno cultural recente, mas foi originário a partir de outros acontecimentos que formam a história da cultura negra. Tella (1999) observa que o caráter contestatório "*faz parte do perfil de resistência da música negra norte-americana, que, desde as work songs e os spirituals, tentam preservar e manifestar sua cultura"*.

Segundo Guimarães (1999), fazer música e dança não precisa de mais nada a não ser essencialmente o seu corpo. Por isso, desde o período da escravidão foi a forma

que as pessoas excluídas encontravam para se manifestar e interagirem. O rap, que é o ritmo musical do hip hop, por sua vez, é produzido de forma barata, podendo ser feito em estúdios caseiros. A música é praticamente uma conversa rimada entre o rapper e aquela pessoa que está ouvindo, sendo mais importante o conteúdo a ser falado, junto com a rima, do que equipamentos de sonorização. O grupo de rap norte-americano Stetsasonic[25] gravou a música "*Talkin´ All That Jazz*" (o título é uma expressão que significa algo próximo de "*Falando Tudo Sobre Jazz*") e afirma que "*Falar é barato*" ("*Talk is cheap*"). De acordo com Guimarães (1999), o intuito da mensagem do Steatsonic foi justamente mostrar que produzir aquela forma de arte é acessível, mesmo para as pessoas da periferia, devido ao seu baixo custo.

Essa característica de ser uma conversação se assemelha com as origens da cultura africana. De acordo com Guimarães (1999), *"sua forma discursiva, em que o cantor na verdade parece estar falando, remete à tradição africana de relatos orais, e não são poucos os estudiosos do rap que localizam na África a gênese desse estilo musical"*. No Brasil, o músico Rodrigo Vieira, o Marechal, inclusive gravou a música "*Griot*", que faz uma correlação entre o papel dos rappers e os griots, que eram contadores de história da África. Os griots eram sábios, que falavam sobre diversos fatos da cultura africana, do passado e do presente, e as pessoas se reuniam nas aldeias, para escutá-los por muitas horas. Dessa forma, Gomes (2009) inclusive faz uma analogia ressaltando que os rappers são os Griots da atualidade e buscam inspiração nos sábios do passado para as composições de suas letras, como também em toda cultura africana.

Tella (1999) defende que o rap é fruto da construção de uma identidade negra através da música. A história dessa expressão cultural nasceu no Século XIX, de acordo com o autor, através de gritos codificados, em que os chefes dos escravos não entendiam as mensagens e, por isso, passou a ser a forma de comunicação dessas pessoas escravizadas.

> "O grito (uma fala em via de se tornar um canto) foi a primeira forma musical encontrada pelos escravos para expressar suas emoções dentro do campo de trabalho. Por meio dele, o negro exteriorizava seus sentimentos. Servia também como forma de comunicação, inclusive nas ocasiões em que mensagens secretas tinham de ser transmitidas". (TELLA apud ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.129).

[25] Stetsasonic foi um grupo de hip hop americano formado em 1979, da cidade do Brooklyn, em Nova Iorque. A banda é lembrada como uma das componentes da primeira geração do hip hop. O grupo era conhecido por letras positivas, que incentivavam a cultura negra e foi uma das precursoras no hip hop alternativo e jazz hip-hop. O grupo lançou três discos e acabou em 1991.

Rocha, Domenich e Casseano (2001) fazem uso dos estudos do historiador Eric Hobsbawm, autor de *'História Social do Jazz'*, para relatar que o grito está presente em uma das formas mais importantes da música afro-americana, que é o spiritual. O spiritual, que foi criado, no século XIX, deu origem ao blues. Enquanto isso, o blues e o spiritual são a base do soul, que é o grande pai do rap.

Da mesma forma que o rap luta por igualdade social e econômica na sociedade atual, Vianna (1997) destaca que durante os anos 60, os músicos que produziam soul e funk contribuíram para a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, como também pela conscientização da população negra daquele país. O soul perdeu seu caráter político e o funk, por sua vez, deixou de ter um sentido pejorativo e se transformou em um símbolo do orgulho negro. A proposta do funk dos anos de 1960, segundo Vianna (1997), era de construir um estilo musical totalmente oposto ao que pregavam os brancos. Dessa forma, tratava-se de um som com ritmos pesados e arranjos agressivos, que visavam incomodar os brancos e rejeitá-los como parceiros musicais, a fim de se fazer uma afirmação dos negros através da música.

O rap nasce como uma evolução de várias vertentes e diferentes países. Por isso, mesmo tento originalmente dado os seus primeiros passos nos Estados Unidos, o rap não é unanimemente aceito como algo norte-americano. Milton Sales[26], antigo produtor do grupo Racionais MC´s, afirma, em entrevista a Rocha, Domenich e Casseano (2001), que o rap não é uma propriedade dos americanos e é resultado de uma mistura de música e cultura internacional.

> "O rap não é propriedade dos americanos. Tanto a música dos Estados Unidos quanto a do Brasil são a soma de várias coisas do mundo. Você pode falar que ele é pan-africano, porque ele é uma fusão, que vem do reggae, que nasceu com os caras tocando na Jamaica e que ouviam rhythm'n'blues de Miami.
> O som começou a se fundir, veio o ska, o rocksteady, depois o reggae. O scratch, por exemplo, surgiu antes na Jamaica", afirma ele. "O rap é importante pra gente e para o mundo porque não é de ninguém, é uma mistura com as batidas que vêm da África, que os americanos começaram, inspirados nos jamaicanos, mas não é americano. É do mundo". (SALES abut ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.133).

Ainda assim, o rap surge como ritmo musical definido nas periferias norte-americanas, para se difundir rapidamente por guetos de várias partes do planeta, como a Europa e o Brasil. Guimarães (2007) explica que essa expansão segue os moldes da

[26] Milton Sales nasceu em Guarulhos, no estado de São Paulo, em 1956. Ele foi fundador do MH2O (Movimento Hip-Hop Organizado) em 1989 e atuou como produtor do Racionais MC´s até 1995. Atualmente, coordena o projeto Companhia Paulista de Hip Hop, que tem o intuito de promover projetos e eventos de hip hop. Milton defende ainda o hip hop como forma de revolução negra e publicou na rede social Facebook, em maio de 2014, sobre a insatisfação em ver que líder dos Racionais, Mano Brown, defende que a revolução acabou e a preocupação é em ganhar dinheiro.

globalização, por conter características que são universais em periferias de todo o planeta.

> "O rap surgiu como uma música dos jovens negros dos bairros periféricos dos Estados Unidos e logo foi apropriado por jovens negros em periferias de todo o mundo. "Periferia é periferia em qualquer lugar" é o título de uma canção do grupo de rap Racionais MC's e resume a ideia de que em qualquer periferia, qualquer jovem negro e excluído está submetido às mesmas condições de vida. O rap procura fazer da música um instrumento de divulgação da violência e da discriminação, tornando-se um canal de comunicação entre a periferia e o resto da sociedade". (GUIMARÃES, 2007, p. 167).

Guimarães (2007) afirma que essa identificação global de um movimento que nasceu em um local específico faz parte da teoria da desterritorialização de culturas, que é justamente o fenômeno de pessoas de diferentes lugares criarem identificação cultural, com algo que nasceu em outro ambiente, por conta da comunicação.

> "A desterritorialização das culturas faz com que, mesmo estando espacialmente separados, os jovens de vários lugares do mundo criem novas identificações. Um dos exemplos dessas novas identificações pode ser localizado no movimento hip hop como um todo e mais especificamente no rap. Os meios de comunicação, a indústria fonográfica, a televisão a cabo e a internet, especialmente, tornaram-se os canais de "reunificação" das identidades culturais que se formam sem que o território da nação seja sua referência exclusiva. Com isso, outras identidades se sobrepõem de maneira cada vez mais contundente: a negra, a jovem, a excluída, a periférica". (GUIMARÃES, 2007, p.176).

Uma das características que pode identificar o rapper é o estilo de se vestir, que segue um padrão mundial, que o identifica facilmente, bem como cita Guimarães (1999). De acordo com a autora, *"o uso de agasalhos vestidos ao contrário, bonés, tênis de couro, bermudas largas, camisetas com frases ou com rostos de líderes e músicos negros fazem com o que rapper seja logo identificado, em qualquer lugar do mundo"*. Guimarães (2007) ressalta que apesar de ter se espalhado por vários países, o rap não se difunde como uma mera imitação do modelo norte-americano. A identificação existe por conta da realidade de violência em diferentes periferias do planeta, mas em cada localidade há uma adaptação com a cultura local.

Silva (1999) ressalta que a arte no hip hop significa engajamento político no sentido amplo aos grupos excluídos e aos afrodescendentes, sendo difundido através de diálogos na rua ou por meios da indústria fonográfica. A característica padrão para essa expansão mundial é a possibilidade de se fazer arte para contar a realidade, em uma possibilidade que a mídia não oferece. No entanto, cada país acrescenta peculiaridades e dá as suas próprias características ao hip hop.

> "Durante o processo de constituição, os elementos centrais do movimento hip hop foram sendo também desterritorializados e ganharam as grandes metrópoles mundias. Pelos meios de comunicação, TV, cinema, rádios, indústria fonográfica, redes de computadores etc., os jovens de diferentes metrópoles integraram-se ao movimento hip hop. Desde então, passaram a reinterpretar a realidade particular por eles vivida orientados por símbolos e práticas culturais, elaborados externamente. É que hoje se verifica com a segurança geração de descendentes de africanos na França, com os jovens turcos na Alemanha e com os jovens periféricos de São Paulo e cidades-satélites de Brasília". (SILVA, 1999, p.28).

Guimarães (2007) aborda sobre características de mesclagem entre o rap e o baião, samba e o repente no Brasil para enfatizar que houve adaptações do estilo em cada localidade. Segundo a autora, vários são os itens para diferenciar as criações. Guimarães (2007) afirma que *"o rap se apropria até mesmo de conteúdos não musicais, como reportagens de jornais na TV, sirenes da polícia, fragmentos de discursos, em especial de ativistas dos direitos civis, como Malcolm X e Martin Luther King"*. Shusterman (1998) ressalta que em várias partes do planeta o ritmo *"absorve ecleticamente elementos da música clássica, de apresentações de TV, de jingles de publicidade e da música eletrônica de videogames"*.

Estados Unidos, França, Senegal e Brasil são alguns países que se destacam no desenvolvimento do hip hop. Silva (2005) ressalta que o rap senegalês é democrático, contempla uma comunicação com todos os estilos e começou em 1980, contabilizando mais de 3.000 grupos em atuação. O rap de Senegal se caracteriza, sobretudo, por misturar aspectos da música tradicional africana com as batidas do hip hop.

Um dos pontos importantes que contribuíram para essa expansão mundial do hip hop é a facilidade para se fazer a música rap. Guimarães (1999) comenta que o rap tem uma característica de ser uma música falada, praticamente uma conversa entre o músico e a pessoa em que está ouvindo, para relatar sobre a realidade em que se estar vivendo. O local de gravação pode ser um estúdio caseiro ou gravadoras baratas, para se registrar as rimas faladas.

Nos países lusófonos, o hip hop também é desenvolvido. A relação entre os rappers de intervenção e a mídia em Angola é conflituosa. Desde a gravação do primeiro disco de rap do país de grande repercussão, o "*Trincheira de Ideias"*, de 2002, do rapper MCK[27], os jovens encontraram no hip-hop uma forma de resistência contra a

[27] MCK, Katro e Kapa são os nomes artísticos utilizados por Katrogipolongopongo, um rapper angolano nascido em 1982 na capital Luanda. Ele gravou o primeiro disco em 2002 e é defensor do rap como ferramenta de revolução política, por isso, afirma já ter sofrido perseguições e ameaças, em um país marcado por represálias aos adversários do governo. O músico critica abertamente o presidente José Eduardo dos Santos, que governa o país desde 1979. Katro passou cinco anos afastado do rap, após a gravação do seu segundo álbum "*Nutrição Espiritual*" e especulou-se que ele teria negociado o silêncio com o governo angolano. Porém, MCK lançou o disco "*Proibido Ouvir Isto*" em

opressão e, assim sendo, passou a ser uma forma de confronto com o governo local.

Um dos alvos desse grupo de resistência é a mídia local. MCK, Ikonoklasta[28] e Carbono Casimiro[29] já compuseram músicas contra a imprensa angolana, que é controlada pelo governo nacional e, por isso, são censurados. Os rappers que criticam o Movimento Pela Liberdade de Angola (MPLA), partido que governa o país, não são convidados para os programas de televisão, tampouco são chamados para emissoras de rádio ou grandes jornais de circulação nacional.

MCK canta em *"Circuito Fechado"* sobre a opção da carreira de não ser famoso e resistir às ofertas de glamour e riqueza, por acreditar em ideais de mudanças para Angola. O músico retrata que *"Minha música parou de tocar na rádio e passou a tocar no coração de milhares de angolanos"*, além disso, relata em *"O País do Pai Banana"* que *"A imprensa está comprada"*.

Além de serem censurados, os músicos que confrontam com o governo local são perseguidos pela polícia e governo. Em 2003, ano da gravação do primeiro disco de MCK, o iniciante no rap Arsénio Sebastião, o Cherokee[30], foi morto no centro de Luanda, a capital de Angola, após realizar um cover do músico. Os soldados da Unidade de Guarda Presidencial (UGP) foram os responsáveis pelo assassinato e o intuito foi servir de medida exemplar, para que outras pessoas não seguissem o exemplo de cantar contra o governo local.

2012, que conta com diversas críticas sociais, incluindo a música "*O País do Pai Banana*", que faz uma analogia de que o governante prioriza apenas os aliados, os seus filhos e as famílias poderosas, sendo essa forma de governo a principal responsável pela miséria do país. Por conta da ausência de cinco anos, ele abre o disco pedindo desculpas aos fãs pelo tempo afastado da música. O Jornal O Público, de Portugal, convidou alguns músicos para escolher os melhores discos de 2012 e Pedro Coquenão, do grupo Batida, elegeu "*Proibido Ouvir Isto*" como o melhor do ano.

[28] O rapper Luaty Beirão, o Ikonoklasta, é um angolano, mora em Portugal e possui dupla nacionalidade. Ele nasceu em 1981 e também é chamado de Brigadeiro Matafrakus. Em Angola, Ikonoklasta é um ativista anti-governo angolano e também dos Direitos Humanos. Ele é conhecido por organizar manifestações em seu país natal, apesar de ser filho de João Beirão, já falecido e que era muito próximo do presidente angolano, José Eduardo dos Santos. O seu pai foi presidente da Fundação José Eduardo dos Santos (Fesa). Luaty saiu de Angola logo após o término do ensino médio e formou-se em engenharia eletrotécnica na Inglaterra e em economia na França. Ikonoklasta só ingressou no hip hop no início dos anos 2000, quando já morava na Europa. Em 2008, gravou o disco Ikonodamus e já lançou outras músicas, além de participar de discos de artistas diversos. Ele planeja um disco com o conterrâneo MCK. Luaty revela que recebeu proposta de suborno durante um protesto em 2011, superior aos US$ 200 mil, sendo US$ 70 mil pagos imediatos, mas não aceitou e sofreu com a violência policial. Em 2012, o músico foi preso em Lisboa, por porte ilegal de cocaína, mas foi solto no mesmo dia e responde em liberdade.

[29] Dionísio Gonçalves Casimiro, o Carbono Casimiro, é um conhecido ativista político anti-governo e rapper, que nasceu na Angola. O nome Carbono se dá pela representatividade de fogo, combustão e até mesmo violência, que essa substância química possibilita. Outro motivo da escolha da alcunha é o brilho e resistência do diamante, um dos derivados do carbono. Ele é um dos organizadores do site Central Angola 7311, que desafia a censura colocando o registro virtual no país vizinho Namíbia, para apresentar várias críticas ao governo angolano. Em 2011, ficou detido por 41 dias, quando liderou o protesto "32 é muito", relativo ao período de 32 anos que José Eduardo dos Santos completou na presidência do país naquela época. Suas músicas tem extenso conteúdo político, críticas ao governo e também aos rappers que aceitaram cantar na mídia e ganhar dinheiro, ao invés de priorizar causas revolucionárias.

[30] Arsénio Sebastião, o Cherokee, foi um lavador de carros, que nasceu em Luanda, capital da Angola. Ele foi morto em 26 de novembro de 2003, por soldados da Unidade de Guarda Presidencial (UGP), por estar cantando a música do rapper MCK em praça pública, no centro de Luanda. Ele cantava a música "*A téknica, as kausas e as konsekuências*", também conhecida como o "*Sei lá o quê, uáué*" e a morte foi o método encontrado para o governo combater o crescimento de uma nova forma de protesto no país: o rap.

Carbono Casimiro é fundador do portal Central Angola 7311[31], que é uma mídia alternativa em que expõe as letras dos músicos, concede espaço para outros artistas que fazem oposição ao governo, assim como aborda diversas questões políticas, em uma visão socialista. Casimiro chegou a ir morar no país vizinho, Namíbia, por se dizer perseguido pelo governo angolano e, por isso, não teria espaço para escrever as informações que coloca em seu portal. Além disso, o próprio domínio do portal está registrado em Namíbia, mesmo com o conteúdo abordado sendo essencialmente sobre a política de Angola, em uma versão que segue princípios de esquerda e da liberdade.

Em Portugal, o rap é um estilo musical em ascensão. Cantores como Valete[32], Sam The Kid[33] e Boss AC[34] possuem várias participações nos jornais, emissoras de televisão e grandes eventos musicais do país. Eles se tornaram artistas *mainstream* no cenário da música portuguesa.

Valete, no entanto, impõe mais restrições para aparecer na mídia, como debater antes sobre o intuito da entrevista, para avaliar se irá aceitar um convite. Em visita ao Brasil em julho de 2014, ele concedeu entrevista ao portal Per Raps[35] e apontou que a população negra em Portugal é pequena, representa apenas 5% dos portugueses, por isso, é mais fácil de ser negligenciada, do que no Brasil. Com isso, os negros são, segundo ele, historicamente excluídos e os primeiros negros a se tornarem pessoas públicas no país são os rappers. No entanto, ele ressalta que a maioria não carrega um discurso político para ter a oportunidade de massificar o seu produto, enquanto ele se classifica como caso raro de rapper português que mantém o discurso de intervenção e consegue, ainda assim, viver apenas da música.

---

[31] Site disponível em: http://centralangola7311.net/

[32] Keidje Torres Lima, o Valete, é um rapper português, que nasceu na freguesia de Damaia, no distrito de Amadora. Os seus pais nasceram em São Tomé e Príncipe, na África. Ele está em atividade no rap desde 1997 e tem três discos gravados. O estudioso do hip-hop Rui Miguel Abreu, responsável pela Loop Recordings, apontou, em entrevista ao Jornal de Notícias em 2007, que Valete é o único rapper de intervenção em Portugal. Valete ressalta, na mesma entrevista, que assume publicamente uma posição política, social e filosófica. Ele se coloca como uma voz de esquerda e de ataque aos poderosos, representando os segregados e oprimidos. Os temas variam como sida (AIDS), machismo, sociedade do consumo, capitalismo, globalização, religião e indústria musical.

[33] Sam The Kid é o nome artístico adotado pelo rapper Samuel Martins Torres Santiago Mira. Ele nasceu na freguesia de Márvila, no conselho de Lisboa, e iniciou a carreira em 1999, quando gravou o primeiro disco, mas o grande público passou a conhecê-lo em 2001, quando o hip hop teve um grande crescimento em Portugal. Ele já lançou seis discos, sendo que dois deles são reedições de álbuns anteriores, mas com algumas músicas inéditas. A música de maior sucesso de Sam The Kid é "*Poetas do Karaokê*", lançada em 2006 e que conta com mais de 2,5 milhões de visualizações no Youtube. A música critica o estilo americanizado dos rappers de Portugal, que cantam em inglês e se vestem como os músicos dos Estados Unidos.

[34] Boss AC é o nome artístico do rapper Ângelo César Firmino, também conhecido Manda Chuva. Ele nasceu em Cabo Verde e possui também nacionalidade portuguesa, já que mora em Portugal desde criança. Boss iniciou a carreira musical no final dos anos 80, como vocalista do grupo Cool Hipnoise, uma banda que mescla ritmos da black music, como reggae, soul, funk e afrobeat. Boss AC lançou o primeiro disco solo de rap em 1994 e é considerado um dos precursores do hip hop português. Ele lançou cinco discos e tem uma variedade de temas em suas letras, falando de temas como amor, dia-dia da rua e paz. Os seus discos contam com participações de vários músicos internacionais.

[35] Conteúdo disponível em: http://perraps.com/post/92448366404/entrevista-com-o-rapper-portugues-valete

A relação entre imprensa e os músicos mais famosos não é marcada por conflitos e mesmo os músicos críticos abordam em suas letras a corrupção e os problemas sofridos nas periferias de grandes cidades como Lisboa e Porto. Sendo assim, a liberdade de expressão e a mídia não são grandes alvos desses rappers.

Entretanto, Chullage[36] compôs a letra *"Mediacridade"*, em que aponta a falta de melhores conteúdos educacionais na imprensa portuguesa. O rapper cita nomes dos meios de comunicação em diversos versos, colocando em questão se a mídia cumpre o papel de informar o público ou está a serviço apenas de interesses dos empresários.

Chullage afirma que *"O Correio mete o crime em destaque", "Dão a sensação de que o Público ainda tem opinião", "Liberdade de expressão é pra expressar o que já vem Expresso".* Nos três versos, o músico cita nomes de veículos de comunicação, através de um trocadilho em que põe em questão a busca do controle da sociedade. Os veículos citados são os jornais Correio da Manhã, Expresso e O Público. Chullage põe em questão ainda a falta de exploração de interesse público e a reprodução apenas de conteúdos medianos, que não trazem grande reflexão.

Além de quebrar barreiras geográficas, o hip hop também deixou de ser uma exclusividade da classe periférica e da população negra. De acordo com Guimarães (1999), apesar de suas origens, o rap invadiu rapidamente os lares de jovens brancos e de classe média, que se identificaram com aquela realidade tão distante cantada nas músicas de rap, sobre os guetos e a exclusão. Guimarães (1999) ressalta que a ideia de exclusão apresentada nas letras de rap é abordada em muitas músicas do gênero, já que vários jovens se sentem excluídos da sociedade, por ainda não terem liberdade para tomar as decisões de suas próprias vidas, independente da classe social.

> "Essa exclusão seria social, uma vez que o jovem ainda não tem autonomia para gerir sua própria vida, depende econômica e socialmente de sua família. Isso vai fazer com que ele considere "iguais" não aqueles que estão na mesma situação de classe, mas sim na mesma faixa etária" (GUIMARÃES, 1999, p.49).

Além disso, Schusterman (1991) afirma que as sociedades onde os negros estão muito presentes, o rap não era um ritmo musical direcionado apenas para grupos restritos, mas passaram a se tornar músicas mainstream, aquelas que são populares, sendo facilmente reconhecidas por qualquer pessoa.

[36] Chullage é o nome do rapper português e ativista social Nuno Santos, que nasceu em 1977, na freguesia de Arrentela, na cidade de Seixal, em Portugal. Ele é filho de cabo-verdianos e é apontado por muitos como o primeiro rapper urderground português a levar o seu trabalho para um público maior. Ele tem quatro discos gravados, sempre priorizando relatos sobre a realidade da sociedade portuguesa, com um viés crítico.

> "O rap ultrapassou claramente suas origens negras e urbanas. Na maior parte das grandes cidades americanas, que muitas vezes apresentam maioria negra, a popularidade do rap é inegável. Sua dominância crescente nas ruas pode ser notada sem dificuldade, ressoando alto nos rádios dos carros (...). Sua popularidade em termos de shows e venda de discos (apesar da dificuldade criada pela censura) já é enorme, e continua a crescer numa proporção bem maior do que o reconhecimento cultural que lhe é dado" (SCHUSTERMAN, 1991, p.179-180).

2.3 O rap no Brasil

Os bailes black eram comuns no Brasil desde os anos de 1970, que eram animados por músicas dos ritmos soul e funk, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília. Esse cenário, segundo Zeni (2004), contribuiu para o surgimento do rap brasileiro, que iniciou em São Paulo. Assim como o rap, o soul e o funk são ritmos essencialmente negros. Além disso, os adeptos do soul e funk passaram a participar da cultura rap, como é o caso de Milton Sales, ex-produtor da banda que se tornou a mais famosa do rap brasileiro, o Racionais MC´s. Zeni (2004) ressalta que antes do produtor trabalhar com o Racionais, ele organizava bailes black power em São Paulo.

Ainda segundo Zeni (2004), as primeiras manifestações de hip hop no Brasil surgiram por volta do ano de 1984, no centro de São Paulo. O autor aponta que o break dance foi a primeira vertente do hip hop a chegar ao Brasil, com vários b-boys dançando na região próxima a estação de metrô São Bento. Nesse cenário, Zeni (2004) relata que o rap surgiu como um canto improvisado para acompanhar as manobras corporais do break, em que *"os rappers cantavam na rua, improvisando ao som de latas, palmas e beat box (imitação das batidas eletrônicas feitas com a boca)"*.

Nesse início, o rap era chamado no Brasil de "tagarela", por ser apenas um canto falado, feito de improviso nas rodas de break dance. Os rappers desse período inicial não tinham preocupação com o conteúdo e tampouco faziam protesto das letras, como ressalta Zeni (2004). Esse rap inocente e brincalhão passou a ser definido como "rap estorinha", em uma designação que, para Zeni (2004), traz certo desprezo para as raízes do rap nacional. Muitos rappers que passaram a ser famosos no cenário musical brasileiro surgiram nas rodas de break, como é o caso de Thaíde[37].

[37] Thaíde é o nome artístico do rapper Altair Gonçalves, que nasceu em São Paulo, em 1967. Ele iniciou a carreira em 1988 em uma parceria com Humberto Martins, o DJ Hum, que durou até 2001, por conta de divergências e dos planos de seguirem carreiras independentes. Thaíde e DJ Hum gravaram juntos nove álbuns. Thaíde ainda possui dois discos solos e um disco com a banda gaúcha Da Guedes. Ele também atua em outras áreas, como produtor,

O rap brasileiro passou a ganhar mais forma e conteúdo e se preocupar com o cenário pobre da periferia brasileira, assim como aconteceu nos Estados Unidos. Com poucos recursos para trabalhar, os rappers se uniram para gravar coletâneas. A primeira delas foi lançada em 1988, com o nome de "*Hip Hop – Cultura de rua*." A dupla formada por Thaíde e o DJ Humberto Martins, o DJ Hum[38], foi a que mais se destacou posteriormente no cenário do rap brasileiro, dentre os artistas que participaram dessa primeira coletânea. Nesse primeiro disco, Zeni (2004) relata que eles lançaram as músicas "*Corpo Fechado*" e "*Homens da lei*", que falam mal da polícia e abordam sobre a lei do cão que vivem os habitantes de São Paulo. Essas músicas são consideradas pioneiras no chamado rap consciente e de atitude. A segunda coletânea de rap nacional foi lançada uma semana depois, com o nome de "*Consciência black"*. Esse disco contou com a presença do grupo Racionais MC´s, que posteriormente se tornou o maior grupo de rap do país, que também lançou uma música de contestação com o nome de "*Pânico na Zona Sul*".

Gomes (2009) aponta que o rap de contestação passou a ser praticamente o único a ser cantado no final dos 1980 e, por isso, o ritmo se tornou "*uma manifestação ligada a grupos negros das periferias que expressavam suas visões de mundo e perspectivas de vida pela música, representando um meio fecundo para mobilização e conscientização"*. O autor ressalta ainda que essa luta intensificada por afirmação da raça negra é uma resposta social, já que a sociedade atual foi construída por uma geração que escravizou os negros. Por isso, os rappers veem na música negra uma forma de lutar contra os malefícios herdados do período da escravidão.

A escravidão deixou o racismo como uma das heranças negativas e esse malefício social faz com que o homem negro não tenha as mesmas oportunidades sociais dos brancos. O rap brasileiro, segundo Gomes (2009), contesta e busca espaços pela igualdade, mas ao mesmo tempo se orgulha de ser negro e vangloria tudo que foi conquistado. Dessa forma, até mesmo viagens para a África, de onde são originários os primeiros negros, é uma forma de inspiração para esses músicos. A valorização da raça

---

apresentador de televisão e ator. Como ator, ele participou do seriado "*Antônia*", da Rede Globo, que foi exibido em 2006 e 2007. Ele também apresenta o programa "*A Liga*", da Rede Bandeirantes, desde 2010.

[38] DJ Hum é o nome artístico adotado pelo rapper e DJ, Humberto Martins, que nasceu em São Paulo e iniciou a carreira em 1985. Ele é considerado um dos precursores do rap brasileiro ao lado de Thaíde, seu antigo parceiro. DJ Hum gravou seis discos com Thaíde e formou em 2003 a banda Motirô, que segue em atividade. Com a banda Motirô, lançou em 2004 o single "*Senhorita*", que foi indicada ao Prêmio Hútuz de 2005 nas categorias "Música do Ano" e "Videoclipe do Ano". O rapper C4bal, que ajudou na composição da letra e logo se separou da banda, ganhou o Prêmio Hútuz de "Revelação do Ano", de 2005, devido ao sucesso que fez com a música. A música "*Senhorita*" faz parte do álbum "*Um Passo à Frente: Episódio 1*", de 2005, o único do grupo Motirô. C4bal incluiu a música em seu álbum PROfissional Mixtape, de 2004.

negra é, na análise de Gomes (2009), uma forma de construir *"uma nova visão do afrodescendente, como protagonista de ações propositivas que contribuam para soluções dos problemas de nossa sociedade ou para transformação da ordem social"*.

Nesse contexto, as músicas de rap tem o objetivo de denunciar a condição de excluídos e os fatores ideológicos que legitimam a segregação dos negros no Brasil e, segundo Silva (1999), os rappers reelaboram também a identidade negra de forma positiva. O autor analisa que o histórico de escravidão criou pejorativos enraizados na sociedade brasileira de que os negros são inferiores, por isso, o orgulho de ser negro enfatizado nas músicas é uma metodologia que incomoda e contraria o pensamento daqueles brasileiros que possuem um pensamento racista. Essa afirmação negra é ligada diretamente ao orgulho de ser descendente de africano, como enfatiza, por exemplo, o rapper GOG na música "*Carta A Mãe África*". O objetivo dessa música de GOG é cantar justamente sobre o orgulho de ser filho da África, isso é, descendente, do continente africano.

> "A afirmação da negritude e dos símbolos da origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo-se a ideologia do branqueamento orientada por símbolos do mundo ocidental. Redefiniram dessa forma as relações raciais normalmente vistas como cordiais. Para os rappers, a condição concreta da população negra no Brasil indica que o discurso da cordialidade é apenas uma máscara que precisa ser retirada. A valorização da cultura afro-brasileira surge, então, como elemento central para a reconstrução da negritude". (SILVA, 1999, p.30 – Imput ANDRADE).

Esse orgulho negro, que é enfatizado nas músicas de rap, estão nas raízes do movimento black power dos anos 70, que se orgulhava em afirmar que o black is beautiful (preto é bonito). Dessa forma, Silva (1999) analisa que jovens da atualidade estudam sobre o período dos black power e também sobre a segregação racial e a luta para derrubar esse quadro político nos Estados Unidos. Na realidade brasileira, a luta pelo fim da escravidão é outro ponto a se enfatizar. Com isso, símbolos das lutas afro-brasileiras, como o ex-escravo Zumbi[39], e afro-americanas, como o jornalista Malcom X, são valorizados nas músicas de rap. Os jovens somam isso ao imaginário típico da

[39] Zumbi dos Palmares foi um escravo, que nasceu em 1655 e liderou o Quilombo dos Palmares (atual cidade de União dos Palmares, no estado de Alagoas), um local de resistência dos escravos, que lutava em prol da abolição da escravatura. Ele nasceu livre, mas foi capturado aos sete anos por um padre católico, quando foi batizado com o nome de Francisco e aprendeu a língua portuguesa, além da religião católica. Zumbi retornou para um quilombo aos 15 anos e depois se destacou na resistência de ataques de portugueses em 1675. Ele discordou de uma possibilidade de negociação proposta pelo governo, pois a intenção era libertar apenas os quilombolas e a exigência de Zumbi é que os negros das fazendas também fossem libertados. Ele tornou-se líder do Quilombo dos Palmares em 1680, aos 25 anos. Sob o seu comando foram conseguidas várias vitórias contra os soldados portugueses. A população chegou aos 30 mil habitantes, em uma área equivalente ao território atual de Portugal. Em 1694, porém, o Quilombo foi totalmente destruído em um ataque organizado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho. Zumbi conseguiu fugir, mas foi traído por um antigo companheiro e entregue as tropas portuguesas. Com isso, o líder negro foi decolado em 20 de novembro de 1695, aos 40 anos de idade.

idade para idealizar como foram as lutas políticas e estruturarem os seus discursos e, consequentemente, as suas músicas. Silva (1999) analisa ainda que as referências africanas tornam-se um meio para que seja expresso um "autoconhecimento" juvenil através do hip hop.

> "Autoconhecimento torna-se, portanto, uma palavra-chave para os integrantes do movimento hip hop. Apesar de referenciados no início nos símbolos afro-americanos, verifica-se posteriormente o deslocamento da poética em relação à simbologia afro-brasileira com o objetivo de melhor compreender a realidade específica experimentada pelo grupo.
> Outro aspecto central do processo do autoconhecimento produzido pelos rappers encontra-se na valorização da experiência de vida" (SILVA, 1999, p.30).

Além de negros, esses rappers brasileiros também são jovens e as pessoas dessa fase tem o anseio de expressar os seus sentimentos. Daí, a música é a forma de demonstração ideal encontrada. Faustino (2001) aponta que a insatisfação com muitas questões sociais e econômicas é características do homem brasileiro em si e o hip hop passou a ser a forma ideal para a juventude nacional de a periferia ter a sua forma de expressão. Segundo o autor, eles já são munidos de uma inconformidade própria da juventude e o rap contribuiu para tomar consciência do mundo em que vivem, mas ao mesmo tempo da força e capacidade para modificá-lo se assim o quiserem. Faustino (2001) destaca ainda a independência que o hip hop tem com a burguesia, o governo e a academia, para se construir uma arte livre. Além disso, o autor ressalta que os primeiros discos brasileiros eram produzidos de forma independente, por pequenas gravadoras até mesmo sem registros legais e andava em contramão ao crescimento da indústria fonográfica.

O rap brasileiro, todavia, se popularizou e passou a envolver pessoas de diferentes classes sociais. Um exemplo é o músico Gabriel O Pensador[40], branco e oriundo da classe média alta, que é um dos recordistas em vendas de cds no gênero musical. Filho de uma jornalista, que trabalhou em grandes emissoras, e oriundo da classe média alta, Gabriel frequentava as aulas da faculdade de comunicação social, quando iniciou no ramo artístico. Em 1992, o então estudante de comunicação gravou *"Tô Feliz (Matei o Presidente)"*, que falava sobre o então presidente Fernando Collor de

[40] Gabriel, o Pensador é o nome artístico de Gabriel Contino, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1974. O rapper está em atividade desde 1992 e é filho da jornalista Belisa Ribeiro, que trabalhou nas emissoras de televisão Globo e Band. Gabriel também iria ser jornalista, mas trancou o curso de comunicação e seguiu carreira de rapper, mesmo branco e oriundo da classe média. Gabriel assinou contrato em 1993 com a gravadora Sony-BMG, na qual manteve vínculo até 2006. Ele massificou a sua música, sendo inclusive divulgado nos principais veículos de imprensa do Brasil. Gabriel foi indicado a 16 prêmios individuais e ganhou 11, bem como gravou sete discos. Ele também escreveu cinco livros, é criador de uma Organização Não-Governamental e participa de projetos ligados ao futebol.

Mello[41]. A música foi censurada cinco dias depois de ter sido lançada, por ser considerada um incentivo ao assassinato de Fernando Collor, que passava por um processo de impeachment e deixou o governo antes da finalização do processo de cassação, para não perder os seus direitos políticos, mas, ainda assim, ficou inelegível por oito anos.

Gabriel, no entanto, teve algumas vantagens comerciais, que eram quase impossíveis para os demais rappers. Sempre presente em vários programas de televisão, ele assinou contrato com a gravadora de grande porte Sony Music no segundo ano de carreira e sempre teve um bom relacionamento com a mídia. Apesar de ser branco e rico, ele cantou várias músicas sobre questões que interessavam aos ideais do hip hop, como igualdade social, condenação aos corruptos e racismo.

Dessa forma, o rap conseguiu popularização no Brasil, por permitir essa democracia, possibilitando pessoas de diferentes perfis a se expressar. Entre os artistas, estão jovens que estão sendo alfabetizadas, pessoas que saíram do mundo da criminalidade e estudiosos com formação no ensino superior. Silva (1999) analisa que a identificação de pessoas que fogem do perfil negro e pobre surge porque a classe média passa a ser prejudicada com problemas que são denunciados pelos cidadãos da periferia. Diante do silenciamento e indiferença para questões como racismo, miséria e corrupção, o hip hop passa a ser uma referência, perante uma sociedade que se recusa a ouvir esses problemas sociais.

Enquanto isso, Ramos (2009) observa uma evolução no rap, que é fruto justamente da interação com diferentes classes sociais e perfis, que provoca uma troca de conhecimento entre os rappers. O autor classifica que o rap foi evoluindo gradativamente e *"apresentaram surpreendentes sobreposições, frequentemente em uma mesma letra"*. De acordo com o analista social, os raps nacionais têm evoluído em conteúdo político e social, nos quais ele qualifica que esses textos poderiam estar inseridos em reportagens jornalísticas, pesquisas acadêmicas, inquérito policial, comícios políticos, entre outros espaços. Ramos (2009) define ainda que as músicas variam em gêneros como a narração de histórias, ou mesmo a argumentação em função

[41] Fernando Collor de Mello é um político e empresário brasileiro. Ele nasceu no Rio de Janeiro em 1949 e foi eleito presidente do Brasil nas eleições de 1989, sendo o primeiro presidente a vencer pelo voto direto, após a ditadura militar, que encerrou em 1985. Collor assumiu a presidência em 15 de março de 1990, mas renunciou em 02 de outubro de 1992, quando estava em julgamento o processo de impeachment, por conta de várias denúncias de corrupção. O intuito da renúncia era livrar-se da punição, mas não conseguiu. Collor perdeu os seus direitos políticos por oito anos. Collor chegou a tentar candidatura para a prefeitura de São Paulo em 2000, mas foi impugnado. Em 2002, foi candidato a governador do estado de Alagoas e perdeu. Em 2006, no entanto, foi eleito senador pelo estado de Alagoas, cargo que exerce até a atualidade. Antes de chegar a presidência da república, Collor foi prefeito de Alagoas (1979-1983), deputado federal do estado de Alagoas (1983-1987) e governador de Alagoas (1987-1989).

de algo ou ainda as descrições de situações do cotidiano, etc.

Mesmo com a popularização e inserção de diferentes perfis sociais no movimento hip hop, a maior parte dos rappers cantam sobre questões que preocupam a periferia, como analisa Gomes (2009). O preconceito que os cantores de rap sentem e expressam nas canções é um desses assuntos bastante pautados. Esse preconceito não é só de cor ou em relação à classe social em que estão inseridos. Por se tratar de um estilo musical oriundo da periferia, o próprio rap é, de acordo com Andrade (1999), muitas vezes tido como algo marginalizado e que incentiva a criminalidade. Dessa forma, a autora afirma que o trabalho central do livro "*Rap e Educação, Rap é Educação*" é "*desmistificar o preconceito contra o rap, com uma pequena amostra de como foi produtivo utilizá-lo como incentivo pedagógico*". Por isso, a mestre apresenta um livro em que vários autores, entre eles mestres, doutores e pedagogos, descrevem relatos positivos e cientificamente comprovados sobre experiências positivas da inclusão do rap na educação.

Os rappers entendem que existe uma rejeição popular para conhecer o trabalho deles e, por isso, expressam o sentimento de preconceito respondendo que o rap é a música do bem e da luta pela igualdade social. O rapper Antônio Luiz Júnior, o Rappin Hood[42], é autor da música "*Rap, o som da paz"*, que explora um contexto em que mostra o estilo como responsável por divulgar a paz. A música cita que "*Rap é o som da paz, que prega união. Mais uma estrela da constelação. Meu compromisso, eu sei, não é em vão"*.

Silva (2012) relata inclusive que a violência está inserida nas letras de rap, porque faz parte da realidade em que os músicos estão inseridos. Essa inclusão da violência tem o intuito de combatê-la e não de incentivá-la. Porém, como se trata de um fenômeno devastador e demasiado preocupante, que é expresso em uma linguagem artística no rap, muitas vezes se cria uma alusão distorcida de que as músicas estão fazendo apologia à criminalidade e a violência. Um dos casos emblemáticos aconteceu com o grupo paulista Facção Central, que gravou a música "*Isso aqui é uma guerra*", na qual detalha a ação dos criminosos e aponta que a única forma da sociedade respeitar o homem excluído é através de uma arma na mão.

[42] Antônio Luiz Júnior, o Rappin Hood, é um rapper que nasceu em São Paulo, em 1971. O artista está atividade no rap desde 1990 e gravou três discos, todos eles são intitulados de "*Sujeito Homem*" e muda apenas a numeração ("*Sujeito Homem 2*", "*Sujeito Homem 3*"). Rappin Hood ganhou três prêmios Hútuz. Ele fala em suas músicas de temas como diferenças sociais e raciais, mas também de temas alegres e do orgulho em ser negro. Ele ainda é apresentador de programas de rap. Rappin Hood iniciou os trabalhos em comunicaçao na rádio 105FM, de São Paulo, em 2001 e ainda trabalhou na emissora Heliópolis. Atualmente, apresenta o programa Manos e Minas na TV Cultura, que também é direcionado ao hip hop.

Isso Aqui é uma Guerra

(Facção Central)

É uma guerra onde só sobrevive quem atira
Quem enquadra a mansão quem trafica
Infelizmente o livro não resolve
O Brasil só me respeita com um revólver, aí
O juiz ajoelha o executivo chora
Pra não sentir o calibre da pistola
Se eu quero roupa comida alguém tem que sangrar
Vou enquadrar uma burguesa e atirar pra matar
Vou fumar seus bens e ficar bem louco
Seqüestrar alguém no caixa eletrônico
A minha quinta série só adianta
Se eu tiver um refém com meu cano na garganta

(...)

No trecho apresentado da música de Facção Central, pode-se perceber que a composição afirma que a sociedade brasileira está em guerra e, por isso, *"só sobrevive quem atira"*. Além disso, aponta que os periféricos não conseguem ter oportunidade através dos meios sociais convencionais e afirma que *"infelizmente o livro não resolve"*. A música ainda descreve os tipos de crimes que são cometidos e afirma que essa é a única forma de ganhar respeito da sociedade, sem ter conseguido avançar nos estudos, quando diz: *"A minha quinta série só adianta, se eu tiver um refém com meu cano na garganta"*.

A música foi proibida de ser veiculada em programas de rádio e televisão, bem como o seu clipe teve a mesma restrição. A música também não pôde mais ser comercializada em cds ou dvds. A decisão foi do juiz Maurício Lemos Porto Alves, do Departamento Técnico de Inquéritos Policiais e Polícia Judiciária da Justiça de São Paulo e recomendação do promotor de justiça Carlos Cardoso. Foi publicado na decisão judicial que a música "*Incita a violência e dissemina o preconceito contra os negros*".

O promotor e os integrantes do grupo foram convidados para o Programa de Sônia Abrão[43] na RedeTV![44]. O promotor afirmou que a iniciativa surgiu após analisar o incentivo à criminalidade através das letras. Já Eduardo Taddeo[45], vocalista do Facção Central, se defendeu afirmando que o trabalho apresentado na música é similar ao que acontece com programas policiais, de mostrar a realidade violenta na periferia, mas em uma visão das pessoas que vivenciam aquela situação. Eduardo ainda ressaltou que o criminoso morre ao final do clipe, justamente para mostrar que o crime não vale a pena.

De acordo com Silva (2012), diversas músicas que retratam a violência, narrando fatos, posturas, atitudes e experiências dos marginais são confundidas como apologia, porque o senso comum está habituado a narrar os fatos como uma realidade distante e essas músicas retratam como uma realidade próxima e de uma forma poética. Essas músicas, no entanto, têm como objetivo mostrar a revolta social que leva as pessoas a cometer crimes e não apenas condenar, o que causa a confusão, já que o discurso não é habitual no senso comum. Silva (2012) faz uma analogia do papel desses músicos com *rudie boys*. Albuquerque (1997) relata que os *rudie boys* surgiram nos guetos jamaicanos na década de 1960 e "*passaram a questionar as autoridades policiais e a ordem social enfatizando a delinquência e o enfrentamento do poder público*".

E mesmo com a divulgação negativa na mídia, o Facção Central seguiu com o perfil de relatar sobre a violência na periferia. No álbum seguinte, "*A Marcha Fúnebre Prossegue*", lançado em 2001, os músicos voltam a descrever a criminalidade vivenciada nas periferias. Na faixa 1, denominada de "*Introdução*", o grupo apresenta uma mixagem com várias frases que foram divulgadas na mídia, associando a postura do Facção Central a criminalidade, por conta da música "*Isso Aqui é um Guerra*". O grupo apresenta uma série de frases proferidas por jornalistas e pessoas da mídia, como Sônia Abrão, Fátima Bernardes[46], Hermano Henning[47] e João Gordo[48].

[43] Sônia Abrão é uma jornalista, que apresenta o programa "*A Tarde é Sua*" na emissora RedeTV!. O programa tem como alvo o público feminino e mostra temas do dia-dia, bem como debate sobre novelas e a vida dos artistas. Antes disso, ela trabalhou no programa "*A Casa é Sua*", também da RedeTV!, quando recebeu o grupo Facção Central. O programa antigo tinha formato semelhante do atual. Ela ainda passou pelas emissoras SBT e Band, entre 2002 e 2006.

[44] Conteúdo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jMtqwyLYp38

[45] Eduardo Taddeo foi líder e vocalista do grupo Facção Central, entre 1989 e 2013. Ele alegou desavenças quando se desligou da banda, em março de 2013. Desde então, Eduardo segue carreira solo, além de ter lançado o livro "*A Guerra Não Declarada na Visão de um Favelado*", em 2012. Taddeo também participa de várias palestras nas periferias brasileiras, para falar sobre os problemas sociais, como também divulgar o seu livro.

[46] Fátima Gomes Bernardes Bonner é uma jornalista brasileira, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1962, e formou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante treze anos, entre 1999 e 2012, apresentou o telejornal brasileiro de maior audiência, o "*Jornal Nacional*". Fátima dividia a apresentação com seu marido William Bonner, que segue no telejornal. Ela iniciou a carreira no jornalismo no "*Jornal O Globo*" em 1982, onde permaneceu até 1987, quando

A Marcha Fúnebre Prossegue – Introdução

(Facção Central)

"Rap que faz apologia ao crime, Facção Central"
"O Ministério Público ficou chocado",
"Assusta a Justiça"
"Assim, é muito agressivo",
"Mostra que o preconceito odioso já existe em parcelas da sociedade de que o pobre, o jovem da periferia, o jovem negro, é um potencial criminoso"
"Facção Central, cara, realmente é apologia ao crime, quem ouviu ficou apavorado"
"Sabe, eu acho uma apologia mesmo",
"Facção Central trata-se portanto de um crime, é apologia da violência de ponta a ponta"
(...)

Na faixa "*A Guerra Não Vai Acabar*", Facção Central relata justamente que mesmo com a censura a qualquer música do grupo, a violência que eles denunciam nas letras não irá cessar. O grupo mostra em suas músicas que é necessário pensar um quadro social que provoca esse cenário preocupante e não censurar os músicos que denunciam essa realidade.

---

passou a trabalhar na Rede Globo como apresentadora do "*RJTV*", o noticiário da Rede Globo no Rio de Janeiro. Em 1989, passou a atuar em rede nacional, quando começou a apresentar o "*Jornal da Globo*". Ela ainda trabalhou no "*Fantástico*" e "*Jornal Hoje*". Atualmente, apresenta o programa "*Encontro com Fátima Bernardes*", que começou a ser exibido em 2012. O programa é mais informal do que um telejornal e conta com informações, debates, músicas, etc. Ela ganhou seis prêmios individuais de melhor jornalista do Brasil e um de melhor apresentadora e/ou animadora.

[47] Hermano Antônio Henning é um jornalista brasileiro, que nasceu em Guarulhos, no estado de São Paulo, no ano de 1945. Ele atuou em veículos como "*Jornal O Estado de São Paulo*" e "*Revista Veja*". Henning foi correspondente da Rede Globo na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Desde 1989, atua na emissora SBT (com uma interrupção em 1992, para ser novamente correspondente da Rede Globo). Ele ancorou a maior parte dos jornais da emissora SBT e atualmente trabalha no Jornal do SBT-Manhã.

[48] João Gordo é o nome artístico de João Francisco Benedan, um apresentador de televisão e músico do gênero rock, que nasceu em 1964, em Guarulhos, no estado de São Paulo. Ele lidera e é vocalista da banda de punk rock Ratos de Porão desde 1983. João é conhecido por criar polêmicas, tanto na música, como em declarações nos programas de televisão, inclusive quebrando discos de artistas que ele repudia. João Gordo apresentou programas na emissora MTV Brasil entre 1996 e 2010. Depois disso, ingressou na Rede Record, onde trabalhou entre 2010 e 2012, mesmo depois de ter criticado abertamente a Igreja Universal, em que o líder da igreja é dono da Record. A banda Ratos de Porão lançou 32 discos, entre álbuns de estúdios, discos ao vivo, coletâneas e compilações. A banda participou de quatro filmes e João Gordo atuou como ator também no filme "*Deu Zebra*" de 2005.

A Guerra Não Vai Acabar

(Facção Central)

Aí promotor o pesadelo voltou
Censurou o clipe mas a guerra não acabou
Ainda tem defunto a cada 13 minutos
Na cidade entre as 15 mais violentas do mundo
A classe rica ainda dita a moda do inferno
Colete à prova de bala embaixo do terno
No ranking do sequestro 4º do planeta
51 por ano com capuz e sem orelha
Continua apologia na panela do barraco
Ao empresário na Cherokee desfigurado
180 mil presos, menor decapitado, cabeça arremessada no peito do soldado
(...)

Pode censurar, me prender, me matar
Não é assim promotor que a guerra vai acabar
(...)

De acordo com Oliveira (2007), as músicas de Facção Central chocam a sociedade, porque quebram o discurso da mídia comercial, que mostra a pobreza e a violência de uma forma mais branda e procura apresentar a isenção daquela realidade. Entretanto, todavia essa mídia está a serviço dos beneficiados do sistema capitalista e, por isso, não tem interesse em um discurso que comova a população e busque através do choque criar um estado de preocupação propício para se criar soluções para a população. Já o Facção Central mostra esse quadro sem um cenário bonito, sem uma apresentadora elegante e bem vestida e também sem sutilezas e frases bonitas, como analisa Oliveira (2007).

A relação conflituosa entre o Facção Central e a mídia não foi um fato isolado. Em 1999, mesmo ano em que a música "*Isso aqui é uma guerra*" foi lançada, o programa de reportagens especiais Globo Repórter produziu uma edição sobre o hip

hop[49] e a Rede Globo de Televisão deu ênfase ao fato do Grupo Racionais não aceitar o convite de conceder entrevistas ao programa. O apresentador Sérgio Chapelin enfatizou inclusive que o grupo era o mais influente do rap nacional. O programa, com uma hora de duração, mostrou que o rap estava revolucionando a cultura das periferias e fazendo com que essas comunidades ganhassem uma nova forma de comunicação.

Galvão (2009) relata que o Racionais é um grupo que teve o seu estouro no ano de 1997 e vendeu mais de um milhão de cópias sem aparecer na mídia e comercializando os discos em locais de distribuição independente, como camelôs e os próprios shows da banda. Ainda de acordo com o autor, Mano Brown recusa-se a participar de programas televisivos que representam a grande mídia, tendo como argumento a manipulação de sua imagem e distorção das palavras. Dessa forma, Galvão (2009) aponta que ele é tido pelos hip hoppers como o mais radical dos rappers, por conta dessa aversão a mídia. Mesmo quando raramente aceita aparecer na mídia, ele prefere em programas ao vivo e em forma de entrevista, por ser um modelo em que Mano Brown acredita ser mais difícil de manipular, por não ter edição de imagens.

Quando houve a recusa à entrevista do Globo Repórter, iniciou um debate sobre a necessidade do hip hop se desenvolver em paralelo ao sistema midiático. Mesmo com a recusa a entrevistas e afirmando que não iria à Rede Globo, porque o rap não poderia se tornar produto de uma mídia elitista, o grupo conseguiu divulgar bastante o seu trabalho e é um dos nomes mais influentes da música brasileira. A revista especializada em música Rolling Stone classificou, em uma seleção dos Cem Melhores, em 2008, Mano Brown como o 28º músico mais importante da história da música brasileira. O grupo vendeu mais de 1 milhão de cópias dos seus álbuns.

A recusa de convites da maior emissora de televisão é para o grupo uma forma de responder sobre uma possível exclusão dos pobres e negros na mídia brasileira, que eles classificam como branca e elitista. De acordo com Silva (1999), os rappers se colocam na condição de 'anti-sistema' e o posicionamento de recusar ser um produto da grande mídia faz parte disso. Outros fatores que acrescentam a essa condição de 'anti-sistema' são, segundo o autor, o fato dos rappers apresentarem críticas à história oficial, na qual eles observam que atendem aos interesses dos ricos e brancos. Nessa condição, a história passa a valorizar pessoas que exploraram os negros. Acrescenta-se a isso as críticas dos rappers a ordem social, ao racismo e a educação convencional, que é vista como alienatória e os hip hoppers observam que não atende aos princípios de formação

[49] Conteúdo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=ZZ2HHTn-01I

dos jovens. Essa análise de entender que a educação não corresponde às expectativas parte do princípio que o modelo de ensino atual massifica e padroniza os estudos, não se preocupando com as particularidades do universo juvenil. Essas particularidades são referentes ao lugar onde eles moram, os seus sonhos, grupos e ambientes que convivem.

> "É certo que a compreensão do universo juvenil deveria contribuir para que o processo pedagógico fosse elaborado a partir da experiência dos sujeitos concretos e não de uma abstração sobre o aluno. As pesquisas sociológicas confirmam que os adolescentes integrados aos movimentos juvenis elaboram interpretações próprias sobre problemas específicos localizados na estrutura social. Nesse sentido, o movimento hip hop constitui uma possibilidade de intervenção político-cultural construída na periferia paulistana. E se uma das formas de compreender os jovens é ouvi-los, o movimento hip hop certamente tem algo a dizer" (SILVA, 1999, p.25-26).

Como os rappers observam vários meios importantes para a construção de um cidadão não atendendo as necessidades, a busca então é pela criação de meios alternativos. Na visão de Silva (2012), o rap supre as necessidades que os outros meios culturais e educacionais não são capazes, por ser bem compreendida pelos jovens, em uma linguagem próxima da realidade deles e ter um grande poder de inclusão social. Para que seja massificado e aceito pela sociedade, Duarte (1999) afirma que é preciso passar por um processo de "higienização". Esse processo significa retirar as palavras que choquem, para se colocar um discurso mais padronizado e mais refinado.

A autora ressalta que essa "higienização" acontece com vários temas populares desde décadas atrás. Os temas e ritmos populares, eruditos e semi-eruditos, passaram pelo mesmo processo, para que houvesse uma nacionalização da música brasileira. Duarte (1999) relata que a música popular teve que passar por um processo de civilização, ou seja, se adaptar a um padrão social aceito pelas elites. Como exemplo, as músicas perderam as características eróticas e corporais, particularidades de suas práticas pelas camadas populares da sociedade. Todavia, Duarte (1999) qualifica que esses temas negros e indígenas perderam a sua essência, deixando de ser uma manifestação real das camadas populares e passaram a ser simplesmente exemplos folclorizados a serem mostrados.

> "Desde a época colonial, as danças praticadas pelas populações negras, como o batuque, o jongo, o samba, o lundu, recebiam condenação de instituições como a Igreja, que as encarava como formas de perpetuação do paganismo africano, enquanto eram toleradas pelos senhores, interessado na reprodução da mão-de-obra. Eram tidos como danças lascivas, pela proximidade dos corpos dos dançarinos, e pela prática da umbigada, em algumas delas. Praticados na periferia dos núcleos e nos aglomerados rurais, estas, como numerosas outras danças, serviam como delimitação dos limites "civilizados" mesmo após a sua

> introdução nas festas populares, como o Carnaval, e nos teatros, nas revistas musicais" (DUARTE, 1999, p.14-15).

Essa "higienização" acontece também na atualidade com o rap. Cada vez mais, os músicos estão deixando a origem revolucionária e anti-sistema do ritmo musical, para adotar um discurso mais comercial e entrar na mídia. Emicida é um rapper adepto das mudanças do rap, afirmando inclusive, em entrevista a Revista Trip de maio de 2011, que essa prática de manter uma tradição de apenas falar de degraças destroi o rap.

O músico faz uma analogia com os esquerdistas praticando de forma errada o marxismo, pois, segundo ele, é necessário que hajam mudanças para que se tenha uma evolução e tanto o rap, como a esquerda, querem fazer vigorar um padrão estático a ser seguido. Emicida ressalta que inclusive não se sente a vontade nessa obrigação de estar vinculado ao social e aponta que tais mudanças sociais são de obrigação do governo e não do rap.

> "Você vive uma situação que te impulsiona a escrever uma música falando da pobreza. Assinou um contrato, vendeu disco, fez show, ganhou dinheiro. Na segunda parte, quando era necessário mostrar que conseguiu um progresso que não é do crime, você esconde aquilo e repete a dose da pobreza. As pessoas compram de novo, porque adoram o sofrimento, mas já não é a sua realidade, é mecânico. De repente, o rap virou um partido político". (EMICIDA – entrevista a Revista Trip de maio de 2011, disponível em: http://revistatrip.uol.com.br/revista/198/paginas-negras/emicida.html).

Rocha, Domenich e Casseano (2001) ressaltam que o distanciamento do rap com a mídia é fruto de uma associação que a mídia faz do rap com o crime. Várias reportagens, no entanto, já relataram sobre o rap em um cunho positivo, classificando os rappers como "sociólogos das periferias". Ainda assim, vários hip hoppers preferem continuar distantes da imprensa, por acreditarem que a mídia é aliada do sistema que elas tanto condenam. De acordo com as autoras, os rappers encontram nas rádios comunitárias, uma forma alternativa para divulgar os seus trabalhos. Essas rádios não tem caráter comercial e, por isso, não contam com restrições no discurso por questões comerciais, como acontecem nas rádios comerciais, devido aos patrocinadores. Além disso, são rádios formadas com um caráter social para um bairro, que mais se aproxima dos objetivos da periferia, do que a grande mídia. .

Por outro lado, Rocha, Domenich e Casseano (2001) apontam que o experiente Nelson Triunfo[50] qualifica que a mídia é importante para o hip hop, desde que mostre a

[50] Nelson Gonçalves Campos Filho, o Nelson Triunfo, é um dançarino de break dance e ativista social. Ele nasceu 1954 , no pequeno Sítio Caldeirão, localizado no estado de Triunfo, estado de Pernambuco. Nelson participou do início da implantação do hip hop no Brasil. Ele mora desde 1977 no estado de São

verdadeira cara do movimento. As autoras inclusive afirmam que a universalização do modo de se vestir e comportar-se do hip hop só é possível por conta do papel da mídia. Além disso, elas fazem um balanço sobre espaços que valorizam o hip hop brasileiro, como as revistas impressas "*Raça*", "*Rap Brasil*", "*Som na Caixa*" e "*Revista SB*". Outros exemplos são documentários, programas em emissoras como MTV e Cultura, além de páginas na internet e emissoras de rádio.

Paulo e também foi dançarino de soul. Nelson teve a sua biografia lançada em março de 2014 pelo jornalista Gilberto Yoshinaga. O titulo da obra é "*Nelson Triunfo - Do Sertão ao Hip-Hop*".

CAPÍTULO TERCEIRO: Metodologia

A realização de um trabalho de pesquisa científica pode ser feita apenas por um método de pesquisa, como também por diferentes métodos que se complementam. No caso da pesquisa para o presente trabalho, foram adotados quatro métodos: pesquisas bibliográficas, estudos de caso, entrevista e análise de conteúdo.

A pesquisa científica inicia sempre em uma pergunta, que irá direcionar o objetivo a ser pesquisado. No caso deste trabalho, a pergunta inicial foi "*Por que alguns músicos do gênero rap não aceitam divulgar os seus trabalhos na Rede Globo de Televisão?*".

Essa pergunta desperta a curiosidade científica porque o espaço a ser dado pela imprensa é uma importante forma para se divulgar o trabalho artístico. Além disso, a Rede Globo é a emissora brasileira de maior audiência, então seria uma forma para ganhar projeção desses artistas em questão.

3.1 Estudos de caso

O estudo de caso foi uma das metodologias escolhidas para a realização desse trabalho. Os casos dos rappers Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, e Rodrigo Cerqueira de Souza Machado Vieira, o MC Marechal, são os exemplos escolhidos, para dar direcionamento à resposta da pergunta-chave.

De acordo com Becker (1999), o estudo de caso é uma metodologia que surgiu nas pesquisas de ciências da saúde. Um caso era estudado com maior intensidade para explicar à dinâmica e patologia de uma doença.

> "A uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada; o método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso" (BECKER, 1999, P.117).

Becker (1999) considera que o estudo de caso foi adaptado e bem utilizado nas ciências humanas e sociais. Na busca por entender questões sociais, o pesquisador escolhe um caso específico que responde questões semelhantes, que estejam envolvidas no contexto. O autor enfatiza inclusive que o caso escolhido deve ser obrigatoriamente relevante, pois o objetivo da pesquisa nunca é apenas entender um caso em si, mas ter uma representatividade relevante para responder uma questão macro.

Uma pesquisa científica exige um extenso embasamento teórico, por isso, Becker (1999) considera que seria praticamente impossível para um pesquisador tentar

enquadrar todos os casos envolvidos em uma questão. Então, o pesquisador tem liberdade para selecionar um exemplo, que atenda as expectativas de responder o questionamento.

No caso desta pesquisa, vários nomes poderiam ser escolhidos, para iniciar o estudo. Cascão, do grupo Trilha Sonora do Gueto, Mano Brown, dos Racionais MC´s e Eduardo Taddeo, ex-integrante do grupo Facção Central, são alguns dos nomes representativos do hip hop que rejeitam conceder entrevistas para a Rede Globo de Televisão.

Entretanto, o primeiro caso escolhido é o de Genival Oliveira Gonçalves, o GOG. Ele é um dos nomes mais representativos do rap brasileiro e está em atuação desde a primeira geração do hip hop do país, que emergiu no final dos anos 1980. Ele afirma ter rejeitado seis convites para aparecer na Rede Globo de Televisão e tornou público essa questão, utilizando principalmente as redes sociais e os veículos especializados em hip hop para apresentar as justificativas dessa recusa. Em 2011, ele rejeitou participar do programa "*Som Brasil*" da Rede Globo de Televisão e abriu um debate sobre a Democratização dos Meios de Comunicação, iniciando na rede social Orkut. GOG questionou fãs e admirados do seu trabalho, se ele deveria repensar essa postura e aceitar convites da emissora. Ele se torna um exemplo para representar a posição do hip hop, justamente por ter aberto o diálogo com outros envolvidos.

Genival também se coloca como representante de um Estado, que seria o hip hop. Para ele, esse Estado é representado pelo conjunto de negros e favelados no Brasil, sendo que o hip hop é o meio de expressão deles. Além disso, GOG apresenta um bom nível cultural e de leitura, fruto de uma formação educacional que o levou a uma faculdade de economia, mesmo tendo nascido na periferia e em meio à pobreza, em um período onde as oportunidades de crescimento social e econômico eram pequenas.

A pesquisa tendo GOG como estudo de caso tem início em novembro de 2012 e gerou a produção de dois artigos científicos. "*Análise do preconceito na mídia brasileira, a partir do discurso do rapper GOG"* e "*O rap como ferramenta de conscientização na periferia: o caso da música Televisão*".

No primeiro artigo, o estudo é feito a partir de uma análise de discurso do rapper GOG em entrevista para o programa "*Provocações*" da TV Cultura, na qual ele concedeu entrevista explicando sobre a sua visão de defensor dos interesses do hip hop. O rapper abordou temas como guerra social brasileira entre pobres e ricos, rejeição a entrevistas em grandes veículos de comunicação, importância social do hip hop, postura

política, entre outros temas.

No artigo "*O rap como ferramenta de conscientização na periferia: o caso da música Televisão*", a intenção é realizar uma análise de conteúdo da música "*Televisão*", que é uma composição do grupo Face da Morte[51], em parceria com GOG. A música visa explorar os motivos que fazem o hip hop rejeitar uma comunicação com a televisão brasileira. Para isso, cita a ligação da mídia com as forças políticas brasileiras da época e traça um diagnóstico em que apresenta a mídia trabalhando para alienar e explorar o trabalhador e, consequentemente, beneficiar a concentração de renda da classe alta.

A partir do aprofundamento dos estudos sobre o caso, percebe-se ainda os casos de rappers que utilizaram o espaço que tiveram na Rede Globo para criticar a emissora. O rapper MV Bill[52] foi o primeiro a utilizar essa estratégia. Ele utilizou um espaço cedido pela emissora no dia 25 de abril de 2004, no programa "*Domingão do Faustão*", para apresentar a música "*Só Deus pode me julgar*", que conta com condenações ao formato da emissora. A letra apresenta críticas sobre a exclusão de negros no papel de protagonistas e a valorização da imagem do branco.

O exemplo de MV Bill é um importante caso a ser estudado. No entanto, o rapper adotou uma postura mais pacífica, participando de outros programas, até mesmo para fins apenas de entretenimento. Um exemplo é a Dança dos Famosos, um quadro do "*Domingão do Faustão*", que se trata de um concurso entre artistas. Além disso, MV Bill atuou na novela "*Malhação*", apenas como ator, representando um professor, sem ter qualquer ligação com o hip hop. Sendo assim, foi considerado que ele se tornou um produto da emissora e não exerceu mais a liberdade de criticá-la, apesar de ter feito um exemplo de intervenção na emissora anteriormente.

O rapper MC Marechal teve apenas uma participação em um programa da Rede Globo e, neste espaço, utilizou apenas para apresentar críticas. Marechal foi convidado

[51] Face da Morte é um grupo de rap da cidade de Hortolândia, no interior de São Paulo. O grupo foi fundado em 1995 e lançou sete discos, que ultrapassaram a marca de 100.000 cópias vendidas. O disco de maior sucesso foi "*O Crime do Raciocínio*" de 1999, que vendeu pouco mais de 45.000 cópias. O último disco da banda foi gravado em 2007 e o grupo tem realizado poucos shows desde então. O vocalista do grupo, Erlei Roberto de Melo, conhecido como Aliado G, é criador do órgão não governamental Nação Hip Hop Brasil e filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). Pelo partido, ele foi candidato a deputado estadual em 2006 e 2010 pelo estado de São Paulo e a prefeito da cidade de Hortolândia em 2008. Em nenhuma ocasião conseguiu ser eleito.

[52] Alex Pereira Barbosa, o MV Bill, é um rapper do Rio de Janeiro, que está em atividade desde 1993. O nome Bill é um apelido que ganhou aos oito anos de idade, por conta de um rato que vinha nas figurinhas de chiclete na Copa de 1982. A alcunha MV significa 'Mensageiro de Verdade' e foi dado por duas senhoras evangélicas em 1991, que elogiaram a forma que ele transmitia a realidade das favelas. MV Bill tem seis discos gravados, um DVD, além de ter escrito três livros e participado da novela Malhação, em 2010. Alex Pereira é ainda dono de 18 prêmios nacionais, por conta do seu trabalho. Além disso, o artista criou a Central Única das Favelas (CUFA), entidade responsável por projetos sociais, culturais e esportivos nas favelas de diversos estados brasileiros.

para uma festa do programa "*Big Brother Brasil*" e cantou trechos da música "*Vamos Voltar a Realidade*", que tem o intuito justamente de criticar o formato da televisão brasileira. Marechal enfatiza na música que a imprensa tem o objetivo de manipular as pessoas e afastá-las de sua realidade, para se preocupar apenas com os temas midiáticos, que são impostos pela imprensa.

A participação de MC Marechal, que aconteceu em um show de Marquinho OSócio[53], não foi exibida na Rede Globo. A emissora tem um canal pay-per-view que exibe durante 24 horas o que acontece na casa do reality show e foi apenas nesse canal que foi possível ver a participação de Marechal. No programa que foi veiculado na Rede Globo, foi exibido trechos do show de Marquinho OSócio, mas a participação especial de Marechal não foi sequer citada pela emissora. Essa foi a única participação de Marechal em um programa da Rede Globo e ele também não mostra interesse em retornar à emissora, justamente por ter várias críticas ao formato dela.

3.2 Análise de discurso

A análise de discurso também foi utilizada neste trabalho. Essa metodologia, segundo Orlandi (1999), visa analisar a língua como ferramenta para a produção de sentidos. De acordo com Orlandi (1999), a análise de um discurso vai além do sentido morfológico de uma frase e visa entender porque um determinado conteúdo foi colocado no contexto em questão, como também analisar os objetivos e consequências do que foi abordado.

Esse trabalho tem como objeto de pesquisa o gênero rap. Dessa forma, o próprio rap é uma dos discursos analisados para construir a resposta para a questão principal desse trabalho. Vale ressaltar que a questão em pauta é "Por que alguns músicos do gênero rap não querem divulgar os seus trabalhos na Rede Globo de Televisão?".

Sendo assim, a resposta para essa questão é dissertada ao longo do trabalho e o conjunto de análise de conteúdo das músicas contribui para alcançar uma solução para o quadro. Ao todo, são colocadas 37 músicas de rap, além de outras três músicas do gênero Música Popular Brasileira, que são analisadas por ser citadas em letras de rap que são avaliadas.

As músicas analisadas são as seguintes:

[53] Marquinho OSócio é o nome artístico de Marco Antônio dos Santos, cantor de Música Popular Brasileira que tem quinze anos de carreira. Ele ganhou a alcunha OSócio pelos seus amigos, por conta do grande número de sócios que teve em um estúdio no Rio de Janeiro, cidade onde nasceu. Marquinho passou a ter projeção no Brasil apenas em 2012, por conta da 1ª edição do The Voice Brasil, programa da TV Globo que tem o objetivo de descobrir novos talentos. Marquinho foi semifinalista do programa.

- *"Televisão"* – Música de GOG e Face da Morte, do disco de Face da Morte *"O Crime do Raciocínio"*, de 1999;
- *"A Matança Continua"* – Música de GOG, do disco *"Peso Pesado",* de 1992;
- *"Ei, Presidente"* – Música de GOG, do disco *"CPI da Favela"*, de 1999;
- *"É o Terror"* – Música de GOG, do disco *"CPI da Favela"*, de 1999;
- *"Quando o Pai se vai"* - Música de GOG, do disco *"Cartão Postal Bomba!"*, de 2007;
- *"O Amor venceu a guerra"* - Música de GOG, do disco *"Cartão Postal Bomba!"*, de 2007;
- *"Eu e Lenine" – A Ponte* - Música de GOG, do disco *"Cartão Postal Bomba!"*, de 2007;
- "*Carta a Mãe África*" - Música de GOG, do disco *"Cartão Postal Bomba!"*, de 2007;
- *"África Tática"* – Single de GOG lançado em 2014, que fará parte do disco *"Iso 9000 do Gueto"*;
- *"Vamos Voltar a Realidade"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"Sangue Bom"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"A Guerra"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- "*Griot*" – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"Espírito Independente"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"Viagem"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"Eu não tenho dom para aguentar patrão"* – Single de MC Marechal, data de lançamento desconhecida;
- *"Isso Aqui é uma Guerra"* – Música do grupo Facção Central, do disco *"Versos Sangrentos"*, de 1999;
- "*A Marcha Fúnebre Prossegue – Introdução*" - Música do grupo Facção Central, do disco "*A Marcha Fúnebre Prossegue*", de 2001;

- *"A Guerra Não Vai Acabar"* – Música do grupo Facção Central, do disco "*A Marcha Fúnebre Prossegue*", de 2001;
- "*Corpo Fechado*" – Música de Thaíde e DJ Hum, da coletânea "*Hip Hop Cultura de Rua*", de 1988;
- "*Homens da Lei*" - Música de Thaíde e DJ Hum, da coletânea "*Hip Hop Cultura de Rua*", de 1988;
- *"Só Deus pode me julgar"*- Música de MV Bill, do disco "*Declarações de Guerra*", de 2002;
- *"Dedo na Ferida"* – Single de Emicida, do ano de 2012;
- *"Emicídio"* – Música de Emicida, do disco "*Emicídio*", de 2010;
- "*TV é uma M...*" - Música de Xis, do disco "*Seja como For"*, de 1999;
- "*Bem Pior*" - Música de Xis, do disco "*Seja como For"*, de 1999;
- *"Circuito Fechado"* – Música de MCK, do disco "*Proibido Ouvir Isto*", de 2012;
- *"O País do Pai Banana"* – Música de MCK, do disco "*Proibido Ouvir Isto*", de 2012;
- *"Tô Feliz (Matei o Presidente)"* – Single de Gabriel o Pensador, lançado em 1992;
- *"Procedência C.D."* – Música de Planet Hemp, do disco "*A Invasão do Sagaz Homem Fumaça*", de 2000;
- *"Vagalumes*" – Música do Pollo, do disco "*Vim Pra Dominar o Mundo"*, de 2012;
- *"Vale a Pena"* – Música de Projota, do disco "*Realizando Sonhos*", de 2012;
- *"Não Vejo Nada"* – Single de Dexter, lançado no ano de 2010;
- *"Talkin´ All That Jazz* – Música de Steatsonic, do disco "*In Full Gear*", de 1988;
- *"Mediaocridade"*- Música de Chullage, do disco "*Rapressão*", de 2010;
- "*Pânico na Zona Sul*" – Música de Racionais MC´s, lançada na coletânea "*Consciência Black*", de 1988;
- *"Rap, o som da paz"* – Música de Rappin' Hood, do disco "*Sujeito Homem*", de 2001;
- *"Pra frente Brasil"* – Single de Miguel Gustavo, lançado em 1970;

- "*Pra não dizer que não falei das flores"* – Single de Geraldo Vandré, lançada em 1968 e gravada em 1979;
- *"Sossego*" – Música de Tim Maia, do disco "*Tim Maia Ao Vivo*", 1992.

Entre essas músicas analisadas, o trabalho é focado principalmente nas análises das letras "*Televisão*", de Face da Morte e GOG e "*Vamos Voltar a Realidade*", de Marechal. Essas músicas tratam do papel da televisão na sociedade brasileira, em uma visão crítica desses músicos. Dessa forma, como GOG e Marechal são os estudos de caso desse trabalho, a análise de conteúdo dessas músicas se torna fundamental para entender o porquê da aversão dos rappers à imprensa brasileira.

Os músicos apresentam críticas ao formato da televisão, o conteúdo e também a conduta dos seus principais personagens. A alienação provocada pelo meio de comunicação é uma crítica em que ambas as letras também apresentam. Em "*Televisão*", as críticas são direcionadas diretamente, como a citação da ligação de personalidades da televisão, como Ratinho[54], Hebe Camargo[55] e Xuxa[56] com políticos condenados por corrupção como Celso Pitta e Paulo Maluf. "*Vamos Voltar a Realidade*" opta por críticas mais subjetivas, abordando questões que provocam uma reflexão sobre o intuito das mensagens que são colocadas. Todavia, há críticas também direcionadas, como são os casos do programa "*Big Brother Brasil*" e a Rede Globo.

Os principais trechos dessas músicas estão escritos no trabalho, para que o leitor possa compreender o intuito dessas mensagens. A letra "*Televisão*" também apresenta

[54] Carlos Roberto Massa, o Ratinho, é um apresentador de televisão brasileiro, que nasceu na cidade de Águas de Lindoia, no estado de São Paulo. Ratinho começou a trabalhar na televisão em 1991 na Rádio CNT, no estado do Paraná. Ele também passou pelas emissoras Gazeta e Rede Record, até se transferir para o SBT, onde trabalha desde 1998. Ratinho atuou como político entre os anos de 1970 e 1990, sendo filiado ao Partido da Reconstrução Nacional. Ele foi vereador de Jandaia do Sul, no interior do Paraná, entre 1977 e 1988. Entre 1989 e 1991 foi vereador de Curitiba, capital do Paraná. Entre 1991 e 1995 foi deputado federal pelo estado do Paraná. Ratinho ainda possui uma rede de emissoras de televisão, que são afiliadas do SBT em alguns estados brasileiros.

[55] Hebe Maria Monteiro de Camargo Ravagnani foi uma apresentadora de televisão brasileira, que nasceu na cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, em 1929 e morreu na cidade de São Paulo em 2012. Ela iniciou a carreira artística como atriz no filme "*Quase no Céu*", em 1949. Depois passou a trabalhar como apresentadora na TV Tupi em 1950. Hebe trabalhou também nas emissoras de televisão SBT, TV Globo, RedeTV!, e Band. Como atriz, ela participou de seis filmes e também gravou oito discos como cantora. Hebe ganhou mais de 40 prêmios individuais.

[56] Maria da Graça Meneghel, a Xuxa, é uma apresentadora de televisão brasileira. Ela nasceu em Santa Rosa, no estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1963. Xuxa é conhecida como a Rainha dos Baixinhos, porque a sua especialidade é apresentar programas infantis, como também gravou discos e participou de filmes direcionados para crianças. Xuxa iniciou a carreira como modelo em 1980. Em 1983, iniciou como apresentadora da emissora Rede Manchete. Ela foi contratada pela Rede Globo em 1986, onde permanece até a atualidade. Entretanto, o programa "*TV Xuxa*" recebeu uma remodelagem em 2011 e é direcionado para toda a família. Como cantora, Xuxa lançou 28 discos e já vendeu mais de 30 milhões de cópias, sendo a artista com o maior número de vendas da gravadora Som Livre. Ela também fez carreira internacional e lançou oito discos em espanhol, assim como se apresentou em vários países. Xuxa ganhou ainda dois prêmios Grammy Latino de melhor álbum infantil. A artista participou de 20 filmes e já acumula mais de 37 milhões de espectadores no cinema, para assistir filmes em que atuou, sendo o maior número de espectadores de uma artista. Xuxa é também a artista mais rica do Brasil, com um patrimônio acumulado de R$ 1,2 bilhão (cerca de 400 mil euros).

trechos de outras músicas, que não são do rap. "*Pra frente Brasil*" é uma composição que contribuiu para a alienação, motivando o brasileiro a crer em um cenário perfeito, acompanhado pelo sucesso da Seleção Brasileira, que acabou sendo campeã da Copa do Mundo de Futebol de 1970. Outra letra abordada é "*Pra não dizer que não falei das flores*", que se transformou em um símbolo da luta pelo estabelecimento da democracia no Brasil, em um período de ditadura militar. Essa música faz uma analogia de que o papel do rap é buscar por melhorias na atualidade, bem como "*Pra não dizer que não falei das flores*" representou em determinado momento da história brasileira.

"*Televisão*" e "*Vamos Voltar a Realidade*" são importantes para conduzir uma resposta do problema, mas não são as únicas. Para entender o posicionamento artístico e social de Marechal e GOG, também são colocadas outras letras deles. Dessa forma, são analisadas seis músicas de Marechal e oito composições de Genival Oliveira Gonçalves, que contribuem para explicar a postura política dele e também a revolução social que eles propõem.

No trabalho, são colocados trechos das letras, que visam explorar não apenas o que foi dito por esses músicos, mas entender o contexto, a forma e os motivos que foram colocadas essas letras. Além disso, observam fatores externos, como a mensagem interpretativa da letra e quais objetivos de reflexão são propostos com os temas abordados. Sendo assim, é cumprido o que se rege em uma análise de discurso, que, segundo Orlandi (1999), deve considerar os processos e as condições que a linguagem é produzida. Por isso, o homem deve ser considerado para além do seu discurso, o que inclui uma avaliação do seu exterior e da sua historicidade.

A proposta do trabalho é de uma análise a partir dos rappers GOG e Marechal, mas não é de um isolamento total dos músicos. Assim sendo, a apresentação de casos de artistas do gênero rap, que também não aceitam apresentar os seus trabalhos na emissora Globo, torna-se interessante. Facção Central é um grupo musical que viveu um dos casos de maior repercussão negativa na história do rap brasileiro, quando a Promotoria de Justiça do Estado de São Paulo interpretou que a música "*Isso Aqui é uma Guerra*", gravada em 1999, incentiva a violência. A música foi censurada e diversos veículos de comunicação deram ênfase a essa possível apologia, muitas vezes afirmando abertamente que a banda estava incentivando a criminalidade.

O trabalho, então, apresenta trechos da letra "*Isso Aqui é uma Guerra*", bem como novamente explora conteúdos complementares, como entrevistas em que os músicos explicam o intuito da letra e também uma série de reportagens sobre a polêmica

censura. A banda deu continuidade ao tema no álbum seguinte, explorando trechos do que foi dito na mídia em "*A Marcha Fúnebre Prossegue – Introdução"* e condenando a postura do promotor em "*A Guerra Não Vai Acabar*". Dessa forma, também são expostos o conteúdo dessas letras e as mensagens abordadas.

MV Bill, que apresentou críticas a Globo em participação na própria emissora, também é analisado no trabalho. Além disso, é avaliada a tentativa do apresentador Fausto Silva de interromper o músico. Faustão naquele momento era um representante da Rede Globo, em buscar minimizar os efeitos do impacto dessa mensagem. A análise não se restringe a avaliar o que foi dito por Faustão, mas a forma, a intenção e o tempo em que as mensagens são colocadas, assim como propõe uma análise de discurso. Outros rappers ou grupos de rap que fizeram críticas à mídia em algum momento também são apresentados, como são os casos de Xis[57], Planet Hemp e Dexter[58]. O objetivo é ampliar os parâmetros para essa análise da relação entre o hip hop e a imprensa brasileira.

Apesar de ser uma análise da realidade brasileira, o comparativo com outras realidades também contribui para ampliar a avaliação dessa relação. Dessa forma, são apresentadas as músicas "*O País do Pai Banana*" e "*Circuito Fechado*", do rapper angolano MCK. Ele retrata sobre a realidade social do seu país, enfatizando que as suas músicas são censuradas na grande mídia. Outro caso é do português Chullage, que faz uma análise geral do papel da imprensa portuguesa, na música "*Mediaocricidade*" e ressalta que a mídia está distante das causas sociais. Tais abordagens mostram que, apesar de realidades e motivos diferentes, o debate sobre a relação da imprensa e rap é realizado em outros locais. Como o hip hop é um movimento que representa os pobres e negros, esse distanciamento se dá, em quaisquer desses locais, por conta da identidade da mídia com as elites.

As músicas também são um fator complementar para discorrer sobre a história

[57] Xis é o nome artístico do rapper Marcelo dos Santos, que nasceu em São Paulo. Ele está em atividade no rap desde 1992, sendo que inicialmente fazia parte do grupo DMN (Defensores do Movimento Negro). O artista começou a fazer trabalhos solo em 1997, mas se desligou em definitivamente do grupo apenas em 1999. Ele realizou duras críticas ao preconceito social, sobretudo no período no DMN e inclui a mídia entre os agentes que reforçavam o preconceito. O rapper ficou conhecido nacionalmente, fora do âmbito do hip hop, quando participou do reality show Casa dos Artistas da emissora SBT, em 2002. Tem três discos solo gravados, um compacto feito com mais dois músicos e dois cds com o DMN. Foi premiado duas vezes no Video Music Brasil, promovido pela emissora MTV Brasil. As premiações, que foram de "Melhor Videoclipe de Rap do Ano", aconteceram nos anos de 2000 e 2002.

[58] Dexter é o nome artístico do rapper e compositor Marcos Fernandes de Omena, que nasceu em São Paulo, em 1973. Ele ficou preso por 13 anos, por conta de um assalto e foi solto em 2011. Na cadeia, ele se encantou pelo rap e em 1999 participou do grupo 502-E, que durou até 2003. A banda contava com o também detento Afro-X, que ficou conhecido por casar-se com a cantora e apresentadora de televisão, Simony Benelli. Após a saída de Afro-X da cadeia, o grupo se desfez e Dexter seguiu em carreira solo. Mesmo preso, ele gravou cds e fez shows, inclusive fora da penitenciária, no período em que a prisão era em regime semiaberto.

do rap, uma vez que o discurso também é influenciado pelo tempo em que aconteceram. "*Talkin´ All That Jazz"*, de 1988, do grupo norte-americano Steatsonic, é uma das letras abordadas, para contextualizar sobre a viabilidade econômica de fazer rap. Para entender a cronologia do movimento hip hop no Brasil são analisadas os conteúdos de músicas desde as primeiras composições, até letras da atualidade. "*Corpo Fechado*" e "*Homens da lei*", da dupla Thaíde e DJ Hum, fizeram parte da primeira coletânea do rap brasileiro. Essas músicas apresentam críticas ao sistema político e social e também a postura da polícia. Outro exemplo que faz parte dos primórdios do rap no país é "*Pânico na Zona Sul*", lançado por Racionais MC´s na coletânea "*Consciência Black*", também no ano de 1988.

A história é complementada ainda com letras de músicas de rappers como Rappin' Hood, que apresenta o rap como som responsável por trazer mensagens de paz. Além disso, a prisão do rapper Emicida, em 2012, após cantar música "*Dedo na Ferida*", que tem conteúdo que condena a postura policial, contribui para avaliar como se consiste a relação entre o rap e autoridades. A história do rap é contextualizada ainda na música de Projota "*Vale a Pena*", de 2012, que ressalta as lutas que os participantes do hip hop fizeram, em prol do movimento e das causas sociais. Para entender os novos rumos que alguns rappers passaram a adotar, a música "*Vagalumes*", da Banda Pollo, ilustra esse novo quadro. Para os músicos revolucionários do rap, músicas que se distanciem das causas sociais fazem distorcer os objetivos do hip hop. Com isso, o exemplo de Pollo ilustra esse quadro, já que é um grupo de rap surgido em um modelo pop, sem ligação com questões sociais. A música do grupo "*Vagalumes*" se tornou um hit musical nas rádios do Brasil e não tem ligação com os objetivos culturais do hip hop.

Análise de discurso de entrevistas e conteúdos da internet

Uma declaração pública, seja em uma entrevista ou rede social, mostra a opinião de um determinado personagem analisado sobre um assunto em pauta. Dessa forma, a pesquisa também busca diversas entrevistas e publicações de personalidades importantes para o hip hop. São consideradas diferentes narrativas que se completam para analisar a história do rap e também o assunto em questão, que é a relação do rap com a imprensa brasileira, com ênfase na Rede Globo.

A pesquisa busca extrair declarações, sobretudo, dos rappers GOG e Marechal, que foram os responsáveis por despertar a curiosidade sobre essa relação conflituosa. O intuito seria de entrevistar os dois músicos. A entrevista com Marechal foi possível de

ser realizada no dia 05 de outubro de 2013 no Plaza Shopping, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. A entrevista com GOG, no entanto, não foi realizada, apesar de várias tentativas de contato, por email, redes sociais e profissionais ligados ao rapper.

A entrevista com Marechal serviu para dar um direcionamento para a pesquisa. Na oportunidade, o rapper foi questionado sobre a importância do hip hop aparecer na mídia, os objetivos do rap e da postura do músico dentro do movimento hip hop, além de como aconteceu à participação do músico no "*Big Brother Brasil*" e quais os objetivos dele em aparecer no reality show. No caso de GOG, a entrevista ao programa "*Provocações*" da TV Cultura é o principal objeto de pesquisa no que se refere ao discurso desse rapper, uma vez que o enfoque foi semelhante ao direcionamento do que foi dado com Marechal. Genival Oliveira respondeu no programa questões sobre temas como política, o papel do hip hop, os objetivos de luta, a rejeição à mídia.

A entrevista de GOG no "*Provocações*" está disponível em três partes no site do Youtube:

Parte 1: https://www.youtube.com/watch?v=3NNEdpZUg84
Parte 2: https://www.youtube.com/watch?v=4gxs0_1lZ3Q
Parte 3: https://www.youtube.com/watch?v=XcZlZNDLCJM

A análise de conteúdo está focada nessas entrevistas (disponíveis em anexo), mas foram também pesquisados conteúdos complementares, para formatar o posicionamento dos músicos sobre questões diversas. A apresentação de Marechal no programa "*Big Brother Brasil*" foi determinante para despertar a curiosidade do posicionamento do artista sobre a Rede Globo. Por isso, o conteúdo, que está disponível no Vimeo, através do endereço https://vimeo.com/61680857, também se torna importante para a pesquisa. Além disso, foram selecionados outros conteúdos relativos ao músico ou produzidos por ele. São esses:

- Site de Marechal para vendas de produtos autorizados: www.vamosvoltararealidade.com
- Site do Projeto Livrar, de autoria do músico: www.projetolivrar.com.br
- Site do Museu de Arte do Rio, onde se encontra as informações do projeto Batalha do Conhecimento, pois o evento é realizado no local: http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/batalha-do-conhecimento

- Página no Facebook "*Espírito Independente*", onde se localiza o texto inaugural da filosofia de vida e código de honra "Um Só Caminho": Facebook.com/PaginaEspiritoIndependente/posts/172347669585624
- Página na rede social Facebook "*A Rua Sabe*", onde encontra os mandamentos da filosofia "Um Só Caminho": www.facebook.com/aruasabe/posts/291726044283495
- Vídeo no Youtube com a participação de Marechal no programa "*Experiente*", do canal à cabo Multishow: www.youtube.com/watch?v=iyXOOPJYQWo

Para a análise de discurso de GOG também foram extraídos conteúdos alternativos, para complementar a visão social e política do rapper, além da reafirmação de que o hip hop deve se manter distante da imprensa. A entrevista ao site do Projeto Escambo Cultural/Palmares foi utilizada para um comparativo entre discursos diferentes do próprio GOG, sobre a relação mídia e rap. Essa entrevista está disponível no endereço www.palmares.gov.br/?p=13438. O trabalho de conclusão do curso de pós-graduação da pesquisadora Ana Maria Varela Cascardo Campos também foi utilizado como pesquisa. Intitulado de "*Análise Discursiva de Ideologia na Letra de Brasil com P: Rap de GOG*", esse estudo foi apresentado em 2011, na Universidade de Brasília, e é mais um parâmetro para a análise discursiva do rapper. O objetivo desse trabalho, segundo a autora foi fazer uma reflexão "*sobre as contradições inerentes às relações sociais de dominação de uma classe sobre a outra na sociedade atual*".

Por não acreditar na lisura dos meios de comunicação, GOG prefere utilizar as suas páginas oficias nas redes sociais, para opinar. Na pesquisa, foram selecionadas diversas postagens, sobre o posicionamento do rap quanto à mídia, a sociedade e a sua carreira. Ele chegou, inclusive, a anunciar a aposentadoria e um dos motivos era a falta de perspectiva de uma revolução a partir do hip hop, pois muitos rappers perderam o idealismo e optaram por uma postura voltada apenas para ganhar fama e dinheiro.

O conteúdo analisado do Facebook foi o seguinte:

- Página do perfil de GOG: www.facebook.com/GOGPoetta;
- Página dedicada aos fãs de Genival Oliveira Gonçalves: https://www.facebook.com/gogoriginal;

- Publicação no dia 16 de junho de 2013, para anunciar aposentadoria: www.facebook.com/GOGPoetta/posts/10151553423273124;
- Publicação no dia 17 de junho de 2013, sobre a desistência da aposentadoria da carreira artística, após receber mensagens de apoio: www.facebook.com/GOGpoeta/posts/10200735736669645;
- Publicação no dia 19 de agosto de 2013, para explicar os motivos de não aceitar que o hip hop se comunique com a Rede Globo: www.facebook.com/GOGpoeta/posts/10201128641092010;
- Publicação no dia 06 de dezembro de 2013, para anunciar a recusa de novo convite da Globo e também criticar a postura racista da emissora: https://www.facebook.com/gogoriginal/posts/629229390446494?stream_ref=10.

O trabalho analisa ainda a repercussão das publicações do músico em veículos de comunicação, em jornais e sites especializados em rap, bem como mostra a entrevista dele ao blog especializado Zulu Informa, sobre o futuro da carreira. A participação do músico no documentário "*O Rap pelo Rap*" em que explica os motivos para não aceitar seis convites da Rede Globo é outro conteúdo analisado nesta pesquisa. O documentário ainda não foi lançado, mas alguns teasers estão disponíveis na internet.

O trabalho também propõe uma discussão entre diferentes personagens do hip hop, colocando em pauta discursos antagônicos sobre a introdução do hip hop na mídia. Um exemplo é do rapper Edi Rock, que inicia defendia a postura de se distanciar da Rede Globo, mas depois passou a entrada na mídia como uma forma de evolução.

- Trecho da entrevista de Edi Rock, ao "TV PT", falando que não iria a Rede Globo: www.youtube.com/watch?v=lF19h47DEgg
- Edi Rock falando ao site especializado "Papo Rap", que apresentar-se na Globo é evolução: www.youtube.com/watch?v=LzEfrOVEi6U
- Edi Rock falando, para o site especializado "Vai Ser Rimando", o porquê de ter aceitado o convite para ir a Rede Globo: www.vaiserrimando.com.br/edi-rock-programa-caldeirao-do-huck

O trabalho também dar versão a alguns rappers que defendem a inclusão do rap na principal emissora do país, como são os casos de Emicida e Marcelo D2. Emicida inclusive propõe um distanciamento das causas sociais, afirmando que o rap não é um

partido político e tem independência para abordar o conteúdo de preferência do artista, sem restrições. O debate se complementa ainda com músicos que criticaram o sistema midiático, mas também fizeram parte dele. Um desses é o rapper Xis, que fez críticas à mídia em algumas de suas músicas nos anos de 1990, mas aceitou participar do reality show "*Casa dos Artistas*", da emissora SBT em 2001. Xis inclusive defendeu a importância de Slim Rimografia participar do reality show "*Big Brother Brasil*". Outro caso que contribui para o debate é o de MV Bill, que foi responsável por criticar a Rede Globo em um programa da própria emissora e depois foi um dos atores da emissora na novela Malhação. A defesa da inclusão do hip hop na mídia pode ser vista e analisada nos seguintes links:

- Entrevista com Slim Rimografia, ao site especializado em rap "*Vai Ser Rimando*", explicando os motivos de ter aceitado participar do reality show Big Brother Brasil da Rede Globo: Entrevista Slim Rimografia: www.vaiserrimando.com.br/entrevista-slim-rimografia
- Xis defende participação de Slim Rimografia no Big Brother Brasil, em entrevista ao site especializado em rap "*Vai Ser Rimando*" e o próprio Xis também explica porque participou anteriormente de outro reality show: www.vaiserrimando.com.br/xis-comenta-slim-rimografia-big-brother-brasil
- Marcelo D2 justifica que a inclusão na mídia não o distancia das questões políticas: www.racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/88/artigo9182-1.asp
- Emicida defende que o rap deve se desprender de questões políticas: www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,rapper-emicida-se-sente-parte-da-tradicao-do-samba,529772,0.htm
- Reportagem da revista Época intitulada de "*O Rap virou Pop*", que mostra uma geração de rappers ligados ao glamour do mundo pop e, ao por conta disso, está distante das causas sociais, criando um novo quadro para o rap: www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI224839-15220,00.html
- MV Bill explica porque aceitou ser ator da novela "*Malhação*" da Rede Globo de Televisão: www.oglobo.globo.com/cultura/megazine/mv-bill-

explica-porque-aceitou-entrar-em-malhacao-ha-uma-mudanca-no-comportamento-da-2963206

Por outro lado, o debate é intensificado com rappers que criticam os músicos do movimento hip hop que aceitam utilizar a mídia como uma aliada do crescimento do seu trabalho profissional. Os exemplos são os seguintes:

- Em seu blog, Elemento critica a relação do rapper Emicida com a mídia: www.blogdoelemento.blogspot.com.br/2010/04/emicida-midia-e-o-rap.html
- Em entrevista ao site da MTV, Dexter afirma que a mídia pretende criar um movimentinho paralelo ao rap www.mtv.com.br/musica/dexter-midia-quer-criar-movimentinho-paralelo-ao-rap
- Eduardo Taddeo, ex-Facção Central, explica em palestra na cidade de Embu-Guaçu (SP), porque não aceitou convite do "*Programa do Jô*" na Rede Globo*:* https://www.youtube.com/watch?v=1N6BYD9jUWc

Pode-se perceber que o rapper e pedagogo Elemento critica abertamente, em seu blog, o músico Emicida. Para ele, Emicida é um produto ideal para a mídia e atrasa o desenvolvimento das causas sociais do hip hop, levando uma mensagem divertida e inofensiva para o sistema. Autor da música "*Eu Não Vejo Nada*", na qual aponta desconhecer motivos para ostentação no rap, Dexter afirma, em entrevista ao portal MTV, que o movimento criado pela mídia é paralelo ao rap, já que não tem um objetivo político como propõe o hip hop. Eduardo Taddeo, ex-líder do grupo Facção Central, analisa que a aparição na mídia atrasa o rap, por ser uma forma de se aliar ao inimigo.

Dessa forma, a análise de discurso desses três rappers, apesar de serem em situações diferentes, faz uma conexão, para produzir um sentido de que a relação entre o rap e a grande mídia atrasa o desenvolvimento das causas sociais do hip hop, que é o de lutar por melhorias para negros e favelados. De acordo com Brandão (1986), a formação discursiva aparentemente não forma nenhuma conectividade, quando estão dispersos. No entanto, essa unidade é formada quando se percebe diferentes estratégias buscando um objetivo comum. Brandão (1986) analisa que se trata de um caso de unidade discursiva, que é justamente o conjunto formado pela união de diferentes formações discursivas, se interagindo para formar uma nova conjuntura.

O trabalho busca novamente mostrar as diferentes versões de um fato no caso

dos rappers Dexter e Cascão. A entrevista concedida ao Portal UOL foi direcionada para um suposto apoio do rapper ao grupo criminoso Primeiro Comando da Capital (PCC). Dexter se defendeu através de alguns veículos de imprensa que ele considerou mais confiáveis, como é o caso do portal do jornal Brasil de Fato, um veículo de cunho socialista. O trabalho analisa os discursos das duas versões. Outro caso é do Facção Central, quando a banda foi acusada de fazer apologia a criminalidade, por conta da música "*Isso Aqui é uma Guerra*". O trabalho dispõe o conteúdo encontrado na mídia, que totaliza um conteúdo que possui em torno de uma hora de duração e mostra abordagens de diferentes canais. Esse conteúdo, que está disponível no Youtube, faz uma relação com a música em questão, bem com outras duas canções que foram utilizadas no disco seguinte como direito de resposta. As músicas foram "*A Marcha Fúnebre Prossegue – Introdução*" e "*A Guerra Não Vai Acabar*". O conteúdo analisado é o seguinte:

- Abordagem da imprensa sobre a censura a música "*Isso Aqui é um Guerra*" de Facção Central: www.youtube.com/watch?v=jMtqwyLYp38;
- Notícia no UOL afirmando que mostra os rappers GOG e Casão defendendo o PCC como grupo de resistência: www.noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/07/rappers-ex-presidiarios-defendem-pcc-como-grupo-de-resistencia.htm;
- Resposta de Dexter sobre a defesa ao PCC no portal jornal Brasil de Fato: www.brasildefato.com.br/node/11336

O trabalho apresenta ainda discursos complementares veiculados na mídia, que servem para contextualizar o debate. É apresentada a primeira grande aparição do hip hop na Rede Globo, que aconteceu no "*Globo Repórter*" e o apresentador Sérgio Chapelin deu ênfase ao fato do Racionais MC´s ter recusado conceder entrevista. Essa recusa inclusive se tornou um marco inicial para esse debate entre a relação do rap e a mídia. Além disso, é apresentada a participação do rapper MV Bill, quando ele apresentou a música "*Só Deus pode me julgar*", em abril de 2004. A abordagem da imprensa sobre a prisão do rapper Emicida é mais um item para o debate.

O trabalho propõe ainda um comparativo com outros países e apresenta uma entrevista do rapper português Valete, sobre a dificuldade que os negros sofrem em Portugal, por serem minoria no país. Outro conteúdo é o site "*Central Angola 7311*", que tem uma abordagem política sobre a realidade de Angola, mas conta com rappers

que buscam uma revolução no país como colaboradores. Tais conteúdos são encontrados nos seguintes links:

- Programa "*Globo Repórter*" sobre o surgimento e crescimento do hip hop na periferia e a ênfase dada ao fato do rapper Mano Brown não participar do programa: www.youtube.com/watch?v=ZZ2HHTn-01I;
- Participação do rapper MV Bill no programa "*Domingão do Faustão*", no qual apresenta críticas a Rede Globo e o apresentador busca interrompê-lo: www.youtube.com/watch?v=HUQJxIH8fg4;
- Prisão de Emicida, por desacato a autoridade, ao cantar o rap "*Dedo na Ferida*": www.musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/13/emicida-e-preso-em-belo-horizonte-por-desacato-a-autoridade.htm;
- Portal "*Central Angola 7311*", na qual os rappers são colaboradores e aborda sobre a luta revolucionária na Angola: www.centralangola7311.net;
- Rapper Valete falando, em entrevista ao site especializado Per Raps, sobre as dificuldades sofridas pelos negros na sociedade portuguesa e estabelecendo um comparativo com a realidade brasileira: www.perraps.com/post/92448366404/entrevista-com-o-rapper-portugues-valete.

3.3 Pesquisas bibliográficas

O objetivo desse trabalho é encontrar as justificativas para os rappers não aceitarem participar de programas da principal emissora de televisão do país. A partir da análise de discurso de Genival Oliveira Gonçalves, ao programa "*Provocações*", percebe-se que o rapper coloca o racismo como um dos motivos para o afastamento do movimento hip hop da grande mídia, com destaque para o Globo.

GOG ainda promove um debate afirmando que a mídia é elitista e não representa a população negra do Brasil, que é maioria, mas não está inserida na mesma proporção nos meios de comunicação. Além disso, Genival ressalta que o negro é mostrado com ênfase no papel de escravo. O discurso de GOG conduz para uma pesquisa bibliográfica, na qual se estuda temas relacionados a essa visão do rapper, seja para confirmar o discurso do músico ou apresentar uma análise que se contraponha a isso.

A pesquisa é iniciada com a busca pela definição de racismo. A base para esse

estudo é feita através do sociólogo Allan G. Johnson em seu "*Dicionário de Sociologia*". A pesquisa sobre a definição e análise do racismo é ainda ampliada com o livro "*Racismo e Anti-racismo no Brasil*", em que o professor doutor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães explica as diferentes versões sobre o racismo. A obra também possibilita que sejam analisadas visões antagônicas sobre a importância de definir o racismo, com autores como Banton (1983), Rex (1983) e Hiernaux (1965).

O professor doutor Carlos Moore Wedderbun, que é especialista em história e cultura negra, apresenta uma abordagem histórica sobre o racismo. A obra analisada é "*O racismo através da história: Da Antiguidade à Modernidade"*, de 2007. O livro de Wedderbun mostra que o racismo é definido através do fenótipo e também explica a evolução das raças e suas distinções. Essa pesquisa, para entender o racismo a nível mundial, se complementa com algumas pontuações de pesquisadores de diferentes épocas. Nessa busca para entender o racismo no mundo, são citados os pesquisadores da antiguidade Aristóteles, Arthur de Gobineau e Houston Stewart Chamberlian. Entretanto, ainda são citados autores como Fournier (1901), Thornton (2004), Diop (1991), Olson (2003), Santos (1996), Paxton (2007), Chappell (2008) e Teles (2007), que se dedicaram a estudar o racismo ou fatos da história que são complementares para compreender porque existe o racismo.

Não existe apenas um tipo de racismo, apesar de todos eles serem um preconceito com base em raças. Lima e Vala (2004) descrevem no artigo *"As novas formas de expressão do preconceito e do racismo"* as diferentes formas de racismo na sociedade atual, que são racismo moderno, racismo simbólico, racismo aversivo, racismo ambivalente, preconceito sutil e racismo cordial. Além disso, mostra que são vivenciados em sociedades diferentes.

Um dos primeiros estudos sobre racismo no Brasil foi apresentado pelo Datafolha em 1995. A pesquisa foi assinada por Turra e Venturi (1995) e é denominada de *"Racismo Cordial – A maior e mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil"*. Para entender a concepção do racismo na sociedade brasileira, faz-se uso novamente das pesquisas do professor doutor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães. O professor apresenta que essa cordialidade na sociedade do país faz o negro aparentemente ser tratado em igualdade com o branco e o próprio racista não se reconhece nessa condição. Todavia, a diferença acontece de forma silenciosa, no tratamento diferenciado e nas oportunidades sociais que distinguem as raças. Rocha (2011) e Santos (2007) apresentam e analisam números que comprovam uma diferença

social entre a qualidade de vida dos negros e dos brancos no Brasil.

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães ainda faz uma abordagem histórica da origem do racismo no Brasil, que é uma herança do período de escravidão. Guimarães explica características que diferenciam o formato de preconceito racial no Brasil, de outras realidades. A pesquisa busca ainda outras fontes que se complementam. Andrews (1998), Domingues (2007), Santos (1985), Dzidzienyo (1971) e Frübel (2013) explicam, através de fatos diferentes e análises também distintas, como o racismo vivenciado atualmente na sociedade brasileira é ligado à escravidão de negros no país.

Para entender a realidade brasileira, foram pesquisadas as leis sobre o tema.. No Brasil vigora as leis para combater o racismo e a injúria racial, que são mostradas nos seguintes links:

- Lei sobre o racismo: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm
- Lei sobre injúria racial: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9459.htm

Para além de relatar sobre as leis, faz-se uso dos estudos de Bonatto (2008), que analisa criticamente a legislação brasileira, no que se refere ao racismo. No artigo, o autor apresenta que a primeira legislação do Brasil sobre racismo foi instituída em de 1951, a Lei Afonso Arinos. No entanto, Bonatto a considera branda e relata que não condenou ninguém. O autor também apresenta uma avaliação sobre as mudanças na constituição do Brasil e o surgimento de novas leis, que são aplicadas atualmente.

O debate sobre o racismo na mídia brasileira se baseia inicialmente no Código de Ética de Jornalistas Brasileiros, no qual mostra que a imprensa não pode ser preconceituosa e ainda deve defender os negros e as minorias. No entanto, os doutores Rosane Borges e Roberto Carlos da Silva Borges publicaram o livro "*Mídia e Racismo*" em 2012, que apresentam artigos de vários atores contestando que a mídia brasileira cumpra o papel de combater o racismo. Na prática, muitas vezes é feito o contrário, provocando e incentivando o racismo, com mensagens subliminares. Almada e Muller são autoras presentes na obra que qualificam a mídia brasileira como racista.

A esse debate são acrescentados os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2011, no qual aponta que os negros e pardos representam 50,7% da população brasileira. Todavia, a doutora Silva Ramos apresenta, em sua obra "*Mídia e Racismo*", de 2002, argumentos em que observa uma escassez de representatividade na grande mídia. O debate sobre o racismo na mídia brasileira com o artigo "*Racismo e Mídia*", apresentado por Harisson Rocha, em 2011, aborda sobre o processo ideológico

da escolha de matérias. Ele justifica que isso é um dos fatores decisivos para que os brancos, que controlam a mídia, coloquem essa raça em destaque. Dessa forma, Rocha (2002) permite uma discussão teórica sobre os reflexos desse modelo midiático com a falta de identificação dos negros, como pertencente dessa raça. Joel Zito Araújo faz um detalhamento desse quadro no âmbito específico das telenovelas, na obra "*A negação do Brasil - O negro na telenovela brasileira*", de 2000. Araújo apresenta esse papel de branco como protagonista, através de números e análises. Toda essa análise de pesquisa ainda permite um comparativo com as ideias marxistas de que o pensamento dominante sempre seria o pensamento desejado pelas elites em sua época.

Pesquisas bibliográficas sobre hip hop

Depois de pesquisar e promover um debate sobre o racismo, o trabalho busca fontes bibliográficas para compreender o hip hop em sua concepção. Dessa forma, são analisadas a sua história, objetivos, evolução e importância para a sociedade. Autora da primeira dissertação de mestrado no Brasil sobre o hip hop, em 1996, a professora Elaine Nunes Andrade organizou o livro "*Rap é Educação, Rap é Educação*", em 1999, que conta com 15 artigos acadêmicos de autores diversos sobre o rap. Esse trabalho serve como base para compreender o hip hop no Brasil e mundo, bem como a sua ligação com a cultura e educação.

Todos os artigos apresentados na obra de Elaine Nunes Andrade são importantes para compreender o movimento hip hop. Entre os autores, está a professora doutora Maria Eduarda Araújo Guimarães, que assinou o artigo "*Rap: transpondo as fronteiras da periferia*", na qual aborda a identificação de outros perfis, como um movimento criado por jovens negros e favelados. A professora apresentou uma tese de doutorado em 2008 com o tema "*Do samba ao rap: A música negra no Brasil*", na qual apresenta a importância do hip hop para a cultura brasileira. Além desse trabalho, o artigo "*A Globalização e as novas identidades – O exemplo do rap*", publicado em 2007, de autoria da mesma professora, contribui para a pesquisa, já que aborda sobre o crescimento do hip hop a nível mundial, mas mantendo características peculiares em cada território.

O professor doutor José Carlos Araújo Silva escreve sobre o movimento hip hop sempre ressaltando a ligação com movimentos políticos e a importância para a educação e cultura no Brasil. Ele assina o artigo "*Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop em São Paulo*" no livro "*Rap e Educação, Rap é Educação*". Além disso, é

também autor da obra "*Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia*", que foi publicado em 2012.

A obra "*Hip Hop: A Periferia Grita*" é assinada pelas jornalistas Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano. Trata-se de um livro com vários conteúdos jornalísticos, que retrata sobre a história do hip hop, mas também apresenta particularidades e discussões teóricas. A obra apresenta, por exemplo, a ligação do rap com as outras vertentes da black music, que já existiam anteriormente, como o soul e o funk. Outro exemplo é apresentar que existe uma discussão se o hip hop é um movimento social ou cultura de rural. Esse último debate é feito também por Marcos Alexandre Bazeia Fochi no artigo "*Hip hop brasileiro - Tribo urbana ou movimento social?*", que foi publicado na Revista Facom, de 2007.

As obras de Maria Eduarda Araújo Guimarães e os livros "*Hip Hop: A Periferia Grita*" e "*Rap é Educação, Rap é Educação*" são as principais fontes de pesquisa para o hip hop nesse trabalho e, consequentemente, formam a maior parte do conteúdo abordado no capítulo sobre o hip hop no presente trabalho. A pesquisa ainda é acrescida de artigos complementares, que são analisados para entender algumas questões, o porquê de existir uma discussão sobre a introdução dessa arte na mídia.

O professor doutor Bruno Zeni contribui para a análise através do artigo "*O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva*", publicado em 2004 na revista Estudos Avanços da Universidade de São Paulo. Ele analisa que os Direitos Civis conquistados em 1964 contribuíram para o hip hop ser construído como um movimento que se orgulha em ser negro, uma vez que a autoestima estava elevada, com o fim da segregação racial. Os artigos de Vianna (1997), Schusterman (1991), Gomes (2009), Albuquerque (1997), Oliveira (2007), Silva (2005) também acrescentam ao debate, pontuando particularidades do hip hop, em diferentes tempos e territórios.

O professor doutor Bernardo Kucinski aborda sobre a existência de uma agenda nacional, em seu artigo "*Mídia e Democracia no Brasil*", que foi publicado em 2002, dentro do livro "*Mídia e Tolerância: A ciência construindo caminhos da liberdade*", de autoria de Margarida Maria K. Kunsch e Roseli Fischmann. Kucinski explica que a agenda nacional é os principais temas que serão abordados na mídia e, consequentemente, são debatidos na sociedade. A decisão de que temas serão escolhidos para compor a agenda é feita por um pequeno grupo que controla a mídia nacional. Além disso, destaca que a hegemonia da Rede Globo na sociedade brasileira é

equivalente a de regimes totalitários. Sendo assim, as análises de Kucinski podem ser correlacionadas para entender a oposição que alguns rappers procuram fazer ao sistema midiático.

Além disso, a pesquisa bibliográfica se correlaciona com os estudos de caso, quando autores como Fernandes Neto (2007), Wasko (2004) e Eco (2004) analisam o papel da mídia e da Rede Globo agindo como controladora da sociedade. Um dos temas recorrentes é a existência da alienação, que é tematizado também pelos rappers GOG e Marechal, porém, em uma linguagem coloquial que o rap permite.

CAPÍTULO QUARTO: A relação entre os rappers e a Rede Globo

O hip hop é um movimento de origem negra e pobre. De acordo com Guimarães (1998), o rap não apenas tem uma matriz cultural negra, como reggae e jazz, mas segue com essa matriz como tema constitutivo de suas músicas e como público eleito para essas canções. Ainda de acordo com a autora, o rap é tido como o veículo em que os negros e mestiços podem expressar as suas identidades, bem como os jovens expressam as suas realidades cotidianas através da música.

A necessidade de se criar um meio específico para essas pessoas se comunicarem se dá justamente pelo fato de não encontrarem nos espaços convencionais. Entre os meios que excluem os negros, a mídia é um dos mais importantes. Por isso, a relação entre o hip hop e a mídia causa bastante discussão entre os rappers. Guimarães (1998) relata que o grupo Racionais MC´s tem uma recusa completa aos meios de comunicação. E mesmo sem divulgação dos shows, sem aparecer em programas de televisão e vendendo os discos apenas em lojas especializadas em música negra, o álbum Cosa Nostra, do grupo, conseguiu a façanha de vender 1,5 milhões de cópias do disco "*Sobrevivendo no Inferno*", que foi lançado em 1997.

Apesar de sempre recusar conceder entrevistas para a maior parte dos veículos de comunicação, o grupo abre exceção para o canal musical MTV Brasil, que exibia alguns clipes da banda. De acordo com a autora, a exceção para a MTV é justificada pelo fato de ser um canal de divulgação para os jovens e também apresenta vários artistas negros, bem como contava com um programa específico para rap. O programa Yo! MTV entrou no ar em 1989 nos Estados Unidos e em 1994 ganhou a sua versão brasileira. Para outros canais, o grupo sempre teve restrições, chegando a expulsar repórteres da Globo e SBT de uma entrevista coletiva, em 1997. Guimarães (1998) relata que o grupo justificou a exclusão das emissoras do evento, alegando que a Globo apoiou a ditadura e o SBT coloca crianças para fazer danças sexuais, por isso, não deseja que a banda Facção Central apareça nesses canais.

> "Em dezembro de 1997, durante entrevista coletiva, eles pediram para que os repórteres das TVs Globo e SBT se retirassem. "Nunca vamos nos apresentar em uma emissora que apoiou a ditadura. Muito menos no Faustão, comandado por apresentador que tira (debocha de) seus convidados", diz KL Jay. Em outra entrevista, o mesmo KL Jay que "Sendo integrante dos Racionais, tendo uma visão dos problemas do meu povo, como posso falar para a Globo, que contribuiu com o regime militar, que faz programa sensacionalista? Ou para o SBT, que incentiva crianças de 3,4 anos a dançarem a dança da garrafa?". (GUIMARÃES, 2008, p.186).

Ainda de acordo com Guimarães (2008), o vocalista e líder do grupo Racionais MC´s, Mano Brown, chega a afirmar que existe um plano na imprensa para acabar com os 'manos' (como são conhecidos os rappers). Ele também defende que os negros são minoria nos meios de comunicação, por conta de um projeto intencional dos brancos da elite, que dominam a mídia e não pretendem abrir espaço para os negros. Sendo assim, Guimarães (2008) traz a afirmação na qual Mano Brown relata que *"enquanto a gente for minoria na TV e na imprensa a gente não vai aparecer. O rap é que nem armadura. É nele que a gente se protege"*.

Os rappers julgam ainda que a mídia contribui para uma visão criminalizada do movimento hip hop. De acordo com Guimarães (2008), os músicos apontam que a mídia só divulga o rap quando há brigas ou prisões envolvendo músicos ou participantes de shows. Guimarães cita o exemplo em que o rapper Nill[59], do Movimento e Ritmo Negro[60], concedeu entrevista a Revista Veja em 1994, por ter sido preso, acusado de incitar a violência. Mais recentemente, Emicida foi obrigado a prestar esclarecimentos na Delegacia, por cantar a música "*Dedo na Ferida*", que apresenta críticas ao trabalho da Polícia. O caso aconteceu em maio de 2012 e os agentes policiais presentes se sentiram agredidos moralmente e deram voz de prisão ao músico, após o show, por desacato a autoridade. De acordo com o portal Uol[61], o trecho enquadrado no inquérito policial foi o seguinte:

Dedo na Ferida
(Emicida)

"Foda-se vocês, foda-se suas leis!
Homens de farda são maus
Era do caos
Frios como halls, engatilha e plau!
Carniceiros ganham prêmios na terra onde bebês respiram gás lacrimogêneo"
(...)

[59] Nilo Santos de Souza, o Nill, é um rapper que nasceu 1966, na cidade de São Paulo. Ele participou das bandas Movimento e Ritmo Negro e Verbo Pesado. As duas bandas contam com as críticas sociais como a principal característica, mas a banda Verbo Pesado mostrou-se ainda mais polêmica, fazendo críticas diretas a vários governantes. Essa banda gravou apenas um disco, em 1998. Nill também lançou dois discos solos. O primeiro em 1998 e o outro em 2000.
[60] O Movimento e Ritmo Negro é uma banda paulista, que viveu o auge na década de 1990 e contava com várias críticas sociais. Após parar as atividades por volta de cinco anos, o grupo retornou em 2012 tendo apenas o vocalista Nill da formação inicial.
[61] Conteúdo disponível em: http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/13/emicida-e-preso-em-belo-horizonte-por-desacato-a-autoridade.htm

O rapper Dexter teve o seu nome associado ao crime, após entrevista ao portal Uol. Na entrevista, o músico, que é ex-presidiário, explicou que o grupo criminoso Primeiro Comando da Capital (PCC) nasceu nas penitenciárias como forma de se rebelar em conjunto contra as autoridades policiais. O título da matéria foi o seguinte: "*Rappers ex-detentos defendem o PCC como grupo de resistência*"[62]. O jornalista Rodrigo Bertolotto uniu a versão de Dexter, com a do também rapper Cascão[63], para compor a reportagem. Dexter apontou ainda que não foi comunicado sobre essa publicação em conjunto. A assessoria de imprensa de Dexter enviou uma nota para defender-se, afirmando que o jornalista do Uol editou os trechos da matéria e utilizou maldade. Essa nota foi publicada no portal do jornal de viés socialista Brasil De Fato[64].

Na nota pública, Dexter explica que não integra ou pertence a qualquer facção e prega um trabalho oposto a isso, não defendendo tampouco a solução para problemas sociais de qualquer ordem. Além disso, afirma que a conversa teve quase uma hora de duração e houve uma edição, para ser diminuída em 12 minutos, onde o objetivo é polemizar e criar uma imagem dele associada ao crime.

> "A forma como o material foi publicado tendencia o leitor a acreditar em uma posição que não condiz com o pensamento do artista, além de colocar em risco sua credibilidade e integridade física, e de comprometer a reputação do Hip Hop, estigmatizando o movimento. A pauta proposta era que o Dexter abordasse temas como violência, juventude, periferia, carreira artística e Hip Hop no momento atual. Entretanto, toda a parte da entrevista em que ele fala sobre sua carreira, assim como sobre o projeto "Como Vai Seu Mundo", desenvolvido pelo rapper dentro do sistema carcerário, ficaram integralmente de fora da edição do material publicado. Estas informações são essenciais para compreender a visão do artista sobre os assuntos em questão" (DEXTER e Boia Fria Produções, 2012, nota publicada em Brasil De Fato – disponível em: http://www.brasildefato.com.br/node/11336).

Nos comentários da matéria do Uol, foram vistos vários comentários de repúdio ao rapper e inclusive ameaças. O professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Laurindo Lalo Leal

[62] Conteúdo disponível em: http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/07/rappers-ex-presidiarios-defendem-pcc-como-grupo-de-resistencia.htm

[63] Cascão é o nome artístico do rapper Djalma Oliveira Rios. Ele foi preso em um assalto a banco em 1991 e passou oito anos detido. Ele conheceu o rap no sistema prisional e logo que saiu formou a banda Trilha Sonora do Gueto. É atualmente evangélico e segue cantando com músicas contra o sistema e o tratamento da polícia, que ele considera desumano. O grupo já lançou quatro discos e um DVD. No Vídeo Music Brasil de 2004, o clipe da música "*Um Pião de Vida Loka*" concorreu o prêmio de melhor videoclipe de rap do ano, mas acabou perdendo. Essa música faz parte do disco "*Us Fracu num Tem Veiz*", que vendeu 20.000 cópias, sendo vendido a R$20,00 na periferia, com os próprios músicos ou pessoas ligadas ao grupo. Cascão publicou um vídeo no Youtube em 2013, criticando a mudança de postura dos rappers, que teriam, segundo ele, esquecido a revolução e estavam preocupados em ganhar dinheiro. Em outras ocasiões, criticou a mudança de postura dos Racionais MC´s, por ter parcerias com a empresa Nike e teria dado abertura para entrevistas, mas era contra negociações como multinacionais e aparições na grande mídia no início da carreira. O líder do Racionais, Mano Brown, foi um dos primeiros a incentivar Cascão no início da carreira.

[64] Conteúdo disponível em: http://www.brasildefato.com.br/node/11336

Filho, disse, em entrevista ao Brasil De Fato, que a falta de uma lei de imprensa, que deveria ser utilizada em casos como esse, contribui para distorções dessa natureza tenham consequências graves.

> "Diante desse desamparo, a sociedade fica vulnerável para sofrer ataques que vão desde crimes contra a honra até a imagem pública, chegando até aos limites da integridade física. A distorção pode levar a tal situação que tem pessoas que podem apelar para a violência física. Isso é gravíssimo". (LALO, 2012, entrevista ao Brasil De Fato – disponível em: http://www.brasildefato.com.br/node/11336).

Nos Estados Unidos, os rappers também tem uma relação conflituosa com os meios de comunicação. De acordo com Guimarães (2008), os músicos recriminam a mídia pela "*sua evasão fictícia e superficial, seu conteúdo comercialmente padronizado, seu distanciamento da realidade e sua brutalidade*".

Com tantas críticas a discriminação da mídia quanto aos negros, muitos rappers preferem se calar diante da mídia. O ex-líder e vocalista do grupo Facção Central, Eduardo Taddeo, tem feito diversas críticas à televisão, com ênfase para emissora Rede Globo de Televisão. Em 1999, o grupo apareceu em vários programas de televisão para explicar que não incitava a violência com a música "*Isso Aqui é uma Guerra*", que foi censurada. Ao final disso, fez um balanço negativo das aparições e recusou a maior parte dos convites posteriores para ir a algum veículo de comunicação. O grupo condena as edições de imagem da época e a tendência para apresentar uma imagem de apologia ao crime por parte do grupo, com o intuito de favorecer a decisão judicial. Por isso, a faixa de abertura do disco seguinte, "*A Guerra Não Vai Acabar*", apresenta recortes de matérias veiculadas na imprensa, em que o grupo é classificado como criminoso. Desde então, Eduardo só retornou a televisão para aparições no programa da TV Cultura Manos e Minas, que é específico sobre rap.

Em palestra na cidade de Embú Guaçu (SP), realizada em dezembro de 2013, para lançar o seu livro "*Eduardo: A guerra não declarada na visão de um favelado*", o rapper explicou porque rejeitou conceder entrevista para abordar sobre o seu livro no Programa de Jô Soares, exibido na Rede Globo de Televisão[65]. Segundo o rapper, esse convite é uma forma de maquiar a visão preconceituosa que se tem da periferia. Por isso, ele teria sido convidado porque lançou um livro e é, de certa forma, diferente do restante da periferia, na visão da Globo. Utilizando gírias peculiares do rap, Eduardo afirma que o pensamento da produção do programa para o convite é "*quando você*

[65] Conteúdo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1N6BYD9jUWc

escreve um livro, agora o playboy diz: agora escreveu um livro, é intelectual, é da hora. Agora, você pode colar com nós e ir ao nosso programa".

Entretanto, Eduardo ressaltou, na mesma palestra, que o seu público está na periferia e, por isso, prefere divulgar o seu livro em eventos na favela, onde está com os seus semelhantes. Defende ainda que não quer ser um produto da mídia, "*um hit de verão*", que passa a ser conhecido apenas por estar em determinado programa. O objetivo é ser respeitado pelos seus semelhantes, que conhecem o valor da música, entendem o significado e convivem com aquilo. Por isso, é mais importante o convívio com esse público, do que a massificação da música através de uma emissora de televisão. Na mesma palestra, Eduardo falou que não iria a um programa de televisão da Rede Globo, mesmo na ocasião hipotética de ter liberdade de expressão, para criticar a própria emissora. Para Eduardo, a revolução está na periferia e não em um veículo estilista e, para aceitar um convite de uma emissora seria necessária uma reformulação em seu conteúdo, passando a respeitar o homem negro e periférico.

> "Para eu ir na televisão, primeiro a gente tem que mudar a televisão. A gente tem que utilizar o poder do boicote, para realmente mudar toda essa programação. Quando você tiver um programador, pelo menos, interessado em ouvir a periferia, ai sim você pode entrar na televisão. Quando o programador perguntar para a periferia: o que vocês querem ver lá? A gente quer ver o rap, mano. A gente quer ver o negro com respeito, o homem da periferia sendo tratado com todo o respeito, aí sim você pode pensar na televisão. Nesse momento não. Nesse momento você tem uma televisão alienadora, em que o genocídio é legitimado 24 horas por dia. Então, eu vejo a televisão como um inimigo. Então, eu não posso estar ali com o meu inimigo". (TADDEO, 2013, Palestra na cidade de Embú-Guaçu).

Além disso, o rapper refuta o argumento de que a televisão é um meio importante para manter-se informado. De acordo com Eduardo, o jornalismo da televisão é tendencioso e beneficia, em casos de violência, os policiais, enquanto esses exploram o homem da favela, violentando de forma cruel. O rapper ainda afirma que o jornalismo condena sem ter provas e, provoca assim, o aumento da violência e também legitima crimes e assassinatos contra inocentes.

> "Muitas pessoas falam que a televisão é a notícia. Não, a notícia da televisão é tendeciosa. O jornalismo é tendecioso, então você tem um monte de assassino de terno e gravata o tempo todo, batendo palma para a Polícia. Quantas vezes eu já vi a Polícia espancando, dando tiro e o cara lá, o apresentador mentindo para você: ah, ele reagiu. Então, você vê na televisão o tempo todo. O cara lá querendo ter o direito de preservar a imagem olhando para baixo, a Polícia torturando e o cara: 'não, é o que tem fazer'. Então, porque não tem colar nesse tipo de televisão". (TADDEO, 2013, Palestra na cidade de Embú-Guaçu).

Há ainda a estratégia de ir a um programa de televisão com o intuito de apresentar críticas. O rapper MV Bill utilizou dessa tática, quando foi convidado para participar do programa Domingão do Faustão, da Rede Globo, em 25 de abril de 2004. O artista decidiu cantar ao vivo a música "*Só Deus pode me julgar*" [66], que contém diversas críticas a Rede Globo de Televisão. Quando MV Bill cantou versos que atingiam a emissora, o apresentador Fausto Silva tentou interromper o músico, falando "*Esse é o MV Bill*" e, logo em seguida, dizendo que o músico estava fazendo esse trecho de improviso. A parte em que o apresentador tentou interromper foi a seguinte:

Só Deus pode me julgar
(MV Bill)

(...)
Não idolatro o Mauricinho da TV
Não deixa se envolver porque tem proceder
Pra que? Por quê? Só tem paquita loira
Aqui não tem preta como apresentadora
Novela de escravo, a emissora gosta
Mostra os pretos chibatados pelas costas
Faz confusão na cabeça de um moleque
Que não gosta de escola e admira uma Intratec.
(...)

Nesse trecho é possível analisar críticas à valorização do padrão branco e elitista, ao conteúdo da televisão, na qual pode ser compreendido como racista e as mensagens que são contrárias ao objetivo de educar as crianças. Ao afirmar que "*Não idolatro o Mauricinho da TV",* MV Bill aponta que não admira o padrão imposto pela televisão. Filho (2003) afirma que Mauricinho é uma taxonomia midiática usada com um tom de condenação moral e sem maiores preocupações com o rigor sociológico. Mauricinho é a figura padrão de um jovem branco, de classe alta e que recebe vários privilégios dos pais, sendo valorizado por sua beleza e prestígio social. Esse perfil é, contudo, contrário ao do rap, que busca valorizar o jovem negro oriundo da periferia.

Quando MV Bill aponta que só tem paquita loira e questiona os motivos para isso. As paquitas são dançarinas que apareciam no programa da Xuxa na Rede Globo e eram o símbolo da beleza brasileira, entre a década de 1990 e os anos 2000. Sendo

[66] Conteúdo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=HUQJxIH8fg4

assim, o rapper afirma que o padrão de beleza valorizado pela emissora é o de branco e loiro, jamais colocando as negras com tal espaço, o que simboliza os negros como uma raça inferior e feia. Além disso, ele induz para uma nova discussão sobre racismo, quando aponta que não tem mulheres pretas como apresentadora e os negros são recorrentemente mostrados como escravos, que apanham com chibatadas nas costas.

Dessa forma, o rapper aborda através da música um cenário apresentado por Araújo (2000), de que todos os autores negros até essa época tinham feito papéis de escravos em algum momento em que esteve na Rede Globo. MV Bill também provoca um debate sobre racismo que se assemelha com os argumentos defendidos por Rocha (2011). De acordo com esse autor, a maioria dos publicitários no mundo ocidental são brancos, de classe média, que pertencem aos grupos dominantes e a escolha do conteúdo faz parte de um processo ideológico. Por isso, por conta dos seus próprios interesses, a imagem dos brancos e ricos é intencionalmente valorizada. Outra crítica apresentada por MV Bill é quanto à disseminação da violência, com vários jornais apresentando a criminalidade, por isso, como o rapper diz "*faz confusão na cabeça do moleque, que não gosta de escola e admira uma Intratec".* A Intratec é um tipo de arma de alta potência.

Apesar de apresentar várias críticas em sua canção, MV Bill participou como ator da novela Malhação, da Rede Globo. Entre agosto de 2010 e agosto de 2011, o rapper viveu o papel de Antônio, um professor de matemática. O músico explicou os motivos de ter aceitado o convite em entrevista aos leitores da Revista Megazine, feita pela rede social Twitter e disponibilizada no website da revista[67]. O rapper justificou que aceitou o convite porque se tratava de uma mudança de postura da Rede Globo. Além disso, já que a inclusão de negros sempre era solicitada por ele, o próprio músico não poderia recusar-se quando o espaço estava sendo cedido.

> "Sempre fui muito crítico a novelas e sempre questionei a presença dos favelados e dos pretos. Na própria novela em que vou participar, também nunca consegui me ver. Mas há uma mudança no comportamento da direção do programa, entendendo a importância de ter uma novela condizente com a diversidade e os conflitos do povo brasileiro. Seria uma contradição minha não participar, já que propus mudanças em vários setores. E penso que, quando jovens de favela me assistirem participar, pensarão que esses lugares também podem ser ocupados por eles" (MV BILL, 2010, entrevista para a Revista Meganize).

[67] Conteúdo disponível em: http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/mv-bill-explica-porque-aceitou-entrar-em-malhacao-ha-uma-mudanca-no-comportamento-da-2963206

Outros membros do hip hop fazem participações em programas televisivos há alguns anos, com caráter de entretenimento. O rapper paulista Marcelo Santos, o Xis, foi um dos primeiros a aceitar participar de programas de televisão em caráter de entretenimento. Xis inicialmente foi ao Programa do Gugu no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) no ano 2000 e, por conta disso, foi hostilizado em um festival de rap, com o público gritando "*Volta para o Gugu*".

Xis foi autor de músicas contra o sistema midiático. Em 1999, ele gravou o disco "*Seja como for*", que conta com duas faixas que trazem críticas a mídia. A faixa "*TV é uma M..."* tem apenas 27 segundos e mostra a tentativa de encontrar algum canal com conteúdo interessante, mas o espectador não consegue. Já a música "*Bem Pior*", Xis relata a falta de perspectiva de um pobre que nasce na periferia e coloca entre os culpados Silvio Santos, dono do SBT.

Apesar das críticas feitas à televisão, Xis aceitou participar do reality show Casa dos Artistas em 2002. O músico afirmou, em entrevista ao site especializado "Vai Ser Rimando"[68], que sempre foi crítico à falta de espaço para os negros na televisão brasileira e, por isso, não poderia deixar de aceitar essa oportunidade para ocupação de mais um espaço, de divulgar a cultura negra. A participação de Xis foi curta, porém, bastante polêmica. Ele acusou a atriz Mariana Kupfer[69] de ser racista e também deixou o programa após não concordar com a mudança de regras, uma vez que dois participantes entraram no meio do programa, algo que não estava previsto inicialmente.

Ex-presidiário, o artista Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage[70], que foi assassinado em 2003, teve um relacionamento com a mídia cinematográfica, participando dos filmes "*Invasor"* (2002) e "*Carandiru"* (2003). Toni (2013) aponta que o nome Sabotage surgiu pela sua habilidade em burlar leis e sobreviver em meio ao fogo cruzado da criminalidade que o cercava. Sabotage, que foi presidiário, afirmava

[68] Conteúdo disponível em: http://www.vaiserrimando.com.br/xis-comenta-slim-rimografia-big-brother-brasil/

[69] Mariana Kupfer é uma atriz, apresentadora e modelo brasileira, que nasceu em São Paulo, no ano de 1974. Ela trabalhou em emissoras do Brasil como RedeTV, Record, SBT e Globo. Kupfer fez a sua licenciatura nos Estados Unidos e ganhou projeção no Brasil ao participar do reality show Casa dos Artistas, no SBT, em 2002. O rapper Xis acusou Mariana de racismo, afirmando que ela escondeu as joias com medo dele roubar. Ela, no entanto, defendeu-se afirmando que tentou se aproximar do rapper e ele criou uma intriga pessoal, desnecessária e o chamou de mal-educado. Ela ainda chegou a ingressar na carreira de cantora, gravando um cd em 2002, mas desistiu da carreira, porque o disco não fez sucesso. Ela cantou músicas em inglês, no estilo pop.

[70] Mauro Mateus dos Santos, o Sabotage, foi um rapper brasileiro, que nasceu no Rio de Janeiro e morreu em 2003. Ele defendeu levar o rap para a mídia, mas mantendo o discurso politizado e ligado a periferia. Além disso, trabalhou como ator nos filmes "*O Invasor*" e "*Carandiru*", que ganharam destaque no cenário cinematográfico do Brasil. Ele gravou dois discos e aproveitou o sucesso em vida durante pouco tempo. Em 2002, ganhou o Prêmio Hútuz, que é direcionado para o rap, como revelação e personalidade do ano. Após a sua morte, ainda foi lançado um documentário e um livro sobre a sua vida, além de duas coletâneas. Em 2009, foi eleito como uma das personalidades da década, pelo prêmio Hútuz. A sua morte é um mistério, mas a principal suspeita é de uma disputa pelo tráfico de drogas em uma favela no Rio de Janeiro. Sirlei Menezes da Silva está preso por conta do crime, mas não confessa a participação. Sabotage chegou a ser preso por duas vezes em 1995, por tráfico de drogas e porte ilegal de armas.

que o rapper podia se afirmar como artista e ganhar espaços na mídia, desde que a mídia não fosse responsável por guiar a postura do rap.

Ex-vocalista da banda Planet Hemp[71], que tinha como intuito principal a luta pela legalização da maconha, Marcelo Maldonado Gomes Peixoto, mais conhecido como Marcelo D2, também passou a ter presença constante na grande mídia, a partir de 2003, quando deixou o Planet Hemp, para se dedicar somente a carreira solo. O Planet Hemp tinha uma postura de crítica ao formato da mídia e deu ênfase a essa postura na música "*Procedência C.D.",* composição que faz parte do disco "*A Invasão do Sagaz Homem Fumaça*", lançado em 2000. A música denuncia a existência do Comando Delta, em que, segundo constava a letra, era formado pelos donos dos maiores grupos de comunicação e os principais empresários do Brasil, sendo responsável por escolher o nome do novo presidente do país, que seria eleito para servir aos interesses deles.

A banda se desfez em 2001 e Marcelo D2, que já havia gravado um disco solo em 1998, passa a se dedicar de vez a carreira solo. A postura de enfrentamento a questões sociais foi substituída por letras que falavam essencialmente sobre a arte de fazer música. Em 2003, Marcelo D2 lança o disco "*A Procura da Batida Perfeita*", que foca na possibilidade de unir o samba e o rap, dois ritmos da periferia brasileira. A partir daí, surge convites para vários programas de televisão e as músicas do artista passaram inclusive a fazer parte da trilha sonora de novelas da Rede Globo de Televisão, como "*Caminho das Índias*", veiculada em 2009, e "*Lado a Lado*", exibida entre 2012 e 2013. Marcelo foi criticado pela nova forma em que estava conduzindo a sua carreira, mas afirmou que faz política, ao ter, por exemplo, falado na Rede Globo sobre a legalização da maconha[72].

O rap está cada vez mais presente na mídia e surgiu uma nova geração de músicos que faz poucas letras sobre as questões sociais. O grupo Pollo é um exemplo. Em 2013, a banda conseguiu grande sucesso com a música romântica "*Vagalumes*", que fez parte da trilha sonora da novela da Rede Globo "*Sangue Bom*" e foi premiada em um dos principais concursos teen da TV Brasileira, o Meus Prêmios Nick 2013.

No mesmo contexto musical de Pollo, estão artistas como Projota[73], Emicida,

[71] Planet Hemp é uma banda do Rio de Janeiro, que mistura estilos musicais como rap, hard core e rock psicodélico. O nome Planet Hemp significa, em tradução literal, planeta da maconha. A proposta da banda era a luta pela legalização da maconha no Brasil e os integrantes chegaram a ser presos em 1997, por conta de apologia as drogas. A banda gravou seis discos e dois DVDS, ganhando a certificação de disco de ouro em quatro deles, por ter vendido mais de 40 mil cópias. Em 2001, a banda se desfez, mas retornou para shows pontuais em 2003, 2010, 2012 e 2013.

[72] Conteúdo disponível em: http://racabrasil.uol.com.br/cultura-gente/88/artigo9182-1.asp

[73] José Tiago Sabino Pereira, o Projota, é um rapper que nasceu em São Paulo. Ele lançou seis discos e tem contrato com a gravadora Universal Music, uma das maiores do Brasil. Projota iniciou a carreira em 2002 e em 2006 começou

Rashid[74] e o grupo Cone Crew Diretoria[75]. Esses músicos do rap surgiram na periferia, mas cantam músicas de cunho romântico, como também reflexivos e são mais aceitos no formato midiático, ao contrário do que acontece com grupos que criticam a mídia e a colocam como um dos fatores que provocam a exclusão social.

Presente em diversos programas de televisão, o músico Leandro Roque de Oliveira, o Emicida, é defensor da ideia de que o rap deve se desprender das suas origens. Em entrevista ao jornal Estadão[76], em 2010, o músico aponta que pensar no rap apenas como um meio de divulgar questões sociais é confundir o estilo musical com partido político e ressalta que esse discurso é cansativo e já está ultrapassado.

O rapper Adriano Bueno, conhecido como Elemento[77], faz crítica a essa postura de Emicida[78] e defende que a mídia tinha a necessidade de aceitar o rap, por conta do grande apelo popular e, por isso, existia a cobrança dos fãs do rap em mostrar essa cultura. A mídia não mostrava o hip hop, porque o movimento é muito crítico ao modelo implantado pelos agentes da mídia na sociedade. Dessa forma, segundo Elemento, a mídia encontra em Emicida o personagem ideal para servir aos seus interesses. Trata-se de um negro vindo da periferia, que mostra o rap e fala sobre a rua, porém, com uma postura inofensiva para o sistema. Em troca de se tornar um rapper mainstream, Emicida traz, segundo Elemento, o rap bem educado, que não vai contribuir para a reflexão sobre desigualdade social.

---

a participar de batalhas de freestyle, uma categoria de rap que os músicos devem fazer rimas na improvisação, em forma de disputa. Projota venceu quatro vezes a Batalha de Santa Cruz e três vezes a Rinha dos Mc´s, além de ser finalista em 2007 da Liga dos MCs, a mais importante do Brasil. A partir daí, ganhou projeção e em 2009 gravou o primeiro disco. Apesar de conter algumas críticas sociais, é um artista que busca sair da linha totalmente política e explora outros temas, como reflexões mentais e amor. Em 2012, venceu o prêmio de artista revelação do VMB Brasil e, no mesmo ano, também foi indicado como revelação do Meus Prêmios Nick, do canal à cabo Nickelodeon.

[74] Rashid é o nome artístico do rapper Michel Dias Costa, que nasceu em São Paulo, em 1988. O músico está em atividade desde 2006 e lançou o primeiro disco em 2010. A alcunha Rashid significa, em língua árabe, "justo", "verdadeiro". Ele tem quatro discos gravados e fez diversas participações na mídia brasileira. O seu estilo foge do padrão inicial do rap brasileiro, mais voltado para questões políticas. Rashid tem uma variação musical que fala sobre amor, amizade e também sobre o dia-dia da rua. Em 2012, concorreu aos prêmios do Vídeo Music Brasil, da emissora MTV Brasil, nas categorias hit do ano e revelação do ano, por conta do clipe "*Quero ver segurar*". Em 2014, fez a sua estreia no exterior, ao cantar no Festival SXSW, na cidade de Austin, no Texas, nos Estados Unidos.

[75] Cone Crew Diretoria é um grupo de rap do Rio de Janeiro, que foi criado em 2006. A banda tem seis integrantes e possui um estilo irreverente e fala sobre temas como críticas ao consumismo e política, além de citar com frequência o uso da maconha. O grupo tem três discos gravados e é considerado um dos maiores casos de banda independente da história do Brasil. A banda conta com mais de 1 milhão de fãs no Facebook, 235 mil no Twitter e mais de 50 milhões de visualizações no YouTube. Com presença nos principais festivais do país, o grupo foi citado, em fevereiro de 2014, pelo famoso rapper norte-americano Snoop Dogg como a maior revelação do rap mundial.

[76] Conteúdo disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,rapper-emicida-se-sente-parte-da-tradicao-do-samba,529772,0.htm

[77] Adriano Bueno, o Elemento, atua no hip hop desde meados dos anos 1990, que nasceu em Campinas, no estado de São Paulo. Ele foi integrante e fundador do grupo de rap Júri Criminal, que atuou entre 1996 e 2005. Elemento foi também um dos fundadores da Posse Rima & Cia em 1997. Ele ainda participou da idealização, concepção e realização da Casa do Hip Hop de Campinas em 2003, e do Conselho Municipal do Hip Hop, o primeiro do gênero no Brasil. Adriano Bueno é formado em pedagogia pela Unicamp e atualmente trabalha na Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas.

[78] Conteúdo disponível em: http://blogdoelemento.blogspot.com.br/2010/04/emicida-midia-e-o-rap.html

Emicida foi destaque em outro meio de comunicação de grande porte, no qual o conteúdo abordava para a mudança do rap nacional. A reportagem da Revista Época[79], de 2011, tem como título que o "Rap virou Pop" e traz Emicida na foto principal. Segundo a matéria da Época, Emicida é o destaque maior de um grupo de jovens músicos que tenta romper com os clichês sonoros e temáticos do rap nacional para soprar vida nova ao gênero.

Rael da Rima[80], Slim Rimografia[81], Rincon Sapiência[82], Flora Matos[83] e Lurdes da Luz[84] são outros nomes apontados pela Revista Época que saíram do discurso dos problemas sociais, para falar sobre temas alegres, como amor e harmonia. Além disso, as roupas tipo "gangsta" (roupa larga, correntes grandes e poucas cores) são substituídas por vestimentas coloridas e com maior afinidade com a moda, como retrata a reportagem da Época. Emicida argumenta que foi uma evolução conseguir sair do rap padrão. Na canção "*Emicídio*", do disco com mesmo nome, lançado em 2010, ele chega a dizer que a miséria é um sustento do rap, tanto como para a mídia e a política, ao cantar: "*Quem ganha mais com a miséria?/Os políticos, o Datena[85] ou o rap?".* A mídia é representada pelo apresentador de programa policial, Luis Datena. Nesse contexto musical, Emicida afirma que ao invés da justificativa de reflexão social, o rap não se desprende da miséria por tê-la como sustento, assim como a política e a mídia fazem, em uma utilização constante que é tão criticada pelos músicos de rap.

José Tiago Sabino Pereira, o Projota, é parceiro de Emicida em algumas músicas

[79] Conteúdo disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI224839-15220,00.html

[80] Rael da Rima é um rapper da cidade de São Paulo, que está em atividade no hip hop desde 1999. Ele foi integrante do grupo Pentágono entre 2002 e 2012, pela qual gravou quatro discos. Desde então, segue carreira solo e tem mais dois discos gravados. Rael tem como característica a mistura de ritmos negros, colocando o rap com reggae e jazz.

[81] Valter Araújo, o Slim Rimografia, é um rapper nascido em São Paulo, que está em atividade no hip hop desde 2002. Ele já gravou cinco discos e escreveu o livro "*O Navio Negreiro*" em 2011. Slim ficou conhecido pelo grande público ao participar do reality show da Rede Globo, Big Brother Brasil, de 2014, quando ficou em quinto lugar.

[82] Danilo Albert Ambrosio, o Rincon Sapiência, é um rapper brasileiro, que nasceu em São Paulo, em 1985. Ele também é conhecido como Manicongo e está em atividade desde 2000. O músico lançou o primeiro disco em 2009, batizado como "*Promotrampo volume 1*". O single "*Elegância*" foi a sua música de maior sucesso, com mais de 250 mil acessos no Youtube, além de ter sido indicada para o prêmio VMB Brasil, promovido pela emissora MTV Brasil. Em 2014, lançou o disco "*SP Gueto BR*" e disponibilizou gratuitamente na internet. Ele utiliza temas como o cotidiano da sociedade e faz críticas sociais, mas também fala sobre festas em suas músicas.

[83] Flora Maia Matos é uma rapper brasileira da cidade de Brasília. Ela iniciou a carreira em 2003 e é considerada uma das principais promessas do rap brasileiro, que conta com poucas mulheres em ação. Em 2008, participou do disco "*O Jogo é Hoje"*, que foi apoiada pela Nike e contava com a produção de membros Racionais MC´s. Em 2009, lançou o seu único disco até então e no ano seguinte foi indicada no prêmio VMB Brasil na categoria "Aposta".

[84] Lurdes da Luz, que prefere utilizar o nome estilizado Lurdez da Luz, é uma cantora de rap brasileira, que nasceu em São Paulo. Ela está em atividade desde 1998 e integra o grupo Mamelo Sound System, desde 2000. Pelo grupo, lançou quatro discos, além de um solo, que foi lançado em janeiro de 2010. Lurdez chegou a concorrer ao VMB Brasil de 2010, com a música "*Anei*", na categoria Melhor Videoclipe, mas não venceu. O seu grupo se intitula como afro-futurista, já que coloca elementos da música africana, mas com uma proposta de renovação, utilizando elementos eletrônicos que não são habituais ao rap, bem como produz canções explorando várias vertentes da música africana.

[85] José Luiz Datena é um jornalista brasileiro, que ganhou maior projeção apresentando programas policiais na televisão, mas já atuou em outras funções, como a de locutor esportivo. Em julho de 2012, foi escolhido como um dos 100 maiores brasileiros de todos os tempos, em uma eleição promovida pela emissora SBT, em parceria com a BBC de Londres. Atualmente, ele trabalha na Rede Bandeirantes, mas já passou pelas emissoras RedeTV e Record.

e também faz diversas apresentações na mídia e tem várias músicas românticas ou ligadas a reflexões pessoais, não necessariamente de pessoas pobres. Ele, no entanto, não é tão incisivo em afirmar que o rap deve se desprender do passado, ligado a causas sociais. Projota gravou em 2012 a música "*Vale a Pena"*, que relata sobre a guerra do rap, que já duram três décadas, por espaços na sociedade e afirma que o reconhecimento dele só existe porque outros rappers lutaram por aqueles espaços. O músico ainda canta que "*Sei que a minha vida melhorou/Mas meu povo ainda chora*" e critica o mensalão, a corrupção, acusa roubos nos hectares do pré-sal e enfatiza que a luta deve continuar. Na música, Projota também fala sobre a aparição na mídia "*Se for pra entrar na Globo, só pela porta da frente"*. Ele faz, dessa forma, uma analogia de que seria mais um local conquistado, se o músico for ocupar esse espaço, de uma forma em que será respeitado.

Slim Rimografia também é visto como um dos rappers que quebra o padrão do ritmo, como aborda a reportagem da Revista Época. Ele, inclusive, participou da edição 2014 do reality show Big Brother Brasil da Rede Globo. Slim relata na música "*Canto da Vitória*" que *"Só consigo me ver na TV quando eu desligo ela",* para afirmar que não tem espaço na mídia para pessoas negras e pobres como ele. Dessa forma, Slim acredita que a participação foi uma forma de divulgar a favela e os negros e não interferiu em sua carreira como rapper. Ele afirma, em entrevista ao site especializado em rap "Vai Ser Rimando"[86], que foi uma maneira das pessoas que surgiram no mesmo local que ele veio se identificarem e se verem de certa forma ocupando um espaço de destaque no principal veículo de comunicação do país.

O rapper Marcos Fernandes de Omena, o Dexter, é bastante crítico a essa aparição na mídia, em forma de entretenimento. Ex-presidiário que viu o maior grupo criminoso do Brasil surgir, o Primeiro Comando da Capital (PCC), o músico paulista afirma que disse não ao crime, para conscientizar pessoas que sofriam problemas sociais semelhantes aos seus, através do rap. Em entrevista ao site da MTV[87], em 2011, Dexter afirmou que a imprensa está usando colegas do hip hop, como Criolo e Emicida, mostrando um rap mais educado e pouco contundente ao sistema. Segundo ele, "*a mídia quer criar um movimentinho paralelo ao rap*" e os rappers não deveriam abraçar essa ideia da mídia, sendo utilizados para servir os interesses dela. Dexter afirma que o rap é um todo e não esse movimento paralelo e complementa que o rap não apareceu e não é feito para aparecer na mídia. O rapper avalia ainda que o hip hop é ligado a movimentos

[86] Conteúdo disponível em: http://www.vaiserrimando.com.br/entrevista-slim-rimografia/
[87] Conteúdo disponível em: http://www.mtv.com.br/musica/dexter-midia-quer-criar-movimentinho-paralelo-ao-rap

sociais, que contrariam os interesses dos donos das grandes empresas de comunicação.

Dexter também defende na entrevista ao site da MTV, que o movimento hip hop tem uma ideologia de esquerda e que vive uma cultura paralela, de resistência, sendo criado com o intuito de melhorar a comunidade, por isso, não tem espaço para movimentos de boys pedindo maconha, como mostra a mídia, mas sim a luta é pela comida na mesa. Para Dexter, apesar de algumas conquistas do rap já terem sido alcançadas, não se pode apenas comemorar e deve se lutar para continuar evoluindo. A ostentação do rap é inclusive tema de uma música de Dexter. Ele gravou, em 2010, o single "*Não Vejo Nada*", que aponta não entender o motivo para os rappers viverem em tanta alegria, se ainda existem diversos problemas para serem resolvidos.

Não Vejo Nada

(Dexter)

(...)

Na verdade esse seu mundo é um conto de fada

Você pinta um quadro onde eu não vejo nada

É muito glamour, muita ostentação

Juan Carlos Abadia do Rap ... sei não

Talvez você seja um cara pra frente demais

E eu apenas um zero à esquerda ineficaz

Que não faz nada mais do que se preocupar com o futuro

As pessoas um mundo melhor pra viver

Criar os filhos, ser feliz, lutar pra conquistar

Ser um bom aprendiz, pois na vida todo dia se aprende mais um pouco

Acomodado não sou simplesmente mais um louco

(...)

No refrão da música, ele canta que "*o bagulho está sério e você dando risada*". Dexter enfatiza ainda que o Brasil é o país da agonia que não passa e não ver motivos para sorrir. Ele diz que ainda observa crianças largando o futuro para trabalhar, famílias passando fome, drogas destruindo as pessoas, mas agradece por ainda ter a força para se recusar ao glamour, para continuar na luta por dias melhores.

Integrante do grupo Racionais MC´s, Edi Rock é atualmente defensor da aparição do rap em qualquer lugar da mídia, como forma de ganhar espaços para o hip

hop, como afirmou em entrevista ao site especializado em hip hop "Papo Rap"[88]. O grupo Racionais MC´s rejeitou várias entrevistas para as televisões brasileiras, falando apenas para as emissoras MTV e TV Cultura, que, segundo o grupo, mostravam um conteúdo relevante para a sociedade.

Em outras ocasiões, o líder do grupo Pedro Paulo Soares, o Mano Brown, apontou que a banda Racionais MC´s nunca iria na Rede Globo de Televisão, como aconteceu no programa Globo Repórter, que fez uma edição especial sobre o hip hop, em 1999. Todavia, membros dos Racionais MC´s vêm ocupando vários espaços na televisão brasileira. Edi Rock fez participação no programa global Caldeirão do Huck em 2013, ao lado de outro componente do grupo, Paulo Eduardo Salvador, conhecido no meio musical como Ice Blue[89]. Segundo Edi Rock, a aparição na mídia faz parte de uma evolução que seria necessária neste momento de mudanças no hip hop. Além disso, Edi argumenta, em entrevista ao site "Vai Ser Rimando"[90], que pode mostrar o seu trabalho aonde desejar e que isso não representa uma mudança de postura dos Racionais, mas uma opção profissional individual. Edi Rock, todavia, já havia afirmado, anteriormente, para a TV PT[91], que não iria a Rede Globo, de forma alguma.

Por outro lado, Eduardo Taddeo, ex-vocalista do Facção Central, é mais um músico que segue com a postura de recusar a convites de grandes centros midiáticos. O rapper foi questionado em uma seção de perguntas e respostas, durante o lançamento do seu livro, *"Eduardo: A guerra não declarada na visão de um favelado"* na cidade Embu-Guaçu, em novembro de 2013, o porquê de não ter aceitado o convite para lançar o seu livro no Programa do Jô[92]. Ele respondeu, nesta questão, sobre a possibilidade de ir a Globo em uma situação em que a emissora aceitasse críticas sem censura e ele apontou que é um caso hipotético, pois a Globo nunca abriria um espaço para receber críticas sobre si. Além disso, afirmou que não poderia estar ao lado do inimigo e contribuindo com ele, no caso a emissora, que, para o músico, explora o genocídio 24 horas por dia e tem uma programação alienadora. Segundo Eduardo, para o rap ser introduzido na televisão, é preciso primeiro que a televisão seja modificada. Para isso, os pobres e negros da periferia devem ser questionados, sobre o que eles querem assistir, prevalecendo o respeito ao homem negro, como ele merece.

[88] Conteúdo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=LzEfrOVEi6U
[89] Ice Blue é o nome artístico do rapper Paulo Eduardo Salvador. Ele nasceu em Campo Redondo, no estado de São Paulo, em 1969. Ele é um dos fundadores do grupo Racionais MC´s. Além disso, possui a marca de roupas *iceblue! e* organiza ações sociais e shows.
[90] Conteúdo disponível em: http://www.vaiserrimando.com.br/edi-rock-programa-caldeirao-do-huck/
[91] Conteúdo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lF19h47DEgg/
[92] Conteúdo disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=yxxRmBjbkxM

O rapper Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, não aceita qualquer tipo de negociação com a Rede Globo, justificando que os objetivos dela são contrários ao do rap. Enquanto o rap busca valorizar o homem negro da favela, a Globo estaria, na visão de Genival, contribuindo para um apartheid social, no qual o branco tem todos os privilégios sociais. Dessa forma, GOG recusou o convite para participar de um evento produzido pela Rede Globo na programação da Copa do Mundo de Futebol de 2014, que foi realizada no Brasil. De acordo com o músico, o convite teria sido feito em conjunto com a Federação Internacional de Futebol (FIFA), que promove a Copa do Mundo. Ele tornou público à recusa, através da sua página na rede social Facebook[93], fazendo com que essa carta fosse publicada em veículos de imprensa como o jornal *Diário de Pernambuco* e a revista *Caros Amigos*, bem como em sites especializados.

> "A Rede Globo me mandou outro convite: querem que eu suba ao palco na Esplanada dos Ministérios no 15 de junho de 2014, num evento produzido em parceria com a FIFA e outros mais, com transmissão para todo o planeta. Gostaria dar minha resposta em cadeia mundial, aqui e agora, dia 06/12/13, dia do sorteio dos grupos para a Copa. Não aceito o convite, não negocio com vocês, não me procurem mais, esqueçam o meu nome. Ah, vocês patrocinam o apartheid brasileiro. Bando de Racistas! Tirem o nome de Nelson Mandela dos noticiários sujos de vocês! Me sinto melhor agora" (GOG, 2013, Publicação na rede social Facebook).

Em seu manifesto, GOG deu ênfase a Nelson Mandela, porque, na visão do músico, a Globo está sendo hipócrita em fazer homenagens a esse ex-presidente da África do Sul. Nelson Mandela lutou contra o apartheid legitimado na África do Sul, que dividia o país, por isso, foi preso. Dessa forma, a Globo não deveria homenageá-la, quando, na visão do músico, faz justamente o contrário no Brasil, valorizando a imagem do branco e contribuindo para o pejorativismo negativo do negro, que é determinante para que eles não tenham as mesmas oportunidades sociais.

O músico Rodrigo Vieira, o MC Marechal, também acredita que a mídia não acrescenta ao rap, por isso, recusa a maioria dos convites. No entanto, ele aceitou um convite feito pelo músico Marquinho OSócio, para participar de uma festa do Big Brother Brasil, na Rede Globo, em março de 2013. O rapper aproveitou a ocasião para cantar ao vivo trechos da música "*Vamos Voltar a Realidade*", que apresenta várias críticas a Rede Globo e ao sistema televiso brasileiro.

Tanto GOG, como MC Marechal, buscam construir um mundo alternativo para as comunidades carentes, através do hip hop. Eles se recusam ao glamour de uma

[93] Conteúdo disponível em: https://www.facebook.com/GOGPoetta/posts/10151897684393124

carreira como artista e aos convites de emissoras de televisão, para construírem uma alternativa com aqueles em que consideram seus semelhantes. Por isso, será feita uma análise sobre as contribuições desses artistas para o hip hop e também o posicionamento diante dessa relação entre os rappers e a imprensa, com ênfase na Rede Globo.

4.1 O rapper GOG e a constante recusa aos convites da Rede Globo

Perfil GOG

O site oficial de Genival Oliveira Gonçalves, o GOG, http://www.gograpnacional.com.br/, está fora do ar. Porém, segundo Campos (2011), o portal informava que GOG nasceu em Sobradinho e foi criado em Guará. Os dois locais estão situados na zona periférica que fica ao entorno de Brasília e são chamadas de cidades-satélites.

GOG foi alfabetizado aos cinco anos pela sua mãe, Sebastiana Gonçalves, e mostrou afinidade com a música desde cedo, participando de movimentos de música negra a partir dos 12 anos de idade. A arte, porém, não atrapalhou os seus estudos e Genival Oliveira inclusive conseguiu ingressar na faculdade de economia, aos 17 anos de idade.

Ao contrário do que a mãe dele desejava, ele não seguiu carreira de economista e decidiu investir na profissão de rapper. Ele já que era envolvido no movimento hip hop desde a adolescência, mas não tinha pretensões profissionais. A decisão decepcionou a família, mas ele justificava que a música seria o caminho para conscientizar outras pessoas que não tiveram a oportunidade de ter o acompanhamento familiar como o dele.

Gonçalves iniciou a carreira artística na década de 80, mas só conseguiu gravar o primeiro disco em 1992, intitulado de "*Peso Pesado*". O primeiro hit do artista foi "*A Matança Continua*", na qual convocava as pessoas para refletir sobre o prosseguimento da exploração dos mais carentes, em um período onde a população brasileira vivia uma euforia devido à queda da ditadura militar em 1985.

Em 1999, GOG grava o disco "*CPI da Favela*", em referência a Comissão Parlamentar de Inquérito, que é uma investigação coordenada pelo Poder Judiciário para grandes investigações. Na faixa que leva o nome do disco, GOG anuncia que o protesto dele é agressivo ao sistema político. "*Eu confesso, o meu protesto, é linha dura, madura, matilha*". Na música "*Ei, Presidente*", as críticas são direcionados ao então

presidente Fernando Henrique Cardoso[94], que foi eleito, em 1994, com um discurso de ser um político socialista democrático, mas adotou o sistema neoliberalista. Entre as críticas, Genival afirma que FHC "*nega autoria dos seus livros e alia a antigos inimigos por comodidade*" e endossa o discurso ao adjetivar o então presidente como "*sociólogo nojento*".

Ainda em "*CPI da Favela*", GOG chega a induzir que pode ser necessária uma guerra civil entre o sistema político e os favelados, caso o quadro não mude. Em "*É o Terror*", Genival afirma que o rap nacional "*É o Terror que chegou*" para os políticos, por ter a missão de conscientizar a periferia e fazer, com isso, que o povo deixe de ser refém desses políticos. Além disso, afirma na mesma faixa que possui "*planos de guerra*" e que se "*reagir está contra a maioria, periferia é a maioria*". Ele enfatiza inclusive que o Brasil está em guerra racial e ele representa o povo. Essa é "*uma luta do vinil contra a alienação na novela*". Nesta afirmação, o músico aponta que o hip hop, representado pelo vinil, é uma arma de luta contra a alienação da televisão, simbolizada pela novela. Já em "*Brasil com P*", canção na qual todas as músicas iniciam com o fonema "p", o artista reafirma a possibilidade de guerra de classes e diz que "*Prevejo populares portando pistolas. Pronunciado palavrões. Promotores públicos pedindo prisões. Pecado! Pena, prisão perpétua*".

Ainda em 1999, o rapper escreveu a música "*Televisão",* em parceria com o grupo do Estado de São Paulo, Face da Morte, em que são feitas diversas críticas ao veículo de comunicação, afirmando que a TV serve para alienar as pessoas e os apresentadores são manipulados por grupos políticos e interesses econômicos das empresas e dos partidos.

Genival Oliveira Gonçalves manteve um distanciamento dos políticos na maior parte de sua carreira, mas declarou apoio público a Luiz Inácio da Silva, o Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT), quando este político venceu o pleito para presidente do Brasil, em 2002. Admirador e também amigo do ex-presidente, ele defende a visão de

[94] Fernando Henrique Cardoso é um político, sociólogo e cientista político brasileiro. Ele nasceu em São Paulo no ano de 1931. FHC, como também é conhecido, foi presidente do Brasil entre 1995 e 2003. Graduado em sociologia, Fernando Henrique era um militante político no início dos anos 60 e decidiu se auto exilar por conta da ditadura militar em 1964. Ele morou inicialmente no Chile, depois intensificou os estudos em sociologia, sendo professor na Inglaterra, França e Estados Unidos. FHC retornou ao Brasil e se filiou ao MDB em 1974, defendendo uma social democracia. Ele participou da luta pelas eleições diretas no Brasil, chamado de "*Diretas Já*". Foi senador do estado de São Paulo entre 1983 e 1992. Depois disso, exerceu os cargos de Ministro das Relações Exteriores e Ministro da Fazenda, até ser eleito presidente. Como presidente, procurou aprimorar o Plano Real, criado no governo de Itamar Franco, que substituiu Fernando Collor de Mello, que sofreu impeachment. O objetivo do Plano Real era o de estabilizar a economia brasileira, uma vez que o país não tinha uma moeda valorizada no mercado exterior. No entanto, o governo de FHC teve a pior média crescimento da economia na história, com apenas 2,4%. Fernando Henrique atualmente preside o Instituto Fernando Henrique Cardoso, que é especializado em estratégias econômicas.

que o Brasil está melhorando, desde a posse de Lula e continuou melhorando com o atual governo de Dilma Rousseff, também do PT, que assumiu a presidência em 2011. Com isso, saiu da linha totalmente radical e tem variado entre músicas críticas e canções que apresentam histórias de sucesso da periferia. Em 2007, o artista gravou o DVD "*Cartão Postal Bomba!"*, que foi lançado apenas em 2009. O trabalho contou com participações de nomes conhecidos na Música Popular Brasileira, como Paulo Diniz[95], Maria Rita [96] e Lenine[97]. A faixa "*Quando o Pai se vai"*, que conta com participação do cantor de Música Popular Brasileira Paulo Diniz retrata a história de um pai que criou os filhos na periferia e conseguiu educá-los da forma adequada. Em "*O Amor venceu a guerra"*, GOG retrata sobre a vida de um ex-traficante de drogas. Porém, o teor crítico segue em "*Eu e Lenine – A Ponte*", que aborda sobre o alto orçamento da Ponte Juscelino Kubitschek, em Brasília, orçada em 165 milhões de reais (cerca de 55 milhões de euros). A obra foi realizada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e inaugurada em 2002.

Outra música que traz crítica é "*É o Crime*", que tem como foco o preconceito que ainda existe, segundo a visão do músico, nas classes mais altas de que o rap é uma música criminosa. Ele ironiza esse pensamento ao afirmar "*mensagem positiva é o crime*", já que o rapper tem como objetivo levantar a autoestima dos oprimidos e, dessa forma, ter forças para desafiar o sistema. Sendo assim, o hip hop é contrário aos objetivos das forças dominantes, o que contribui para entender essa busca dos opressores de afastar a população do rap, colocando-o como um incentivo a criminalidade.

O próximo trabalho de GOG será "*ISO 9000 do Gueto*", que começou a ser gravado em 2011 e estava programado para ser lançado em 2012. Ele modificou bastante o projeto e ainda não o lançou, como ainda não tem previsão para a data do seu lançamento oficial. O intuito da demora é realizar um trabalho inovador e mais criterioso, fazendo algo bem diferente da sua própria média de produção de um disco,

[95] Paulo Diniz é um cantor de Música Popular Brasileira. Ele nasceu em Pesqueira, no estado de Pernambuco, e iniciou a carreira em 1966. Paulo gravou 13 discos e transformou poemas clássicos em música. Em 1970, Diniz homenageou o cantor Caetano Veloso, que estava em exílio, na canção "*Quero voltar para Bahia*". A música virou espécie de hino dos exilados da ditadura militar. Apesar de estar em cadeira de rodas desde 2005, ele segue realizando shows.

[96] Maria Rita Camargo Mariano é uma cantora de Música Popular Brasileira, que nasceu em São Paulo. Ela é filha de Elis Regina, cantora que fez sucesso nos anos de 1970 e 1980 no Brasil. Maria Rita iniciou a carreira artística em 2002. Logo em seu primeiro disco, que leva o seu nome, Maria Rita ultrapassou a marca das 1 milhão de cópias vendidas. Ela conta com sete discos e quatro DVDs na carreira. A cantora ganhou o prêmio Grammy Latino, que seleciona os melhores músicos do ano da América Latina, por dez vezes e foi indicada em outras quatro ocasiões.

[97] Lenine é um cantor do gênero Música Popular Brasileira. Ele iniciou a carreira no início dos anos de 1970 e gravou 13 discos, além de ter vencido dois prêmios Grammy Latino. Osvaldo Lenine Macedo Pimentel é natural de Recife, no estado de Pernambuco. Devido as suas composições, é membro da Academia Pernambucana de Letras.

que é de apenas 60 dias, como disse em entrevista ao blog especializado em hip hop, Zulu Informa[98]. Ele já lançou o teaser de um show realizado em 2011, que será utilizado em grande parte do disco, assim como o single "*África Tática*". Em "*África Tática*", GOG afirma que "*identidade e auto-estima negras na Afro-diáspora são combustíveis impactantes*", enfatizando que o objetivo da música é o orgulho da herança africana e a importância dela na formação da sociedade que se identifica com essa raiz genealógica afrodescendente.

GOG não é um grande adepto do mundo tecnológico, por isso, usa pouco o aparelho celular e costuma modificar bastante os seus contatos telefônicos. No entanto, costuma utilizar a rede social Facebook para divulgar as suas opiniões oficiais. Ele faz uso tanto de perfil eletrônico pessoal[99], como de uma página para os fãs[100], para tornar público as suas argumentações sobre assuntos diversos. GOG anunciou o fim da sua carreira artística, através de sua conta na rede social Facebook, motivado pelo fato de ter se desiludido com o movimento hip hop, pois, segundo ele, está cada vez mais voltado para o comercial e esquecendo as raízes de luta pelo direito a dignidade humana para a periferia. A publicação aconteceu no dia 16 de junho de 2013. Genival afirmou que chegava o fim de uma fase importante da vida e que depois de três décadas iniciaria uma nova fase na carreira, buscando trabalhar nos bastidores do hip hop, tendo disco "*ISO 9000 do Gueto*" como seu último trabalho.

> "O ISO 9000 do Gueto será o meu último trabalho profissional no Rap. Tomo essa decisão ciente do seu peso e consequências. Quero a partir de agora trabalhar nos bastidores e principalmente me dedicar a minha família. Preciso disso. Cumprirei todos os compromissos agendados, que agendar e farei minha derradeira apresentação no dia 20 de novembro. Tenho também agendamentos pontuais em 2014 e estarei presente em todos. Gostaria muito de agradecer aos e as que me acompanharam no palco, nos presídios nas FEBENs e seus vários nomes, nos estúdios, nas ruas e em todos os territórios que habitei e fui amplificado... Foi muito, muito aprendizado! Amo vocês, e estarei sempre com o Hip Hop no coração e trabalhando para que ele possa ser para todos e todas". (GOG, 2013, Publicação na rede social Facebook).

No dia seguinte, entretanto, GOG afirma que reviu essa decisão e iria dar prosseguimento a carreira, por ter recebido vários incentivos de fãs e amigos, falando da contribuição do rapper para o movimento hip hop. Dessa forma, o músico afirmou que se tratou apenas de um momento de fraqueza e garantiu a continuidade dos projetos musicais em execução.

[98] Conteúdo disponível em: http://zulunationbrazil.blogspot.com.br/2013/05/gog-manda-noticias-iso-9000-do-gueto.html
[99] Conteúdo disponível em: https://www.facebook.com/GOGPoetta
[100] Conteúdo disponível: https://www.facebook.com/gogoriginal

> "Me sentia forte, equilibrado, mas hoje ao ler as milhares de mensagens não me contive e chorei muito. E tudo que estava acumulado de dentro de mim foi embora. A vontade de parar secou. Sim, como vários amigos e vocês falaram o poeta dentro de mim ainda existe e é mais importante que nunca para todos. Um amigo falou que eu estou no momento mais produtivo e maduro da minha carreira e que se o homem sábio sabe a hora de parar, ele também tem que saber ouvir não só seu coração, mas os corações e a maioria não vê esta como a hora melhor decisão. Disse também que aprendeu comigo que família não era só a de casa, mas toda uma nação que me ama!. Os corações venceram o coração, e Deus, na sintonia, sabe que a CPI da Favela vence! Já voltei" (GOG, 2013, Publicação na rede social Facebook).

No dia 22 de agosto de 2013, GOG publicou em sua página no Facebook os motivos pelos quais ele não aceita qualquer convite para aparição na Rede Globo. O rapper explica inicialmente que não impõe como regra para os outros rappers a não aceitação de um convite, porque cada um tem o livre arbítrio sobre a sua carreira profissional. De acordo com GOG, a Globo sempre esteve historicamente distante das causas sociais e sempre foi preconceituosa com relação às canções de rap.

O músico destaca ainda que pertence a primeira geração do hip hop brasileiro, que sempre passou distante da mídia e, mesmo assim, revolucionou as periferias brasileiras. O rapper ressalta que muitos músicos da atualidade analisam que a Globo é essencial para lhe tornarem conhecidos, no entanto, a geração dele se preocupou mais em ser reconhecido pelas comunidades carentes, do que conhecidos por pessoas que não são o público-alvo do hip hop. Uma popularidade que tem apenas viés financeiro e não revolucionário.

> "Os anos 90 foram de ouro para o Rap Nacional, com revistas, milhares de rádios comunitárias, zines, poucos sites especializados, sem nenhum apoio da Vênus Platinada e de emissoras afins, vistas hoje como tábuas da salvação. Digo mais: eles não nos entendiam, não nos captavam. Não existíamos em sem sensores que rastreiam "boas novas" simplesmente pela nossa origem e principalmente por não considerem que nos fazíamos música. Com a explosão mundial do Rap Americano, ganhamos o "bálsamo do rastreamento" e passaram a investir, através da Indústria Fonográfica em algum grupos. Criaram o termo "Cantar Hip Hop" para esconder, "Cantar Rap" por eles taxados de violento, nada instrutivo e outros adjetivos" (GOG, 2013, Publicação na rede social Facebook).

Nesse processo de moldagem do hip hop, GOG acredita que existe uma preocupação em se ter palcos mais estruturados, efeitos, mega apresentações, mas ele afirma que o essencial deve ser o aprofundamento dos temas. O músico ressalta ainda que novos territórios estão se relacionando com o hip hop, a partir do momento que ele vai crescendo. Entre esses territórios, estão a mídia, a indústria e os partidos políticos. Na visão do músico, muitos rappers preferem esquecer o passado e se relacionar de

qualquer forma com esses territórios, para gerar lucro. Na visão de GOG, a relação deve acontecer, mas com cuidado e bastante "*centrado na leitura, na historicidade das relações entre poder, empoderados e governos*". Por isso, GOG afirma que a postura dele é a de representante de um Estado: o hip hop. Com isso, as relações são feitas para beneficiar esse Movimento e não os seus objetivos pessoais.

> "Minha postura é de Estado: Sou uma célula de um grande estado chamado Hip Hop, juventude negra, pobre, periférica, trabalhadores, trabalhadoras e todas as especificidades desse planeta. "Não desviar na reta do fim das vozes do início" – Trinta anos depois, tenho essa regra como prática diária. A minha geração, ou melhor, alguns membros dela, sonhavam com auto gestão, com um nós por nós, em fazermos nós mesmos o nosso diálogo, bater de frente com todos esses que trabalham para nos alienar, para que nada mude, e por aí vai. Sempre achei que ficar de olho no quintal do vizinho é coisa feia, e na falta de estratégias nossas, embarcamos na nau do opressor, que continua com as mesmas premissas, não mudou em nada, no máximo muda as palavras para dizer a mesma coisa" (GOG, 2013, Publicação na rede social Facebook).

Dessa forma, GOG analisa que os objetivos do hip hop de lutar pela periferia continuam vivo, mesmo que não sejam por todos os rappers. No manifesto do Facebook, GOG ainda cita que votou nas pessoas que atualmente governam o Estado Brasileiro e o Governo do Distrito Federal. Apesar do bom relacionamento com os mesmos, o rapper afirma que ele se mantém independente e os governantes o respeitam como representantes de um Estado. Por isso, Genival afirma que "*falo o que quero, na hora que quero e eles têm me respeitado como Estado, ou essa relação hoje não existiria*". Além disso, GOG aponta que tem oportunidade para receber bem mais dinheiro, mas prefere manter a sua postura integral, sem vender a sua liberdade e tendo apenas uma vida razoavelmente equilibrada, do que uma fortuna.

Participação de GOG no Programa "*Provocações*"

GOG é bastante criterioso para aparições na televisão. Para aceitar um convite, ele estuda bastante o programa e seus objetivos. Um dos locais que ele aceitou convite foi o programa "*Provocações*". Genival gravou no dia 18/04/2008, em edição que foi exibida no dia 08/05/2008, como afirma o site do programa (http://tvcultura.cmais.com.br/provocacoes).

"*Provocações*" é um programa da TV Cultura, um canal público do Brasil, que tem o perfil de explorar conteúdos culturais e educativos. O website informa que o programa é exibido desde o dia 06 de agosto de 2000. Trata-se de um talk show, exibido as terças-feiras, às 23h, em que o entrevistado fica de frente com o apresentador, para

responder perguntas sobre temas diversos. O programa é apresentador pelo diretor de teatro e ator Antônio Abujamra, que trabalha com televisão desde a década de 60.

O intuito do programa é convidar idealizadores da sociedade brasileira, para que eles exponham suas ideias, enquanto Abujamra busca realizar perguntas inesperadas aos entrevistados, para que as ideias dos participantes sejam colocadas em zona de risco. Abujamra inicia e finaliza o programa recitando poemas, sejam esses clássicos ou de autores desconhecidos. Além disso, há duas inserções do quadro "*Vozes da Rua*", na qual populares concedem opiniões sobre o assunto em pauta.

GOG foi recebido na edição 365 do talk show. A entrevista teve três blocos e totalizou 24 minutos e 41 segundos de debate entre o rapper e Antônio Abujamra. Além disso, o apresentador recitou duas poesias, uma na abertura do programa e outra ao final, assim como foram exibidos quatro depoimentos, divididos em dois quadros, de populares sobre o rap.

Genival Oliveira Gonçalves colocou-se na entrevista como defensor do movimento negro e das periferias, colocando-se na oposição do sistema capitalista e defendendo um governo para o povo. Quando questionado pelo apresentador sobre o porquê de existir esperança em um mundo dominado pelo socialismo, GOG respondeu que "*A esperança, ela reside no coração daqueles que acreditam que o planeta é para todos*". Ele ainda afirma que, como rapper, vive em função do amor ao povo, por lutar pela justiça social.

O músico também argumentou que a mídia não dá atenção ao movimento hip hop, por ser uma forma de libertação dos desfavorecidos ao atual sistema e, dessa forma, tem objetivos contrários ao de uma mídia controladora. Por isso, ele argumenta que os rappers devem lutar para que o movimento hip hop não seja colocado apenas como mais um produto da mídia. GOG respondeu, na primeira pergunta do programa "*Provocações*", que a mídia está começando a observar a força do movimento, mas trata apenas como mais um estilo musical e não como meio de luta social dos negros.

> "Na realidade o hip-hop, esse grande estilo de vida que é o hip-hop, a proposta dele é criar alternativas ao que está aí exposto. Nunca tivemos espaço nessa mídia, o hip-hop praticamente mais de vinte anos de Brasil e agora que começam a se interessar pela a gente, mas simplesmente como produto. E a diferença do hip-hop para os outros estilos musicais é exatamente porque não é um produto, é um estilo de vida, é muito mais que música, é cultura, né?". (GOG, em entrevista ao programa "*Provocações*", em 08 de maio de 2012).

Gonçalves ainda coloca a mídia como mais um fato de um processo de exploração, que teria iniciado no Século XVII, quando o escravo Zumbi dos Palmares, do Nordeste do Brasil, teria lutado pela libertação dos negros e foi morto. Para GOG, a mídia enfatiza a imagem do negro como explorado no sistema, o que, segundo o músico, contribui para a aceitação do negro como uma raça inferior.

Ainda segundo o rapper, o movimento deve continuar sem comunicar-se com os principais veículos de comunicação, por isso, a função do movimento negro é seguir criando mídias alternativas para divulgar a ideologia. A mudança de postura só poderia ser aceita quando a mídia deixar de contribuir para aceitação da exploração do negro e passar a respeitar a ideologia do movimento hip hop.

> "Olha, toda rebeldia tem seu preço. E, quando chega o GOG aqui pra falar, na realidade, eu estou representando não só essa geração, mas toda uma geração passada que foi torturada, que foi espancada, que passou não só a margem, mas muito longe do processo. E é esse sangue que corre ainda nas veias da gente. Quando falamos que somos descendentes de Zumbi dos Palmares, é muito importante isso porque nós acreditamos nisso como um sangue que ainda está jorrando em nossas veias. Então, aceitar essa mídia que sempre foi carrasca conosco, que sempre nos colocou ou cortando cercas de arames, mas nunca colocou embalando nossas crianças, é muito complicado porque dói. Mas não é ira, é raiva, é diferente. Isso pode passar no momento em que passemos a ser respeitados". (GOG, em entrevista ao programa "*Provocações*", em 08 de maio de 2012).

GOG também coloca que a deturpação de conteúdos não é feita apenas na mídia, segundo o rapper, a educação brasileira é conduzida de forma a valorizar opressores e exploradores das classes desfavorecidas. O músico aponta Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias[101], como exemplo. O Duque ficou conhecido como o Patrono do Exército Brasileiro, por ter uma postura pacificadora, mas o rapper acusa esse militar de ter sido um opressor. Para Gonçalves, "*Os livros que eles escrevem são sempre colocando os heróis deles. Duque de Caxias, pra nós, foi o maior genocida da história, enquanto proclamaram 'O patrono do exército brasileiro*".

"*Carta a Mãe África*" é uma composição em que GOG retrata sobre o orgulho de ser negro e descendente da África, mas, ao mesmo tempo, a dificuldade de se afirmar assim. Considerando a África como uma mãe de todos os afrodescendentes, GOG canta que os seus filhos "*o que menos querem ser e parecer/ alguém que lembre no visual*

[101] Luis Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi um militar brasileiro, que nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1803 e morreu em 1880. A cidade onde nasceu, que era chamada de Porto da Estrela, é atualmente denominada como Duque de Caxias. Ele era filho do brigadeiro Francisco de Lima e Silva e ingressou no exército brasileiro ainda aos cinco anos. Duque de Caxias ocupou os cargos de Presidente do Rio Grande do Sul, Presidente do Maranhão, Ministro da Guerra, Presidente do Conselho de Ministros e Senador do Rio Grande do Sul.

você". Ao mesmo tempo, GOG novamente condena o sistema de ensino brasileiro e afirma no rap que os opressores são vistos como heróis na sociedade, quando canta que "*Heróis brancos, destruidores de quilombos/ Usurpadores de sonhos, seguem reinando*".

Na entrevista para o programa "*Provocações*", Gonçalves ainda lança críticas à literatura clássica, de autores como Machado de Assis, afirmando que se trata de uma mensagem maquiada e de difícil acesso à periferia. Por isso, defende o crescimento de uma literatura paralela, com uma linguagem simples e que explore a necessidade da igualdade social e aponta diversos autores da periferia do Brasil. Além disso, segundo o músico, é criada uma imagem de que o movimento negro é composto por drogados, para que sejam feitos estereótipos dos participantes, o que provoca um afastamento natural da população.

Na mensagem de encerramento da entrevista, o músico apontou que o movimento negro pode assumir o poder no Brasil com a união, caso tenha união, uma vez que é a raça mais presente no país. Todavia, Genival Oliveira Gonçalves prevê um governo do povo negro no Brasil no futuro, mas sem represália as outras raças e união mútua entre todas.

> "A partir do momento que a gente tiver uma proposta de mudança, a gente nunca pode ter essa proposta de mudança pautada pelo poder. Porque o negro pelo poder, apenas pelo poder, ele vai subjugar o branco e as outras raças, as outras cores. Então, nós vamos tomar sim a caminhada, porque nós somos maioria, mas a partir desse momento nós vamos ter um amor universal, benevolente e a espada embainada, certo? Que é exatamente pra o que? Dentro da sabedoria, nós sabermos conviver e respeitar as diferenças." (GOG, em entrevista ao programa "*Provocações*", em 08 de maio de 2012).

Televisão: Uma música de intervenção ao sistema midiático

GOG e o grupo paulista Face da Morte compuseram a música "*Televisão*", que está no álbum da banda Face da Morte "*O Crime do Raciocínio*", de 1999, que tem uma abordagem crítica ao conteúdo televisivo brasileiro desde a sua implantação, até a atualidade. A música cita personagens e programas que contribuem para a manutenção do poder dominante em diferentes momentos da história da mídia, bem como retrata fatos que ligam as personalidades da televisão aos opressores, sobretudo, políticos.

Televisão
(GOG e Face da Morte)

Brasil anos 60 eles diziam
"bola pra frente não desista não não!"
Mas mataram estudantes
Proibiram o acesso as estantes
Nas ruas tantes ignorantes
A cabeça do povo murchou
Bomba de efeito retardado pertado pesado
Só agora estourou e quem lucrou? eu não!
Vou caminhando cantando e seguindo a canção
De domingão a Domingão segue a culturação
Processo de alienação através da televisão
E aí Faustão! quem sabe faz ao vivo!
Motivo pra eu dar um role na área
Junto com a rapaziada
Não vou perder o domingo vendo vídeo cacetada!
Junto com a mídia na mira realidade me inspira
Sou rapper do interior nem por isso inferior
Não tenho trava na fala aliado g nunca se cala!
Conheço um cara seu sobrenome é Massa
Foi eleito deputado e não lutou pelas massas
Votou a favor do Collor traidor da nação!
Agora na televisão quer dar uma de santinho
Não vou dizer seu nome ele é patrão do xaropinho
Rotulado como defensor do pobre
Na verdade o que interessa são os pontos no ibope
Cascalho caralho! faz o povo de otário!
Não me engano eu não sou bobo
Sou rapper da rede povo
Não queremos sua pena de sua gente não precisa
Brasileiro não tem preguiça quer oportunidade
Através do trabalho alcançar a qualidade de vida
Que é negada pra nós periferia esquecida
Desacredita? então pague pra ver
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando catando e seguindo a canção
Vem vamos embora! que esperar não é saber
Que sabe faz a hora não espera acontecer
E a Hebe que gracinha já passou dos sessentinha
Com espírito de mocinha à mim você não ilude
Apoia o Paulo Maluf que faz Singapura fartura
Faz Pitta que não apita nada!
Permite a máfia dos fiscais o povo não aguenta mais
Esse papo de "rouba mas faz"
Nem a pau nem fudendo não bebo "suave veneno"

Agora "note e anote"
Que a tv é um "leão livre" sempre pronto pro bote!
Não to andando nas nuvens mantenho os meus pés no chão!
Na minha opinião fantástico é ver a luta do MST
Sol a sol dia a dia em prol da cidadania
É o lado bom que ela não mostra
Agora tem outra novela com o nome de terra nostra
Mais uma bosta!
Doutor Roberto Marinho tem a receita perfeita
Um analgésico fatal áudio visual!
Vejo uma dose diária de jornal nacional
A impressão que se tem é que o mundo inteiro vai mal
Mas o Brasil tá normal sobre o controle remoto do FMI
Gente que nunca veio aqui pra saber o que é sofrer
Não imagina o que é isso mas é razão e motivo de eu ver
Criança abandonada querendo sobreviver
De pé no chão garimpando no lixão
Que é pra não morrer de fome quando acha um danone
Olha pro céu azul agradece a deus
Disputa com o urubu
Pelo estoque vencido que veio do carrefu
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando catando e seguindo a canção
Dona Maria lava a roupa e lota a vassoura
Recupera as energia assistindo "a usurpadora"
Já criou suas crianças
As 5 da manhã ela abre as portas da esperança
Do barraco de aluguel
Sua vida não é doce é amarga como um fel
Ficou doente faltou grana pra pagar a mensalidade
Do carnê de mercadorias do baú da felicidade
Cada vez mais doente fez promessa pro seu santo
O prejuízo dela é o lucro do Silvio Santos
Isso é o que eu chamo de "Golpe do Baú" vai tomar no Gugu!
Tem o domingo legal um programinha banal
Só tá faltando aparecer cena de sexo anal
Meninas de 5 anos ralando a tcheca normal
Dá audiência aquela porra toda
O povão tá gostando então se foda!
Mas chega a segunda-feira e você cai na real
Mete a mão no bolso vê que não tem 1 real
Procura emprego e não acha alguns se entregam a cachaça
Outros não então a maioria se acomoda
E não se incomoda com a situação

Escravo da televisão e é desse jeito que eles querem
O povo na maresia e segue a dominação
Da minoria sobre a maioria
O mundo gira e gira o mundo
E só a gente leva bucha
Mas logo é domingo dia de planeta xuxa
Eleições vem aí você decide
Se vale a pena ver denovo
Outro Fernando ou Ciro Gomes fabricado pela Globo
Enquanto você assiste à televisão
Vou caminhando catando e seguindo a canção
Com seus rostos maquiados sorrisos forçados
Programas ao vivo ou gravados
Eles são os serviçais do poder
Fazem um jogo sujo e esbanjam você
Qual o significado?
Sasha e seu quarto de 130 metros quadrados!
Hebe Camargo perguntava em seu programa
Porque todo pobre tem calcanhar rachado
Aqui vai a resposta
Por outro lado o que importa é o cascalho
1 milhão de reais por mês de salário
O que você recebe por ano eles faturam por hora
Eles são "os ricos que o meu povo adora"

A crítica inicial na canção escrita por GOG e Face da Morte, é quanto ao período da ditadura militar, época que coincidiu com o início da massificação da Televisão no Brasil. O veículo foi implantado no país na década de 50 e a população passou a ter maior acesso na década de 60, coincidindo com o período do golpe militar de 1964.

Os rappers afirmam na música que o veículo foi estratégico para a manipulação das massas, desde os primeiros anos de implantação dessa mídia no Brasil. Os autores acusam que o governo do militar Emílio Garrastazu Médici[102] utilizou a ampla divulgação dada a Copa do Mundo de 1970, através da TV, para fortalecer a imagem estatal, mas, ao mesmo tempo, a era do ditador praticava perseguições e torturas aos que não concordavam com o regime.

Na música, os artistas afirmam que "*Brasil, anos 60, eles diziam: Bola pra*

[102] Emílio Garrastazu Médici foi um político e militar brasileiro. Ele foi presidente do Brasil entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974. O governo de Médici foi denominado de Anos de Chumbo, por estabelecer um forte combate contra a extrema-direita. Neste período desapareceram centenas de ativistas políticos e militantes civis. O seu governo também passou pelo milagre econômico, que o Produto Interno Bruto do país cresceu 10%. No entanto, houve uma grande concentração de riqueza e aumento da desigualdade social no Brasil.

frente não desista não, não! Mas mataram estudantes, proibiram os acessos as estantes. Nas ruas tantes ignorantes, a cabeça do povo murchou. Bomba de efeito retardado, pertado, pesado. Só agora a bomba estourou e quem lucrou? Eu não!".

O início da canção, quando afirma "*Brasil, anos 60, eles diziam: Bola pra frente não desista não, não*" é uma referência à música "*Pra frente Brasil*", que foi composta por Miguel Gustavo[103] e utilizada por Médici para apoiar a seleção brasileira e explorar a imagem de que o país crescia junto com a equipe de futebol. Em seguida, GOG e Face da Morte contam, no trecho "*Mas mataram estudantes, proibiram os acessos as estantes*", que, paralelo a isso, eram mortos estudantes que não concordavam com o sistema, para que a ignorância maciça fosse mantida. Porém, na época, o assunto era sigiloso e só depois da queda da ditadura pôde ser mostrado, por exemplo nas aulas de história e em livros e documentários, o que é visto na citação "*Só agora a bomba estourou*".

Gaspari (2005) fortalece a versão dos rappers e aponta que a Copa do Mundo de 1970 foi fundamental para associar o sucesso da seleção de futebol com o crescimento do Brasil. Para isso, a estratégia de divulgação de Garrastazu Médici foi fundamental. Ele utilizou a primeira transmissão ao vivo de uma Copa, via televisão, para fortalecer a imagem do governo.

> "Noventa milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração [...] Salve a seleção' empanturravam as transmissões dos jogos seguindo a ideologia de 'Brasil Grande' propalada pelos militares. Nunca se vira algo igual. Fora a primeira Copa transmitida ao vivo, e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empanturravam as transmissões dos jogos. Médici abriu os jardins do palácio da Alvorada e saiu em mangas de camisa, com uma bandeira na mão e uma bola no pé". (GASPARI, 2005, p.207).

A ditadura militar foi extinta no Brasil em 15 de março de 1985, mas os rappers defendem, na canção "*Televisão*", que o veículo segue trabalhando em prol da manutenção do poder, que, segundo os rappers, apesar de não ser ditador, continua explorando a maior parte da população. Para contextualizar a ligação entre mídia e poder político, os rappers fazem uso da música de Geraldo Vandré[104], "*Pra não dizer*

[103] Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins foi um compositor brasileiro, que nasceu no Rio de Janeiro em 1922 e morreu em 1972, também no Rio de Janeiro. Miguel Gustavo também atuou como jornalista e poeta. Ele compôs músicas para artistas famosos no Brasil, como Moreira da Silva e Chacrinha, mas o seu maior sucesso foi "*Pra Frente Brasil*", que foi direcionada para a Copa do Mundo de 1970. A música, no entanto, também tinha caráter ufanista, para apoiar o governo do ditador Emílio Garrastazu Médici, que foi um dos presidentes do Brasil no período da ditadura militar.

[104] Geraldo Vandré é um cantor e compositor brasileiro, natural de João Pessoa, no estado da Paraíba. Ele ingressou na carreira artística no início dos anos de 1950, mas abandonou a carreira em 1974, após gravar seis discos. Como foi exilado, falava-se que o trauma da repressão teria sido o motivo para abandonar a música. Porém, ele concedeu

que não falei das flores", que se tornou um hino dos estudantes durante a ditadura. A música foi cantada no Festival de Música Popular Brasileira em 1968, mas logo censurada e só foi gravada em 1979.

O trecho da música de Geraldo Vandré utilizada pelos músicos é "*Caminhando cantando e seguindo a canção*". A frase da canção da época da ditadura brasileira é antecedida pelo verbo no presente do indicativo "*Vou*", na canção "*Televisão*", o que mostra um pensamento dos rappers de que a luta de classes continua, mesmo com o fim da ditadura.

A frase "*Vou caminhando cantando e seguindo a canção*" abre as citações de que os personagens da mídia brasileira da atualidade continuam na linha de servir ao sistema, como foi feito durante o período da ditadura. A diferença, segundo os rappers, é que houve uma atualização da forma de exploração.

GOG e Face da Morte focam as críticas em personalidades da TV Globo e SBT, que eram as emissoras de maior audiência no Brasil no ano de 1999, quando a música "*Televisão*" foi lançada. Os rappers apontam que os apresentadores Faustão (Globo), Xuxa (Globo), Hebe Camargo (SBT) e Ratinho (SBT) fazem parte de um grupo que contribui para o "*processo de alienação, através da televisão*".

Essa afirmação de que a televisão contribui para o processo de alienação encontra em Marx (2004) o objetivo de ter que alienar a classe oprimida, para facilitar a dominação do opressor. Marx (2004) conceitua que a alienação é a estratégia da classe dominante de elaborar ações para dominar as mentes da grande massa, destacando que esse processo se dá pela coisificação, exploração e apropriação demasiada do privado do trabalhador. Por conta da alienação, o homem não se preocupa com os problemas sociais, como também em contribuir com o próximo. O pensamento é voltado apenas para questões pessoais, como obtenção de emprego, como se as questões públicas não interferissem nele.

> "O trabalhador tornou-se uma mercadoria e é uma sorte para ele conseguir chegar ao homem que se interesse por ele (...) não tem apenas de lutar pelos seus meios de vida físicos, ele tem de lutar pela aquisição de trabalho, isto é, pela possibilidade, pelos meios de poder efetivar sua atividade". (MARX; 2011, p.24-25).

---

entrevista em 2010 afirmando que a falta de motivação foi a causa, porque os brasileiros se desacostumaram com música politizada, por serem vítimas da massificação. Duas de suas composições viraram sucesso. A canção "*Disparada*", interpretada por Jair Rodrigues, foi a primeira colocada do Festival de Música Popular Brasileira de 1966. Em 1968, ele ficou em segundo lugar do III Festival Internacional da Canção, com a música "*Pra não Dizer que não Falei das Flores"*. O público se revoltou, pois queria a vitória de Vandré. A canção se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar durante o governo militar, e foi censurada.

Os músicos ainda colocam o então diretor-presidente da Globo, Roberto Marinho, como um dos mentores do processo, ao explorar novelas que, segundo eles, não acrescentam no processo de enriquecimento cultural dos telespectadores. Essa argumentação de que conteúdos como novelas e programas de entretenimento fazem a grande massa não refletir sobre as questões políticas e sociais assemelha-se com as teorias de Eco (2004), uma vez que o analista social julga que conteúdos médios contribuem para a manutenção do controle sobre a população.

> "A televisão tem, portanto, a capacidade de tornar-se instrumento eficaz para uma ação de pacificação e controle, a garantia de conservação da ordem estabelecida através da proposta contínua daquelas opiniões e daqueles gostos médios que a classe dominante julga mais próprios para manter o status quo". (ECO, 2004, p. 346).

Além disso, os rappers afirmam que o principal noticiário televisivo do Brasil, o Jornal Nacional, da TV Globo, também contribui para a alienação, por não divulgar os problemas sociais do país e cantam que "*Vejo uma dose diária de Jornal Nacional. A impressão que se tem é que o mundo inteiro vai mal, mas o Brasil tá normal*".

Os músicos ainda citam ligações diretas de personalidades midiáticas com políticos. Hebe Camargo, então apresentadora do SBT, é acusada de ser apoiadora de Paulo Maluf[105] e Celso Pitta[106]. O primeiro ocupou vários cargos públicos e foi preso em 2005 por denúncias de corrupção, já Pitta foi prefeito de São Paulo entre 1997 e 2000, mas não se candidatou a reeleição, por ter 83% de rejeição popular. Outro apontado na música como apoiador de corruptos é Carlos Roberto Massa, o Ratinho, que foi deputado federal entre 1991 e 1995 e, segundo os músicos, apoiou Fernando

[105] Paulo Salim Maluf é um político brasileiro, que nasceu em São Paulo no ano de 1931. Ele é atualmente deputado federal pelo estado de São Paulo, cargo que está exercendo pela terceira vez. Paulo Maluf também exerceu o cargo do prefeito da cidade São Paulo em duas ocasiões (1969-1971 e 1993-1997), além de ter sido governador de São Paulo entre 1979 e 1982. Formado em engenharia civil, Maluf atuou também como empresário e vice-presidente da Associação Comercial de São Paulo. Em 1967, assumiu a presidência da Caixa Econômica Federal. Maluf ingressou na vida política em 1969, quando foi eleito prefeito de São Paulo. Maluf ficou preso em 2005 durante 40 dias, por intimidar uma testemunha em um processo que envolvia denúncias de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, corrupção e evasão fiscal. Maluf ainda foi incluso na lista de procurados da Interpol desde 2010, por solicitação dos Estados Unidos e pode ser preso em 181 países. Em 1996, indicou o seu secretário de finanças na Prefeitura de São Paulo, Celso Pitta, para candidatar-se a prefeito de São Paulo. Pitta foi eleito.

[106] Celso Roberto Pitta do Nascimento foi um político e economista brasileiro, que nasceu no estado do Rio de Janeiro em 1946 e morreu no estado de São Paulo em 2009. Celso Pitta se graduou em economia pela Universidade Federal Fluminense e se especializou no exterior, fazendo mestrado na Inglaterra e curso de administração avançada na Universidade de Havard, nos Estados Unidos. Como político, foi eleito prefeito de São Paulo e o seu mandato foi marcado por denúncias de corrupção. A gestão iniciou em 1997 e foi interrompida por 18 dias em 2000, por conta de condenações por corrupção. Ele retornou ao cargo, mas não buscou a reeleição, porque as pesquisas mostravam mais de 80% de rejeição popular da sua gestão. Pitta sofreu algumas condenações na justiça. Em 2004, foi condenado por desacato a autoridade, ao discutir com o senador Antero Pares de Barros. Em 2006, foi condenado a devolver 11,8 milhões de reais aos cofres de São Paulo, por má administração pública. Em 2008, passou duas semanas foragido, por não pagar pensão alimentícia a sua ex-mulher e se apresentou apenas quando conseguiu o habeas corpus. Logo depois, foi condenado a prisão domiciliar, por não pagar a pensão. Ele morreu em 2009, vítima de câncer.

Collor de Mello, ex-presidente do Brasil, que deixou o cargo em 1992, renunciando por contas das acusações de corrupção. Os rappers apontam que esses personagens da televisão são "*os serviçais do poder, fazem um jogo sujo e esbanjam você*".

GOG e Face da Morte ainda acusam os apresentadores de programas televisivos Hebe Camargo e Ratinho de apoiarem o sistema opressor, mas de não serem claros em suas mensagens. Fernandes Neto (2004) denomina esse processo, como sendo o envio de mensagens subliminares, que é o efeito de explorar conteúdos, aparentemente imparciais, mas que implicitamente tem o intuito de manipular a massa e possibilita a expansão do poder econômico e/ou político.

Nos estudos de Wasko (2006) encontra-se um aprofundamento sobre esse debate. A autora aponta, através dos estudos de Economia Política da Comunicação, que a mídia é formada política e economicamente em um formato que contribui para a manutenção do sistema dominante. Segundo a autora, as principais indústrias que produzem conteúdo midiático trabalham em forma de sinergia, para evitar a difusão de conteúdos paralelos, que não interessem a essa manutenção. A estratégia utilizada por essas empresas é homogeneizar o padrão de cinema e televisão, como forma de determinar o modelo ideal e, assim, bloquear a criação de novos conteúdos. O hip hop seria dessa forma um conteúdo novo, na qual GOG aponta que a mídia busca descaracterizá-lo e torná-lo apenas mais um produto moldado pelos meios de comunicação, diminuindo o seu poder de contestação e de ser uma força paralela.

4.2: O rapper Marechal e a utilização da Globo como espaço de intervenção

Perfil de Marechal

Nascido em 22 de setembro de 1980, o músico Rodrigo Cerqueira de Souza Machado Vieira, conhecido no ramo musical como MC Marechal, é um artista do gênero rap. Vieira (2013) revela que iniciou a sua carreira aos 13 anos, liderando o grupo Consciência Armada. No grupo, cada um se batizou com um nome e, como criador da banda, Rodrigo se intitulou como Marechal. Mesmo após o encerramento do grupo, ele manteve o nome artístico por considerar importante ser um marechal nas batalhas diárias da vida.

Por volta dos 18 anos, Marechal e outros dois amigos criaram o grupo Quinto Andar, que o objetivo era "*desconstruir o máximo possível",* como afirmou o músico em entrevista para a presente dissertação. O Quinto Andar colocava estrofes

desmetrificadas e utilizava ritmos como o jazz, para quebrar o padrão do rap da época, com batidas bastante semelhantes. Ao invés de sempre repetir temas que abordassem a realidade social, o senso de humor era um artifício utilizado pelos jovens músicos, para se falar sobre festas e temas do cotidiano. O Quinto Andar também continha críticas em suas letras e a maioria era voltada para a indústria fonográfica.

Na busca por mostrar os seus pensamentos políticos e sociais, o músico aponta que decidiu se desligar do Quinto Andar e ingressou em carreira solo. Vieira (2013) discorre, em entrevista ao presente trabalho, que, na nova trajetória profissional, as músicas tinham uma maior preocupação com o conteúdo a ser produzido e com a variação de temas reflexivos. De acordo com o músico, o objetivo da mudança para a carreira solo tinha o intuito "*de ser mais sério, assim, provavelmente, ter mais essa postura, de passar mensagem*". Ele afirma que ainda é uma busca e falta muito para atingir os objetivos traçados.

Vieira (2013) afirma já ter criado mais de 2000 músicas, porém, divulgou somente cerca de 50 composições. O músico comenta que o processo de seletividade das músicas é criterioso, e, por isso, só uma minoria é cantada para o público. E apesar de nove anos de carreira solo, o músico ainda não lançou um disco próprio. Os critérios rígidos para produção e o baixo orçamento são justificativas para a demora na gravação, que pode ser finalizada em 2014.

Marechal faz todo o processo de produção e gravação praticamente só, o que é outro agravante para aumentar o tempo de produção. O rapper relatou na música "*Sangue Bom*" sobre a demora no processo de produção do seu primeiro disco: "*O processo é lento e louco/ Eu tô tentando desde mil novecentos e noventa e pouco/ Ainda estou com muita coisa pra acabar*".

O disco que será intitulado de "*Vamos Voltar a Realidade*", mesmo nome de uma música de trabalho do artista, na qual ele faz uma série de críticas ao sistema midiático. Esse álbum terá faixas inéditas, mas também várias composições que já foram lançadas para o público e ele considera que estão entre as mais importantes da carreira. "*A Guerra*", "*Espírito Independente*", "*Voltar a Realidade"* e "*Viagem*" são músicas que Vieira (2013) adiantou que estarão no disco.

Em sua carreira, o músico tem uma relação de poucas apresentações na mídia, pois duvida da real intenção dos agentes da mídia, que, segundo ele, podem distorcer a realidade. Além disso, tem a opinião de que as entrevistas concedidas na mídia se tornam uma verdade padrão do pensamento do entrevistado, a partir daquele momento.

Tudo que ele disser posteriormente contrário à entrevista anterior é como se estivesse contrapondo a um pensamento dele próprio. Marechal observa que a opinião não é absoluta e pode mudar, a partir do aprofundamento dos estudos sobre um determinado tema. Outro ponto em que faz o músico se distanciar dos meios de comunicação é o fato dele não procurar a fama, pois afirma, em entrevista, que o seu objetivo é conscientizar as pessoas do seu convívio, através do rap e não apenas massificar como um produto.

Alguns músicos que Marechal apoia e ajudou a lançar, como Rashid, Projota e Emicida, estão atualmente entre os nomes do rap mais presentes na mídia. Apesar disso, Vieira (2013) relata que não os condena e acredita que cada um trabalha de acordo com o seu objetivo profissional.

Mesmo com as restrições, o músico teve apresentações pontuais na mídia, como no programa da TV Cultura Manos e Minas, além do especial Experimente, exibido no canal Multishow. Manos e Minas é um programa especialmente de rap, enquanto o Multishow foi um espaço pago por uma produtora. Em ambos, o músico deixou gravadas mensagens afirmando que se tratava de programas onde não existe censura, enquanto a maioria proíbe várias palavras. Outra aparição na mídia aconteceu em 2010 na BBC Rádio, da Inglaterra, quando ele cantou a música "*Espírito Independente*", letra em que aborda sobre as dificuldades de manter uma carreira sem apoios e com um ideal revolucionário. De acordo com Marechal, o critério primordial para aceitar um convite é que sejam apenas para apresentar as suas músicas e não utilizar a sua imagem para entretenimento. Ainda assim, o músico faz uma avaliação do histórico do programa, na qual ele analisa edições anteriores, tendo inclusive já rejeitado convites de programas comandados por amigos dele, por não atender os objetivos de Marechal.

> "Ou a gente faz música ou não faz nada, porque o que eu faço é música, não adianta eu querer ir pagar de animador ou disso ou daquilo, porque eu vou estar saindo daquilo que eu posso me expressar de melhor. Se eles querem explorar o outro lado, que explore com outra pessoa, porque eu não vou estar sendo eu e a pessoa não vai estar passando uma parada verdadeira. Eu estou afim de defender a verdade, não importa qual é que ela seja" (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

A complexidade de temas em Marechal

Marechal sempre busca temas que possibilitam várias reflexões sobre as composições. Ele faz uso da frase de Leonardo Boff [107] "*Todo ponto de vista, é a vista*

[107] Leonardo Boff é o pseudônimo de Genézio Darci Boff, um ecoteólogo, escritor e professor universitário. Ele nasceu em Concórdia, no estado de Santa Catarina. Boff é expoente da Teologia da Libertação, um movimento apartidário da teologia política, que engloba várias correntes de pensamento e tem o objetivo de libertar-se de injustiças econômicas, sociais e políticas. Além disso, historicamente defende as causas sociais e atualmente está

de um ponto", para explicar que é impossível fazer uma classificação sobre as suas composições, pois limitaria o seu trabalho. Dessa forma, argumenta, em entrevista, que nem ele próprio entende por completo cada mensagem que transmite, sendo capaz inclusive das pessoas terem uma interpretação mais complexa das composições do que ele próprio ou, ainda, ter um entendimento totalmente diferente da intenção original da mensagem.

Vieira (2013), no entanto, explica as mensagens principais que foram planejadas em cada composição. Na música "*A Guerra*", Marechal aborda pensamentos sobre três guerras que são comuns para as pessoas, são elas: as guerras mental, social e interior. Ainda de acordo com o músico, nenhuma música fala apenas sobre um assunto específico. Em "*A Guerra*", o rapper ressalta que independente do posicionamento social e econômico das pessoas, o objetivo é sempre obter a riqueza de qualquer forma, quando diz que "*Eu vejo a multidão de cego só crescendo/ Querem as jóias da coroa, forças, fronteiras se alteram/Geral quer ser rei*". Quanto à guerra social, Marechal aborda que muitos desistem dos sonhos e vivem na pobreza, lamentando por conta dos objetivos que não foram alcançados. Neste contexto, é feita uma analogia do rap como sendo "*o eco dos bueiros*", isso é, uma voz que é ouvida mesmo em condições precárias.

A Guerra

(MC Marechal)

(...)
Gritaria, choradeira, tiro, choro, desespero
Se entregaram, desistiram, meus irmão escreveram
Na calada, somos ratos, rap é o eco dos bueiros
Geração nos ouviram e os que não podiam ter rádio, leram
Os que não sabem olharam e viram, distinguiram o coração
Mensagem clara de que a tropa precisa da informação
Precisa tá em formação, mas precisa pra que no fim
Posso provar que as bala vindo não estão tão perdidas assim

É a guerra, neguinho! Onde correr não tem
Fumaçou, ouço chamar meu nome e não vejo ninguém
Porque vários sumiram, as famílias tão sem notícia
Mancha vermelha nas de cem e envelope na mão do polícia

(...)

desenvolvendo estudos sobre questões ambientais. É autor de mais de 60 livros nas áreas de Teologia, Ecologia, Espiritualidade, Filosofia, Antropologia e Mística. A maioria de sua obra está traduzida nos principais idiomas modernos.

Nos demais versos, o músico aborda sobre a guerra espiritual em que vive, retratando sobre o aprendizado ao longo da vida e também com pessoas que não estão mais na terra, ao dizer que "*Eu sou um deserto, honro meu DNA sobrevivente/ Ainda carrego no ombro a alma dos que não tão mais com a gente*". Ele ainda mostra que o hip hop é arma da periferia. Essa arma, no entanto, não é criminosa, mas as palavras que são utilizadas para que haja uma reflexão. Dessa forma, Marechal canta que "*Quer me matar? Eu faço tu sentir isso por dentro/ Cada vez que eu rimo ponho a minha alma em todas partes da letra/ Como se escrevesse nos teus cornos com a ponta da baioneta*".

Na música "*Viagem*", Marechal faz uma reflexão sobre uma viagem pelos sentimentos das pessoas. O músico aborda sobre a frieza nas relações interpessoais, a ganância por ganhar dinheiro e também retrata a manipulação do sistema sobre as pessoas. Marechal canta, por exemplo, que as pessoas estão cada vez menos interessadas nas relações com outros e diz que a sociedade "*É o cemitério relento/ São vários mortos vivos caminhando sem sentimento/Os papos de futuro na praça ficou no tempo/ E dos amigos antigos diz: Quantos ainda vivem o momento?".* Ele ainda leva para uma reflexão espiritual e sobre a personalidade de cada pessoa, quando faz várias perguntas auto reflexivas: "*Tu é o que é?/ Ou só o que se tenta ser?/ Tu é o que é eles são?/ Ou nunca conseguiu entender/ Tu é o que eles querem/ Tu é o que eles escolhem/ Tu é sem querer / E não adianta buscar resposta se você não tem os 'porque'*".

"*Griot*" é uma música na qual ele faz uma homenagem para os griots da África. Os griots eram sábios que passavam as histórias da África, a cada geração, utilizando apenas a linguagem oral. Eles reuniam as pessoas para ouvir as histórias e eram bastante respeitados. Ele faz uma analogia de que os rappers de hoje são os griots do passado, bem como Gomes (2009) fez análise semelhante. Marechal conclui com esse pensamento que o fã do rap se emociona com a música "*porque sente o espírito dos ancestrais*".

O rapper ressalta que os griots se preocupavam bem mais com o conteúdo do que com a forma de transmissão e, com isso, eram respeitados por essa sabedoria. Ele ressalta que atualmente a preocupação na evolução do rap é investir em tecnologia, para que a música que fique mais bem produzida, no quesito técnico, enquanto o conteúdo fica mais esquecido. Dessa forma, ele pede para que retorne ao início do rap brasileiro, do começo dos anos 90, quando os músicos se preocupavam somente com o conteúdo e

tampouco tinham interesse em estar na mídia. Assim, Marechal pede "*que volte a época que os MC's eram mais politizados*".

> "A Griot fala dos mensageiros, não é exatamente eu, eu nunca falo de mim 100% nas músicas. Eu falo do que acontece com as minhas experiências. Mas o que acontece, dentro daquele contexto ali, de pessoas que passam mensagens, os Griots. Eu acredito que seria mais interessante para as crianças de hoje em dia ouvirem as pessoas da época em que o rap mais politizado, porque hoje em dia o rap é mais tecnológico, entre aspas, é mais fácil de fazer, então seria interessante que as pessoas tivessem consciência para fazer da melhor forma. Antigamente tinha menos tecnologia e menos informação. Essa parada de internet mudou o mundo todo" (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

A pauta sobre o atual formato da educação brasileira também é levantada pelo artista. Marechal estuda a criação de um novo método de ensino nas periferias. Na música "*Griot*", ele aborda sobre o projeto de criar o centro de estudos avançados nas periferias brasileiras. Em entrevista para o presente trabalho, o rapper, que abandonou os estudos na sexta série do ensino fundamental, defende a tese de que o método padrão de ensino, no qual um professor ensina para uma grande turma o mesmo conteúdo, não respeita as individualidades. Segundo o artista, cada pessoa tem um método de aprendizagem com maior afinidade e também necessita de conhecimentos diferentes, que se contrapõe a fórmula atual de padronizar o conteúdo e massificá-lo.

> "Não dá para você ter atenção com muita gente. Tem que criar outro sistema. A pessoa tem que aprender por ela. Depois ela aprende sociedade, junto com ela. Mas ela vai. Acho que tem que ter outra dedicação para as pessoas, sabe? Tem pessoas que aprendem visualmente, tem que pessoas que aprendem auditivamente, tem pessoas que aprendem escrevendo, tem pessoas que aprendem vendo filme. Eu não posso usar, passar 15 minutos de filme e deixar as pessoas escrevendo, depois botar uns coloridos. Ninguém vai aprender nada também. Cada um tem que ir para um tipo de escola diferente". (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

Ele não se arrepende de ter abandonado os estudos e acredita que aprendeu mais fora da educação formal, por ter a possibilidade de estudar de forma independente e ler os livros que tem maior afinidade. Para o rapper, cada pessoa deveria ser estudada individualmente por educadores que entendessem qual o método que aquele estudante tem mais facilidade para aprender, para só depois ser elaborado um método de ensino individual para ele. Ele canta em "*Griot*" que existe uma metodologia padrão em que a sociedade implantou, de aprendizagem massificada e similar, que tem um objetivo único de conseguir um espaço para trabalhar no mercado. Esse método, segundo Marechal, faz com que a sociedade continue da mesma forma, com as pessoas tendo o objetivo apenas de repetir as funções das gerações anteriores.

Griot

(MC Marechal)

(...)

Pra ter voz geral trabalha, nós por nós

Malcolm X forma que for necessária

Em breve coleta de livros nos evento em várias áreas

Incentivo pra ter mais bibliotecas comunitárias

Depois das bibliotecas um centro de estudo avançado

Pra substituir as escolas, seus métodos atrasados

Nos preparam pra ser escravos, não incentivam o raciocínio

Deviam mostrar marcos da história mais parecidos com Plínio

Explicam o domínio de quem fabrica o dinheiro

Faz quem produz seu sonho e suborna seu travesseiro

Faz tu acreditar que só sobreviver ja tá maneiro

O jogo é sujo, segundo grau pra ser lixeiro

Geral ta sem dinheiro, eu to bolado

(...)

Ainda em "*Griot*", Marechal aborda sobre projetos que criou como alternativa de educação. Um desses é o Projeto Livrar, na qual ele canta "*Eu já me sinto livre/hoje eu quero é sentir que eu livro*" e também "*coleta de livros em várias áreas/incentivo para ter mais bibliotecas comunitárias*". O projeto é uma ação de distribuição de livros nos shows de Marechal e Sant, um jovem rapper que faz a abertura da maioria dos shows de Marechal. De acordo com a apresentação no website do projeto[108], "*Livrar vem da junção das palavras livro e levar e remete à essência libertária do conhecimento, um dos cinco elementos da cultura hip hop, ao lado do rap, do DJ, do grafitti e do break*".

O Projeto Livrar foi criado a partir de uma rede de escritores e editores brasileiros que têm o interesse das suas obras serem distribuídas em várias cidades do país. Livrar surgiu em maio de 2012 e ganhou grande repercussão nas redes sociais e mídias alternativas, como os sites especializados em rap. De acordo com o website Vamos Voltar a Realidade, de propriedade de MC Marechal, o projeto ultrapassou a marca dos mil livros distribuídos em maio de 2014, quando o Livrar completou dois

[108] Conteúdo disponível em: www.projetolivrar.com.br

anos de existência[109].

Outro projeto citado por Marechal na música "*Griot*" é a Batalha do Conhecimento. Ele canta que "*as batalhas falavam merda/ eu fiz a do conhecimento*". De acordo com o site do Museu Arte do Rio[110], a Batalha do Conhecimento "*consiste em uma batalha de rimas improvisadas entre músicos, com base em palavras escolhidas pelo público*". As tradicionais batalhas de rap têm como objetivo fazer as melhores rimas e apresentar conteúdos que provem a superioridade de um competidor em fazer rimas melhor do que o adversário, podendo xingar e constranger o outro rapper. Enquanto isso, a Batalha do Conhecimento tem o objetivo de se aprofundar em temas escolhidos pelo público, para analisar quais dos rappers apresentaram maior profundidade de conteúdo, versando em rimas de rap.

> "Nas batalhas tradicionais, o improviso se limita a uma disputa. Na Batalha do Conhecimento, há uma reflexão conjunta que constroi uma nova referência interna e externa, individual e coletiva. Como resultado, temos um banho de raciocínio lógico, rápido, criativo, somado à cultura brasileira e ao aprofundamento e à reflexão dos assuntos". (MARECHAL, 2013, entrevista ao Jornal Extra, disponível em: http://extra.globo.com/noticias/educacao/vida-de-calouro/mc-marechal-promove-batalha-do-conhecimento-no-museu-de-arte-do-rio-11700748.html).

Não há qualquer restrição para participação na Batalha do Conhecimento, inclusive crianças disputaram algumas edições, sendo necessário apenas se inscrever uma hora antes da disputa. Além disso, grandes nomes do hip hop nacional, como Cone Crew Diretoria e Emicida, já estiveram na Batalha do Conhecimento. Por ser uma possibilidade de educação aos jovens, o evento foi incluído no calendário do Museu do Arte do Rio, sendo realizada uma edição na última terça-feira de cada mês. Marechal afirma, em entrevista ao Jornal Extra, que a Batalha do Conhecimento "*não é apenas um evento direcionado ao público, mas é principalmente um projeto de qualificação da cena hip hop e um importante laboratório que estimula o trabalho autoral dos MCs*".

Marechal ainda incentiva a desobediência civil na música "*Eu não tenho dom para aguentar patrão*". Nesta canção, ele afirma que "*Eu não tenho dom para aguentar patrão/Ganhar duzentos conto enquanto os vermes fazem milhão*". Apesar da afirmação, Vieira argumenta que não defende uma mudança radical do sistema político, implantando o socialismo. Segundo ele, muitas pessoas fazem manifestações populares para que seja implantado um governo de esquerda, quando várias vezes não têm uma formulação exata de como seria isso. Sendo assim, o MC adota uma postura para que

[109] Conteúdo disponível em: http://vamosvoltararealidade.com/696/
[110] Conteúdo disponível em: http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/evento/batalha-do-conhecimento

seja estudada a melhor forma de governo, através de uma evolução contínua e não apenas uma mudança política total sem grandes fundamentos.

> "Quer destruir o sistema? Beleza, tu vai construir o que no lugar? Se eu não tiver base para construir, entre aspas, outro sistema, alguma coisa que funcione, não adianta você destruir o sistema. Estudo. Falta muito para a gente" (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

O músico também apresenta argumentos em que expõe que as pessoas tem uma pretensão de controlar um sistema de governo, quando não resolvem coisas mais simples do dia-dia, por isso, a melhor forma de governo seria com sociedades organizadas em pequenos grupos, onde cada família determinaria as regras naquele local. O rapper também tem uma visão de que "*Qualquer tipo de lei já é ditadura*" e jamais votou ou sequer tirou título de eleitor, porque não quer eleger alguém para ditar as regras de sua vida.

Em "*Espírito Independente*", Marechal ressalta sobre as dificuldades de fazer uma carreira com a sua metodologia, de trabalho independente. Ele é um músico que faz toda a sua produção em um estúdio caseiro, sendo responsável por todo o processo musical, desde a composição até a mixagem e finalização. O objetivo é não se render a exploração de gravadoras. Marechal reconhece as dificuldades para manter essa metodologia, mas afirma na música "*eu amo tanto o que eu faço, que esse amor vai ser possível*". Ele também canta em "*Espírito Independente*" que não aprova a reprodução dos seus shows através da internet ao dizer que "*vídeo disso aqui na net é claro que não tem meu aval*". Na entrevista para a dissertação, o músico explica que não aceita a reprodução em vídeo, por provocar uma reação diferente, em relação aos que presenciaram o show.

> "É diferente você ir no show e ver o vídeo. Ela pode ter uma ideia. Isso eu acho que contribui com o lance da educação também. Quantas coisas que você viu um vídeo na internet que você acha que conhece já? Isso é mentira, se você não viu ao vivo, você não conhece, não adianta. É outra energia, outras pessoas, o ambiente. Tudo influencia para a sua forma de absorção daquilo. Sabe qual é? Um vídeo não te fala muita coisa não. Então, toma cuidado pra caralho. Principalmente, nessa era de vídeo, para você não cansar a imagem das pessoas e ter menos sentimento. Tá ligado? E o que vale é o sentimento, o que vale é só o sentimento. O resto é imagem. A real é essa". (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

O músico ainda fala de forma breve sobre a filosofia "Um Só Caminho" na música "*Espírito Independente*". Ele afirma que "Um Só Caminho/ Mais do que música é uma missão". "Um Só Caminho" é uma filosofia de vida e código de honra não

escrito, na qual Marechal é um dos seus criadores. O objetivo é apresentar uma alternativa de vida ao sistema atual. Vieira (2013) aponta que esse código moral é baseado no taoísmo, que é uma filosofia chinesa que qualifica a importância da vida em harmonia. O grupo inaugural da filosofia "Um Só Caminho" foi formado por quatro pessoas. Além de Rodrigo Vieira, participaram o rapper Emicida, o empresário de confecções Tujaviu[111], além do fotógrafo Pedro Gigante[112].

Como se trata da fonte de inspiração, se faz necessário estudar o taoísmo para entender a filosofia "Um Só Caminho". De acordo com Cherng (2010), a palavra taoísmo pode ser interpretada como doutrina do caminho (Tao: caminho, trilha, estrada + Ismo: Formador de nomes de doutrinas, princípios, teorias e sistemas filosóficos). Cherng afirma que esse caminho em que é buscado é o infinito, a ligação entre todos os tempos.

> "Tao é um caminho que veio de um passado que não teve início e se estende para um futuro infinito. Tao, como caminho, representa o elo que liga todos os tempos. É um caminho de infinidade. É o caminho que rompe a barreira do tempo e do espaço. É tão grande que nos permite aprender todas as coisas. É tão minúsculo que pode caber dentro de um grão de poeira. Como algo grande, contém todos os seres, todas as coisas e todas as formas. Como algo pequeno, cabe na menor partícula do Universo. Portanto, o Tao, como infinita expansão e recolhimento que rompe a barreira do tempo e do espaço, representa o Absoluto. O Absoluto que todos os antigos mestres taoístas buscavam". (CHERNG, 2000, p.12).

O taoísmo retrata ainda sobre a importância da essência das coisas independente de quantidade, de medi-las ou fragmenta-las. Essa tradição filosófica e religiosa sustenta que a "*união das coisas está na sua essência e não nos seus fragmentos*", por isso, essa união é buscada nas partes, no encontro e na convergência das coisas e não em seu resultado final. O taoísmo busca aceitar também a diversidade, seja ela no âmbito da religião, cultura, raça, entre outros. Os antigos mestres taoístas sempre tiveram respeito pela diversidade e buscavam compreender a essência, deixando vários ensinamentos, que são relatados por Cherng (2000).

[111] Tujaviu é a alcunha na qual é conhecido o empresário de confecções e grafiteiro Wagner Maciel Santana Neto. Ele é natural de Brasília e mora no Rio de Janeiro. O nome Tujaviu é uma expressão que vem de "Tu já viu", para afirmar que a pessoa já viu aquele estilo de grafite. Ele é grafiteiro há 14 anos e faz parte da crew Tujaviu, do Rio de Janeiro. Crew é o nome dado a um grupo de grafiteiros. O grafiteiro é empresário de confecções desde 2005 e possui as marcas Tujaviu e Vandalism, nas quais produzem roupas do estilo urbano, que se inspiram no grafite e no dia-dia da rua. Essas roupas são utilizadas por membros e fãs do movimento hip hop. Tujaviu foi responsável também por produzir as primeiras roupas da filosofia "Um Só Caminho".

[112] Pedro Gigante, ou Pedrinho, é o nome utilizado profissionalmente por Pedro Henrique Pinto Marques de Souza. Ele é fotógrafo e graduado em publicidade e propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), do Rio de Janeiro. Pedro nasceu em Niterói, no estado do Rio de Janeiro e trabalhou com MC Marechal por dois anos, entre 2008 e 2010. Ao lado do rapper, ele organizou a Batalha do Conhecimento, uma batalha de rap freestyle que visa explorar o conhecimento dos participantes, utilizando temáticas definidas pelo público. Atualmente, o publicitário trabalha como diretor de comercial e marketing em uma empresa de software.

> "Não procure unificar as coisas nos detalhes, mas nas suas raízes. Procure ver e aceitar uma grande árvore, com suas centenas de ramos, na qual cada galho tem um tamanho, tem uma espessura, um formato e uma quantidade de folhas diferente do outro. Não procure separar os galhos iguais, nem tente "consertá-los", para que tenham todos a mesma quantidade e a mesma aparência. Deixe cada folha ter seu tamanho, permita que cada galho tenha sua espessura, extensão e características próprias. Mas saiba que toda essa biodiversidade tem uma só origem, da qual todos vieram, uma única semente. Ter a consciência da essência das coisas. " (CHERNG, 2000, p.11).

Vieira (2013) declara ser impossível definir a filosofia "Um Só Caminho" em palavras. "*Não posso limitar a parada com palavras, é uma convivência, é tipo uma construção. A gente se reúne, se encontra. É um negócio meio nosso, de ideias e de construção de postura e de vida*". O músico aborda ainda, em entrevista, que um dos pontos da filosofia é acreditar na força dessas pessoas que formam o grupo, como ponto fundamental para fortalecimento desse código moral.

> "A união não faz a força. Os fortes fazem a união. Isso é uma das coisas do "Um Só Caminho" que eu posso te falar, sabe qual é? Pessoas fortes fazem o negócio acontecer. Pessoas que não tem força, unidas, não adianta nada. Serão quebradas por uma pessoa forte, rapidamente". (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

O grupo que fundou esse código de honra lançou um texto inaugural, que pode ser encontrado na Página Espírito Independente na rede social Facebook[113]. No texto inaugural, a filosofia "Um Só Caminho" se apresenta como um estado de espírito, onde o sentimento pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo e em mais de uma pessoa. Essa conexão "*imprime a sensação de todo o ser um e de um ser o todo*".

Não existe um padrão ou modelo de vida a se seguir, pois cada pessoa define a sua atividade em que irá exercer na vida. De acordo com o código, "*cada pessoa trilha seu próprio caminho, já que existem vários caminhos como o caminho da cura pelo médico, o caminho da literatura pelo poeta ou escritor, e muitas outras artes e habilidades*". No entanto, como participante desse código de honra, as pessoas seguem princípios fundamentais como o respeito, a lealdade e a disciplina. Existe ainda um laço de união em prol do objetivo único, que é a felicidade. Não há discípulos e hierarquia, sendo todos respeitados de forma igualitária.

> "Para essa onipresença ser possível, é preciso confiança, compreensão, continuidade, respeito e, acima de tudo, que um acredite e enxergue a si no outro. A idéia é que funcione como um organismo, onde cada parte exerce a sua função e o todo depende e precisa, indispensavelmente, de cada uma delas. Um só caminho é baseado na filosofia taoísta, que propõe a restauração do estado pleno de vida e consciência, chamado Tao (caminho). Para isso, utilizam-se vários meios, como as práticas que promovem a boa saúde física e

[113] Conteúdo disponível em: https://www.facebook.com/PaginaEspiritoIndependente

> mental, o estudo de clássicos escritos pelos grandes mestres do passado, os métodos místicos para a restauração da ordem interna e fundamentalmente, a meditação, como caminho de autotransformação e elevação espiritual. (UM SÓ CAMINHO. Filosofia Um Só Caminho. Um Só Caminho. 2007. Disponível em: www.umsocaminho.com.br/?page_id=3. Acesso em: 20/mar. 2014.)

Um ponto que os adeptos do código de honra "Um Só Caminho" qualificam como primordial para entender a filosofia são os mandamentos criados por eles. Os mandamentos doutrinam sobre o comportamento das pessoas que nela estão agrupadas. A publicação é encontrada em páginas da rede social Facebook, na qual o grupo aponta quais os comportamentos básicos que devem ser seguidos pelos adeptos desse código de honra[114].

Mandamentos da Filosofia "Um Só Caminho"

1- Sonha, mas acordado

Mesmo os sonhadores têm que ter uma dose de realismo. Dificilmente serás piloto de fórmula 1 se fores cego e não tiveres braços. Vê bem as tuas competências, observa bem tudo à tua volta. Convém sempre sonhares ser algo para o qual estás bem preparado e habilitado. O teu caminho será mais fácil se tiveres algumas vantagens sobre os restantes.

2- Não se chega ao tesouro sem mapa

A organização é um elemento chave para o sucesso. Planeia, organiza-te e executa. Constrói o teu guião, e segue-o. Não há problema se a meio do percurso fores fazendo algumas alterações ao teu guião, desde que sejam para fazer com que chegues mais rápido ao fim do caminho. O importante é teres bem planeado os passos que tens que dar.

3- Não há sucesso sem sacrifício

Muita gente tem vontade mas pouca gente faz. Muita gente desiste á primeira dificuldade. Dedicação e determinação são fundamentais. O Caminho faz-se a andar, não se faz parado. O Caminho é duro, é difícil, é para guerreiros. Age, mexe-te, faz as coisas acontecer. Preguiça é um pecado mortal.

4- O único fim é a vitória

Vamos sempre errar, vamos sempre falhar, cair e sangrar a meio do percurso. O caminho é difícil e é preciso perder batalhas para se ganhar a guerra. É preciso errar para se crescer, é preciso cair para se ficar mais forte. Lembra-te que há sempre sol depois da noite. Até à vitória nunca há nada perdido.

5- Roma não se fez em 2 dias

Tudo demora o seu tempo. A paciência é a maior virtude de todas.. Haverá sempre recuos e atrasos no percurso. Nunca desesperes. O Caminho pode ser longo, pode demorar anos, mas jamais devemos ceder à tentação de desistir.

[114] Conteúdo disponível em: www.facebook.com/aruasabe/posts/291726044283495 - Acesso em janeiro de 2013.

6- Não há glória sem haters

A cada pequena vitória terás um batalhão de haters. Uma gota de sucesso traz um oceano de rivais. Vê isso pelo lado positivo. Se fosses insignificante, senão tivesses a fazer bem o teu caminho ninguém te daria importância. A inveja faz parte da natureza do ser humano. Eles invejam-te porque és relevante. Despreza os haters.

7- Na maratona só se abranda para receber água

Terás sempre muita gente a opinar, a criticar, a dar palpites sobre o teu caminho. Ouve só aqueles que te querem dar água. Os que te querem dar água são aqueles que querem que chegues ao fim, são aqueles que te estão a apoiar. Mesmo que te façam criticas, ouve-os, porque fazem-no para o teu bem. Põe só gente que acredita em ti e te quer ajudar à tua volta. Os non-believers só servem para atrapalhar, desmotivam-te, tiram-te o ritmo.

8- Real recognize real

Sê genuíno, sê puro, compete mas não invejes. Reconhece os reais, reconhece os bons e junta-te a eles. Serás sempre mais forte se tiveres junto dos melhores. Aprenderás mais, crescerás mais rápido. Faz o caminho com eles.

9- Vitórias também trazem armadilhas

Vitórias também trazem fama, trazem glória, bajulação. Se fores homem terás mais mulheres perto de ti. Mantém-te focado, muitos prazeres da vida, tiram-te o ritmo, desviam-te do caminho. Disciplina-te, tem sempre cuidado, porque o tempo não espera por ninguém.

10- Homens Inteligentes arranjam soluções não arranjam problemas

Grandes homens preocupam-se com coisas importantes. Não te desgastes com fait-divers, com insignificâncias. Problemas virão sempre ter contigo. Resolve-os e evita mais problemas. Deixa o teu caminho livre.

Vamos Voltar a Realidade: Uma música que critica a Globo sendo transmitida na própria Globo

Marechal critica diversos setores da sociedade em suas letras. Em uma das músicas, o foco é o papel da mídia. "*Vamos Voltar a Realidade"* é o nome da canção na qual traz críticas sobre a postura das emissoras de televisão e as suas mensagens produzidas, para controlar a sociedade.

A música é bastante reproduzida pelos seus fãs. Vamos Voltar a Realidade é inclusive o nome do website no qual o músico vende os seus produtos, que é disponível através do endereço www.vamosvoltararealidade.com. No website são expostos vários produtos com frases ou nomes de músicas do rapper, em que a maioria contém a marca #VVAR, que são as iniciais de Vamos Voltar a Realidade.

A inspiração para a criação do nome da música está no fato de Marechal acreditar que as pessoas estão cada vez mais dominadas pela mídia, resumindo os seus pensamentos e temas para discussão diária, para os assuntos abordados pela mídia. Com isso, não conseguem, na visão do músico, observar questões simples de relacionamento pessoal e familiar.

> "A gente vive num mundo de mentiras. Inclusive as pessoas não conseguem falar com as outras pessoas direito. A pessoa está com um problema na família. O cara não sabe expor isso e a outra pessoa não sabe nem ajudar. Mas ele sabe falar sobre o futebol que está passando na mídia, ele sabe falar sobre o acontecimento do momento ou do sei lá quem que morreu. Dele mesmo ele não sabe. Ele não sabe de onde ele veio, ele não sabe qual é a história dele. Não sabe porque foi construído aquela mentalidade na família dele. Ele não sabe de nada, ele só sabe do que acontece de fora. Tipo, saiba quem você é, para saber aonde você quer ir, se não você vai está trabalhando a sua vida para os outros" (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

Marechal define, assim, que as pessoas debatem com maior frequência fatos que não estão em sua realidade diária, mas por serem abordadas pela mídia são os temas presentes nos assuntos da população. Kucinski (2002) ressalta sobre a existência da agenda nacional. Segundo o autor, a agenda nacional é o conjunto de grandes temas debatidos pela população, por estarem sendo exibidos com ênfase na imprensa. Kucinski (2002) argumenta que esses temas são construídos por um pequeno grupo midiático e são trazidos assuntos que interessem ao sistema político e social predominante, não considerando se é realmente relevante para a sociedade.

> "A agenda nacional de debates é fortemente influenciada por um pequeno grupo de jornalistas que distribuem suas colunas opinativas na maioria dos jornais, e ocupam os espaços nobres nas emissoras de rádio e tevê. São em sua esmagadora maioria muito próximos às classes dominantes e ao pensamento hegemônico neoliberal. Nas questões estratégicas, são desqualificados do debate os que pensam de modo diferente, e sacramentadas como inevitáveis, e portanto indiscutíveis, as estratégias do governo. Constrói-se, assim, uma lógica totalitária, na qual o governo não pode errar o caminho que escolheu, por definição, é o único possível. (KUCINSKI, 2002, p.41).

Dentro do contexto da mídia como controladora da agenda nacional, a Globo tem papel principal, por ser a emissora de maior audiência e ainda contar com um conglomerado de comunicação, que conta com rádios, sistema de televisão a cabo, jornais, além de emissoras filiadas. Dessa forma, é uma emissora com mais de 60% de audiência do público brasileiro.

Kucinski (2002) ressalta que são números existentes apenas em regimes totalitários, no qual o veículo de imprensa que apresente uma proposta de oposição a esse controle é censurada. No entanto, a Globo assume um papel semelhante em um

país democrático, em que a concorrência midiática acontece. A Rede Globo é um dos maiores conglomerados de mídia do mundo e a única rede com domínio hegemônico da audiência numa sociedade de grande porte e formalmente democrática. Mas, por ter um poderio econômico maior e uma histórica ligação com o Governo, a emissora tem um papel primordial de estabelecer o consenso na sociedade brasileira, como defende Kucinski (2002). O consenso é justamente o papel em que a televisão faz de convencer a população sobre a visão dela, apresentando uma aparente imparcialidade, mas, na verdade, está utilizando um discurso de argumentação menos claro, para contribuir nesse convencimento.

> "Foi sob o regime militar que floresceu o império de mídia de Roberto Marinho. Desde então, com base na audiência do mais massivo meio de comunicação e do domínio de concessões e estações repetidoras, ele tem sido leal ao projeto das elites de substituir o mando autoritário por uma modalidade de democracia controladora na qual a grande massa de trabalhadores sejam espectadores e não protagonistas. Graças a esse poder oriundo de seus vínculos de origem no sistema militar, e exercido em primeiro lugar sobre os próprios políticos, que dependem decisivamente da rede, o sistema Globo acabou por substituir a hierarquia militar na definição dos próprios objetivos nacionais, quando essa hierarquia e formação tecnoburocrática a ela ligada entraram em crise". (KUCINSKI, 2002, p.44).

Kucisnki (2002) afirma ainda que a TV Globo vem agindo, desde o fim da ditadura, com o objetivo de determinar o objetivo da nação. Utilizando até mesmo a arte de criar uma nova realidade. De acordo com o autor, a emissora cria uma realidade imposta e, em várias ocasiões, falseia ou até substitui a realidade. Para isso, cita o exemplo das eleições presidenciais de 1982, quando o político nacionalista Leonel Brizola foi prejudicado pela emissora, nas eleições governamentais do Rio de Janeiro. Outro caso é o fato da emissora apoiar a ditadura militar, enquanto grande parte da população se mostrava contra e não era ouvida pela emissora.

> "Nas eleições para governadores de 1982, a TV Globo persistiu na transmissão de resultados eleitorais adulterados por um programa de computador especialmente desenvolvido para roubar votos do candidato nacionalista Leonel Brizola. A verdade só apareceu porque o *Jornal do Brasil* fez uma contagem paralela, nas juntas eleitorais. A campanha pelas eleições diretas de 1983, o maior movimento de massas ocorrido no Brasil desde os anos de 1960, foi ignorada pela TV Globo até o último minuto, quando o avalanche de adesões do campo liberal-conservador tornou o movimento ao mesmo tempo irresistível e o colocou sob o controle das elites". (KUCINSKI, 2002, p.45).

Marechal tem uma visão que se assemelha com a de Kucinski e acredita que a mídia não prioriza o povo brasileiro, mas sim os seus próprios interesses. Mesmo sem definir o conceito de agenda nacional, como faz Kucinski, o músico e o autor se assimilam nos conceitos, quando Marechal ressalta que as pessoas estão mais

preocupadas com os assuntos de interação social, do que com elas mesmas. Por isso, ele tem uma relação quase inexistente com os meios de comunicação e não é do seu interesse se tornar mais um produto dessa mídia, que, segundo o músico, não divulga coisas interessantes. Ainda assim, ele aceitou um convite para participar do Big Brother Brasil em março de 2013, mas apresentou justamente trechos de "*Vamos Voltar a Realidade*", que critica a emissora e também o próprio programa.

A música aborda um trecho sobre o *reality show* da Rede Globo de Televisão. Ele recebeu um convite de Marquinho OSócio, que foi chamado para animar uma uma festa no Big Brother Brasil e resolveu convidar MC Marechal. Como conhecia as críticas de Marechal quanto ao programa e ao Sistema Globo de Televisão, Marquinho realizou uma estratégia diferente para convencê-lo, como relata o rapper.

> "Essa parada aconteceu assim, ele me ligou e falou 'Marecha, eu tenho uma proposta, mas você vai ter que aceitar antes de eu falar o que é'. Ele como meu amigo eu falei 'Lógico'. Então, tu vai cantar no Big Brother. Eu falei 'Tá maluco, rapaz?, jamais'. Aí eu falei, 'Beleza, você é meu amigo, eu vou fazer essa parada aí contigo, mas é o seguinte, eu vou chegar lá e vou mandar um papo reto'. Aí ele 'Tá tranquilo, manda teu papo'. Aí eu falei 'Então, tá". (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

Ele recebeu críticas, por ter participado de um programa da Rede Globo, mesmo que para apresentar um conteúdo que conflitava com os interesses da emissora. Rodrigo Vieira aponta que já esperava um número reduzido de pessoas compreendendo a atitude, acreditava que a maioria não ia entender e outra parte iria criticar. No entanto, o músico ressalta que as pessoas que compreenderam a mensagem foi o suficiente para que a atitude de desafiar a Rede Globo e criticá-la ao vivo fosse válida.

> "Eu vou lá porque acredito nisso. Eu vou lá falar o que eu acredito, achando que era uma boa estratégia para as pessoas ouvirem. Sabendo que 90% não ia entender, 5% ia criticar e 5% ia entender, mas quem entendeu de repente já valeu". (VIEIRA, 2013, entrevista para a dissertação).

Mc Marechal cantou cerca de 50% da canção, trazendo críticas ao programa Big Brother Brasil no próprio programa, como também a Rede Globo de Televisão foi alvo das críticas de Marechal e outras referências de programas televisivos. Confira o trecho cantado pelo músico:

Vamos Voltar a Realidade

(Mc Marechal)

Hoje o café da cabeceira esfria, igual suas emoções
Janela aberta, nem sei dia

Tempo ruim, sem previsões
Nada de paz! Seus sonhos estão mortos nos lençóis
Sem voz, sem ações, suas razões esperançosas dormem a sós: Pim Plim!
TV testa fidelidade, investe em falsa liberdade, te congela e fecha a imagem
Traz mensagem distorcida das festas e futilidade
Mas jamais vão expor quem chora, atrás dos restos de maquiagem, neguinho
Despertador, Big-Brother, 9,8,4 !
Só tranca, seu quarto, seu tempo sentado, seu trago
Seu trampo, sentado, você servindo sem ver sentido
Sem teto, seu estado, no estúdio e não avista a intenção do inimigo
Papai Noel veste vermelho e te traz coca
Te lacra na embalagem dos puro interesse e troca
Não tem como sair mais já nem nota
Que o mundo é de plástico e tem quem finge não enxergar o que nos sufoca...
(...)

MC Marechal e Marquinho continuaram em um diálogo cantado, como um questionário de perguntas e respostas, fazendo adaptações no refrão original da música "*Sossego*", de Tim Maia[115]. Na versão original, a banda de Tim Maia pergunta quatro vezes "*O que eu quero?*" e ele responde "*Sossego*".

Marquinho OSócio pergunta: - Mas o que eu quero?

MC Marechal responde: - Paz e prosperidade para todas as comunidades.

Marquinho OSócio pergunta: - O que eu quero?

MC Marechal responde: - Simplesmente vim em qualquer lugar que for e mandar um som com dignidade.

Marquinho OSócio pergunta: - O que eu quero?

MC Marechal responde: - Música de mensagem. Vamos Voltar a Realidade.

Marquinho Osócio pergunta: - O que eu quero?

MC Marechal responde:- Fazer referência aos caras que nos fizeram está aqui.

Marquinho OSócio canta: Salve, salve.

MC Marechal canta: Vamos dar continuidade a Tim Maia.

Logo depois, eles fizeram uma breve homenagem, falando o nome de algumas pessoas de música negra que influenciaram a dupla, por terem cantado sobre o orgulho

[115] Tim Maia é o nome artístico de Sebastião Rodrigues Maia, um cantor brasileiro, que introduziu o soul na Música Popular Brasileira, fazendo uma mistura peculiar. O artista nasceu no Rio de Janeiro em 1942 e faleceu em 1998. A revista especializada em música Rolling Stone classificou, em 2012, Tim Maia como o dono da melhor voz de todos os tempos da música brasileira, além de colocá-lo como nono melhor artista da história do Brasil. Entre discos póstumos e gravados em estúdio, são mais de 60 álbuns que levam o nome de Tim Maia.

de serem negros e representantes da etnia, como são os casos de Sandra de Sá[116], Nelson Cavaquinho[117], Cartola[118], entre outros. Marechal utilizou uma batida mais rápida, do que a versão original de "*Vamos Voltar a Realidade*". para se adequar com a música *Sossego*, de Tim Maia, que foi interpretada por Marquinho. Dessa forma, a mensagem passada teve maior dificuldade para ser compreendida, mas o músico aponta que se tratou de uma adaptação, para não perder a musicalidade da canção de Tim Maia e, mesmo com a dificuldade, a mensagem pôde ser entendida.

> "Não foi uma opção minha, eu gostaria de ter mais tempo e mais espaço para cantar mais especificamente (...) Eu tinha duas opções: ou fazer a batida que era deles ou não fazer. Eu achei que foi mais interessante falar. É o risco, é isso, eu sabia que eu estava pecando um pouco da música, mas eu acho que a atitude, valeu! Tudo tem perdas e ganhos" (VIEIRA, 2013, entrevista).

A reprodução da participação foi ao vivo, sendo possível de ser assistida apenas para os assinantes do pacote de transmissão 24 horas. Na TV aberta, a participação de Marechal não foi sequer citada pela Rede Globo de Televisão, bem como o vídeo com a participação do músico foi rapidamente apagado do Youtube. O vídeo já contava com mais de 20 mil acessos na primeira madrugada, segundo relata o músico. Com a exclusão, passou a ser exibido apenas no site de vídeos Vimeo.

A Rede Globo de Televisão buscou ao máximo apagar a imagem do músico e isso fez com que diminuísse o número de pessoas que teve acesso à mensagem. Marechal aponta que essa reação era esperada e o próprio fato de ter incomodado a emissora é um resultado positivo dessa atitude do músico.

O conteúdo da música apresentado por Marechal se assemelha com várias teorias, que são abordadas por sociólogos. O músico detecta que há um "*tempo ruim, sem previsões*" e que ao mesmo tempo "*o café da cabeceira esfria, igual suas emoções*". Marx (2004) já havia analisado que o objetivo do opressor era cada vez mais tirar a atenção das pessoas para o bem comum, por isso, o homem é levado a ter como objetivo somente a sua individualidade. Neste contexto, a mídia contribui expondo a violência como algo já natural do dia-dia e que não interfere no individual, por isso, as

[116] Sandra Cristina Frederico de Sá é uma cantora brasileira, que nasceu em 1955 e iniciou a carreira no ano de 1980. Natural do Rio de Janeiro, a artista é expoente do ritmo Música Popular Brasileira (MPB), que eclodiu nos anos de 1980. A cantora tem 20 discos gravados e sempre enfatizou na black music, cantando sobre o orgulho de ser negra, mulher e artista. Ela procura misturar rock com ritmos negros. Sandra de Sá conquistou 16 prêmios individuais.

[117] Nelson Antônio da Silva, o Nelson Cavaquinho, foi um artista clássico do samba, que nasceu no Rio de Janeiro em 1911 e faleceu em 1986. Nelson é da geração denominada samba de raiz, a primeira geração do samba, e criou um estilo único de tocar, usando apenas dois dedos da mão direita. Ele desenvolveu mais de 400 canções.

[118] Angenor de Oliveira, o Cartola, é considerado por muitos críticos como o maior nome da história do ritmo samba. Ele nasceu no Rio de Janeiro em 1908 e faleceu em 1980. Oriundo de uma época com pouca tecnologia, Cartola gravou o primeiro disco aos 66 anos apenas em 1974. Depois disso, gravou ainda três discos, mas foram lançados outros dois álbuns póstumos.

emoções estão frias para o semelhante. Mesmo que haja violência e criminalidade, as pessoas seguem indiferentes a essa realidade, bem como versa Rodrigo Vieira.

O músico apresenta uma analogia apontando que o Big Brother Brasil "*só tranca seu quarto, seu tempo sentado, seu trago, seu trampo, sentado, você servindo sem ver sentido*". Ao versar que não ver sentido nas mensagens, que só tranca o tempo do telespectador, Marechal reforça, em uma linguagem coloquial para o público da periferia, que conteúdos como esses não acrescentarão aprendizagem para o espectador.

São esses os chamados conteúdos médios, que Eco (2004) define como meios boa capacidade de entreter e conseguir audiência, como são os testes de fidelidade, também citados por Marechal. Os testes mostram um homem sendo colocado diante de uma atriz, que o seduz, para saber se as câmaras o flagram em traição. Trata-se de um caso que pouco tem a acrescentar para a vida dos seus espectadores, servindo apenas para tomar o tempo, ocupar a mente e não se preocupar com questões sociais, que são primordiais para a sociedade.

Eco (2004) analisa que esses conteúdos médios são fundamentais para o controle social e a manutenção da estabilidade. Eles superlotam as mentes dos espectadores com conteúdos de pouco interesse social e eles não tem tempo para analisar as questões de maior importância ou mesmo estudar sobre assuntos relevantes, que possam mudar o contexto social deles. Dessa forma, Marechal argumenta que o espectador "*não avista a intenção do inimigo*", que é justamente prendê-lo com conteúdos sem grande conteúdo e cada vez mais afastá-lo de uma revolta por sua condição de explorado.

Sem uma reflexão e consciência sobre a sua condição social, o cidadão comum se afasta das decisões sobre as diretrizes do sistema, como observa Eco (2004). Os debates sobre as causas primordiais da sociedade ficam restritos apenas aos opressores, que seguem definindo as diretrizes da sociedade com pouco questionamento social. Aqueles que deveriam estar insatisfeitos e manifestando-se estão entretidos com conteúdos médios, como o Big Brother Brasil, como observa Marechal.

A distorção de conteúdos é outra pauta levantada por Marechal quando canta que "*traz mensagens distorcidas das festas e futilidades, mas jamais vai expor quem chora por traz do resto de maquiagem*". Essa mudança da realidade já é apontada por Kucinski (2002), quando o autor retrata que a mídia tem o poder de mudar os fatos ou até mesmo de criar uma nova realidade, para os seus interesses. Nesse contexto, o objetivo é ampliar o consumismo, pois a imagem de festas e futilidades como um bem-estar criar a mensagem subliminar de que aquele é seu objetivo para também alcançar a

felicidade.

Martín-Barbero (1997) ressalta que as estratégias de interatividade e estética são importantes para criar reações de desejo de consumo no receptor. Sendo assim, a mensagem criada é de um cenário de felicidade extrema em uma casa com pessoas bonitas, felizes e bem-vestidas, para provocar o consumismo. Essa argumentação é reforçada quando Marechal diz que a mídia "*te lacra na embalagem dos puro interesse e troca*", que é justamente levar o telespectador a se interessar pelas marcas que são apresentadas. Nesse contexto, marcas como a Coca-Cola e personagens como o Papai Noel, que são abordados pelo músico, contribuem nesse jogo de interesses, que leva ao consumismo. Assim, o cidadão é alienado com conteúdos médios e a exploração do seu trabalho, se afasta de um debate sobre realidade social e ainda tem a imagem do opressor como fonte de entretenimento e objeto de desejo.

Considerações Finais

Percebe-se através da análise do que foi abordado nesse trabalho que o modelo da imprensa brasileira ainda precisa de um processo de democratização de raças. Apesar da Rede Globo de Televisão, que é a principal emissora de televisão do Brasil, já mostrar uma flexibilidade, o modelo ainda é excludente.

A apresentadora Regina Casé, por exemplo, é especialista em apresentar programas relacionados ao cotidiano da periferia. Em 2006, ela apresentou o programa "*Central da Periferia*", que tinha um auditório ao ar livre e o foco principal era mostrar as dificuldades para se viver na periferia. Desde 2011, Casé apresenta o programa "*Esquenta!*", que mostra ações realizadas no gueto e procura exibir também a black music, para retratar a variedade cultural e musical do Brasil.

O "*Esquenta!"* foi exibido no período de verão nos anos de 2011, 2012 e 2013, para então entrar em definitivo na grade da Rede Globo de Televisão em abril de 2014, sendo exibido aos sábados e com 1h30min de duração. Trata-se de um programa que apresenta pessoas negras e, entre eles, estão vários hip hoppers. O "*Esquenta!*" é um avanço, que mostra uma flexibilidade da Rede Globo, para apresentar o hip hop e a cultura negra em si. Outro exemplo é a participação do rapper MV Bill como ator da Malhação, bem como a entrada do também rapper Slim Rimografia no reality show Big Brother Brasil.

No entanto, ainda está longe do que se deseja rappers como Eduardo Taddeo, Marechal e GOG. A intenção deles não é que o hip hop seja algo bonito, inofensivo ao sistema midiático, como está proposto na maior parte das participações dos rappers na Globo e demais emissoras de grande repercussão. A luta é por uma revolução, que provoque uma democracia racial no Brasil. O "*Esquenta!*", por exemplo, representa 0,89% da programação semanal da Rede Globo, uma parcela mínima quando se sabe que os negros e pardos formam 50,7% da população brasileira. Dessa forma, esses rappers revolucionários não cedem a convites da emissora e seguem lutando para que os negros ganhem destaque na sociedade.

Como os negros e pardos compõe mais da metade da população brasileira, a intenção é que esse número seja representado em todas as camadas da sociedade, incluindo a mídia. Neste contexto, a inclusão na Rede Globo ou em qualquer emissora seria apenas mais uma consequência disso. Assim sendo, cotas consideradas pequenas não serão suficientes para que a guerra civil racial seja encerrada.

No entanto, GOG mostra claramente em seu discurso que a intenção não é uma nova escravidão moderna, em que o negro esteja em status de opressor e o branco passe a ser o oprimido. A intenção é de que se tenha uma democracia racial, em que todos sejam respeitados e ocupem os seus devidos espaços, proporcionalmente ao que representam na sociedade brasileira.

Para além dessa discussão entre rap e mídia, o hip hop é um movimento politizado, que trabalha em parceria com organizações não-governamentais que lutam por direitos para os negros. Um exemplo é o sistema de cotas nas universidades e em alguns concursos no Brasil, que começou a ser implantado no país no ano de 2000. Inicialmente, foi adotada no estado do Rio de Janeiro uma lei em que 45% das vagas nas universidades estaduais eram destinadas para estudantes das redes públicas municipal e estadual de ensino. Depois disso, o Rio de Janeiro determinou, em 2001, que 20% das vagas das universidades estaduais fossem direcionadas para negros e pardos. Em 2012, foi estabelecida a lei nacional que destina 50% das vagas nas universidades para cotistas, em critérios que envolvem raça (negra, parda e indígena) e também o sistema de ensino que estudou. Nesse caso, quem estudou na rede pública é beneficiado com as cotas. Em 2014, foi aprovada a lei que garante cota de 20% para negros em concursos públicos federais da administração direta e autarquias.

Essa bandeira das cotas é amplamente defendida por representantes do movimento hip hop. O argumento é de que esse sistema provoca uma correção histórica na sociedade brasileira, já que concede oportunidades para os grupos que sofreram as consequências do racismo e da exclusão social. Dessa forma, atinge um dos objetivos do rap, que é a busca pela democracia racial, respeitando o negro e periférico em todos os aspectos. Os contrários afirmam que é um novo modelo de racismo, colocando agora o negro como privilegiado e tendo benefícios para concorrer, quando o sistema de disputa deveria ser igualitário. Autores como Santos (1985), Silva (2012), e Andrews (1998) ressaltam que a escravidão deixou como herança o racismo e a desigualdade social. Sendo assim, mesmo depois de mais de um século de extinção da escravidão, o negro ainda é maioria nas periferias, porque os brancos detinham o poder e foram ocupando as principais camadas da sociedade, enquanto excluem os negros. A cota faz uma correção, possibilitando a diminuição da desigualdade social e dando oportunidade para que o negro também faça parte da elite intelectual.

Pode-se analisar, dessa forma, que o hip hop não é um movimento paralelo à sociedade. Trata-se de um sistema politizado, que tem o objetivo de lutar por melhores

condições de vida para negros e favelados. GOG argumenta inclusive que existe uma guerra social, em que os negros devem lutar para conseguir as melhores condições, pois nunca a oportunidade será dada de cortesia pela elite, que tem o papel de opressora. Assim sendo, o hip hop não pode deixar de ser um sistema politizado que trabalha em conjunto com as questões sociais. O movimento faz parte de uma estratégia nessa guerra defendida por GOG. Por isso, o músico critica abertamente a cordialidade de que alguns membros do hip hop tem para mostrar o seu ponto de vista. Esse argumento é dado em "*Carta a Mãe África*" e se refere justamente aos rappers que participam de programas de televisão na grande mídia e fala de melhorias para os negros, mas sem uma postura agressiva, que represente alguém que repudie a exclusão social. "*Carta a Mãe África*", que foi lançada no disco "*Aviso as Gerações*", de 2006, também aborda sobre avanços conquistados pelos negros, como as cotas e a insatisfação que a elite tem com esses benefícios conseguidos. São vitórias de uma batalha, que comprovam novamente a existência de uma luta social, em que o hip hop é aliado do negro no Brasil.

Carta a Mãe África (GOG)

(...)
Alguns de nós, quando expõem seus pontos de vista
Tentam ser pacíficos, cordiais, amorosos
E eu penso como os dias tem sido dolorosos
E rancorosos, maldosos muitos são,
Quando falamos numa mínima reparação:
-Ações afirmativas, inclusão, cotas?!
-O opressor ameaça recalçar as botas..
Nos mergulharam numa grande confusão
Racismo não existe e sim uma social exclusão
Mas sei fazer bem a diferenciação
Sofro pela cor, o patrão e o padrão
(...)

Essa música mostra justamente que o hip hop tem como objetivo lutar pelas causas políticas dos negros. Dessa forma, rappers como Marechal e GOG também se estendem para além dos seus papeis de músicos e criam diversos projetos nas comunidades em que vivem, como também em outros locais. GOG escreve livros,

promove palestras, participa de ações em universidades e demais projetos em que acredita nos ideais. Marechal organiza a Batalha do Conhecimento, o Projeto Livrar e também planeja um novo modelo de educação. Marechal afirma na música "*Griot*", por exemplo, que o melhor rapper é quem faz mais por sua comunidade. Ele canta "*Quer ser o melhor? Vai ser o melhor para a sua comunidade!".* Isso mostra que, em seu pensamento, ser o melhor não é quem tem fama, sucesso e dinheiro, mas aquele que conseguiu fazer do hip hop algo que contribuísse para a melhor qualidade de vida das pessoas que vivem em uma realidade semelhante. Em entrevista para essa dissertação, Marechal também citou que fazia hip hop para "*falar com os dele*". Isso é, o mais importante é trabalhar a reflexão de pessoas que vivem em uma realidade social próxima, que são, por exemplo, os periféricos de Niterói, cidade em que vive e nasceu no estado do Rio de Janeiro.

Partindo desse contexto, a intenção não é controlar os objetivos artísticos de músicos como Emicida e Marcelo D2, que defendem uma postura cordial com a imprensa. No entanto, esse estudo mostra que o rap não é apenas uma música, feita individualmente por um artista, mas é um instrumento de uma estrutura maior, que é a luta social por melhores condições de vida para negros e favelados. Em entrevista ao site do projeto Palmares[119], GOG explica os motivos que o hip hop não pode ser apenas um produto com interesse mercadológico, como a mídia propõe, quando introduz esse estilo musical.

> "O interesse (da mídia) continua sendo mercadológico, de vendas. Penso que o Hip Hop é o movimento social, cultural, musical mais importante deste século e do passado, primariamente, pelo resgate da autoestima da juventude negra e periférica. Isso é pouco falado, dizem apenas que é o ritmo mais executado. São dimensões paralelas, mas diferentes. O mercado quer amputar a veia social, transformadora e revolucionária. A arte pela arte deixaria o Hip Hop no campo do senso comum, da grande maioria dos estilos musicais". (GOG, 2011, entrevista ao site projeto Palmares – disponível em: www.palmares.gov.br/?p=13438).

Emicida defende, atualmente, em entrevistas, desprender-se de colocar o hip hop como um partido político ou mesmo que o rap não deve fazer obrigatoriamente alguma benfeitoria para contribuir com a periferia em que nasceu. Porém, a primeira música gravada por ele, "*Triunfo*", que foi lançada em 2008, fala que o músico tem uma missão revolucionária e, por isso, produz rap. Além disso, ressalta que não pode vender os seus ideais, nem trair as suas convicções, como mostra trechos da música a seguir:

[119] Conteúdo disponível em: www.palmares.gov.br/?p=13438

Triunfo (Emicida)

(...)

Eu rimo porque eu tenho uma missão

Sou porta-voz de quem nunca foi ouvido

Os esquecidos lembram de mim porque eu lembro dos esquecidos

Eu sou tipo embaixador da rua

Só de ver o brilho no meu olho os falso já recua

(...)

Não é qualquer dinheiro que vai tirar lucidez

(...)

Minha conclusão é que muito buzo (ônibus) ainda vai pegar fogo

Ai, todo maloqueiro tem em si

Motivação pra ser Adolf Hitler ou Gandhi

E se a maioria de nós partisse pro arrebento

A porra do congresso tava em chama faz tempo

(...)

Não vim pra trair minhas convicções em nome das ambições

E arrebatar multidões ao diluir meus refrões

Não, eu podia e se eu quisesse vendia

Mas sou tudo aquilo que pensaram que ninguém seria

Se o rap se entregar a favela vai ter o quê?

Se o general fraquejar o soldado vai ser o quê?

(...)

Dessa forma, pode-se fazer um questionamento dentro da própria música de Emicida: "*Se o rap se entregar, a favela vai ser o que?*". Por isso, bem como GOG retrata, o hip hop é um projeto complexo, que deve sempre lutar pelos objetivos dos negros e periféricos. O movimento, que tem objetivos claros de igualdade social e democracia racial, não pode jamais servir aqueles que agem contra os objetivos do hip hop. A entrada cordial na grande mídia não é impossível de acontecer, mas não é um simples convite para uma entrevista que muda o cenário e transforma, repentinamente, um meio elitista e excludente em um parceiro desse movimento negro e periférico. Essa não é a estratégia adequada para conseguir os objetivos traçados.

Para que o hip hop e a grande mídia sejam parceiros, é necessário que o negro tenha conseguido o devido respeito e espaço no âmbito social, econômico, cultural e também tenha uma representatividade na mídia, que seja equivalente a sua dimensão na sociedade. Enquanto a maior parte do conteúdo da mídia for de entretenimento que pouco acrescente para a reflexão e o rap for tido como algo marginalizado na sociedade, esses meios de comunicação não serão parceiros culturais do movimento hip hop. Com isso, continuará a luta pela consciência da população através do rap, ou melhor, como GOG propôs na música "*É o Terror*", gravada em 2000 no disco "*CPI da Favela*", seguirá havendo a "*luta do vinil contra a alienação da novela*".

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, C. (1997) *O eterno verão do reggae*. São Paulo: Editora 34.

ALMADA, S. (2012) Prefácio In: BORGES, R.C.S. e BORGES, R. (Orgs.) *Mídia e Racismo.* Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda.

ANDRADE, E. N. (Org.) (1999) *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo: Summus.

ANDREWS, G. R. (1998) *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes. Bauru: Edusc.

ARAÚJO, J. Z. (2000) *A Negação do Brasil - O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Senac.

BANTON, M. (1983) Changing conceptions of race In: *Racial and ethnic competition.* London: Cambridge University Press. capítulo 3, pp. 32-59.

BECKER H.S. (1994) Métodos de pesquisa em ciências sociais. 2a ed. São Paulo: HUCITEC.

Brandão, H. H. N. (1986). Introdução à análise do discurso (5a. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BONATTO, F. (2008) *Primeira Lei contra o racismo era uma água com açúcar*. Os Negros – O que é racismo? Revista Caros Amigos. Coleções Caros Amigos, fascículo 2. Caros Amigos Editora: São Paulo, pp. 48-49.

CARVALHO, J. J. e SEGATO, R. L. (1994) *Sistemas abertos e territórios fechados: para uma nova compreensão das interfaces entre música e identidades sociais*. Brasília: UnB.

CAMPOS, A. M. V. C. (2011) *Análise discursiva da ideologia na letra de Brasil com P: Rap de GOG*. Trabalho de Conclusão de Pós-Graduação. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em:

http://www.cl.df.gov.br/documents/4156490/3998582/An%C3%A1lise+Discursiva+da+Ideologia+na+Letra+de+Brasil+com+P,%20Rap+de+Gog;jsessionid=F5DBD6270E53A8B28BF8605C0734BA43.liferay1?version=1.1. Acesso em dezembro de 2012.

CHAPPELL, D. (2008) Uma pedra de esperança: a fé profética, o liberalismo e a morte das leis Jim Crow. Niterói: Scielo Brasil, *Revista Tempo: Dossiê Estados Unidos: Novas Perspectivas*, vol.13, nº 25, pp. 64-97.

CHERNG, W. J (2000) *Iniciação ao taoísmo*. Rio de Janeiro: Mauad. DIOP, C. A. (1991) *Civilization or Barbarism. An Authentic Anthropology.* New York: Lawrence Hill Books.

DOMINGUES, P. (2007) Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. Niterói: Scielo Brasil, *Revista Tempo: Dossiê: Os índios na História: abordagens* interdisciplinares, vol. 12. nº 23. pp.100-122.

DZIDZIENYO, A. (1971) *The position of blacks in Brazilian society*. London: Minority Rights Group.

DUARTE, G. R. (1999) A arte na (da) periferia: sobre... vivências In: ANDRADE, E. N. (Org.) *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo: Summus, pp. 13-22.

ECO, U. (2004) Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva.

EVANS, E. C. (1969) *Physionomics in the Ancient World.* Philadelphia: American Philosophical Society.

FAUSTINO, O. (2001) Das ruas ao coração In: ROCHA, J., DOMENICH, M. e CASSEANO, P. *Hip Hop: A Periferia Grita*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, pp. 9-12.

FERNANDES NETO, G. (2004) *Direito da Comunicação Social*. São Paulo: RT.

FILHO, J. F. (2003) Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. Rio de Janeiro, *Revista EcoPós*, vol.6, nº1, p.73.

FOCHI, A. M. P. (2007) Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? São Paulo: FAAP , *Revista Facom*, nº 17, pp.61-69.

FOURNIER, G. G. (1901) *La Raza Negra es la más Antigua de las Razas Humanas. Estudio Paleontológico, Arqueológico, Histórico y Geográfico*. Valladolid: Saturnia Pérez.

FRÜBEL, J. (2013) Zumbi dos Palmares. *Simpósio Científico FTGS 2013.* Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/119-423-1-PB%20(4).pdf. Acesso em março de 2014.

GALVÃO, T. V. B. (2009) *Comunicação, Política e Juventude: 'Marginais Midiáticos' do Hip Hop*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GASPARI, E. (2005) *A ditadura escancarada.* São Paulo: Cia das Letras.

GOMES, S. M. (2009) O hip hop como fonte documental para a construção do conhecimento da história e cultura afro-brasileiras. Paranavaí, *Anais Unicentro 2009*, pp. P.1-4. Disponível em: anais.unicentro.br/siepe/2009/pdf/resumo_401.pdf.

GUILHERME, J. (2008) *Rap: A formação da juventude de periferia através das letras*. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: UniCeub. Disponível em: http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1256/2/20264523.pdf.

GUIMARÃES, A. S. A. (1999) *Racismo e Anti-Racismo no Brasil.* São Paulo: Editora 34 LTDA.

GUIMARÃES, M. E. A. (1998) *Do samba ao rap: A música negra no Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.

GUIMARÃES, M. E. A. (1999) Rap: transpondo as fronteiras da periferia In: ANDRADE, Elaine Nunes (Org.) *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo: Summus, pp.39-54.

GUIMARÃES, M. E. A. (2007) A Globalização e as novas identidades – O exemplo do rap. São Paulo, *Revista Perspectivas*, vol.31, jan/jun, pp.169-184.

HIERNAUX, J. (1965) Introduction: the Moscow Expert Meeting. Paris: Unesco, *Internacional Social Science Journal*, vol. XVII, nº1, pp. 73-84.

JOHNSON, A. G. (1997) *Dicionário da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

KINDER, D. R. e SEARS, D. O. (1981) Prejudice and politics: symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 40 (3). Mar. 1981, pp.414-431. Disponível em: http://psycnet.apa.org/index.cfm?fa=buy.optionToBuy&id=1981-32636-001. Acesso em fevereiro de 2014.

KUCINSKI, B. (2002) Mídia e Democracia no Brasil In: KUNSCH, M. M. K. e FISCHMANN, R. (Org.) *Mídia e Tolerância*: A ciência construindo caminhos da liberdade. São Paulo: Universidade de São Paulo, pp.39-49.

LIMA, M. E. O. e VALA, J. (2004) As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. Estudos de Psicologia. Natal, *Scielo Brasil*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300002. Acesso em fevereiro de 2014.

MARTIN-BARBERO, J. (1997) *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

MARX, K. e ENGELS, F. (2007) *A Ideologia Alemã.* Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo.

MARX, Karl. (2004) *Manuscritos econômico- filosóficos.* Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial.

MCCONAHAY, J. B. (1986) Modern racism, ambivalence, and the modern racism scale In: DOVIDIO, J.F. e GAERTNER, S.L. (Orgs.) *Prejudice, discrimination, and racism.* Nova York: Academic, pp. 91-125.

MULLER. T. M. P. (2012) Negras e Negros: Pesquisas e debates In: BORGES, R.C.S. e BORGES, R. (Orgs.) *Mídia e Racismo.* Petrópolis: DP et Alii Editora Ltda., pp.6-20.

OLIVEIRA, R. C. (2007) História, música e ensino ao ritmo dos excluídos: Músicas engajadas e problemáticas sociais na contemporaneidade. Uberlândia, *Revista Cadernos Históri*a vol.15 n.1. pp. 137-147.

OLSON, S. (2003) A História da Humanidade: desvendado 150.000 anos da nossa trajetória através dos genes In: FOLEY, R. *Os Humanos antes da Humanidade: uma perspectiva evolucionista*. São Paulo: Editora UNESP, pp.170-190.

ORLANDI, E. P. (1999) Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes.

PAXTON, R. O. (2007) *A anatomia do fascismo*. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra.

RAMOS, A. P. M. (2009) *Figuras do discurso e (des)construção identitária: uma análise dos raps nacionais da última década.* Dissertação de mestrado. PUC Rio: Rio de Janeiro. Disponível em: http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/tesesabertas/0710522_09_cap_04.pdf. Acesso em 03 de janeiro de 2013.

RAMOS, S. (2002) *Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livro.

REVISTA RAÇA BRASIL. *Negros na televisão*. Editora Escala: São Paulo, dez.2013.

REX, J. (1983) *Race Relations in Sociological Theories*. Londres: Routledge.

ROCHA, H. (2011) *Racismo e Mídia*. Brasília: Universidade de Brasília, Publicações Uniceb. Disponível em: www.publicacoes.uniceub.br/index.php/universitashumanas/ article/view/1392/1504. Acesso em 02 de janeiro de 2013.

ROCHA, J., DOMENICH, M. e CASSEANO, P. (2001) *Hip Hop: A Periferia Grita*. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo.

ROSE, T. (1994) *Black noise. rap music and the black culture in contemporary America.* Hanover: University Press of New England.

SANTOS, J. R. (1985) *Zumbi. 5. ed.* São Paulo: Ediouro

SANTOS, S. A. (200/) *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas.* Brasília: Ministério da Educação: UNESCO.

SANTOS, R. V. (1996) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

SILVA, J. C. G. (1999) Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop em São Paulo In: ANDRADE, E. N. (Org.) *Rap e Educação, Rap é Educação*. São Paulo: Summus.

SILVA, J. C. G. (2012) Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia. São Paulo: USP. *Colóquio Culturas Jovens Afro-Brasil Américas: Encontros e Desencontros,* abr. 2012, pp. 1-17.

SILVA, A. S. (2005) Hip hop do Senegal tempera cena de SP. Folha de S. Paulo, São Paulo, p.E2, 19 nov. 2005.

SHUSTERMAN, R. (1998) *Vivendo a arte - o pensamento pragmatista e a estética popular*. Tradução: Gisela Domsche. São Paulo: Editora 34.

TELES, E. L. A. (2007) *Brasil e África do Sul: os paradoxos da democracia – Memória políticas em democracias com heranças autoritárias*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo.

THORNTON, J. K. A. (2004) *África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico, 1400 - 1800.* Rio de Janeiro: Elsevier e Editora Campus.

TELLA, M. A. P. (1999) Rap, memória e identidade In: ANDRADE, E. N. de (Org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, pp. 55-64.

TONI, C. (2013) *Sabotage – Um Bom Lugar: Biografia Oficial de Mauro Mateus dos Santos.* São Paulo: Literarua.

TURRA, C. e VENTURI, G. (1995) *Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática.

UM SÓ CAMINHO (2007) Filosofia Um Só Caminho. *Um Só Caminho*. Disponível em: http://www.umsocaminho.com.br/?page_id=3. Acesso em: 20 de março de 2014.

VIDAL-NAQUET, P. (1989) Os escravos gregos constituíam uma classe? In: VERNANT, J.-P. e VIDAL-NAQUET, P. (Orgs.) *Trabalho e Escravidão na Grécia Antiga*. Campinas: Papirus, p.13.

VIANNA, H. (1997) *O mundo funk carioca*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VIEIRA, R. C. S. M.: depoimento [out. 2013]. Entrevistador: Francisco C. G. de M. Júnior. Niterói.

VIEIRA, R. C. S. M. (2013) Um Só Caminho - Os 10 Princípios Fundamentais. Facebook. 2013. Disponível em: https://www.facebook.com/aruasabe/posts/291726044283495. Acesso em: jan. 2014.

WASKO, J. (2006) Estudando a Economia Política dos Media e da Informação In: Sousa, H. *Comunicação, Economia e Poder*. Porto: Porto Editora, pp. 29-60.

WEDDERBUN, C. M. (2007) *O racismo através da história: Da Antiguidade à Modernidade*. Disponível em: http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00000672.pdf. Acesso em: jan. 2014. pp.8-130.

ZENI, B. (2004) O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. São Paulo: USP, *Revista Estudos Avançados*, v. 18, nº 50, jan/abr, pp. 225-241.

Anexos

Entrevista de GOG ao programa "*Provocações*"

Entrevista realizada no dia 18/04/2008 e exibida em 08/05/2008

Links da entrevista:

Parte 1: *http://www.youtube.com/watch?v=3NNEdpZUg84*

Parte 2: *http://www.youtube.com/watch?v=4gxs0_1lZ3Q*

Parte 3: *http://www.youtube.com/watch?v=XcZlZNDLCJM*

Transcrição da entrevista:

Bloco 1:

Apresentador Antônio Abujamra recita poema no início do programa: O mundo é um pensamento encadeado, quando algo se consolida, o pensamento libertam-se. Quando algo se desfaz, os pensamentos encadeiam-se.

Apresentador Antônio Abujamra: Ai de mim. Esse gemido grego tem que começar com provocações sempre. Estamos aqui, mais uma vez, Provocações conversa com as periferias. As periferias desse enigma país, desse país enigma, desse enigma brasileira. Periferias que ao contrário do que era de esperar, vão buscar inspiração na Jamaica para fazer músicas de letras quilométricas. Rap, Hip-hop, Funk, as pessoas gostem ou não dessas coisas, não pode ignorar que é por onde a periferia descarrega seu discurso político. A visão da classe média e a elite pra ir devagar, que as coisas tem limite. O nosso cantante nasceu no início da ditadura em Sobradinho, periferia de Brasília e mudou-se para Guará, igualmente periferia. E diz que Guará foi o palco de fatos que revolucionaram a sua vida: break, futebol, rap e faculdade. Vamos ver com ele como são essas coisas todas. Ele é GOG. Iniciais de Genival Oliveira Gonçalves.

Apresentador: Me diga uma coisa, você está na chamada mídia ou é dos que não querem saber dela?

GOG: Então, depende do conceito que se tem de mídia, né? É, na realidade o hip-hop, esse grande estilo de vida que o hip-hop, a proposta dele é criar alternativas ao que está aí exposto. Nunca tivemos espaço nessa mídia, o hip-hop praticamente mais de vinte anos de Brasil e agora

que começa a se interessar pela a gente, mas simplesmente como produto. E a diferença do hip-hop para os outros estilos musicais é exatamente porque não é um produto, é um estilo de vida, é muito mais que música, é cultura, né?

Apresentador: Se tivesse esse apoio, seria melhor pra você?

GOG: Olha, toda rebeldia tem seu preço. E, quando chega o GOG aqui pra falar, na realidade, eu estou representando não só essa geração, mas toda uma geração passada que foi torturada, que foi espancada, que passou não só a margem, mas muito longe do processo. E é esse sangue que corre ainda nas veias da gente. Quando falamos que somos descendentes de Zumbi dos Palmares, é muito importante isso porque nós acreditamos nisso como um sangue que ainda está jorrando em nossas veias. Então, aceitar essa mídia que sempre foi carrasca conosco, que sempre nos colocou ou cortando cercas de arames, mas nunca colocou embalando nossas crianças, é muito complicado porque dói. Mas não é ira, é raiva, é diferente. Isso pode passar no momento em que passemos a ser respeitados.

Apresentador: Uma pergunta só para te irritar um pouco, porque você está muito gostoso dessa resposta. Você é o Mano Brown do Planalto Central?

GOG: A partir do momento que o Mano Brown se sentir um descendente de Zumbi, nós estaremos assim bastante próximos.

Apresentador: Me diga uma coisa: Do que é que você vive?

GOG: Eu vivo do amor por esse povo. Quando a gente falar em amor, é uma coisa praticamente em desuso, principalmente no hip-hop. É, porque a primeira coisa que a gente fez na primeira fase do hip-hop, foi matar o pai e sempre colocar a mãe como elo mais importante nosso. Então, a partir desse momento, você vê qual (é) o desafio, que nós temos, porque a partir daí já começa a denúncia, de mostrar que o hip-hop chegou para apontar e colocar o dedo na ferida, mas apresentando uma solução. Não simplesmente colocando e falando, mas falar por falar, sem colocar, sem mostrar.

Apresentador: E você tem esperança?

GOG: Com certeza sim. A esperança, ela reside no coração daqueles que acreditam que o planeta é para todos.

Apresentador: Você não acha que a esperança já fudeu com a América Latina, já não tem mais jeito. Esperança é uma coisa desnecessária, tem que ser uma coisa mais concreta.

GOG (interrompe): Não, mas isso é o que eles querem. Eles querem que a gente sempre acredite que pra nós sobrou, simplesmente, os empregos subalternos. Ele quer que pra nós sobrou apenas os ônibus lotados, o trabalho mais humilhante, mesmo sendo todo trabalho digno. E a gente depois de pensar e repensar o que nós estamos estudando de nós mesmos, porque os livros que eles escrevem são mentirosos. Os livros que eles escrevem são sempre colocando os heróis deles. Duque de Caxias, pra nós, foi o maior genocida da história, enquanto proclamaram o patrono do exército brasileiro.

Apresentador: Por que você considera ele o maior genocida?

GOG: Porque quando ninguém conseguia exterminar a rebelião que era digna, o chamavam como Super-Man do Século dezoito, né? Século dezoito.

Apresentador: E ele jogava os cadáveres para entrar no Paraguai (GOG interrompe)

GOG: Com certeza. Ele é o Conde Lopes dos dias atuais. Ele é promovido por bravura, da mesma forma que os soldados que matam na rota são promovidos por bravura. Então, quer dizer, passasse o tempo, mudasse as figuras, mas o moldes operantes é sempre o mesmo.

Apresentador: Deixe eu te incomodar um pouquinho. Eu (es)tou muito bonzinho, com você. Você (es)tá me agredindo demais. Você é um provocador ótimo, eu sou um provocado. Você é um provocador. Me diga uma coisa: Por que você exige respeito das pessoas? Eu, por exemplo, vou dizer uma coisa para você: eu digo assim, para essa juventude, se me respeitar muito, eu desprezo, vão buscar as coisas de vocês, vão aprender, vão lá atrás, não fique esperando chance nossa não. Vocês pensam que atuam numa sociedade, as pessoas deixam que vocês pensem que atuam na sociedade. Esse negócio de respeito é uma coisa tão necessária para você?

GOG: Olha, veja só. O professor Milton Santos já dizia que no Brasil não é uma democracia, porque não se constitui a democracia de fato. Quem tem, ele tem direito, mas quer privilégio e quem não tem, só tem deveres. Então, a partir desse momento, não tem a relação essencial da democracia. O que acontece no Brasil é que o hip-hop quer dizer que nós não queremos igualdade, nós não queremos igualdade. Nós queremos oportunidade. A partir da oportunidade, nós vamos criar nosso espaço.

Apresentador (interrompe): Se não te derem oportunidade, você vai cassar, você vai atrás da oportunidade.

GOG: Mas, veja só, a partir do momento que não dão oportunidade para a gente mostrar, nós vamos criar todo nosso paralelo, que nem nós (es)tamos criando hoje.

Entra o quadro "*Vozes da Rua*", com populares comentando sobre assuntos referentes ao tema hip hop.

Primeiro popular não identificado fala: Aí, firmeza total, Mano Gim, juntamente com a banca, representada. Jesus é o caminho, o resto é conversa fiada.

Segundo popular não identificado fala: Ah, você compara como uma religião. Se você ouve ele e seguir, é, como se fosse o pastor. O pastor pede para você não passar pelo que ele passou. É difícil um pastor que veio do zero. Ele sempre está ali porque é ex-presidiário, ex alguma coisa. Então, ele não quer que o pessoal passe pelo que ele passou.

Fim do Bloco 1

Bloco 2:

Apresentador: Fala sobre essa frase que ouvi quando jovem: Tudo que não é diversão, é luta de classes.

GOG: Acho que é uma frase de época, né?

Apresentador: Tudo que eu falo é da minha época (risos).

GOG (continua): É preciso saber que no Brasil há uma luta de classes, de verdade, de verdade. Os pobres, os moleques, não estão sabendo, mas existe. Então, a partir desse momento tenho que saber onde estou, quem eu sou, com quem eu vou andar. Relações sociais, o movimento hip hop nós podemos começar com o MTST (Movimento dos Trabalhos Sem-Teto), com o PT (Partido dos Trabalhadores), certo? Mas agora a partir do momento em que eles errarem, nós temos que (es)tá fora dessa lama.

Apresentador: No seu site tem assim: a partir de 1986, as ideias de GOG se propagam. As suas ideias são claras?

GOG: Olha, Abujamra, o hip hop, como eu te disse, ele é um estilo de vida. Então, você é uma parede em construção. Quer dizer, é uma casa em construção. Levanta uma parede, aquela parede você olha, aquela parede não sou eu, não quero ser essa parede, você derruba e começa a levantar de novo. Eu acho que a grande força que o hip hop dá pra gente é essa coragem de derrubar, levantar, fazer de novo. Porque a periferia sempre, sabe o que acontece, são sonhos em construções. Sempre falta um banheiro quando fala uma família na casa para construir. Sabe? É um projeto inacabado.

Apresentador: O Brasil, visto de Brasília, não é um pouco longe?

GOG: Brasília é uma cidade que as tensões foram quebradas. Você tem aquela ideia do avião, certo? E tem as cidades-satélites, que são as cidades fora do avião, são 30, 40, 50 quilômetros fora. Isso sem falar das cidades do entorno, que é todo aquele cinturão de pobreza que cerca Brasília. E essa história não é contada. Então, Brasília é uma cidade muito difícil e quando a gente começa a correr atrás da informação, você acaba descobrindo que pra cada centro forte tem uma periferia sofrendo. Se você for ver, por exemplo, hoje nós temos entre oito e nove mil crianças e jovens em Febens, cumprindo pena. E esse problema não é resolvido, por que não é resolvido? Oito mil, não são oito milhões, mas a quem interessa resolver isso?

Apresentador: A gente pega a Fundação Getúlio Vargas, a Organização Mundial de Saúde vê assim: Brasil, cinquenta milhões de indigentes. Segundo o Aurélio (dicionário), indigente é pior que pobreza e ainda acham que a gente é provocador? Nós somos provocados, por esse país o tempo todo. Agora, já te perguntaram muito se você é a favor da liberação das drogas?

GOG: As pessoas confundem muito o rap, o hip hop, com droga, é com (Antônio Abujamra interrompe).

Apresentador: Por que eles confundem?

GOG: Ah, é porque as pessoas pensam, por exemplo, eu não fumo e não bebo. E todo mundo vê em mim um noiado, um drogado.

Apresentador: Acham que você é um padre!

GOG: Mas é engraçado, é engraçado porque a gente vê o quanto que essas pessoas estereotipam e o quanto que elas precisam aprender com a vida. Nós falamos assim que nós somos a favor da legalização do arroz com feijão. Essa legalização pra nós é a grande caminhada.

Apresentador: Vocês mantém contato com os rappers da periferia de outros países?

GOG: Eu sinto a necessidade de uma maior aproximação. Eu tenho uma música chamada Guerrilha G.O.G. em que eu passo pela América Latina, em que nós falamos de todas as ditaduras que tiveram na América Latina. Uma coisa muito importante que eu falo assim é "*Inglaterra nas Malvinas, a razão da Argentina. Bombas, estilhaços, latinos aos pedaços. Não sei se isso comove você. Até quando um blindado vai te proteger? Guerrilha GOG! Pro povo a paz, a terra, o poder, bom pra mim, pra você. Pior que estar, não dá, é pegar ou largar. Desistir ou lutar? Vai chegar a hora de comemorar nas carretas, sem treta, hip hop é Ceita, bom malandro um pingo é letra".* Então, dessa forma, a molecada está sabendo que não dá para apoiar as Malvinas, não dá para apoiar a Inglaterra.

Apresentador: Não dá pra apoiar Inglaterra, Estados Unidos, praticamente não dá pra apoiar o mundo, né? O mundo vai mal, como tudo. Eles estão sempre querendo que vocês se fodam, na realidade, né?

GOG: Na realidade, eles querem mão de obra barata (apresentador comenta: é, por aí), até um certo tempo, para depois o decréscimo da população para eles verem bem.

Apresentador: Você estreitou relações com Sérgio Vaz, com Ferrers, Sacolinha, escritores ativistas da periferia de São Paulo. Tirando São Paulo e Rio, ninguém escreve nas periferias do Brasil?

GOG: Nossa, muita gente escreve pelo Brasil. Nelson Maka, Blacktude, Werts, Quilombo Urbano, Zulu no Amapá, o Fama em Rondônia. Nós temos todo um Brasil emergente. Mas que não é pautado.

Apresentador: Mas tem uma unidade entre vocês?

GOG: Com certeza, grande unidade. Nós conversamos bastante e o que acontece. O que acontece é que falar até em uma literatura marginal hoje é uma coisa complicada, é a nossa literatura. Ela é o oxigênio do hip hop hoje. Os textos do Sérgio Vaz, do Ferrers são oxigênio porque os moleques eles não entendem esses livros didáticos que estão aí. Então, quer dizer, através da poesia do Sérgio Vaz, do texto do Ferrers, o moleque fala: pow cara, o cara mora aqui do lado e ele está escrevendo umas páginas, umas folhas. Eu também posso.

Apresentador: Agora, GOG e o MST se aproximam. Como é que é isso?

GOG: Olha, o MST tem muita coisa que nos serve de orientação. A organização do MST é uma coisa sem precedentes no Brasil. A forma organizada de trabalhar deles é uma coisa que nos atrai, fora a causa do MST que nos achamos, é uma coisa que nunca vi. Você conhece o testamento de Adão? Eu não conheço. Agora, quando eu fui agora pra Cuiabá, você viaja quase oito horas na mesma cerca. E sempre em terras bem localizadas. Então, cadê os documentos? Porque o Brasil também é a terra de grilagem. Em cima disso, os caras fazem os documentos e já era.

Apresentador: Brasília é a capital disso.

GOG: Brasília, a minha amada Brasília, muita gente fala que é a fazenda de Goiás, porque não consegue se libertar de Joaquim Roriz. Não consegue se libertar porque o brasileiro tem isso. Não só Brasília, mas chorou, comoveu. E eles sabem disso, então as lágrimas estão aí, para serem derramadas.

Entra o quadro vozes da rua, com populares comentando sobre assuntos referentes ao tema hip hop.

Primeiro popular não identificado fala: Vou falar pra você sobre a vida, o caminho que te mostra à saída. Viver sempre bem, da baixada além. Chegar aqui em São Paulo, na terra que é sempre bem. Os parceiros de São Paulo estão sempre no clima. Salvação a todos os irmão.

Segundo popular não identificado fala: Eles vieram da periferia, eles viveram, eles foram presos. Sabe como é a polícia, são como são os políticos. Sabe o que é viver na periferia, sabe o que é sofrer. E sabe que ninguém faz nada por eles.

Fim do Bloco 2

Parte 3:

Apresentador: Me diga uma coisa, como é que é, esse público enorme, alguém consegue cantar seu rap de letras quilométricas, junto com você?

GOG: Olha, é. Uma das letras mais conhecidas minhas, que é embalada pelo povo aí, esses dias na internet, porque eles apagam, lá do Youtube, com mais de 300 mil pessoas que já assistiram O Amor Venceu a Guerra, a música tem quase nove minutos. E as pessoas cantam, do início ao fim, e o que é mais interessante, os moleques chegam e dizem 'Gog aconteceu comigo veio, aconteceu comigo'.

Apresentador: Agora, me diga uma coisa, que tipo de música você gosta menos rap e hip hop?

GOG: Eu gosto de brega, Paulo Sérgio, Odair José, eu ouço muito pouco rap gringo, rap internacional. Houve o tempo, mas hoje assim eu acho que o rap brasileiro, eu acho que ele tem que se abrasileirar.

Apresentador: Você chora?

GOG: Sim, choro, choro.

Apresentador: Por que você chora?

GOG: A gente chora por dentro né? Muitas vezes porque a vida não é fácil. Eu choro muito pelos moleques que estão nessa morte cerebral, que você fala, fala, o moleque quer mudar, mas na hora H não consegue mudar, porque tudo conta contra essa mudança.

Apresentador: Você chora diante da beleza?

GOG: Sim, a beleza é admirável. Eu tenho chorado bastante nesses 70 dias que minha mãe está na UTI (Unidade Terapêutica Intensiva), olhando o sofrimento. (Apresentador interrompe: isso é tragédia!). Não, quem viver verá!

Apresentador: Agora, me diga uma coisa, qual foi a maior imprudência que você cometeu na sua vida?

GOG: A maior imprudência, acho que foi servir em algum momento ao opressor. Em algum momento, talvez eu nem me lembre, mas eu já servi porque a gente reproduz muito o que ele quer, a força dele é muito grande e muitas vezes a gente despreza a força do opressor. Por exemplo, eu tive, eu comprei dois tênis da Nike, mesmo sabendo na época que a Nike explora o trabalho infantil. Eu joguei meus tênis fora, não calço, mas foi um momento que servi ao opressor, porque eu dei dinheiro pra eles.

Apresentador: Eu não quero uma imprudência inconsciente, eu quero uma imprudência consciente.

GOG: Ah, foi quando chegaram num show meu, é numa celebração, né? O Joaquim Roriz e o Luiz Estevão, na época governador e senador da república, né? E, eu tenho uma música que, Luto no Congresso. O refrão é: Mau político tem que morrer, tem que morrer. Aí nós cantamos: O Joaquim Roriz? Tem que morrer, tem que morrer. Luiz Estevão? Tem que morrer, tem que morrer. Ai eu falei: apague ele dentro de você. Mesmo assim, nós fomos expulsos né, literalmente, do projeto, que era o projeto Arte e Cultura a parte, da Fundação Cultural.

Apresentador: Você já deu algum vexame?

GOG: Olha, não. Eu sempre fui verdadeiro, da forma que eu acreditava. Então, quer dizer, mesmo nos meus excessos foram normais pra mim.

Apresentador: Você entra em angústia?

GOG: Olha, como eu falei, nosso povo está na UTI. A periferia é complicada. A periferia, ela tem alegria, mas tem muita tristeza, tem muita derrota que poderia ser evitada. Os moleques têm uma criatividade imensa, mas o sistema molda de forma que sempre vai colocar aquela criatividade de forma que o opressor vai agir sobre eles, porque tudo que o sistema quer é um motivo. Eu falo moleque 'não dá o motivo' e o moleque dá o motivo.

Apresentador: Qual é o grande autor que você encontrou?

GOG: Olha, de todos os autores, assim né? Porque ele coincidiu, esse texto coincidiu exatamente assim com o GOG se encontrando também. Então, com certeza, é Sérgio Vaz.

Apresentador: E qual foi o grande autor que você ainda não encontrou?

GOG: Rapaz, eu li um livro do Sarney (José Sarney, ex-presidente do Brasil), acho que é O Estorvo, é Marimbondos de Fogo, muito difícil, porque não tem nada a ver comigo. E é ruim mesmo, viu Abujamra?

Apresentador: Eu estou falando, qual foi o grande autor que você ainda não encontrou.

GOG: Olha, falam muito de Machado de Assis, eu não consegui entender, é porque eu (es)tou te provocando.

Apresentador interrompe: A culpa é sua, não é dele não viu?

GOG: Eu (es)tou te provocando, é porque eles livros assim nunca conta, acho que falta um pouco de, é meio maquiado pra gente assim. Você observa. (Abujamra interrompe: Cuidado, cuidado, cuidado). Mas é por isso que a gente está aqui né? Pra falar a verdade, né?

Apresentador: Não, veja bem, não é questão de verdade, a verdade, por exemplo, tem gente que gosta de Paulo Coelho e é uma merda. Tem gente que prefere Pedro Block ao Shakespeare. Tá errado. Tem coisas que são boas sempre.

GOG: Mas essa unanimidade, ela me incomoda.

Apresentador: Que unanimidade? Quem disse a você que é unanimidade?

GOG: Mas é, todo lugar que a gente vai, Machado de Assis é uma coisa comentada, é um texto comentando. Eu não estou dizendo que é ruim. Mas isso me incomoda, porque todo mundo entende e eu não entendo. É que nem Chico Buarque, tem muita coisa que ele escreve, mas a gente não entende. Eu sou da geração James Brown, eu não sou da geração Beatles. É complicado pra gente entender, muitos textos.

Apresentador: Mas é bom que você saiba que fica complicado por causa de geração e não que eles sejam isso ou aquilo.

GOG: Olha, veja só, uma coisa que eles reclamam bastante, as pessoas reclamam, quem ler, principalmente muito, é do dialeto né? Mil e quinhentas palavras a gente consegue se comunicar. Vivemos bem, muitas vezes.

Apresentador: Espera um pouquinho. Isso não quer dizer que você deixe de uma leitura de um grande autor. Você tem que ler os grandes autores, você tem que saber como eles são, você tem que saber o que eles querem dizer. Não dá pra chegar e dizer: eu só leio isso, eu só leio aquilo. Tem que ver o que é o mundo. A literatura é muito maior que nós. Saiu um livro agora chamado

"*As Belevolentes*", de 900 páginas, de um nazista contando a guerra, a partir do nazismo. É uma das coisas, é uma nova Guerra e Paz. Não, não vou ler Guerra e Paz do Tosltoi porque é grande. Tem que saber o que acontece. Veja bem, a vida é sua, estrague-a como quiser. Só queria falar uma coisa pra você: digamos que teve um momento que você não teve liberdade de dizer o que você queria. Esse programa é o programa mais livre que existe. Você pode pegar, olhar pra aquela câmera, pra terminar a sua entrevista e falar o que você quiser. Digamos que um dia você gostaria de ter falado e não falou: a vida é sua. Tá lá!

GOG: Tem que falar mesmo?

Apresentador: Você não quer? Ninguém assiste o programa, fica tranquilo. Se você quiser falar, fala, se não quiser não fala. Esse programa é pra você falar o que você quiser. Se você não quiser falar, ora. Mas, eu não perderia a oportunidade de falar, em uma televisão livre que tem os e-mails de uma garotada que assiste com uma determinada profundidade, o que as pessoas que sentam aí querem dizer.

GOG: Olha, eu queria falar pro meu povo, o movimento negro, principalmente as entidades que conversam mais de próximo com o negro. A partir do momento que a gente tiver uma proposta de mudança, a gente nunca pode ter essa proposta de mudança pautada pelo poder. Porque o negro pelo poder, apenas pelo poder, ele vai subjugar o branco e as outras raças, as outras cores. Então, nós vamos tomar sim a caminhada, porque nós somos maioria, mas a partir desse momento nós vamos ter um amor universal, benevolente e a espada embainada, certo? Que é exatamente pra o que? Dentro da sabedoria, nós sabermos conviver e respeitar as diferenças.

Apresentador: Dá um abraço, que a única coisa falsa nesse programa é o abraço.

GOG: Não, meu querido.

Apresentador: Olha os fotógrafos, sabe o que acontece? Nada, não sai em jornal nenhum, a não ser que eu morra ou você morra.

Apresentador recita poema no encerramento do programa: Leopardos invadem o templo e esvaziam os vasos sagrados. O fato se repete, se repete, se repete. Até o dia em que se prever o momento exato da chegada dos leopardos ao templo. E tudo isso passa a fazer parte do ritual.

Fim do programa

Entrevista de Marechal para a dissertação

Entrevista realizada no dia 05 de outubro de 2013 no Plaza Shopping, na cidade de Niterói, no estado Rio de Janeiro.

Transcrição da entrevista:

Você tem um histórico de rejeitar bastante entrevistas. Por que isso?

Nem sempre eu gosto de falar, porque eu acho que todo tipo de entrevista parece um pouco com o freestyle, serve para aquele momento, é o que eu estou pensando ali agora. Meu vício é estudar, então daqui a dois, três meses, cinco meses, um ano, dois anos, o cara está vendo isso aí e pode está bem desatualizado, de um pensamento que a gente está tendo. Pode ser base para alguma coisa. É bom que qualquer entrevista, qualquer coisa saindo de mim, é bom me perguntar se eu ainda concordo com aquilo, porque ainda bem que a gente muda sempre, né?

Como é o seu histórico de relacionamento com a mídia?

Não me interessa muito, não me interessa. Eu não vejo coisas interessantes. Então, esse histórico de coisas não interessantes que existe, faz eu perder o interesse. Então, eu não sei nem do que se trata. Acho importante, que coisas que divulgam e coisas relevantes, mas não vejo tantas coisas relevantes serem divulgadas. Então isso me dá um pouco de tipo assim, porra não vou estar colaborando com essa merda. Ao mesmo tempo tenho que reconhecer que muitas coisas que são legais, eu conheci através da mídia. Então, é um equilíbrio, tem que saber fazer esse balanço para também não ser o chato da história. Tem que ter um argumento para poder defender.

Qual é o seu histórico de carreira? Quantos anos desde a primeira apresentação?

A primeira apresentação oficial mesmo? Bote aí uns 12 anos.

E seu histórico de apresentação na mídia? Quantas vezes já foi na mídia?

Algumas vezes, já fui.

Na Cultura, né?

É na Cultura, já fui no Multishow, que não deixa de ser da Globo.

Naquele programa...

É o Experimente. Mas é aquilo. Aquele programa específico é um programa meio que encomendado. A produtora faz o programa e vende para o canal e eles transmitem. Eu tive total liberdade naquele programa. Achei que foi válido, me ajudou. Tem que ver o que ajuda também, o que é relevante. Se dá para mostrar o trabalho honestamente, eu acho ótimo. Mas se for para ir lá, pra ficar brincando de coisas e nisso está incluído a sua imagem, que não leva em conta nenhum pouco a sua música, eu não estou afim, porque eu faço música. Então eu acho que você tem que atuar, na minha opinião, eu atuando na minha parte é o que estou fazendo de mais sincero e mais real, sabe qual é?

E quando há um convite, você faz a rejeição de cara ou analisa, estuda para ver se é algo válido?

Lógico que eu analiso. Eu pergunto do que se trata o programa, peço para mandar outras edições, para saber quem está fazendo. As vezes são meus amigos que estão fazendo, as vezes que recuso para os meus amigos. As vezes são desconhecidos, e eu vou porque eu acredito que é interessante. Depende, tudo depende.

E na Globo, você iria?

Depende, já fui.

Foi?

Ué, fui lá.

Mas fora a apresentação no Big Brother, para participação convencional, iria?

Assim, se eu acho interessante um programa como o Faustão e etc, eu não acho nada interessante. Acho que pra mim não é nada interessante. Acho que tem outros artistas que é bom para eles, porque eles tem outras ideias. Eu não posso querer que as pessoas tenham a minha ideia. Então, não é o que faço, não é o que eu concordo, nem o que eu acredito em termos de divulgar as ideias. Não é o que eu acredito em termos de ideias. Agora também, isso daí é um conflito para minha cabeça. Tipo assim, se a gente for pensar em termos de população. Se a gente for pensar em termos de redes sociais. Digamos que 60 mil, 80 mil pessoas me seguem em uma rede social. As vezes eu fico pensando, será que eu não já falei para o meu povo? Será que eu tenho que falar para outras pessoas também? E será que as pessoas que mais precisam, não será as pessoas que assistem a Globo? Porque por mais que seja medíocre a programação, não será que seria legal ter alguma coisa interessante? Mas ao mesmo tempo não, porque você está classificando aquilo como mais alguma coisa, que eles vão te jogar como mais alguma coisa. Eu não quero ser o chato, mas também porque na verdade os próprios caras da Globo e qualquer tipo de mídia, eles estão se adaptando, porque agora as pessoas tem liberdade de escolha, eles vão no Youtube, eles vão em outro lugar para ver. Então mal ou bem eles tem que pegar o que está acontecendo no outro, para trazer. Já não são eles que mandam, antes tinha essa parada, era uma corporação que ditava as coisas, não tem como ditar mais, as coisas estão na internet.

Tem que se adaptar ao povo, que está produzindo alguma coisa e eles tem que colocar, para agradar...

Exatamente. Já passa a ser um pouco a voz do povo. E é o povo que mais precisa, porque, por exemplo, ela nunca foi a um show meu e ela é uma das pessoas que não entende o que eu falo. Então eu fico pensando será que não seria interessante eu falar para minha mãe? Porque meus irmãos eu já falei, muitos já seguem um pouco do que eu falo e eu aprendo com eles e eles aprendem comigo, isso já acontece. Só que aí, o que acontece? Vai ficar nessa? A gente tem que falar com outras pessoas. É um risco, é um

risco muito grande, mas eu sou um cara que mermão, eu fui lá e falei o que eu queria falar, dentro das minhas condições. Os caras não sabiam, quem sabia era o Marquinho. Essa parada aconteceu assim, ele me ligou e falou 'Marecha, eu tenho uma proposta, mas você vai ter que aceitar antes de eu falar o que é'. Ele como meu amigo eu falei 'Lógico'. Então, tu vai cantar no Big Brother. Eu falei 'Tá maluco, rapaz?, jamais'. Ae eu falei, 'Beleza, você é meu amigo, eu vou fazer essa parada aí contigo, mas é o seguinte, eu vou chegar lá e vou mandar um papo reto'. Aí ele 'Tá tranquilo, manda teu papo'. Ae eu falei 'Então, tá'.

Mas Marquinho sabia exatamente o trecho que você ia cantar?

Sabia, mas ele era o único que sabia. Então, na verdade, o ousado também foi ele.

Mas você colocou uma batida mais rápida...

Então, isso não foi meu. A minha participação era na parada do Marquinho. Então, eu tinha que me adaptar ao Marquinho. Não foi uma opção minha, eu gostaria de ter mais tempo e mais espaço para cantar mais especificamente.

Eu percebi assim, você falou uma parada mais rápida e os participantes do BBB não estavam entendendo bem o que você estava cantando e iam dançando.

Eu tinha duas opções: ou fazer a batida que era deles ou não fazer. Eu achei que foi mais interessante falar. É o risco, é isso, eu sabia que eu estava pecando um pouco da música, mas eu acho que a atitude, valeu! Tudo tem perdas e ganhos.

Como foi a recepção depois que você cantou aquilo?

Primeiro o pessoal não entendeu nada. Falaram 'Caralho, que porra é essa, por que o Marecha está no Big Brother, o que é que tem a ver? Que é isso?' Ninguém entendeu!

Mas eu falo o próprio pessoal da Globo...

Lá, eu não sei. Eu sai fora.

Você chegou lá...

Eu cheguei lá de boa, ninguém sabia quem eu era.

Chegou uma meia hora antes e ficou esperando..

É, uns 20 minutos antes, 40 minutos antes.

Ai, fez aquela participação lá e foi embora..

É, fui embora. Depois foi que eles entenderam a merda que foi.

Ai, tipo produção, ninguém falou nada não?

Não, vai falar o que? Se vier pra cima de mim, cumpade!

E, tipo, não foi transmitido no programa, só para quem tinha o pacote 24 horas.

É só no ao vivo. Eu também dei essa condição: 'Marquinho, só se for ao vivo'.

Aí depois os caras não...

Eles fizeram o que tinha que fazer. Tenta acobertar, né?

Será que eles entenderam a mensagem, você acha?

Entenderam. Lógico que entenderam.

Eu falo por conta da batida rápida, que ficou mais difícil de entender...

Entenderam, tanto que eles não passaram no reprise e tentaram acobertar essa história.

E no Youtube?

No Youtube limou também, saiu. Dei mais de 20 mil visitas na primeira madrugada e depois saiu, cortaram. Não pode ter mais.

E quem colocou no Youtube?

Não sei, não faço ideia.

Não foi ninguém que você mandou?

Não, eu não faço nada.

Alguém, sei lá, Marquinho?

Não, não. Eu não tou nem aí mano. Não quero saber quem foi.

Aí depois colocaram no Vimeo...

Eu também não sei quem foi. Não sei quem é, não falo. Eu respeito. Eu faço o meu, as pessoas fazem o que tem que fazer assim. Tipo se elas acham que é maneiro reproduzir isso? Maneiro! Mas eu vou lá porque acredito nisso. Eu vou lá falar o que eu acredito, achando que era uma boa estratégia para as pessoas ouvirem. Sabendo que 90% não ia entender, 5% ia criticar e 5% ia entender, mas quem entendeu de repente já valeu. Eu não tenho risco de perder nada, eu sou eu, mano! Você não tem nada a perder quando você é você. As vezes as pessoas tem uma crítica sobre você e ela vem querer te

questionar, só que vê ver que você é aquilo e ela não tem o que questionar. Ela fala tipo assim: 'Pow, beleza eu não consigo nem te criticar'. Talvez quem fosse conversar com o Hitler, ele tivesse a mesma opinião. O cara é maluco, pow! O cara ia falar e dizer 'Você tem que respeitar pelo menos o cara, pelo menos ele estava defendendo o que ele acredita, sabe qual é?'. É uma merda na minha opinião, é? Mas é a opinião do cara.

Naquela participação da TV Cultura, você falou que tem programa que diz, não pode isso, não pode isso. Foi programa que você foi ou foi programa que você evitou porque não podia?

Programa que eu já fui e não fiz por causa disso, programa que as pessoas vão e me contam. Digo porque sei que existe isso.

Mas teve algum programa que você foi chamado e na hora você disse que não participaria mais e pronto?

Lá no local de cantar tal música e dizer faz isso, faz isso? Eu falo, não!

Você participou, mas não fez o que pediram, então? Qual foi o programa no caso?

Nem lembro, já teve várias coisas desse tipo, sabe qual é?

Aí, você negou e pronto!

De boa, de boa. Eu falo para o cara: Eu, sinceramente acho maneiro estar aqui, mas não é isso que eu faço. Ou a gente faz música ou não faz nada, porque o que eu faço é música, não adianta eu querer ir pagar de animador ou disso ou daquilo, porque eu vou estar saindo daquilo que eu posso me expressar de melhor. Se eles querem explorar o outro lado, que explore com outra pessoa, porque eu não vou estar sendo eu e a pessoa não vai estar passando uma parada verdadeira. Eu estou afim de defender a verdade, não importa qual é que ela seja.

Agora uma coisa que todo mundo do meio fala é que o Marecha tem essa postura independente e daí muita gente se encosta em você para fazer sucesso e você não estoura tanto. Tipo o Emicida, que começou com você. Como você vê? O pessoal falando 'Marechal poderia ser muito mais famoso', já que muitos mc´s que andam junto com você, ficam bem mais famosos. Você queria isso ou não faz questão alguma disso? Você vender muito mais, vender um milhão.

Primeiro, eu não tenho um disco, então eu não poderia vender nenhum. Não dá para vender um milhão, se você não tem nenhum disco. Eu me preocupo com a música, os meus amigos como o Emicida, Projota, Rashid é lógico que eu ajudei. Como eu estou ajudando o Santi, que provavelmente vai ser um dos caras reconhecidos. Eles têm o caminho deles, sabe? Eu acho que eu consegui passar pra eles o que eu acredito e eles somaram a isso o que eles acreditam e fizeram o deles. Eu fico feliz. Não tem isso. Fama é uma parada que primeiro não me interessa, porque se não dependendo do tipo de fama a gente estava aqui? Eu poderia não estar fazendo isso aqui agora. Eu estar no lugar que eu gosto de estar, eu cresci aqui, eu gosto de estar aqui, eu morava a duas ruas daqui. Não tinha isso aqui ainda. Se eu acho certo, shopping, isso são outras questões. Mas incomoda algumas pessoas, é ruim para algumas outras coisas, mas isso é um nível social que acho que a gente ainda é muito pequeno politicamente para entender qual é o nível. Porque na verdade é o seguinte, existe o que a gente gostaria que fosse, existe o que poderia ser e existe o que é. Então, muitas vezes é muito diferente o que é. Todo mundo fala mal pra caramba de não sei o que, mas acaba fazendo parte daquilo. Eu acho que com a mídia tem um pouco a ver isso também. Voltando a questão, eu fico feliz porque meus amigos são reconhecidos e, outra coisa, eles me ajudam muito também, porque o reconhecimento deles reflete no meu também. Independente de ser mais famoso ou menos famoso, eu tenho a minha postura e tenho a minha música e muitas pessoas reconheceram a minha música, depois de conhecerem os meus amigos, que por acaso eu ajudei, mas seguiu cada um o seu caminho.

Você vive só da música?

Música e roupa.

E hoje é o suficiente para você viver? Se sente satisfeito financeiramente?

Com certeza.

Agora, outra questão: Como foi a questão com Cabal? O que foi aquilo tudo ali? Do início até..

Cara, aquilo tudo ali foi... além da gente ser mais novo. Eu acredito que ele tem uma mentalidade americana. Então, ele quis jogar um pouco do jogo americano de rap no Brasil. Essa parada de criar rixa, de fazer isso, em termos de efeito midiático. De alguma forma teve efeito midiático, as pessoas ficaram sabendo. Eu gravei a música, mas eu não ia lançar a música. Inclusive, a história é a seguinte: eu só fiquei sabendo quem lançou a música ano passado.

E quem foi?

Foi um camarada chamado Rangel, que pegou no estúdio, roubou e jogou na internet. Só que ele é meu amigo, sabe qual é? Ele falou que as pessoas precisavam ouvir aquilo. Só que eu não ia lançar.

E você gravou por que?

Eu gravei porque eu sou músico. Mano, todo dia eu faço música. Então, eu vou e gravo. As pessoas acham que eu não gravo. Pelo contrário, eu gravo todo dia.

Ai você grava todo dia?

Gravo todo dia e por acaso tava lá no estúdio. Nem está mixado..

E foi tipo uma coisa que você fez (entrevistado interrompe)

Na hora. Tipo assim, é técnica. Eu tenho que aperfeiçoar minha técnica, igual o cara que toca piano, tem que ensaiar todo dia. Eu tenho que compor todo dia. A minha cabeça é essa, eu toco piano na letra. É isso aí que eu faço.

Aí ele quis criar rixa com você, especificamente por que?

Porque ele sabia que eu era um cara reconhecido no meio e ao mesmo tempo era interessante para ele. Como ele estava muito classificado como mc pop, essas coisas que o hip hop meio que deixa de lado um pouco. Ele queria entrar. Isso é uma teoria. Mas eu acho que foi bom pra ele, ele chamou atenção, mas acho que no fim ele perdeu a guerra né?

E começou quando?

Acho que 2006, acho!

Começou na batalha com o Emicida?

Não, foi antes. Ele lançou um som que falava 'sua mina ouve meu rap e tu tá boladão, quando ela ouve senhorita, ela aumenta o som'. Alguma coisa assim. Meio que brincou com a minha música, para falar com a música dele.

Mas aquela música sua mina ouve meu rap, você fez direcionado pra alguém?

Não. Essa música é uma música muito de antes. Nem existia Cabal ainda e as pessoas acham que é pra ele.

Mas foi pra alguém específico?

É, essa música era uma música que eu tava numa época que eu estava saindo do Quinto Andar, mas eu era muito amigo do Shaolim, também do Xará. A gente andava muito junto e eu tava querendo. Você já ouviu minhas paradas do Quinto Andar?

Já, são bem diferentes.

Quinto Andar, é o que? A gente estava tentando desconstruir o máximo possível, porque o rap tinha aquele lance de ser mais quadrado e pow mano. Acho foda, até hoje sou fã para caramba de Sistema Negro, e gostava muito do MRN, essas paradas me influenciavam. Aí eu pensava, cara, eu quero jogar um pouco mais de maluquice nessa parada. Então, eu comecei a fazer essas bases mais jazzísticas, falando uma porrada de poesia, meio misturada assim, aí era um bagulho meio doido, sem nexo. Burucugundu... Free Jazz do rap. E gravamos nós mesmos e gravava. Tinha um computador velho lá, sei lá, 286, tá ligado? Aqueles computadores antigos. 386, sei lá o que. Com aquele microfonezinho que vem do lado assim? E aí passou essa fase, que falei pô maneiro, eu estudei isso aqui, mas acho que estava faltando voltar um pouco nas origens e fazer um lance mais metrificado e, ao mesmo tempo, com histórias. Então, eu estava criando os temas, tá ligado? Sabe que o meu rap era no coro dessas músicas. Eu tenho mais de 2 mil músicas, tá ligado? Vou fazendo, até que eu vejo, essa daqui pode ir pra frente. E sua mina ouve meu rap estava no meio disso, não tem nada a ver com ninguém. Uma parada, uma música, um estudo.

O quinto andar.. sua história no rap, qual é? Primeiro foi Exército do Rap?

Consciência armada.

Qual foi o ano?

Sei lá, 95, 94.

Você tinha quantos anos?

13, 13 pra 14.

E quando você chegou com Consciência Armada, com 13 anos de idade, seus pais falaram o que? Entenderam assim o que você queria fazer? Mas você diz que ela não entende até hoje...

Meu pai é um cara muito esperto. Eu ficava ouvindo Racionais em casa e ele já se ligava. Não, é isso aí que tu quer, então vai lá.

Por isso que era Marechal, Marechal da Consciência Armada, que era tipo o Exército do Rap.

Então você criou Consciência Armada com 13 anos e daí se intitulou Marechal?

É, exatamente!

E depois?

Virou o Quinto Andar, logo.

Mas era o mesmo pessoal?

Era, porque a Consciência Armada era eu e o De Leve, praticamente, só que aí era outro nome o De Leve. Aí depois entrou Castro e virou Quinto Andar.

Isso quando?

98, sei lá. Não tenho certeza.

Saiu quando? 2005?

O primeiro cd?

Não, você! Você saiu quando?

Não, bem antes.

Quando? 2001?

Não sei, foi antes do primeiro cd, o Piratão!

E o cd?

Não sei, nunca ouvi.

Por que? Saiu brigado?

Saí um pouco brigado, mas também nunca me interessou.

E isso foi o que? 2001, mais ou menos?

Pode ser, 2002. Sei lá, não lembro.

Saiu brigado com quem? Com o De Leve?

Saí.

Mas por que?

Era muito novo também, ele também. Acho que, sei lá.

Mas hoje é tranquilo?

Tranquilo, eu vi hoje ele na rua, porque eu tava passando de carro e ele no ponto de ônibus. Então, ele tava do outro lado subindo e eu queria ter dado uma carona para ele, mas de boa.

E a diferença? A diferença de conteúdo é bastante do Marechal? A linha, ou não?

A minha linha com quem?

Com o Quinto Andar..

Tem.

Sim, tem bastante diferença, como você ver assim a diferença, a necessidade de fazer a carreira solo com a saída do Quinto Andar? Qual era o objetivo seu?

De ser mais sério, assim, provavelmente. Ter mais essa postura, de passar mensagem, é uma busca minha, que eu estou buscando ainda. Falta muito.

Me diga algo assim, que o Quinto Andar era muito zueira. Há alguma crítica, porque você fala em uma das suas músicas que queria voltar a época em que os mcs eram mais politizados. Porque nessa época em que os mcs eram mais politizados, era justamente a época em que você fazia mais zueira. Você vê contradição nisso aí?

Eu não era, mas, na verdade, não foi a época que eu fiz que era mais politizado. Era mais politizado em 93, 95. Quinto Andar é de 2000 já. E, ao mesmo tempo, esse de 92, 93, foi a que me criou. E a música que fala isso é a música Griot. A Griot fala dos mensageiros, não é exatamente eu, eu nunca falo de mim 100% nas músicas. Eu falo do que acontece com as minhas experiências. Mas o que acontece, dentro daquele contexto ali, de pessoas que passam mensagens, os griots. Eu acredito que seria mais interessante

para as crianças de hoje em dia ouvirem as pessoas da época em que o rap mais politizado, porque hoje em dia o rap é mais tecnológico, entre aspas, é mais fácil de fazer, então seria interessante que as pessoas tivessem consciência para fazer da melhor forma. Antigamente tinha menos tecnologia e menos informação. Essa parada de internet, mudou o mundo todo.

Quais são as suas principais influências musicais?

Racionais MC e Gabriel O Pensador. São os mais influentes sem dúvida. De rap, né? Lógico.

Na mensagem de Griot, a gente sente alguma coisa da música africana, assim. Lhe interessa?

Me interessa, me interessa bastante.

Você estuda música africana?

Gostaria de ter mais tempo de estudar, mas, na verdade assim eu gosto muito de jazz e jazz é música é música africana. O samba, que eu gosto muito também, tudo é música africana.

Eu entrevistei um rapaz de Angola, que falou que há uma junção, uma união de Angola, Moçambique, Portugal, mas que o Brasil está sempre afastado. Você conhece o pessoal, Azagaia, MCK...

Azagaia é meu amigo pow.

Mas tem influências deles também?

Tenho. Valete é só um caminho. Valete é da Um Só Caminho.

Como é a Um Só Caminho?

Um Só Caminho é a nossa filosofia.

Ah, entendi.

Ele faz parte da parada. Ele é amigo do Sam The Kid, dessa galera toda. Eu não conheço pessoalmente, mas existe algumas propostas, para eu ir para lá ano que vem e provavelmente vai rolar.

Dexter, foi. Dexter foi para Portugal, mas eu só soube um dia depois quando vi as fotos na internet.

Ah, Dexter foi?

Foi e se eu soubesse tinha ido antes.

Inclusive existe a conversa de lançar o meu disco pelo selo do Valete lá, existe essa possibilidade.

E como está o disco?

Está quase finalizado!

E vai ser lançado esse ano ainda?

Estamos pensando, estamos pensando.

E como você define a filosofia do "Um Só Caminho"?

Ah, para!

Tenta explicar assim...

Não dá, nem pode.

Nem pode?

Não pode. Não posso limitar a parada com palavras, é uma convivência, é tipo uma construção. Você viu várias pessoas ontem que fazem parte do disso. Tavam ali. Alguns com a camisa, outros sem a camisa. Cada um na sua. A gente se reúne, se encontra. É um negócio meio nosso, de ideias e de construção de postura e de vida.

Você chega a ser um líder do grupo?

Não, não tem líder. Se tiver líder, eles matam o líder.

Eu gosto das provocações, de saber as suas reações, eu sei mais ou menos, mas tento te provocar.

Lógico que estou brincando, mas não tem líder, porque a gente não acredita em hierarquia.

Sua visão política é socialista?

Não, talvez não.

Qual é?

Harmoniosa. Eu não entendo do socialismo o suficiente para falar que sou socialista, eu não entendo do capitalismo o suficiente para falar que sou capitalista. Sendo que eu vejo

algumas coisas funcionarem no capitalismo também. Porque irmão cada pessoa é uma pessoa. Cada um tem sua verdade, não adianta a gente argumentar, cada um tem sua verdade. Tem um cara que diz que é alguma coisa e é individualista para caralho e, na verdade, age capitalistamente para caralho, mas se diz socialista. Só que eu vejo muitas pessoas capitalistas serem mais solidárias. Eu queria acabar com esse negócio de política. Sabe quando a gente gostaria de entender da máquina, para destruir ela?

Sei

Por isso, que eu gosto de política, para poder acabar com essa merda. Eu acho isso um saco.

Então você é anarquista?

Não que eu seja anarquista, até porque também eu acredito em uma organização. Eu também não tenho noção de todos os textos anarquistas que as pessoas se baseiam pra criar uma parada dessas. Para mim essa parada é que nem religião, eu tenho a minha crença. Eu faço tudo para melhorar essa porra. Eu não como carne, porque eu acredito que melhore as coisas. Eu passo uma ideia que eu acredite ser relevante para as pessoas. Eu procuro agir, em o que eu acredito ser um conceito correto de ética, dentro da vida. De acordo com o respeito ao limite das outras pessoas. É isso que eu faço. Isso não tem nada a ver com socialismo capitalismo. Tem a ver com..

Humanismo?

Mas com, sei lá, humanização, sabe? Você falou humanismo, mas eu não sei o conceito, o que é que é. Aí o problema é esse. A pessoa vai lá e cria uma porra de um papel, que diz o que é ser humanista. Eu não quero saber desse papel, eu quero saber é na prática. O que é tu acredita? Se tu acredita que o bagulho é ser honesto, que é o acredito. Existe isso: Honestista? Eu sou essa porra. Sou isso aí honestista. Se o bagulho é seu, você merece, toma. O que eu não gosto é de pessoas que não tem caráter, que quer se dar bem em cima dos outros. E entre aspas se dar bem, porque o cara não sabe o que é

energia. Eu quero é ser feliz, felicista. Pra mim, a minha política. Se eu estou feliz e vejo meus irmãos felizes e se isso não está causando o sofrimento de ninguém, melhor ainda.

E você também não bebe né?

Não.

Nunca bebeu?

Já.

Fumar, beber?

Já fumei, já fiz tudo. Parei tudo.

Por que?

Porque eu acho que prejudica eu, prejudica meus irmãos, prejudica quem vende, prejudica quem faz, quem está trabalhando para a fábrica. Prejudica todo mundo, então eu não estou sendo politicamente ético na minha cabeça, se eu suporto esse tipo de comportamento. A não ser que eu pegue a minha cana e faça, e eu fique doidão sozinho, aí sim eu acho maneiro.

E quando foi que você parou?

Com 15 anos.

Quando eu ouvi "Eu não tenho dom para aguentar patrão", eu pensei que você fosse socialista. Eu acho que a música tem essência socialista.

Não tem dessa mano. Eu acho que o povo tem que estudar mano. Porque manifestação, ou qualquer tipo de coisa, tem que ter estudo, tem que ter base. Vou dizer uma parada para você: Quer destruir o sistema? Beleza, tu vai construir o que no lugar? Se eu não tiver base para construir, entre aspas, outro sistema, alguma coisa que funcione, não adianta você destruir o sistema. Estudo. Falta muito para a gente.

Em quem você votou nas últimas eleições?

Votei em ninguém, mano. Nunca vou votar.

Votou nulo ou votou branco?

Nem vou lá, mano. Fazer o que? Perder tempo. Essa porra não adianta nada. As pessoas tem que mudar. Mano, na minha cabeça, a gente tem que fazer cada um, cada casa ser uma sociedade, com as leis que eles mesmos inventaram. Por que eu vou ter que eleger alguém que vai ditar as leis da parada? Tá maluco! Qualquer tipo de lei já é ditadura, qualquer uma. Não que eu seja anarquista.

Tudo o que você está falando faz parte do Um Só Caminho, não é?

Não, faz parte do eu. Se você for perguntar a outra pessoa do Um Só Caminho, ela vai te responder uma coisa totalmente diferente.

E 'Um só caminho', são vários caminhos então?

Não, são várias pessoas.

Que fazem um caminho só?

Cada um tem um caminho.

Então cada um tem seu caminho?

Em conjunto. Um só é plural. Mas são boas essas questões. Assim, o problema é o seguinte... Não dá para explicar algumas coisas, que você não tem como entender com palavras. Porque senão as pessoas vão ler isso aí e vão entender uma parada que não é. Aí a pessoa vai ter uma visão da coisa, que não é. E aí não adianta, não adiantou. Ou ela vive e convive, ou faz a parada dela. Ou faz os dez caminhos dela, faz um triângulo do não sei o quê. Cada um tem um nome, uma parada, que acredita, existe várias coisas. É, concentração do sol lado esquerdo. É uma sociedade que os caras criam lá. E às vezes tem o mesmo conceito do 'Um só caminho', só muda o nome. Eu não quero fazer uma marca, mano. Se não vira uma marca, Igreja Universal do não sei o quê, se não vira uma marca.

E quem foi que criou o "Um Só Caminho". Quem idealizou isso aí?

Eu, Emicida, Tujaviu e Pedrinho.

Pedrinho do Planet Hemp?

Não, Pedrinho se chama Pedro Marques, Gigante. No dia que a gente criou o conceito, o texto, tava essas quatro pessoas.

Vocês criaram um texto?

Tem um texto, básico, mas tem.

Posso ter acesso?

Tem, lógico. Está na internet, é só procurar filosofia um só caminho. É baseado no taoísmo e no budismo.

Mas você acredita em Deus?

Acredito. Que Deus? Mas acredito em Deus.

Tem religião não?

Nenhuma, nunca vou ter.

E o que você acha de religião?

Acho legal, é a verdade de cada um, sabe? A minha verdade é não ter. A verdade dos outros é ter e eu acredito tanto quanto os outros na deles. Só que eu não posso acreditar num negócio que não serve pra mim. Na minha cabeça, que aí eu não estou sendo eu. Que aí eu estou sendo contra a Deus, na minha cabeça. Se eu vou para um Deus, que eu tenho outras visões. Eu estou contra aquele, contra o meu e contra o outro, que pode ser também. Então, se estou indo contra Deus é estranho, porque ao mesmo tempo, eu não tenho religião, mas eu acredito nessa energia que as pessoas chamam de Deus. Mas que eu acho muito perigoso também, porque as pessoas começam a falar e a agir em nome de Deus. Se você age em nome de Deus, toma cuidado, porque você tem que ser um Deus para isso. Tá ligado?

Marecha, você fala que gosta de estudar, mas você não foi para faculdade, por que sentido?

Não, porque perde tempo. Quanto tempo você perde indo para faculdade?

Você estuda quatro anos, em média.

Quanto tempo você perde todo dia, de ônibus ou a pé mesmo?

Depende, meia hora, uma hora.

Uma hora por dia. Para ir e voltar? Ou duas horas?

Depende, em Natal era meia hora para ir, meia hora para voltar. Em Portugal, eu morava vizinho a Universidade, era só 10, 15 minutos.

Quantas pessoas você conhece na faculdade que falam realmente coisas relevantes o tempo todo?

O tempo todo, ninguém fala coisas relevantes o tempo todo.

Depende. Então, por exemplo, se você disser que é para estudar, mano. Na faculdade, você encontra pessoas que gostam de estudar e pessoas que não gostam de estudar. Eu gosto de estudar e com pessoas que não gostam de estudar, eu não consigo trocar ideia. As vezes eu tenho coisas para aprender lá, mas eu prefiro aprender fora de lá. Faculdade é uma pessoa, não é um centro.

Faculdade é o que?

É uma pessoa, você é uma faculdade. Você teve uma faculdade na vida, que você estudou, para chegar a esse nível de organização, de coletar os dados e compor, na sua visão também, esse resumo do que é o fato jornalístico. Então, é você, é com você que eu aprendo, não é com a faculdade.

Você foi até qual nível escolar?

Sexta série. O que se chama de sexta série, eu não sei nem o que é isso. Acho que é cinco anos depois da alfabetização.

Sexta série são seis, hoje são cinco, mas na sua época eram seis. Aí você abandonou e tipo... (entrevistado interrompe)

Fui jogar basquete, a minha parada era jogar basquete.

Aí você disse, não vou mais para aula?

É, porque eu aí estava perdendo tempo. Eu ia perder cinco horas na escola, se eu queria treinar mais cinco horas, por dia. Então, eu seria um melhor jogador de basquete. Se minha parada era jogar basquete, eu tinha que jogar basquete. Eu não teria que estudar, sei lá, logaritmo. Não vai mudar na minha vida, eu penso assim. Você quer construir? Vai construir mano. Ai depois que você aprende a construir, você aprende a pintar, você aprende a fazer qualquer coisa e vai fazer o que você quer aprender. Todas as coisas tem uma filosofia dentro. Dentro da filosofia das plantas, existe a vida, existe as cores, existe a arte. Dentro da filosofia da madeira, existe a vida, existe as cores, existe a arte. Existe a morte, você tem que matar isso aqui, para poder fazer essa merda. Você tem que matar ele e, taí, deixar preso. Dentro de tudo você faz isso. Tudo você está matando, morrendo, criando, colorindo. Tudo! Tangerina, você está fazendo isso. A água também. Então, tudo é vida, morte, criação, é arte. Esporte também.

E você tinha qual idade quando parou de ir para escola?

11 anos. Foi logo cedo.

E teve muita resistência em casa, quando você falou que não ia mais para escola?

Meu irmão falou: 'Mermão, o que é que você quer? Quero jogar basquete, então vai jogar basquete! Só que ele via eu sair de casa nove horas da manhã e treinar e voltava para almoçar, voltava três e meia e voltava para treinar até oito horas da noite. Voltava e dormia. Fazia rap, aí comecei.

Ai você deixou o basquete por que?

Porque eu dei mole, porque eu me machuquei. Aí não quis me recuperar, assim, não tinha disciplina para fazer os exercícios mesmo, pra se recuperar. Como é que se chama mesmo essa parada?

Fisioterapia?

Fisioterapia, me tratar direito. Sempre tive pavor de médico, sabe qual é?

Você tinha quantos anos?

O que?

Tinha quantos anos?

Uns 14, 15.

Aí foi que começou o rap?

Não, já fazia antes, já fazia antes dessa época aí de 13. Da época do Consciência Armada. Eu conheci o De Leve jogando basquete. Ele jogava e treinava no mesmo clube que eu.

Acha que teria chegado longe no basquete?

Acho que sim, porque os meus amigos, o Fred, por exemplo, jogou anos no Flamengo, Duda é do Flamengo, Márcio Cipriano joga até hoje no Brasília.

E você jogava com essa turma?

É, a galera que eu jogava assim. Eles eram melhores do que eu, mas eu acho que se eu treinasse, eu poderia chegar sim. Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, com certeza, eu seria um jogador.

Você tem quantos anos?

33. Acabei de fazer 33.

Quando?

22 de setembro, de 1980.

Você tem filho?

Não.

Mas pretende ter?

Não sei.

Se tiver, você pretende colocá-lo na escola ou em uma escola alternativa?

Com certeza, eu que vou educar ele. Sem dúvida nenhuma. Nunca vai para escola, nunca. Nunca vai passar perto de escola. Deus me livre.

Por que?

Por que tem muita gente. Não dá para você ter atenção com muita gente. Tem que criar outro sistema. A pessoa tem que aprender por ela. Depois ela aprende sociedade, junto com ela. Mas ela vai. Acho que tem que ter outra dedicação para as pessoas, sabe? Tem pessoas que aprendem visualmente, tem que pessoas que aprendem auditivamente, tem

pessoas que aprendem escrevendo, tem pessoas que aprendem vendo filme. Eu não posso usar, passar 15 minutos de filme e deixar as pessoas escrevendo, depois botar uns coloridos. Ninguém vai aprender nada também. Cada um tem que ir para um tipo de escola diferente, mano. Que aprenda. Você é um cara visual? Então vai para escola de ensinamento visual. Você é um cara auditivo? Vai para escola auditava. Especifique sua ideia, depois você passa pelas outras para entender qual é a sinestesia disso tudo. Você tá ligado o que é sinestesia? Você juntar tudo, todos os sentimentos. Tem pessoas que ouvem e veem cores, tá ligado? Faz parte de pessoas que tem sinestesia. Então, quando você ouve e ver cor, mano, você já ver o mundo diferente. Então não adianta botar 40 crianças em uma sala e falar umas paradas, botar uns negócios no quadro, achando que neguinho vai aprender. Isso não é aprender. Não é aprender. Então, você vai na escola pra quê?

O objetivo é aprender, né?

Se os caras vão para aprender e os caras fazem a forma mais difícil de aprender, não tem sentido. Na minha cabeça. É igual a fazer a relógio com britadeira. Manda fazer relógio com britadeira.

Você gosta de ler sobre o que?

Qualquer coisa, até vidro de shampoo. De Nity a vidro de shampoo.

Mas de preferência?

Qualquer coisa, qualquer coisa mesmo. Todos os dias a partir das 16 horas, eu estou aprendendo. Depois das 16 horas as pessoas comem mais pizza.

18.

É. Mas se não souber ler se fode.

Mas não tem preferência assim, de nada?

Nada.

Filósofo que ler mais? Que se identifique mais, assim?

Nada. Porque se não eu tou tirando as outras coisas. Eu gosto de ler sobre música, eu gosto de ler sobre filosofia. Mas sobre um cara que eu leio mais, não tem sentido, porque quer dizer que tem outros para eu ler. Eu quero é que as pessoas me indiquem as coisas boas.

E atualmente qual é o que você está lendo mais?

Qualquer um, mano. Qualquer um.

Ai se tem um da história do rap e qualquer um outro aqui..

A história do rap, a história do chupa-cabra ou a história da vida.

Ai lhe dão um livro sobre rap aqui e um da Turma da Mônica, aí você vai ler primeiro Turma da Mônica, é assim?

Depende, o que você quer aprender na hora? De rap, eu já sei pra caralho. Eu estou precisando mais de Turma da Mônica do que de rap. Porque, com quem a Turma da Mônica fala? Quem direciona aquele público? O que o Sistema Maurício de Sousa faz acontecer? Qual é o foco deles? Eu vou aprender muito mais do que lendo um livro de rap. Se eu souber analisar as coisas, não tem essa parada.

E a mídia?

Mesma coisa.

Você assiste alguns programas?

Não. Não tenho tempo.

Não assiste nenhum programa?

Nada.

Tem televisão em casa?

Tenho. Assim, minha família tem. Mas sempre que eu morei sozinho eu nunca tive.

Nem rádio também não?

Não.

Jornal?

Não. Não me interessa. Fico sabendo pelas outras pessoas. Quando é relevante as pessoas me falam. É igual quando a música é boa mano. Se a música é boa, eu não preciso me preocupar com nada. As pessoas precisam de música boa. Elas divulgam para outras pessoas.

Não se preocupa em nada em estar desinformado de algum tema?

Não.

E hoje, como você está vendo os movimentos "Fora Cabral" e "Vá com Paes"?

Não conheço as pessoas que são cabeça desse movimento. Não conheço o Cabral. Não sei os que as pessoas estão fazendo. Eu acredito que eu esteja fazendo o meu melhor, da minha forma. Mas acredito que as pessoas que acreditam que estão fazendo isso seja pro melhor também. Mas a minha opinião é muito diferente de qualquer coisa parecida. Provavelmente do Cabral e dos caras também. Provavelmente a minha opinião é muito diferente. Sem querer polemizar nada. Mas a minha opinião é o seguinte: cada um faz o seu. Eu conheço várias pessoas que tem uma mente Cabral e que estão do outro lado. E conheço várias pessoas que estão com o Cabral e estão com a mente do outro lado. Na minha cabeça está todo mundo errado, porque se você tem uma mente de um lado, vá para aquele lado. Tá ligado? Eu sou um cara mano que eu faço a minha parada e acho que as pessoas têm que fazer o deles. Eu não sei o quanto que mobiliza as pessoas isso em termos de atitude. Tá ligado? Eu não sou essas paradas mano. Não dá pra pensar. Eu não quero que as pessoas se baseiem no meu pensamento, eu quero que as pessoas se baseiam no delas. Porque eu acho que elas estão fazendo acreditando, no que elas acreditam. Você só está aqui, veio de Mossoró, porque você acredita que eu tinha alguma coisa para te falar. Mano, quantas pessoas já falaram para você não fazer isso?

Várias pessoas.

Então pronto, quer dizer que você faz o que você acredita. Então foda-se. Não foi o movimento que fez isso. Foi você, você quem faz o movimento. A união não faz a força. Os fortes fazem a união. Isso é uma das coisas do "Um Só Caminho" que eu posso te falar, sabe qual é? Pessoas fortes fazem o negócio acontecer. Pessoas que não tem força, unidas, não adianta nada. Serão quebradas por uma pessoa forte, rapidamente.

Marecha, ontem um rapaz estava falando que aquela parada com Cabal, ele chegou a tramar até para ver se apagava você ou alguma coisa assim. Ele chegou a isso?

É verdade. Mandou dois policias para me pegar uma vez.

Mas pra matar mesmo?

Não tenho certeza. Eu sei que quando eles saíram do lugar tinha 50 pessoas em volta dos policias, com um monte de arma para cima deles e ia ficar ruim pra cima deles. Mas aí irmão, eu não tenho orgulho disso, ta ligado? Mas não brinca comigo. Tipo assim, eu não estou fazendo nada contra ninguém. Então, não vem fazer contra mim. Tipo, tem que ter respeito. A pessoa perdeu todo respeito, quando ela chama outras pessoas para intervir numa parada que é dela. Tá ligado? A cara podia ter! O que não é falado é o seguinte: Depois o cara me ligou e pediu desculpas. Tá ligado? Hoje em dia eu até falo com ele.

Isso quando, 2009?

Isso até faz pouco tempo. 2010, pode ser. 2011, não sei.

Mas você dividiria um palco com ele?

Não.

Pra finalizar; quais são as músicas que você pretende colocar que já são sucesso no seu cd ou você pretende começar um trabalho todo novo?

Não, pretendo colocar A Guerra, Espírito Independente, Vamos Voltar a Realidade, Viagem. Essas daí com certeza estão. Tem coisas novas, tem coisas novas.

Serão quantas faixas?

Não sei ainda.

Como foi que você compôs Vamos Voltar a Realidade?

2006. Carnaval de 2006.

Carnaval?

Antigamente eu só escrevia no Carnaval.

Por que?

Porque é a época que eu tinha para ficar livre, porque eu não saio de casa em época de Carnaval. Aí ficava escrevendo.

Mas tipo, o resto do ano não fazia não?

Estava fazendo show e estudando outras coisas.

Hoje a sua frequência de shows é bem menor né?

Menor? Desse período de gravação do cd sim. Mas eu gosto de fazer coisas pequenas.

Na rua assim né?

É.

Eu vi os vídeos.

Eu gosto. Pequenas no sentido de mais íntimo.

Em Espírito Independente você diz: Vídeos disso aqui na net é claro que não tem meu aval. Por que?

Porque assim, mano. É diferente você ir no show e ver o vídeo. Ela pode ter uma ideia. Isso eu acho que contribui com o lance da educação também. Quantas coisas que você

viu um vídeo na internet que você acha que conhece já? Isso é mentira, se você não viu ao vivo, você não conhece, não adianta. É outra energia, outras pessoas, o ambiente. Tudo influencia para a sua forma de absorção daquilo. Sabe qual é? Um vídeo não te fala muita coisa não. Então, toma cuidado pra caralho. Principalmente, nessa era de vídeo, para você não cansar a imagem das pessoas e ter menos sentimento. Tá ligado? E o que vale é o sentimento, o que vale é só o sentimento. O resto é imagem. A real é essa.

Mas é uma forma das pessoas chegarem até a sua mensagem, né?

É, uma pequena forma das pessoas saberem do que se trata. Mas se elas acharem que é aquilo dali elas estão equivocadas.

Então, daí desperta curiosidade.

Pode ser, pode ser. É aquilo, nada é 100% irmão, nada é 100%. Tem alguma. A gente tem que pensar o seguinte: Obviamente na minha cabeça o Cabral está mais errado do que qualquer outra pessoa. Porém, tem coisas que ele faz. Não, politicamente, mas alguma coisa dentro da organização dele pode ser interessante para as pessoas, até que querem tirar ele de lá ou que querem fazer qualquer tipo de coisa, mano. O cara, ele é um líder, de alguma forma, tá ligado? Você aprende com liderança, entendeu? Então, você tem que aprender com todo mundo, depende do que você quer para você, mano. Tá ligado?

E qual é a mensagem que você quer chegar com Vamos Voltar a Realidade?

É realmente saber o que acontece, porque a gente vive num mundo de mentiras. Inclusive assim, o mundo jornalístico é um mundo de mentira. Você sabe disso. Dentro da sua agência, dentro de qualquer coisa, você constrói uma porrada de mentira. Então, sem querer desmerecer o seu trabalho, mas você está colaborando com a mentira no mundo, sabe qual é? É verdade, 90% dos trabalhos que você faz é mentira. Tou mentindo?

Não é bem assim não.

Se você estiver fazendo um trabalho comercial, você está construindo muita coisa em cima de uma propaganda que glamouriza aquilo, para aquilo ser vendido. Então, você está meio que mandando, para ser uma parada que acontece. Aí as pessoas se baseiam nessa moldura, achando que é aquilo é a realidade. Na minha visão é totalmente. Seja real, as pessoas não conseguem falar com as outras pessoas direito. As pessoas tem tipo assim, sei lá. A pessoa está com um problema na família, tá ligado? O cara não sabe expor isso e a outra pessoa não sabe nem ajudar. Mas ele sabe falar sobre o futebol que está passando na mídia, ele sabe falar sobre o acontecimento do momento ou do sei lá quem que morreu. Dele mesmo ele não sabe porra nenhuma. Ele não sabe de onde ele veio, ele não sabe qual é a história dele. Não sabe porque foi construído aquela mentalidade na família dele. Ele não sabe de nada, ele só sabe do que acontece de fora. Tá ligado? Ele não sabe da realidade dele. Então, tipo assim, vamos voltar a realidade. Tipo, saiba quem você é, para saber aonde você quer ir, se não você vai está trabalhando a sua vida para os outros. Nesse 'Eu não tenho dom para aguentar patrão', mais do que socialismo, tem a ver com isso. Faça o seu. Tá ligado? Ajude seus amigos que você puder ajudar, mas ajude com ideias, tá ligado? Que ideias vale mais do que qualquer tipo de dinheiro e qualquer tipo de atitude. Se você der uma ideia pro cara, pode salvar a vida dele. E ele viver a vida dele.

Espírito Independente é justamente isso? Você trabalhar independente e fazer o seu?

É, total. Eu posso colaborar com você, mas não tem como você fazer um negócio pra mim ou eu fazer um negócio pra você. Não tem como. Eu posso fazer o meu que colabore com o seu. Aí eu vou está dedicando 100% da minha experiência individual, para trabalhar junto com um conjunto. Se você é um puta jornalista, você vai fazer o seu melhor trabalho jornalístico sobre o meu melhor trabalho musical. E a gente vai está expondo verdade e vai estar contribuindo com essa energia da verdade, com o mundo. Tá ligado? Você vai estar 100% livre para fazer o que você ama e eu também. Então quer dizer, aquela reportagem ali vai ter amor 100%, não vai ter 40% mentira, 60%

concessão, 40% verdade. É isso que eu não quero, porque eu não aceito, eu não aceito. A verdade ela antecipa muito as soluções. Tá ligado? A mentira ela causa problemas cara. Um monte de mentirinha gera o maior problema do mundo. Se o cara for papo reto, falar logo na cara assim, pa pum, você pode até ficar puto com ele, mas depois você entende. O cara tava na realidade dele, mano. Mas se o cara começa a contar um monte de mentira, você nunca mais confia na pessoa e a confiança é a base da harmonia.

A Guerra, você fala na Guerra, que vive o dia-dia na Periferia né?

Também. E da Guerra mental, da Guerra interior, da Guerra social, nunca minha música é sobre uma parada específica. Eu penso muita coisa.

Você acha que alguém consegue entender 100% do que você quer transmitir?

Nem eu. Nem eu, mano. Mas alguns conseguem mais ainda.

Cada um faz a sua própria interpretação?

É, cada um faz sua própria interpretação. Mano, tem uma frase do Leonardo Boff que é a melhor do mundo para mim: "Todo ponto de vista, é a vista de um ponto". Somos um monte de pontinhos, vendo aquilo dali, mas cada um com a sua perspectiva. Se eu quiser classificar minha música, eu estou fudido. Ninguém entende, da mesma forma que não vai entender o Criolo, que não vai entender o Emicida, que não vai entender o Chico Buarque, que não vai entender o Arnet Pascual, que não vai entender Arnaud Collin, que não vai entender John Cutrim. Eu escuto todas essas pessoas e tiro meu entendimento e que é totalmente diferente do deles, mas que serve para alguém. Já teve show de uma pessoa tirar a arma do colo e falar: 'mano, eu quero sair dessa vida, segure aí'. Pra eles chegou, da mesma forma que eu acho interessante pra mim. Tá ligado?

E a própria mídia fez que o hip hop fosse visto de uma forma marginalizada, você acredita nisso?

Lógico, lógico. Essa é a base do racismo. Mas também é glamourizado. Eles fazem isso para a gente continuar entendendo que é glamour ser gangsta ou qualquer tipo de coisa, porque é assim que eles ganham dinheiro. É o tráfico de armas que dá dinheiro no mundo, tá ligado? Quanto mais armas tiverem expostas nas propagandas, melhor. Quer melhor propaganda de arma do que gangsta rap? Só que ai onde é que estão essas armas, onde é que as pessoas estão se matando? Na rua, e a gente é da rua.

E a classificação de como divide o rap, como é que você vê?

Besteira. Rap é ritmo e poesia. Ou seja, toda música é rap. O samba tem ritmo e tem poesia, é rap também. Se o cara canta de mulher, drogas e rock and roll. Foda-se, o problema é dele. Ele vive isso? Parabéns! Eu não vivo isso! Só que eu, sou eu. Agora tem outras pessoas que também querem fazer um tipo de rap que eu faço e não vivem isso. Não adianta, se você não vive isso, não adianta mano. Não queira ser, da mesma forma que o cara fala, pra o cara, sei lá o que, que quer ser Bope. Nunca serão, nunca serão rap, de mensagem. Nunca serão, mano. Porque também é uma disciplina, também é um sacrifício. Dentro dessa palavra sacrifício, 'sacro-ofício'. Trabalho sagrado, sabe qual é? Esse é meu trabalho sagrado, sacou? Eu faço por amor, eu faço porque eu amo essa porra. Eu faço porque eu já dormi no chão para fazer isso, porque eu gosto. Tá ligado? Eu quero continuar assim, mas não é para qualquer um, mano. Não é para qualquer um. Nunca serão, nunca serão só isso. Não é para qualquer um, não porque o meu é melhor, mas é porque sou eu. Se você faz o que é você, parabéns! Essa é sua vida. É acordar sete horas da noite, beber uma garrafa de uísque, acordar no outro dia de sete horas da noite, de novo, com duas mulheres do lado? Maneiro! Isso é o que você quer pra sua vida. Se em nenhum momento você sentiu o vazio, você não tem outra busca espiritual, a melhor coisa para fazer, é fazer isso, não querer fazer o que eu faço. Se não você vai estar atrapalhando o que eu faço e vai estar se atrapalhando. Ou seja, dois problemas, quando na verdade não era pra ter nenhum, mas tem pessoas que são influenciadas pela mensagem da outra coisa, que na verdade queria tá fazendo o que eu estou fazendo. Então eu faço e falo para essas pessoas que existem outro caminho. Outra alternativa, não que uma seja certa ou errada, é que cada um serve para uma coisa mano. A gente não serve para voar mano, alguns caras gostam de voar, constroem avião, asa delta, qualquer coisa, mas a gente não tem asa. Algum momento, talvez a

gente não esteja vivo, mas o homem vai ter asa, algum momento o homem vai ter asa. É sem dúvida isso, porque nego gosta muito de voar, tá ligado? Então, a evolução vai fazer a gente ter asa, mano. É fato, tenho nenhuma dúvida que o homem vai ter asa.